UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Frederico Duarte Bartz

O Horizonte Vermelho:

O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920

PORTO ALEGRE
MAIO DE 2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Frederico Duarte Bartz

O Horizonte Vermelho:

O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof. Dr. Sílvia Regina Ferraz Petersen

Porto Alegre
Maio de 2008

RESUMO

Esta dissertação tratará do impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul entre 1917 e 1920. A revolução russa foi um dos processos históricos mais importantes do século XX, sendo a primeira revolução operária que sobreviveu por um longo tempo e conseguiu criar instituições duradouras.

Durante os primeiros anos da revolução russa no Rio Grande do Sul se vivia um momento de grande agitação entre os trabalhadores, com a deflagração de greves, a criação de novos sindicatos e o surgimento de muitos jornais de classe. Neste contexto, aparecem as primeiras associações de trabalhadores que se diziam identificados com as idéias da revolução russa, também surgem declarações de apoio à revolução e desejo de seguir o caminho da Rússia dos Soviets entre os militantes operários.

Por esta recepção e o período de mobilização, acredito ser necessário estudar como a revolução russa influenciou as idéias e as formas de ação do movimento operário do Rio Grande do Sul, considerando a ideologia dos militantes, suas origens étnicas e culturais, suas formas de associação e de luta contra o estado e a burguesia.

Palavras-chave: movimento operário, revolução russa, primeira república.

RESUMÉE

Cette étude traitera de l'impact de la révolution russe en mouvement ouvrier de Rio Grande do Sul. La révolution russa a été un des plus importants processus historiques du siècle XX, en étant la première révolution ouvrière qui a survécu pour un long temps et est parvenue à élever des instituiciones durables.

Pendant les premières années de la révolution russe dans le Rio Grande do Sul on vivait un moment de grand agitation entre les travailleurs avec la déflagration de grèves, la creatión de nouveaux syndicats et le surgissement de periodiques de classe. Dans ce contexte apparaissent les premières associations qui sont identifiées avec les idées de révolutionne russe, aussi apparaissent déclarations d'appui à la revolution et desir de suivre le chemin de la Russie des Soviets entre les militants ouvriers .

Par cette réception et la période de mobilisation, je crée être nécessaire d'étudier comme la révolution russe a influencé les idées et les manières d'action du movimento ouvrier durant ces années, considérant l'idéologie des militants, ses origines éthniques et culturelles, leurs formes d'association et de combattre contre l'état et la bourgeoisie.

Paroles-clés: mouvement ouvrier, revolution russe, premiere republique en Bresil.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, como é de praxe, agradeço ao Programa de Pós-Gradução em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao CNPq, por me financiarem uma bolsa integral, sem a qual não teria conseguido me dedicar a esta dissertação como me dediquei. Agradeço ao Professor Marcelo Badaró Mattos, ao Professor Benito Schimidt e à Professora Beatriz Loner, por terem aceitado participar da minha banca. Agradeço de forma especial à Professora Carla Rodeghero, que participou da minha banca de qualificação e com quem tive, no mestrado, uma das melhores cadeiras que já cursei nesta Universidade, apesar desta, sobre historiografia da Ditadura Militar, nada ter a ver com meu tema de meu trabalho. E sou também igualmente grato aos colegas que entraram junto comigo neste curso, como o Ricardo Oliveira, o Diego Vivian, o Tiago Leitão, a Carla Menegat, o Fábio Chang e o Cleber Carls, que fizeram daquelas tardes algo muito mais interessante que simples encontros acadêmicos.

Agradeço aos professores que ajudaram em minhas pesquisas e me ajudaram a pensar meu tema de trabalho. Novamente ao Professor Benito Schimidt, com quem pude estabelecer uma fecunda troca de idéias e que, de um outro ponto de vista, pôde enriquecer meu trabalho com novas referências. Ao Professor Adhemar Lourenço da Silva Junior e mais uma vez à Professora Beatriz Loner, por terem me dispensado paciência e terem me cedido seus materiais de pesquisa enquanto eu fazia minhas incursões aos arquivos do movimento operário do sul do estado. Também agradeço ao Mário San Segundo, que me hospedou na sua casa em Pelotas e conseguiu para mim hospedagem em Rio Grande, sendo meu guia naquelas duas cidades. Agradeço ao Artur Peixoto, que me cedeu um esclarecedor documento sobre Abílio de Nequete e ao Tiago Bernardon, com quem estabeleci não só uma frutífera relação de troca de documentos, mas também um vínculo de amizade.

Mas agradeço, sobretudo, a minha orientadora Sílvia Petersen. Ela foi sempre atenciosa, me tratou com respeito e foi me incentivando a desenvolver um trabalho cada

vez melhor. Também devo a ela a noção de que meus escritos não deveriam ser somente meus, pois quando fazemos uma pesquisa devemos ter em mente que muitos outros além do orientador e do orientando poderão lê-los, o que dá ao estudo um caráter muito mais público e coletivo do que um solitário exercício intelectual. Posso dizer, sem sombra de dúvida, que sem o seu conhecimento do tema e sua experiência no estudo do movimento operário, minha dissertação teria ficado muito aquém do que foi aqui desenvolvido.

Agradeço aos amigos dos tempos da graduação em história na UFRGS, com quem mantive contato durante o mestrado. Destaco antes de tudo à Joana D'Ávila e o Gabriel Aladrén, meus primeiros amigos de verdade no curso, com quem aprendi muitas coisas e não somente no campo das idéias, mas também das ações na realidade. Agradeço ao Gabriel Berute e a Fabiane Mancilha, que foram amigos preciosos. Alguns destes amigos estão longe agora, mas não os esqueci e espero que em breve possa encontrá-los, para contar da sensação de acabar este árduo trabalho. Também agradeço ao Guinter, ao Fernando e ao Nauber, os dois últimos que, como eu, também escolheram ser "militantes" da história da classe operária. Guardo também um agradecimento especial à Thais e ao Gabriel Focking, este último que me ajudou inúmeras vezes durante estes dois anos, sendo para mim um exemplo de abnegação e companheirismo.

Agradeço aos novos amigos que encontrei e cujas marcas também podem ser encontradas neste trabalho. Agradeço à Cássia e ao Marcus, que não só foram grandes colegas, como também ajudaram a me tornar professor de um curso pré-vestibular popular, o Alternativa Cidadã, o que tem sido motivo de grande alegria para mim. À Mariana, à Fernanda, ao Tiago e à Isabela, colegas de outros cursos, de outras barras, com quem nunca tinha convivido antes, mas que hoje parecem ser meus amigos há muito tempo. Também agradeço à Alanna, que conheci não faz muito, mas que já se tornou uma pessoa muito importante para mim. A companhia de vocês fez deste período final do curso algo muito mais alegre do que a rotina mecânica de aprimorar ortografia e observar as normas da ABNT. Vou lembrar nossas conversas absurdas nos bares da Cidade Baixa, em que tudo ia contra o senso comum, em que não parecíamos fazer parte deste lugar, mas parecíamos ser imigrantes ou refugiados de um país perfeito que nunca aconteceu.

Os últimos e principais agradecimentos são dedicados à minha família. À minha irmã, Débora Bartz, que tem sido sempre a minha melhor amiga e ao meu pai e minha mãe. É a Frederico Bartz Netto e a Diná Duarte Bartz a quem realmente dedico este trabalho. Eles foram camponeses que vieram para cidade ser engolidos pela sociedade urbano-industrial. Talvez fosse demagógico dedicar este estudo à classe trabalhadora do Rio Grande do Sul, nesta impossibilidade, dedico a meus pais, mas não somente por serem parte dela, mas também por terem me formado com a carga de suas experiências pessoais; tudo eu devo a eles e quando escrevia este trabalho, não pensava apenas naquelas pessoas que encontrava em relatos perdidos e velhos papéis, eu também pensava neles.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1. *"O CÍRCULO QUE SE EXPANDE INDEFINIDAMENTE"*: a revolução russa e seus impactos internacionais.....33

1.1.A revolução russa.....33

1.2.A revolução mundial.....39

2. *"HOSANNA, HOSANNA, FILHA DA JUSTIÇA QUE VENS PARA NÓS EM NOME DA LIBERDADE":* a experiência operária no Rio Grande do Sul e as primeiras interpretações da revolução russa pelos trabalhadores organizados do estado.....45

2.1.A trajetória do movimento operário no Rio Grande do Sul e suas características nos primeiros anos da revolução russa.....45

2.2. As condições sociais de apropriação dos impactos iniciais da revolução russa entre os operários gaúchos.....61

3. *"A HUMANIDADE É UM TURBILHÃO E O MUNDO UM CREPITAR DE CHAMAS":* as transformações nas formas de interpretar a revolução russa no ano das grandes greves; novas experiências, novas leituras.....73

3.1. A revolução como um processo universal.....75

3.2. A Rússia como concretização das esperanças operárias.....83

3.3. A luta contra as interpretações burguesas da revolução russa; *O Syndicalista* versus *Correio do Povo* em Porto Alegre e a polêmica em torno do militarismo no *Rebate*, de Pelotas.....90

3.4.O esforço analítico dos militantes sobre a revolução russa.....96

4. *"PARECERÁ ABSURDO QUE UM LIBERTÁRIO QUE TEM POR TEMA A PAZ E A CONCORDIA EXCLAME: SALVE A REVOLUÇÃO!"* a identificação dos militantes com a revolução e as aproximações contraditórias com o sonho revolucionário.....105

4.1. Anarquismo e sindicalismo revolucionário: algumas formas possíveis de identificação com os ideais da revolução.....106

4.2. Trajetórias de vida, identidades étnicas e escolhas políticas na aproximação com a revolução russa.....111

a) Friedrich Kniestedt e Zenon de Almeida: duas formas distintas dos anarquistas se relacionarem com a revolução russa.....111
b) Abílio de Nequete: a revolução russa por uma perspectiva étnica e religiosa.....122
c) Carlos Cavaco: a escolha pela revolução de fevereiro.....130

5. *"A VOSSA DIVISÃO É A VOSSA FRAQUEZA- UNI-VOS POIS!, E, NÃO HAVERÁ FORÇA ALGUMA QUE POSSA VOS ENFRENTAR"*: associações comunistas do Rio Grande do Sul e suas relações com grupos similares do centro do país.....134

5.1. O surgimento das associações comunistas e maximalistas no Rio Grande do Sul.....135

5.2. Relação com os grupos comunistas de São Paulo e Rio de Janeiro.....155

5.3. Participação do movimento operário gaúcho na insurreição maximalista de 1919.....162

6. *"NÃO SE CONSEGUE DESCREVER O QUE SE PASSOU NA CABEÇA DE BOA PARTE DE NOSSOS VELHOS AMIGOS- NUM PISCAR DE OLHOS TORNARAM-SE NOSSOS INIMIGOS: balanços e perspectivas do movimento operário gaúcho em relação ao futuro da revolução russa"*.....170

6.1. A revolução russa como motivo de discórdia: novas e velhas atitudes anarquistas.....172

6.2. O peso da reação: a campanha contra o maximalismo e a perseguição aos militantes do movimento operário.....182

6.3. Rumo à década de 20: o sonho da revolução desfeito entre disputas internas e ataques da classe dominante.....197

CONCLUSÕES.....210

FONTES.....220

BIBLIOGRAFIA.....223

INTRODUÇÃO

Há noventa anos foi iniciado um processo que marcou profundamente a história do século XX: a revolução russa. Pode-se dizer, sem muito exagero, que esta revolução ocorrida em um império distante, de misteriosas vastidões, e seus desdobramentos mudaram o mundo e ainda mais, mudaram a maneira de pensar o futuro da humanidade naquele curto século XX. Hoje isto tudo parece muito distante, principalmente porque depois de 1989 houve não só esforço enorme para apagar o significado deste acontecimento, como apagar o próprio significado da palavra *revolução*.

A história não parou aí e muita coisa aconteceu depois da queda do muro de Berlim em 1989 e da dissolução, em 1991, da União Soviética, a "herdeira" da revolução russa. Hoje alguns dos velhos temas do século XX voltam a ser discutidos: a ação imperialista americana e a luta contra a ocupação estrangeira, no caso do Iraque ou do Afeganistão; a capacidade da mobilização popular diante da pressão dos governos ou dos empresários para destruir conquistas sociais, como nas recentes greves ocorridas nas capitais da Europa ou a possibilidade de mudanças sociais radicais, acenadas em países latino-americanos como Venezuela, Bolívia e Equador, em que a palavra revolução voltou a ter atualidade.

Talvez esta seja a hora para retomar velhos temas que pareciam estar esquecidos. Não há mais no ar o peso da guerra fria, que daria a este trabalho o ar polêmico e partidário que outrora poderia ter, mas também, creio eu, não estamos mais sob o peso do alarmado fim das ideologias, que faria deste estudo apenas um ato de visitar relicários do passado. Acredito que esta pesquisa, como disse acima, se insere em um esforço por rever velhos temas, refazer velhos caminhos, que podem com este esforço voltar a ser objeto de interesse. Talvez esse desejo esteja mesmo no título *O Horizonte Vermelho*, inspirado no livro *1917. O Ano Vermelho,* escrito pelo intelectual baiano Luis Alberto Moniz Bandeira, que fala das conseqüências da revolução russa para o movimento operário brasileiro. Sigo, entretanto, um caminho diferente do livro de 1967; para mim a revolução russa não marcou aqueles anos com sua marca rubra, mas abriu largos horizontes que podiam ser, em diferentes momentos, auroras ou crepúsculos. E afinal de contas, quem sabe também não

voltamos a acalentar velhas esperanças observando a ação destes trabalhadores que, mesmo por algum tempo, acreditaram com todas as suas forças estarem vislumbrando e participando do nascimento de um novo mundo?

Vamos a eles.

A revolução russa foi deflagrada em fevereiro de 1917. Desde a primeira hora o movimento com forte participação operária impressionou o mundo, em parte pelo atraso e repressão que sempre caracterizaram o gigante russo, em parte pela radicalidade das propostas e ações dos diversos revolucionários que agiam no país naquele momento.

A partir de outubro quando o Partido Bolchevique, grupo político operário por excelência, tomou o poder e transferiu o centro decisório do Governo Provisório para um Conselho (*Soviet*) de Operários, Soldados e Marinheiros, o impacto foi ainda maior. Em diversas partes do mundo, revolucionários que desejavam mudanças profundas na sociedade se identificaram com aquele movimento, logo pensando em reproduzir em seus países o que os russos haviam conseguido com sucesso em sua terra. Alguns desses movimentos foram de extrema importância e prenhes de conseqüências para seus respectivos países, principalmente na Europa. Assim, a revolução alemã de 1918, a revolução húngara de 1919 e a multiplicação de Conselhos Operários na Itália podem exemplificar quanto foi profundo o impacto da revolução russa no continente europeu.

Este período coincidiu com o fim da Grande Guerra, que havia jogado muitos países em uma crise profunda, com resultados nefastos para os operários e deslegitimando os governos que mais haviam sofrido com o conflito. A revolução russa foi assim uma das conseqüências desse período conturbado e umas das causas da ascensão das lutas nos diversos países onde o quadro se repetia.

A revolução russa também repercutiu no Brasil. Na época, em nosso país não havia partidos políticos operários, senão efêmeros e sem importância. Se quisermos analisar a importância da revolução russa no movimento operário brasileiro, seu uso, suas interpretações, deve-se procurá-la especialmente entre os militantes e associações ligadas à luta sindical, onde se destacava a ação dos anarquistas. Devemos ter isso em mente ao

analisar as tentativas de explicar os modelos que nasciam da Rússia Soviética e as ações inspiradas nestas interpretações.

No Rio Grande do Sul, destacavam-se as ações dos anarquistas e dos socialistas, estes em parte ligados à tradição da social-democracia alemã, em parte ligados a velhos líderes sindicais como Francisco Xavier da Costa. Os anos de 1917-1920 são de intensa movimentação entre os operários: greves, violenta repressão, jornais que surgiam para logo desaparecer, surgimento de novas associações. É neste ambiente que as notícias da revolução russa chegaram até aqui.

Muito cedo já aparecem referências à revolução no nosso meio operário. Em março, um mês apenas depois da revolução de fevereiro, a Rússia já é mencionada em uma importante greve de calceteiros. Em julho, no maior comício da grande greve de 1917, João Batista Moll, militante anarquista, entusiasma-se com os exemplos da Rússia Revolucionária. Nestes primeiros momentos, invariavelmente, as referências à revolução se ligam aos anarquistas que, no período de 1917 e 1918, estavam em franca ofensiva dentro do movimento operário, já que resultados da greve de 1917 os fizeram perder espaço dentro da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Um dos pontos importantes desta ofensiva é, por exemplo, a refundação do jornal *A Luta*, em fevereiro 1918, que tinha como uma de seus objetivos principais a defesa da revolução russa. João Batista Marçal, em seu artigo *1917 Novembro. As conseqüências da revolução russa no Rio Grande do Sul*, reproduz um exemplo desta defesa, publicado na edição de 1º de maio do referido jornal:

> Que a revolução russa é um acontecimento grandioso na história dos povos para nós é incontestável. E se nada soubéssemos sobre a mesma, quanto á seus fins, uma coisa nos bastaria para que o nosso dever, dever dos trabalhadores, fosse defendê-la: é o fato e ter contra si toda a burguesia do mundo. Porque a burguesia não faria tanto escarcéu se algo de grave a revolução não anunciasse. [1]

Mas estas não eram as únicas visões que os militantes ligados ao movimento operário tinham. Outras interpretações também circulavam: Carlos Cavaco, líder socialista e tribuno popular que tinha grande influência entre os trabalhadores, foi muito crítico à revolução soviética de outubro. Outro operário, o barbeiro libanês Abílio de Nequete, apoiou a revolução russa, mas teve uma interpretação própria dela, com referências étnicas

[1] MARÇAL, João Batista. 1917 novembro. As conseqüências da revolução russa no Rio Grande do Sul. *Revista O Sul*: Porto Alegre. n. 18, 1987.

e religiosas que se afastavam muito da visão dos anarquistas. Isto mostra como, mesmo entre os que atuavam no meio operário, as maneiras de ver a revolução podiam seguir rumos diferentes, até dispares.

No ano de 1918 surgiram as primeiras associações comunistas no Rio Grande do Sul. Em novembro deste ano apareceu uma das mais destacadas entre elas: a União Maximalista[2] fundada em Porto Alegre por Abílio de Nequete, que em 1922 será o primeiro secretário-geral do Partido Comunista do Brasil. Esta associação atuava na capital e teve participação importante nas greves de 1919, especialmente junto à União Metalúrgica, na qual logrou conquistar adeptos. No ano de 1918 também surgiu a Liga Comunista de Livramento, que atuou na greve dos frigoríficos Armour em 1919. Centros similares aparecem também em cidades de Passo Fundo, Rio Grande e em Pelotas.

Aparentemente, não existiam diferenças marcantes entre anarquistas e maximalistas (ou comunistas), que teriam atuado juntos até o ano de 1919, o que parece não ocorrer mais em 1920. Esta impressão é reforçada por Friedrich Kniestedt, imigrante alemão e líder anarquista, em suas *Memórias de um imigrante anarquista*[3]. Neste ano foi realizado o 2° Congresso Operário do Rio Grande do Sul, evento muito importante para o movimento operário do estado. Os Congressos Operários marcavam o momento em que os representantes das diversas associações se reuniam para discutirem sua atuação e deliberarem sobre os projetos futuros. Neste Congresso houve uma disputa acirrada entre Friedrich Kniestedt e Abílio de Nequete, líder da União Maximalista, pois este tentara filiar a FORGS à Internacional de Moscou. O Congresso terminou com a vitória da posição defendida pelos anarquistas e com a filiação da FORGS à Internacional Apolítica de Berlim.

Pela exposição até aqui realizada pode-se observar, mesmo que brevemente, alguns dos impactos que a revolução russa teve sobre o meio operário nos anos imediatos à sua eclosão. Isto me permite agora enunciar o objetivo central da minha pesquisa**:** analisar que transformações ou conseqüências importantes o impacto e as interpretações sobre a revolução russa teriam trazido para o movimento operário do Rio Grande do Sul entre 1917 e 1920.

---

[2] Seria a tradução portuguesa de *Bolchevik*

[3] KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um Imigrante anarquista*. Tradução, introdução, epílogo e notas de rodapé: GERTZ, René E. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989.

Neste período inicial (1917-1920) em que a Rússia dos *Soviets* estava se construindo e sua estrutura de poder não estava cristalizada, a grande novidade da revolução operária mexeu com conceitos, despertou paixões e rancores e acabou se transformando em referência tanto para os seus entusiastas quanto para os seus críticos. Tendo em vista que a revolução mexeu com os referenciais do movimento, estudar seu impacto talvez possa ajudar a esclarecer algumas questões atinentes ao desenvolvimento das lutas operárias.

Quanto ao Rio Grande do Sul, esta questão se reveste de importância por algumas características peculiares do nosso movimento operário em relação aos demais estados, como a existência de rivalidades entre anarquistas e socialistas ou o papel dos governantes do Partido Republicano Riograndense em relação aos trabalhadores, com o seu discurso positivista de incorporação do proletariado à sociedade, que ideologicamente diferia da política das outras unidades da federação.

Embora se trate de um tema que se situa cronologicamente em um período muito estudado (talvez o período mais estudado da história operária do Brasil) e seja um tema ligado à história das instituições e das idéias políticas dentro do movimento operário, campo que foi durante muito tempo privilegiado na investigação histórica, a questão que proponho investigar é muito pouco trabalhada na historiografia. Portanto creio ser importante este estudo porque, além de pesquisar o impacto que a revolução russa teve entre nossos operários, ele abre a possibilidade de esclarecer alguns aspectos quanto à reação dos diversos grupos a fatos e idéias novas, à capacidade de renovação ou conservação das diversas tendências que lutavam para liderar o movimento e até examinar a competência de seus discursos em promoverem ou não práticas políticas.

Quanto ao recorte espacial, foi delimitado o estado do Rio Grande do Sul como um todo porque, pelas fontes que consultei, a revolução russa provocou reações no movimento operário de diversas cidades do estado, foi um fenômeno bastante generalizado, não se restringindo somente aos principais centros de militância como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Além disso, em períodos de grande mobilização ativavam-se redes de solidariedade e de troca de informações que não poderia acompanhar, nos limites de uma dissertação, se estendesse meu campo de estudo para além das fronteiras estaduais e que, por outro lado, seriam insuficientes como materiais de análise caso me restringisse ao que aconteceu somente em um município. Apesar desta delimitação, meu trabalho não é

propriamente uma história regional ou um estudo de caso, já que tem uma abertura para processos históricos nacionais e mundiais, o que, aliás, é típico da história operária. Nas palavras de Sílvia Petersen.“[...] *em vários aspectos parece não ser possível conceber a história operária como uma “história regional”, pois há processos e acontecimentos que, circunscritos à dimensão regional, não conseguem receber significado pelos pesquisadores.”*[4]

Mesmo tendo esta perspectiva de uma história regional que se abre para o mundo, por razões materiais e de tempo a maior parte das fontes pesquisadas são oriundas da capital, embora também tenha consultado fontes de outras cidades como Pelotas, Rio Grande e Bagé, além de materiais do Rio de Janeiro e São Paulo. De qualquer modo não creio que este predomínio de materiais da capital seja um limitador, porque eles dão conta não só do que ocorria em Porto Alegre, como informavam o que acontecia em outras cidades e davam voz aos militantes do interior, o que se observa mais claramente nos jornais e informes da Federação Operária estadual (FORGS). Além do mais, deve-se levar em conta que os operários circulavam pelo estado e suas associações tinham a Federação estadual como referência. O 2° Congresso Operário, por exemplo, embora realizado em Porto Alegre, contou com representantes de vários municípios. Também não se deve esquecer que, tratando do Rio Grande do Sul, pode-se tocar na questão da sua proximidade com o Prata, que sempre foi uma porta de entrada para novas idéias e influências.

A dissertação que estou apresentando pode não parecer inovadora, pois trabalhos similares a este já foram produzidos em outros contextos como: *O ocidente diante da revolução russa* de Marc Ferro[5], *La gran revolución de octubre y América Latina*[6] de Boris Koval e para o Brasil temos o clássico *O ano vermelho*[7] organizado por Moniz Bandeira, em que o Rio Grande do Sul aparece de forma esporádica e marginal. Além dos livros que tratam do impacto da revolução como um tema específico, a euforia pela revolução russa tem lugar de destaque em livros produzidos por militantes que participaram das mobilizações operárias ocorridas no final da década de 10. Everardo Dias, na sua *História*

[4] PETERSEN, S. R. F. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. (Org.). *Trabalho, cultura e cidadania.* São Paulo: Scritta, 1997. p. 89.
[5] FERRO, Marc. *O ocidente diante da revolução soviética: a história e seus mitos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
[6] KOVAL, Boris. *La gran revolucion de octubre y América latina.* Moscou: Progresso,1978.
[7] BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil.* São Paulo: Expressão Popular, 2004.

das lutas sociais no Brasil[8], por exemplo, valoriza as insurreições operárias inspiradas no exemplo em russo, tentadas em 1918 e 1919. Astrogildo Pereira, na sua *Formação do PCB*, destaca a importância da influência da revolução russa para uma inflexão ideológica do anarquismo ao comunismo no início dos anos 20 que daria origem ao PCB, do qual foi um dos fundadores, em 1922[9]. Já a formação de um primeiro Partido Comunista do Brasil[10] pelos libertários, em 1919, é abordada em um capítulo do livro de Edgar Rodrigues, *Nacionalismo e cultura social*[11]. Para este, a formação de um partido e mesmo o apoio dado à revolução não passou de um engano, de uma grande confusão política, não influenciando o anarquismo, que se manteve posteriormente. Algumas obras de relevância para a história do movimento operário brasileiro, como *Trabalho urbano e conflito social*[12], de Boris Fausto, dão grande importância ao impacto da revolução russa no contexto das lutas dos trabalhadores. Neste livro especificamente, os acontecimentos na Europa são considerados elementos fundamentais para alavancar o ímpeto das mobilizações operárias no período das grandes greves.

De qualquer forma estes estudos centram-se excessivamente nos fatos ocorridos no Rio de Janeiro e São Paulo, aparecendo o Rio Grande do Sul sempre de forma ocasional. Para o caso gaúcho não há nenhum trabalho aprofundado e sistemático e, nesse sentido, a contribuição da dissertação é provavelmente original.

Para o Rio Grande do Sul um trabalho afim com o tema é o de Adriano Belmudez Antunes - *A repercussão da revolução russa nos jornais diários da república velha*[13], em que este descreve como o *Correio do Sul* de Bagé, O *Diário Popular* e *O Rebate* de Pelotas narraram os acontecimentos relacionados à revolução russa no ano de 1917. Um trabalho como este pode ajudar a observar como os jornais, que eram os principais canais de notícias do que se passava no exterior, difundiam as informações sobre a revolução no nosso estado,

---

[8] DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit. 1962.
[9] PEREIRA, Astrogildo. *Ensaios históricos e políticos.* Alfa-Ômega: São Paulo, 1979.
[10] O grupo comunista do Rio de Janeiro, capitaneado por Astrojildo Pereira e José Oiticica, fundou um Partido Comunista, mas também se definia como anarquista. Este é um momento de transição no movimento operário e por enquanto indico-os assim, pois seu jornal era o promotor do partido que esse grupo fundou. Não abordo as discussões relacionadas à sua definição de imediato porque elas estão na raíz de um problema que será desenvolvido mais adiante.
[11] RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e Cultura Social.* Rio de Janeiro: Laemert, 1972.
[12] FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social.* São Paulo: DIFEL, 1977.
[13] ANTUNES, Adriano B. A repercussão da revolução russa nos jornais diários da república velha. *História em Revista* : Pelotas. n.6, dez. 2000.

mas dificilmente serviria para ajudar a entrever como os militantes operários tratavam a questão. Há também um brevíssimo artigo, já mencionado, escrito por João Batista Marçal na revista *O Sul*, com o título de *1917 Novembro. As conseqüências da Revolução Russa no Rio Grande do Sul*[14], em que o autor relata algumas reações à revolução de 1917, abrindo também o campo de análise para as reações à revolução de 1905 e avançando pela década de 1920, com a atuação dos comunistas gaúchos. O problema aqui é que se trata de um texto de uma página, mais jornalístico que historiográfico, trazendo poucas questões de fundo para a discussão.

Autores que trabalham o movimento operário no Rio Grande do Sul também as vezes tratam do tema, mas de forma breve e tangencial aos temas centrais de suas obras. Silvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas na sua *Antologia do movimento operário gaúcho*[15] dedicam um subcapítulo ao *Impacto da Revolução Russa no movimento operário gaúcho;* neste as autoras observam que não houve uma mudança de orientação no movimento operário, pois os anarquistas, que eram predominantes na época, acreditaram em um primeiro momento ser a revolução uma vitória da anarquia. Isto também é abordado no estudo de Adhemar Lourenço da Silva Júnior, *Povo! Trabalhadores!* Nessa dissertação, ao analisar pormenorizadamente a greve de 1917, dá exemplos da defesa da revolução por anarquistas, mas afirma que a revolução *"não deve ser avaliada como um fenômeno que se espraia pelo mundo, mas como uma imagem que condiciona a ação dos militantes operários*[16]*"*.

Para além da defesa da revolução pelos anarquistas, Sílvia Petersen no livro *Que a união operária seja nossa pátria* aponta para o papel de Abílio de Nequete como um dos primeiros operários a se interessar pela revolução comunista como caminho alternativo ao anarquismo, sendo um dos pioneiros na propagação dos seus princípios:*"Assim, enquanto o movimento operário em Porto Alegre enfrentava as tendências desagregadoras do pós-*

[14] MARÇAL, João Batista. Op. Cit.
[15] PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. e LUCAS, Maria Elisabeth da Silva. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937).* Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
[16] SILVA JR. Adhemar L. *Povo!Trabalhadores!: tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado) p. 381.

greves [de 1919], *os efeitos da revolução russa iam chegando ao Rio Grande do Sul, sendo Nequete o timoneiro destas idéias*[17]*"*

Sobre Abílio de Nequete, que, pelo papel de fundador da União Maximalista de Porto Alegre e do Partido Comunista do Brasil em 1922, sempre tem seu nome destacado quando se escreve sobre a revolução russa entre os operários gaúchos, o principal trabalho existente é o texto inédito de Irene Haas Rosito *O pensamento político de Abílio de Nequete*[18]. Neste texto a adesão ao bolchevismo é vista como parte da evolução do seu pensamento. O texto ajuda a compreender alguns passos iniciais da repercussão da revolução em Porto Alegre, como na fundação da União Maximalista e na ação desta nas greves de 1919; além de relatar algumas características peculiares das noções políticas de Nequete.

Desta forma, a análise que me proponho fazer deve se centrar em algo que teve grande importância para o movimento operário, mas que sempre foi tratado de forma lateral nos estudos sobre a história dos trabalhadores organizados de nosso estado. Muitas vezes porque o papel dos comunistas havia sido supervalorizado em um período inicial da produção historiográfica sobre o movimento operário ou porque esta influência aparecia como algo difícil de provar, não suscitando maiores discussões. No entanto, houve nos últimos anos a descoberta de novas fontes que podem contribuir para ratificar ou corrigir interpretações cristalizadas sobre o papel de militantes e associações naqueles anos conturbados.

Tendo em vista o que foi exposto até agora, meu estudo tem os seguintes objetivos: contribuir para o avanço da historiografia sobre o movimento operário no que se refere ao impacto da revolução russa no Rio Grande do Sul; estudar as diversas interpretações que se fizeram da revolução russa no movimento operário, especialmente em relação às famílias políticas que nele atuavam; observar a atuação das associações operárias gaúchas que se diziam comunistas ou maximalistas, tentando ligar suas ações às formas de pensar a revolução russa e analisar, por fim, que conseqüências as interpretações e os usos da revolução russa teriam trazido para o movimento operário do Rio Grande do Sul entre 1917 e 1920.

---

[17] PETERSEN, Silvia R. F. *Que a união operária seja nossa pátria. Histórias das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações.* Porto Alegre: Editora da UFRGS 2001 p.371.

[18] ROSITO, Renata I. H. *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Porto Alegre: PUCRS, 1972. (Monografia para a Cadeira de Política do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais)

Quanto ao procedimento da análise, o tema será abordado considerando a intersecção de duas referências principais, que se articulam de forma muito próxima:

Uma se refere à *circulação* das idéias vinculadas à revolução russa; a outra se refere à *recepção* dessas idéias e suas relações com as práticas do movimento operário. Articulando estes dois âmbitos, estão as *experiência*s associativas e de luta da classe, suas *tradições* culturais e étnicas e as próprias *relações (ou tensões)* que diferentes segmentos da classe estabelecem entre si.

Quanto à primeira referência de análise, é importante examinar como as idéias e informações sobre a revolução russa eram propagadas entre os militantes operários do Rio Grande do Sul. Acredito que a melhor forma de trabalhar com esta questão é a partir da noção de *circulação de idéias*. Como bem coloca Eduardo Devés Valdés:

> Categorias como "influência" ou "difusão" tem operado do interior do centro de difusão à periferia, ainda que possam servir também para estudar o movimento das idéias no âmbito periférico. Entretanto, a noção de influência induz em grande medida à passividade do receptor, ao passo que a noção de "circulação" tolera melhor questões como os modos de recepção e reelaboração. [19]

Tratando-se, pois, da circulação das idéias, é necessário considerar os canais pelos quais as informações sobre a revolução chegavam até aqui, o que significa, sobretudo, falar na imprensa periódica. Tanto os jornais de grande circulação quanto os jornais operários divulgavam notícias sobre a Rússia e é na imprensa que se encontra uma das principais fontes deste trabalho. Por isso é importante levar em conta as diferentes perspectivas que orientavam os jornais operários e os da grande imprensa. A imprensa operária se colocava a tarefa de educar e conscientizar o operariado, de combater a burguesia e de propagar as doutrinas revolucionárias[20]. Por parte da grande imprensa há uma atitude crítica aos abalos

[19] Categorias como "influencia" o "difusión" han operado al interior del centro hacia la periferia, aunque pueden servir también para estudiar el movimiento de las ideas en el ambito periférico. Sin embargo, la noción de influência conlleva en gran medida a la pasividad del receptor en tanto que la noción de "circulación" tolera mejor cuestiones como los modos de recepción e reelaboración. VALDES, Eduardo Devés. El transpaso del pensamiento de América latina à África a través de los intelectuales caribeños. *História UNISINOS*: São Leopoldo. Vol. 4, n. 2, jul./dez. 2000. p. 190-191.

[20] Sobre uma boa caracterização da imprensa operária em relação à outras imprensas ver CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana 1890-1915.* São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000. Cap 6 .

sociais, ligando-se aos interesses conservadores, interesses que muitas vezes não são explicitados.

Cláudio Pereira Elmir aponta para outras questões que também são relevantes no trabalho com a fonte jornalística em seu texto *As armadilhas do jornal*. Ele mostra como a leitura que fazemos do jornal deve levar em conta as condições em que ele foi escrito e que muitas vezes a mensagem transmitida não esteve de acordo com o desejo de quem a transmitiu (ou produziu), sendo que os jornais podem mudar de opinião conforme as circunstâncias (e aqui, por exemplo, podemos pensar nas lutas pelo poder dentro do movimento operário). O autor também aponta dois perigos pertinentes: atribuir peso político a opiniões por vezes casuais e investigar algum fenômeno já tendo em mente o resultado que se busca. *"O problema maior que eu vejo é a atitude de quem se propõe a pesquisar determinada questão cuja solução prescinde de investigação. Quer dizer, o resultado da pesquisa está definido pelos preconceitos de quem a faz."* [21] Particularmente para o caso desta pesquisa, tal cuidado significa não ver em tudo a "marca" da revolução.

Com referência ao processo de recepção de idéias, Carlos Fico, em sua obra *Reinventando o otimismo,* ao se referir à propaganda com fins políticos e sua recepção, aponta que: *"Pode haver uma distância considerável entre delineamentos teóricos aparentemente eficazes e sua realização nas pesquisas concretas. É muito difícil detectar as recepções sociais da propaganda. As dificuldades são especialmente de ordem heurística. Que fontes poderiam indicar diferenças de recepção?"*[22]

Quem eram os leitores desses jornais? Onde circulavam? Tendo em conta a reconhecida dificuldade para analisar processos de recepção, procurei fazer outras aproximações a esta questão.

Assim, seguindo a sugestão de Roger Chartier em *A beira da falésia,* textos e imagens não são colocados de forma permanente quando produzidos, pois os leitores também criam quando lêem e reinterpretam a mensagem. A recepção da cultura e das idéias não é passiva como tradicionalmente se pensava, mas é uma outra produção, pois "[...] *ler, olhar , escutar são, de fato, atitudes intelectuais que longe de submeter o consumidor à onipotência da*

[21] ELMIR, Cláudio P. As armadilhas do jornal. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*: Porto Alegre. n. 13, dez. 1985.
[22] FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil.* Rio de Janeiro: ed da FGV, 1997. p. 29.

mensagem ideológica e/ ou estética que supostamente a modela, autorizam, na verdade, reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência". [23] Isto faz pensar que as leituras que se fizeram da revolução não eram necessariamente erros, mas foram interpretações próprias ao nosso movimento operário, merecendo atenção por representarem as possibilidades de um determinado momento e de um particular leitor e não um "desvio" de um modelo original.

Esta observação de Chartier, como se pode concluir, é muito difícil concretizar em uma pesquisa com as características desta, pois uma pergunta que sempre se coloca é como estabelecer a recepção das idéias por parte de leitores dos jornais operários, no caso uma fonte fundamental. Assim, a questão da recepção não-passiva será tomada mais como uma advertência, um cuidado para a análise do que como um objeto de pesquisa que, antecipadamente, sabe-se da impossibilidade.

Tratando-se da recepção, também é importante, para os objetivos desta dissertação, recorrer ao conceito associado de *representação*. De fato, parte considerável deste trabalho baseia-se no exame de como os nossos operários representaram aquela distante revolução, entendendo por representação, também com Chartier, *"as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real"* [24].

Entretanto, devo deixar claro que não pretendo pesquisar somente as diversas representações que nossos operários fizeram, como uma espécie de "inventário" dos seus enunciados sobre a revolução russa, mas também serão referências indispensáveis da pesquisa as tradições, experiências e práticas que consistiam diferentes *filtros* ou *lentes* para a recepção e para as representações. Assim, identificar as representações não teria maior significado sem que elas fossem colocadas em diálogo com as experiências e ações dos militantes, e, no sentido inverso, também as representações incidem no comportamento dos indivíduos e grupos.

Cito aqui o feliz entendimento que Rodrigo P. de Sá Motta tem desta questão em sua obra *Em guarda contra o perigo vermelho*:

---

[23] CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre certezas e inquietude.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 53

[24] CHARTIER, Roger. *História cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. p. 17.

> Representações e ações não podem ser entendidas num viés dicotômico, ao contrário, são interdependentes: representações são construídas em um processo ativo que envolve militância, divulgação e propaganda, e ademais, freqüentemente, tem correspondência com interesses sociais [...]; e as ações e práticas sofrem influência (não passiva) das representações, que muitas vezes moldam o comportamento dos grupos sociais.[25]

.

É fundamental salientar, entretanto, que as representações e a circulação das idéias sobre a revolução não cairam em um vazio de tradições culturais, étnicas e experiências de luta de classes. Pensar a possibilidade de uma nova sociedade estimulada pela revolução, acalentar esperanças, estender horizontes até o infinito, como muitos militantes fizeram, não se deveu apenas à força de um exemplo grandioso, mas necessita também para ser explicado, a dinâmica da luta da classe operária contra a classe dominante; é ela que dá sentido às interpretações e ações dos que se inspiraram na revolução russa.

As conhecidas palavras de Edward Palmer Thompson resumem este processo quando afirma que as pessoas:

> [...] experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida (muitas vezes, mais nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.[26]

Seria insuficiente analisar o impacto da revolução russa sem levar em conta esta experiência de classe. Os discursos embebidos de esperança revolucionária, o surgimento de associações que se identificavam com o maximalismo ou mesmo o sonho acalentado de insurgência não podem ser explicado somente por um desejo de imitação ou por uma apropriação mecânica daquilo que circulava no mundo sobre a revolução russa. Estes militantes trataram estas questões a partir de seus *referenciais de luta* e muito de sua identificação com o país dos Soviets só vai ter sentido a partir de suas *experiências nas lutas* dos trabalhadores.

---

[25] SÁ MOTTA, Rodrigo P. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva, 2002. Introdução p. XXV.

[26] THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 187.

Mas ainda com relação à experiência, ela refere-se não apenas à luta *entre* classes; ela é também uma experiência *interna* à classe operária. Para o caso específico que estou tratando, que é a compreensão das representações que os operários do Rio Grande do Sul fizeram da revolução e das ações que levaram a cabo inspirados nela, isto é muito importante. Os laços intra-classe que ligam (ou tensionam) os operários são complexos, multifacetados, variados já que "[...] *as ligações e oposições contidas no processo de produção são a base da classe; mas a relação entre pessoas que ocupam posições semelhantes nas relações de produção não é dada diretamente pelo processo de produção e apropriação"*[27]. É também nestas relações, muitas vezes de amor, ódio, indiferença ou perplexidade que as interpretações sobre a revolução russa poderão ser entendidas. Assim, por exemplo, a revolução podia ser interpretada não apenas como o momento luminoso da luta entre as classes, mas também como uma via através da qual se construíam alianças, solidariedades, cisões ou rivalidades dentro da classe.

Nesta Introdução, também é preciso esclarecer preliminarmente o leitor que o período a que se refere este estudo foi marcado por uma expansão da industrialização e pelo aumento da presença operária nas principais cidades do Rio Grande do Sul, acelerando um processo que vinha se desenvolvendo desde o segundo quartel do século XIX. Ao longo deste período, a convivência na fábrica, a necessidade de fortalecimento mútuo e a luta por melhores condições de trabalho levaram estes operários a criar associações, sindicatos, partidos, que se tornaram o núcleo do movimento operário. No final dos anos 10, especialmente a partir de 1917, o movimento operário tornou-se mais ativo, pois ocorre uma ascensão das lutas dos trabalhadores organizados, com muitas greves e sérios enfrentamentos. Aliado à aguda carestia de vida e à crise econômica, eclodem uma série de graves conflitos sociais no Brasil e no mundo, entre os quais a revolução russa, como será visto adiante, acabou se destacando e serviu de fermento para as agitações operárias.

Esta caracterização, embora brevíssima, é necessária para introduzir alguns comentários sobre a produção historiográfica que em alguma medida serviu de referência para a dissertação.

---

[27] WOOD, Ellen Meiksin .*Democracia contra capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Uma importante parcela desta produção associou esta época específica com o amadurecimento da classe operária brasileira, como se fosse um último suspiro das idéias e práticas ligadas ao trabalho artesanal e a tomada de uma consciência realmente de classe; e a revolução russa seria uma das pedras angulares desta mudança. Moniz Bandeira, na obra mais extensa que até hoje já estudou os reflexos da revolução russa no nosso país, sintetiza bem esta posição: *"O surto industrial do Brasil e a revolução russa, criando um fato novo, superaram o movimento anarquista. O marxismo 'a expressão consciente de uma vontade inconsciente' ganhou as massas brasileiras."*[28]

Muitas vezes o valor atribuído à revolução russa se deu pela perspectiva da importância da fundação do PCB comunista em 1922, o que se torna mais evidente nas diversas "Histórias do Partido Comunista". Esta perspectiva está presente em trabalhos como a já citada *A Formação do PCB,* de Astrogildo Pereira, uma das obras inaugurais da historiografia do movimento operário brasileiro. Nestas análises, a verdadeira consciência de classe só seria alcançada com a fundação do partido, o que inauguraria uma nova etapa da luta de classes no Brasil[29].

Um grande problema deste tipo de interpretação é que, em alguns casos, o impacto da revolução russa não tem importância pelo que possa ter trazido para lutas dos sujeitos históricos, mas tem valor porque mostrou uma ideologia e um método de ação mais adequado para o proletariado brasileiro, em um processo que fatalmente resultaria na fundação do partido em 1922. Ou seja, serviu para uma *grande conscientização* da militância, pois o anarquismo havia fracassado nas lutas que propunha levar adiante.

Este tipo de interpretação adotada por Astrogildo Pereira acabou se tornando obsoleta, entre outros motivos porque a pesquisa acadêmica mostrou que não houve uma substituição imediata do anarquismo pelo comunismo no início dos anos 20. Mas exatamente porque não houve esta "conscientização", alguns historiadores acabaram por minimizar a importância da revolução russa para as ações do movimento operário brasileiro, já que a aparente adesão ao bolchevismo por parte dos anarquistas, nos primeiros anos da revolução russa, seria na

[28] BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. Op. Cit. pp. 274-275.
[29] Estas são algumas características de uma produção que Cláudio Batalha chama de "militante", ligando-se no mais das vezes às concepções do PCB. Ver BATALHA, Cláudio. *A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências.* In: FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

verdade fruto de um *grande engano.* É o caso do livro de Carlos Augusto Addor, *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*[30], em que a influência da revolução de outubro nesse levante acaba sendo pouco considerada, pois mesmo que o exemplo russo servisse de incentivo para os libertários, estes não tinham bem claro quais eram os reais princípios do bolchevismo. Na verdade, a idéia do engano anarquista pode ser encontrada também nas produções de militantes, tanto anarquistas quanto comunistas, como se pode perceber pelo tratamento dado por Astrogildo Pereira e por Edgar Rodrigues ao episódio da formação do primeiro Partido Comunista em 1919. Os dois historiadores consideram a formação deste partido um erro: para o primeiro, por ter sido influenciado por idéias anarquistas; para o segundo, por ter sido inspirado em um modelo comunista.

Tanto uma quanto a outra maneira de ver o impacto da revolução russa apresentam problemas, pois sua importância para o movimento operário brasileiro se encontra ou em *outro tempo*, ou em *outro lugar*. No caso da análise ter em vista a aquisição de uma nova consciência de classe, que necessariamente redundaria na formação do PCB, o valor desta influência estaria em *outro tempo*, em 1922, ou no período subseqüente, quando o anarquismo seria substituído pelo comunismo como corrente ideológica predominante. No caso deste impacto ser avaliado pela não-correspondência das crenças dos militantes brasileiros em relação às dos reais protagonistas da revolução soviética, as ações inspiradas neste exemplo não seriam válidas porque, ao fim e ao cabo, não corresponderiam ao que estava ocorrendo em *outro lugar*, ou seja, na Rússia dos Soviets, podendo ser tratada como uma confusão que não deixaria marcas na trajetória dos militantes.

Pelos motivos aqui expostos, não pretendo analisar os impactos da revolução russa como se fossem desvios, enganos ou sob a perspectiva de mudanças futuras; mas explicá-las a partir das tradições que estes militantes tinham e das lutas que travavam no momento. Como esclarece E. P. Thompson ao estudar as primeiras formas de resistência da classe operária inglesa:

> [...] seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda

[30] ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Achiame: Rio de Janeiro, 2002.

> perturbação social e nós não. Suas afirmações eram válidas nos termos da sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais. [31]

Desta forma, é tentando compreender as interpretações da revolução russa e as ações inspiradas nela como *válidas nos termos das experiências dos militantes operários* que pretendo conduzir este trabalho.

Referi-me ao longo da Introdução à experiência de classe e ações do movimento operário, mas é importante ressalvar que aqui não se está assimilando acriticamente "classe" ao "movimento operário". Ressalva sempre importante de fazer, visto que "*a história operária tendeu* [...] *a identificar-se com a história dos movimentos operários, senão até com a história das ideologias destes movimentos" [32]*. Se escolho as organizações e instituições que são o resultado da ação coletiva dos trabalhadores como objeto de meu estudo, é porque estas se tornaram o campo privilegiado e mais visível da ação política da classe operária na sociedade. Mesmo assim, isto não significa excluir a análise do que a revolução significou para alguns sujeitos específicos. Embora um material mais difícil de obter, um capítulo será dedicado a esta análise, pois considero que focalizando a trajetória de alguns militantes, será possível enriquecer o repertório das visões sobre a revolução.

Desta forma, não entendo o movimento operário como sinônimo de associações e sindicatos, mas pelo tipo de documentação localizada, através deles pode-se obter maior visibilidade deste movimento e de seus sujeitos.

Para uma contextualização da problemática do impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul e do próprio processo revolucionário, realizei uma ampla pesquisa bibliográfica cujas fontes vão sendo mencionadas no desenvolvimento dos capítulos e que de um modo geral, já foi mencionada nas páginas e pés de página anteriores.

Mas além das fontes bibliográficas, o trabalho contou com muitas fontes primárias. Estas não são fontes fáceis de conseguir, pois muitas associações não legaram material nenhum para a "posteridade" e muitas vezes quando legaram, estes se perderam na euforia das mobilizações ou sob o peso da repressão policial. Por este motivo deve-se ter em mente

[31] THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade. V.1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 13.
[32] HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 18.

que nunca haverá um mapeamento completo das opiniões e das práticas das organizações operárias. Outro agravante em relação as fontes que trabalhei são os 90 anos que separam de hoje os fatos transcorridos, e quanto mais tempo passa, mais o material se desgasta.

Decorre disso que alguns anos estão menos representados que outros e algumas cidades mais presentes que outras. Sobre 1917 há muito menos material que sobre 1919, e em Porto Alegre há impressos em quantidade muito mais abundante que em Bagé ou Santa Maria. É claro que isso acarreta alguns problemas. Por exemplo, a inexistência de um jornal como *A Época*[33] entre o material pesquisado não permitiu fazer um estudo mais detalhado da relação da revolução russa com as práticas da Liga de Defesa Popular (LDP), associação surgida para coordenar a greve de 1917, relação sobre a qual só pode-se fazer conjecturas. Mesmo assim creio que foi possível fazer um estudo do impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul; apenas faço estas ressalvas para mostrar que as fontes trazem limitações que se deve tentar contornar e impõem a humildade de saber que não são todos os recantos das práticas e discursos operários que estão acessíveis à pesquisa.

Como do repertório de fontes se destacam os jornais operários, é necessário mais alguns comentários sobre a imprensa como fonte de pesquisa. O jornal, como, aliás, qualquer outra fonte histórica, emite uma imagem da realidade visível sob um filtro dado pela subjetividade, pelos interesses e pelos objetivos do articulista ou da associação que o órgão representa. No caso do jornalismo operário, esse filtro é explicito, já que neste caso a imprensa é um veículo com o objetivo de esclarecer a classe através do conhecimento crítico da realidade, abrindo caminho para sua emancipação.

Quando analisei as notícias, não estive somente preocupado com a informação veiculada, mas também com o contexto específico em que ela seria lida. A postura agressiva do jornal *A Luta*, editado em 1918 pelos anarquistas da União Operária Internacional (UOI), por exemplo, se coaduna muito bem com o objetivo desse grupo: reconquistar a influência dentro da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Claro, não quero reduzir algumas apropriações criativas apenas aos objetivos políticos

[33] *A Época* foi um jornal que circulou em Porto Alegre durante três meses depois da greve de agosto de 1917. Este jornal era o porta-voz oficial da Liga de Defesa Popular e seu redator era Abílio de Nequete, que, como veremos adiante terá detaque nessa dissertação.

imediatos. Entretanto é necessário estabelecer uma relação de duas mãos entre a notícia ou o artigo do jornal e o respectivo momento que vivia a classe operária e suas organizações.

Além destas observações, há um ponto que se refere tanto ao jornal quanto ao panfleto e que é de fundamental importância: estes não são apenas veículos de informação ou mesmo de propaganda: são também oportunidades abertas aos militantes de tornar públicas suas elaborações teóricas, suas criações intelectuais diante de um mundo que eles desejam transformar, o que, além de aproximar do momento imediato da vida dos militantes, também permite vislumbrar seu olhar para o futuro.

Quanto aos panfletos, propriamente, a maior parte deles é do ano de 1919 e foram encontrados em um processo crime, movido pela polícia contra alguns operários por ocasião da greve geral daquele ano em Porto Alegre[34]. Estes panfletos tiveram uma dupla utilidade na pesquisa: de um lado, estabelecer os objetivos e as posições das associações em relação à revolução russa e seus desdobramentos e de outro, oferecer uma amostra do tipo de material circulava por aqui. Nem todos os materiais apreendidos são oriundos do estado do Rio Grande do Sul e apesar de não poder analisar com eles a atuação dos grupos maximalistas gaúchos, pude saber que documentos do recém organizado Partido Comunista do Brasil (PCB) do Rio de Janeiro estiveram à disposição dos operários daqui. Desta forma é possível observar um campo de circulação de idéias sobre a revolução que não se restringe somente à nossa região e perceber que os grupos operários da região não estavam desinformados sobre o que ocorria no restante do país.

Seguindo essa mesma lógica pode-se apontar a utilização de um material de fora do estado para mostrar como um nascente grupo comunista entrava em contato com o movimento operário do Rio Grande do Sul. O jornal *Spartacus,* do grupo comunista do Rio de Janeiro[35], menciona militantes e associações de nosso estado. É possível saber assim quem daqui havia encomendado pacotes desta publicação, a propaganda de impressos operários do Rio Grande do Sul na Capital Federal e mesmo assinaturas de líderes operários gaúchos em apoio a um manifesto lançado pelos cariocas.

[34] Processo Crime nº 1016, rolo 66. Encontra-se no Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Sul.
[35] Trata-se do Partido Comunista de 1919.

Outro tipo de fonte são os escritos particulares, memorialísticos ou não. Neste rol de textos entram autobiografias como as *Memórias de um Imigrante Anarquista* de Friedrich Kniestedt, as passagens dos cadernos de memórias de Abílio de Nequete que se encontram dispersas nos trabalhos históricos de quem os consultou (Sílvia Petersen e Renata Irene Haas Rosito) ou os depoimentos contidos em processos crime em que estivessem envolvidos operários. Estes documentos são úteis porque expõe opiniões ou fatos que no momento em que ocorreram não se tornaram conhecidos, que jornais e panfletos não tornaram explícitos. Eles expõem rupturas, discordâncias, disputas que era necessário esconder da arena pública e são, por isso, um contraponto importante ao escrito jornalístico. Mas não é porque se trata de um documento em que o operário escreve de si ou para si, algumas vezes sem os objetivos da luta imediata, que ele estará isento de outras influencias. Talvez aí mesmo exista um outro filtro: o da memória e da reconstrução dos acontecimentos aos olhos de quem escreve depois. Mesmo assim o imediatismo não é garantia de objetividade. Os depoimentos contidos nos processos, apesar de não sofrerem defasagem temporal, não escapam de outros filtros. Nesse caso pode-se imaginar o quanto não tinham de auto-censura já que foram obtidos perante a polícia.

Os processos crimes podem ser aproveitados de várias formas para a pesquisa histórica. O processo movido contra os operários por ocasião da greve de 1919 é útil, pois a polícia borgista, junto com o processo em si, anexou um generoso lote de documentos produzidos pela militância. Mas o inquérito, ou a maneira como ele é tratado, é uma passagem para se chegar à lógica da repressão, fator muito presente naqueles anos. Isto me faz lembrar e mencionar fontes não operárias, como *A Federação*, jornal do Partido Republicano Riograndense ou o *Correio do Povo*, jornal de maior circulação no estado. Estas publicações expressam, por exemplo, a perplexidade dos dominantes com a difusão do maximalismo, o que pode ser considerado um dos desencadeantes dos dispositivos repressivos. Não se coloca aqui, para o uso das fontes periódicas, o argumento de que "a grande imprensa não serviria por ser tendenciosa", e sim considera-se que a diversidade da origem das informações nos permite ter uma visão mais ampla da realidade. A imprensa é um lugar especial para a expressão dos conflitos políticos (o que vale também para a imprensa operária), ou como, nas palavras de Francisco Alves, "*Nos jornais* [...] *estes*

conflitos encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo de ligação ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas."[36]

Para concluir esta Introdução, cabe explicar ao leitor como a dissertação está estruturada e resumir o conteúdo dos seus capítulos, com o que espero oferecer uma visão preliminar do trabalho.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos. O primeiro deles é *"O CÍRCULO QUE SE EXPANDE INDEFINIDAMENTE"*: *a revolução russa e seus impactos internacionais.* Como indica o título, neste capítulo apresento um histórico do desenvolvimento do processo revolucionário na Rússia e a difusão de sua influência pela Europa, América Latina e Brasil. É um capítulo propositadamente descritivo e detalhado, que pareceu importante para que ficasse caracterizado para o leitor o processo da revolução russa e quando ela fosse tematizada nos seguintes capítulos, não se transformasse em uma abstração com a qual o restante da dissertação iria dialogar. Este capítulo não tratará dos impactos da revolução, o que será objeto dos capítulos seguintes.

O segundo capítulo, *"'HOSANNA, HOSANNA, FILHA DA JUSTIÇA QUE VENS PARA NÓS EM NOME DA LIBERDADE': a experiência operária no Rio Grande do Sul e as primeiras interpretações da revolução russa pelos trabalhadores organizados do estado"*, descrevo a trajetória das principais correntes teóricas do movimento operário gaúcho, a formação das associações dos trabalhadores organizados nos principais centros industriais do estado até os momentos iniciais em que as informações sobre a revolução foram recebidas por estes trabalhadores. Partindo destas tradições e das condições nas quais se encontrava a classe operária naquele momento, analisa-se como circularam as primeiras idéias relacionadas à revolução russa, seus usos e reelaborações.

No terceiro capítulo, *"A HUMANIDADE É UM TURBILHÃO E UM MUNDO UM CREPITAR DE CHAMAS: as transformações nas formas de interpretar a revolução russa no ano das grandes greves; novas experiências, novas leituras"* examino como as idéias relacionadas à revolução passaram a circular em um ambiente de crescente radicalização, onde os jornais operários têm um notável florescer, havendo uma circulação muito mais

[36] ALVES, Francisco N. Imprensa e Política: Algumas reflexões acerca da investigação histórica. *História em Revista*: Pelotas. n. 7, dez. 2001.

rica de informações e um começo de elaboração crítica, pelos militantes, das novas idéias russas.

No quarto capítulo, com o título *"PARECERÁ ABSURDO QUE UM LIBERTÁRIO QUE TEM POR TEMA A PAZ EXCLAME: SALVE A REVOLUÇÃO!: a identificação dos militantes com a revolução e as aproximações contraditórias com o sonho revolucionário"* pretendo, a partir das representações e interpretações que foram identificadas nos capítulos anteriores, analisar as aproximações e identificações dos militantes com a revolução russa, expressas tanto em atitudes de adesão apaixonada quanto de repulsa ou estranhamento. Procura-se examinar este processo tanto no que respeita às matrizes do pensamento militante, como às apropriações individuais informadas e mediadas por tradições e experiências políticas, identidades étnicas ou crenças religiosas. Como observei antes, as representações e interpretações sobre a revolução russa também estão filtradas pelas tradições, experiências e práticas dos militantes. Nunca se trata, portanto, de uma repercussão mecânica ou de uma apropriação voluntarista.

Percebendo que a revolução russa atraiu atenção dos militantes, fazendo com que estes interpretassem os acontecimentos de diversas formas e até se identificassem com ele, tento analisar se isto também influiu nos processos organizativos e nas ações coletivas dos militantes. Por isso, no quinto capítulo, *"A VOSSA DIVISÃO É A VOSSA FRAQUEZA- UNI-VOS POIS!, E, NÃO HAVERÁ FORÇA ALGUMA QUE POSSA VOS ENFRENTAR: associações comunistas do Rio Grande do Sul e suas relações com grupos similares do centro do país"*, analiso a atuação dos grupos comunistas e maximalistas que se formaram no Rio Grande do Sul, como se inseriram nas lutas operárias e suas relações com outros grupos de trabalhadores organizados. Além disso, procurei estudar as diversas formas de relação do movimento operário gaúcho com as associações comunistas do centro do país como a troca de materiais de informação, a tentativa de formação de um Partido Comunista e a participação em uma insurreição nacional.

No sexto e último capítulo, *"NÃO SE CONSEGUE DESCREVER O QUE SE PASSOU NA CABEÇA DE BOA PARTE DE NOSSOS VELHOS AMIGOS- NUM PISCAR DE OLHOS TORNARAM-SE NOSSOS INIMIGOS: balanços e perspectivas do movimento operário gaúcho em relação ao futuro da revolução russa"*, procuro explicar as precoces divisões e disputas em torno do maximalismo que surgiram no Rio Grande do Sul no início

dos anos 20, considerando a mudança das condições em atuava o movimento operário, então sob uma repressão cada vez mais aguda e reversões de expectativas que produziram um ambiente de cizânia e disputas internas.

1. *"O CÍRCULO QUE SE EXPANDE INDEFINIDAMENTE"*[37]: a revolução russa e seus impactos internacionais

Apesar desta dissertação tratar do impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, neste primeiro capítulo deixarei por enquanto o movimento operário de fora, tratando da revolução na Rússia, na Europa e sua difusão pelas Américas e pelo Brasil.

A apresentação é necessária não apenas para estabelecer um contexto, mas como um prólogo onde se expõem os fatos que deram origem a um movimento catalisador de desejos de libertação e ânsia por um novo mundo, cujos impactos no movimento operário gaúcho serão apresentados nos próximos capítulos. Esta rápida exposição de fatos não tem como objetivo mostrar a versão do que "realmente aconteceu" em face das versões ou interpretações criadas pelos militantes no extremo sul do Brasil, mas serve como um guia para acompanhar uma série de acontecimentos que serão constantemente referidos ao longo deste trabalho.

1.1. A revolução russa

A expansão imperialista européia promoveu alianças e acirrou conflitos entre os países que a promoveram, fazendo surgir dois grupos antagônicos de nações: de um lado um bloco liderado pela Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano; do outro lado, um bloco em que se destacavam França e Inglaterra, no qual a Rússia se inseria. Quando irromperam as hostilidades em 1914, o Império Russo entrou na luta para retomar o impulso expansionista que se esgotara com a guerra russo-japonesa de 1905. Este engajamento também deveria funcionar como poderoso ingrediente de coesão social, fazendo esquecer a vergonhosa derrota na guerra de 1905 e o levantamento revolucionário que esta incentivou.

O exército russo, apesar de seu enorme contingente, era mal preparado, sendo o que mais sofreu perdas na Guerra Mundial. Os soldados eram basicamente camponeses

[37] Título de um artigo publicado de Affonso Frederico Schimidt, publicado no *A Dor Humana* de 11 de outubro de 1919.

armados e a mão que empunhava o rifle fazia falta à agricultura. A produção de gêneros diminuiu, provocando a alta dos preços. Este quadro foi piorado pela situação da indústria, reconvertida para servir às necessidades do exército[38]. Em meados de 1917, a situação política do Império Russo se degradava rapidamente. A Assembléia, ou a Duma Imperial, onde atuavam os políticos ligados à burguesia e aos nobres liberais, agrupados no Partido Constitucional Democrata (Kadete), pressionava por medidas de liberalização do regime, mas o Czar Nicolau II aferrara-se ao absolutismo, se negando a ceder aos menores pedidos dos deputados. Paralelamente a isto, o movimento grevista nas fábricas crescia desde 1915, chegando a 575 mil operários de braços cruzados no começo de 1917. Os soldados desertavam de seus postos, os aquartelados acompanhavam a agitação nas cidades e levavam ao campo o germe da revolta. Os camponeses fardados faziam eco às exigências de seu grupo social e começaram a exigir também o direito às terras em que trabalhavam, formando assim os pilares das reivindicações que marcariam a revolução: paz, pão e terra.

A degradação econômica e social chegou a um ponto insuportável nos primeiros meses do ano de 1917. Em 23 de fevereiro, uma manifestação em comemoração ao dia das mulheres na capital Petrogrado deu origem a uma conclamação de greve geral na cidade. Os agentes da repressão ficaram sem ação, já que o movimento se ampliava rapidamente, passando de 90 mil grevistas a 240 mil em dois dias. Domingo, dia 26, os operários foram para o centro da capital imperial protestar[39]; na segunda-feira eles não foram trabalhar. A polícia não podia contar com o apoio do exército para reprimir os manifestantes, pois uma a um os regimentos aderiram à rebelião, que se espalhava pelo país. O czar não soube o que fazer, abdicando no dia 1º de março, exemplo seguido pelo seu irmão e sucessor no dia 3[40].

Neste ambiente revolucionário os operários retomaram uma experiência tentada na revolução de 1905, formando um Conselho (Soviet) de operários e soldados, com delegados de cada fábrica e de cada regimento[41]. Imediatamente tratou-se de estender a organização ao restante do exército, incitando cada regimento a eleger comitês de soldados

[38] REIS FILHO, Daniel Aarão. *Rússia (1917-1921): anos vermelhos.* São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 39.
[39] Nesta época, Moscou ainda não havia se transformado em capital da Rússia, ainda estando esta sediada na cidade de Petrogrado, atual São Peterburgo.
[40] TROTSKY, Leon. *História da revolução russa. 1º volume-a queda do tzarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. pp. 102-129.
[41] Sobre a revolução de 1905 ver: TROTSKY, Leon. *Balanços e perspectivas.* Lisboa: Antídoto. 1979. Este livro foi originalmente escrito em 1906, tendo reflexões do líder revolucionário sobre a experiência desta revolução.

e enviar representantes ao conselho, sendo o modelo repetido em outras cidades. O Soviet era o local de representação popular, onde os trabalhadores das fábricas e os militares de baixa patente teriam um órgão para defender seus interesses perante as classes dominantes. O Conselho também era o lugar onde todos os partidos de orientação socialista estavam representados: o Partido Socialista Revolucionário, ou simplesmente SR, surgido dos populistas russos, que defendiam um caminho próprio para o socialismo baseando-se nas forças do campesinato; o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), marxista, dividido entre os bolchevistas, que defendiam que o operariado deveria ter uma direção política própria, havendo a necessidade de esta classe assumir as tarefas da revolução burguesa na Rússia, já que a burguesia seria incompetente para fazê-la, e no menchevistas, que priorizavam a defesa de uma revolução burguesa e o apoio à burguesia, que chegaria ao poder e faria as reformas necessárias para se chegar à democracia. Também atuavam nos Soviets os anarquistas, que não estavam organizados em partido, mas que faziam valer sua representação entre os operários industriais.

Em meio à agitação popular a Duma Imperial elegeu um Governo Provisório para tomar as rédeas da situação, com um ministério majoritariamente kadete, deixando o governo a cargo do príncipe Lvov, um nobre liberal. O Governo Provisório hesitou em proclamar uma nova forma de governo, postergando a decisão pela república ou a monarquia constitucional para uma assembléia constituinte. A hesitação, a propósito, seria a marca deste governo pelos próximos nove meses.

Neste primeiro momento os principais nomes da revolução do lado dos grupos populares eram menchevistas como Martov, Tseretelli, Dan e Cheidze; ou socialistas revolucionários como Kerensky e Chernov. Os bolchevistas só vão ganhar força com a chegada de seu principal líder do exílio, Lênin, em abril. Com isto o grupo mudou sua atitude de colaboração com os outros partidos e passou a lutar pela tomada do poder pelo Soviet, o que menchevistas e socialistas revolucionários eram contra pois temiam a desestabilização do Governo Provisório.

Este Governo passou por diversas crises no período de sua curta existência, pois não podia responder aos anseios da população, que exigia da revolução uma resposta sobre a falta de pão, a divisão da terra e a assinatura da paz. Os kadetes, representantes da burguesia, não podiam sair da guerra, pois esta estava envolvida demais com os interesses

do capital internacional. Os socialistas revolucionários e os menchevistas apegavam-se à idéia de revolução burguesa, temendo perder o apoio dos kadetes na organização do novo poder. Os bolchevistas, ao contrário, pregavam a entrega do poder aos Soviets e foram contra o apoio à burguesia, além do mais, estes apoiaram a assinatura de um tratado de paz com a Alemanha e a distribuição da terra aos camponeses[42].

A primeira destas crises, em abril, fez com que os menchevistas e os socialistas revolucionários entrassem no Governo Provisório em coligação com os kadetes. Na segunda grande crise, em julho, os bolchevistas foram postos na ilegalidade e o principal nome dos socialistas revolucionários, Alexandre Kerensky, assumiu o governo com plenos poderes. Em agosto Kerensky quase foi derrubado por um golpe conservador, mas pelo boicote das tropas e dos operários, coordenado em parte pelos bolchevistas, este empreendimento fracassou. Com esta crise a situação se torna mais grave; Kerensky se proclamou Comandante-Supremo e o Soviet de Petrogrado deu uma guinada para a esquerda, elegendo Leon Trotsky, militante do Partido Operário Social Democrata Russo, para sua presidência, aderindo este logo após sua eleição ao grupo dos bolchevistas. No campo, os socialistas revolucionários de esquerda se fortaleciam, desbancando seus companheiros de partido mais conservadores.

Em outubro, o Soviet de Petrogrado formou o Comitê Militar Revolucionário para coordenar as tropas aquarteladas na capital. Alexandre Kerensky, sentindo que lhe tiravam o chão sob os pés, tomou então medidas contra o poder soviético, mas foi inútil. O Soviet ordenou no dia 24 de outubro a dissolução do Governo Provisório, que caiu quase sem resistência, deixando apenas quinze mortos nos confrontos que se seguiram. O II Congresso dos Soviets, reunindo delegados de toda a Rússia, foi aberto no dia 25. De início menchevistas e socialistas revolucionários de direita protestaram contra a decisão de acabar com o governo provisório e se retiraram, ficando na reunião os socialistas revolucionários de esquerda que tinham como expoente a militante Spiridonova, além dos anarquistas. Na segunda sessão do Congresso, dia 26, os bolchevistas conseguiram aprovar por unanimidade um decreto sobre a paz, aprovando também um decreto pela qual a terra era

[42] Para a caracterização dos grupos políticos da Rússia e sua história ver: REIS FILHO, Daniel Aarão. Op. Cit. Capítulo “Revolta contra o czarismo”. p. 22-36.

socializada sem indenização, constituindo-se, por fim, como governo até a eleição da Constituinte[43].

O novo poder foi organizado no Congresso Pan-Russo dos Soviets, com a fusão dos Soviets de Operários e Soldados com os Soviets de Camponeses. A estrutura soviética era piramidal: na sua base estavam os Soviets distritais, eleitos por representação de atividades produtivas, que iam enviando delegados aos Soviets superiores, até o Congresso Pan-Russo, última instância de poder. No intervalo dos congressos o poder seria exercido pelo Comitê Executivo Central (VTsiK) presidido a partir de outubro por Lênin. A forma de governo soviética, por conselhos, provocou grande atração mesmo entre correntes políticas não bolchevistas, como os anarquistas, que de modo geral eram avessos a qualquer coerção estatal. A maioria deles inclusive apoiou os bolchevistas e alguns até aderiram ao partido[44].

Logo os bolchevistas alçados ao poder tiveram problemas a resolver. A guerra civil começou e a assinatura da paz com os alemães tornou-se urgente. A proclamação de Lênin aos povos do mundo por uma paz sem compensações não foi atendida pelos alemães, que avançaram fundo no território russo. Para responder aos ataques alemães, o governo soviético transformou as guardas vermelhas de operários armados e as tropas que continuavam fiéis ao novo governo no exército vermelho, que teria Leon Trotsky como seu organizador e comandante a partir daí. A perda de território agravava a situação criada pela dissolução da Assembléia Constituinte, eleita em fins de 1917, que devido à sua composição, majoritariamente de socialistas revolucionários de direita, entrou em conflito com o poder do Soviet que a extinguiu em janeiro de 1918. Estas atitudes deixaram por um fio a aliança com os socialistas revolucionários de esquerda. Iniciou-se também o conflito com os anarquistas, devido à tentativa de desarmar a sua guarda negra em Petrogrado e pela repressão ao movimento guerrilheiro de Nestor Makhno na Ucrânia.

A guerra civil estava já se desenvolvendo em larga escala. Na frente externa os alemães, uma vez dentro do território russo, apoiaram os generais fiéis ao antigo regime, incentivando-os a atacar o exército vermelho. Ao mesmo tempo Inglaterra e França, aliadas de guerra, invadiram o território russo para apoiar "governos constitucionais" formados por

[43] TROTSKY, Leon. *História da revolução russa. 3º volume-o triunfo dos Soviets*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. pp. 947-989.
[44] BROUÉ, Pierre, *União Soviética. Da revolução ao colapso.* Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 1996. Ver "O estado dos Soviets" pp. 22-27.

menchevistas e socialistas revolucionários de direita. Japoneses e americanos ocuparam a Sibéria. Em julho de 1918 a invasão se torna massiva, a ponto de, no início de 1919, a Rússia Soviética estar reduzida a apenas 10% do território da Rússia Imperial. O exército dos conservadores, o branco, só não obteve maior vantagem sobre o exército vermelho por que usava de enorme violência sobre a população russa e porque os soldados estrangeiros começaram a sentir uma perigosa simpatia pelos bolchevistas, tendo que ser rapidamente evacuados.

Para tentar recuperar níveis de consumo anteriores à guerra, o governo bolchevista adotou uma série de medidas, como a militarização do trabalho, a nacionalização das empresas e a modificação do sistema de circulação, com a criação de cooperativas de consumo para distribuição de ração alimentar. Neste sentido, um dos pontos vulneráveis da revolução era a produção agrícola. Depois de tentativas frustradas de formar fazendas estatais e de recorrer aos camponeses pobres para ajudar nas requisições, o estado formou milícias urbanas para trazer os grãos que faltavam às cidades. Outro problema, especialmente grave pelo caráter do partido que controlava o poder soviético, era a pressão sobre os operários para que eles produzissem mais para servir à guerra civil. Ocorreram discussões acaloradas sobre a liberdade do trabalhador, se os sindicatos deveriam servir para os operários reivindicarem seus direitos ou se deveriam servir à produção[45].

Depois de imensos sacrifícios o exército vermelho venceu seus inimigos. As últimas tropas brancas foram batidas em 1920, no sul da Ucrânia. Depois disso, os russos ainda tiveram que enfrentar os poloneses, que tentavam invadir a Ucrânia e a Bielo-Rússia. As tropas vermelhas expulsaram-nos do seu território, tentando avançar sobre a Polônia, para provocar uma revolução que se espalharia pela Europa. O plano fracassou e os russos tiveram de se voltar para dentro do seu país. Apesar de frustrada, a esperança em uma revolução na Europa permaneceria viva até 1923.

O governo bolchevista tentou continuar com o comunismo de guerra, mas a população começou a se revoltar. Lênin propôs então um novo modelo econômico, a Nova Política Econômica (NEP), reintroduzindo alguns elementos do capitalismo de mercado. A guerra civil, entretanto, não havia passado em vão. À medida que as estruturas econômicas

[45] RIBEIRO, Luís Dario Teixeira. A ruptura revolucionária na Rússia. In: VIZENTINI, Paulo Giberto Fagundes. (Org.). *A Revolução soviética/1905-45: o socialismo num só país.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. pp. 52-57.

eram reorganizadas e o exército era reestruturado, muitos antigos burocratas e antigos oficiais do império czarista eram chamados, ou obrigados, a ajudar no esforço de guerra. Os membros do Partido Bolchevista, agora rebatizado de Partido Comunista, foram incorporados à burocracia e os burocratas aderiram massivamente ao partido. As necessidades técnicas de suprir batalhões, de enfrentar inimigos, de restabelecer o consumo iam vencendo a democracia soviética que levara os bolchevistas ao poder. A burocratização correspondeu a um processo paralelo de perda de força do Soviet como representação da classe operária, que ia, aliás, desaparecendo rapidamente das cidades russas. Parte considerável morreu no campo de batalha e outra parte foi incorporada à estrutura estatal que era necessária recompor das cinzas da guerra civil. Foi assim que os russos se propuseram a iniciar a construção do socialismo.

1.2. A revolução mundial

Apesar de não ter se realizado o sonho da República dos Soviets pela revolução mundial, o processo que desestabilizara o czarismo na Rússia deixou marcas bem fortes fora do seu país de origem. Enquanto na Rússia a guerra civil opunha vermelhos e brancos, estes aliados às forças estrangeiras, nestas terras estrangeiras começava um período de estremecimento social. Em 1914, havia otimismo quanto à possibilidade de uma guerra rápida na Europa, mas em 1917, o continente estava cansado e com as feridas expostas. Os tradicionais partidos de esquerda como o Partido Socialista da França e o Partido Social-Democrata da Alemanha apoiaram a guerra. O correr dos acontecimentos deu força aos grupos políticos mais radicais. A revolução de outubro, nas palavras de Hobsbawm, fez com que os desejos de paz e revolução social se fundissem num só:

> Que uma revolução na Rússia teria repercussão internacional, sempre foi claro desde que a primeira revolução, de 1905-1906, abalara os antigos impérios sobreviventes da época, da Áustria-Hungria até a China, passando por Turquia e Pérsia. Em 1917 toda a Europa se tornaria um monte de explosivos prontos para ignição.[46]

[46] HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 66.

Em janeiro de 1918, uma onda de manifestações e greves políticas abalaram os Impérios Centrais. Começando por Viena, o descontentamento passou para a Boêmia e para a Dalmácia, onde os marinheiros se levantaram. À medida que a derrota ficava mais evidente, os exércitos se desmantelavam, voltando-se contra seus próprios governantes, como ocorreu com a Bulgária em setembro, onde uma república de curta duração foi proclamada. Em outubro o Imperador Francisco José da Áustria abdicou e em novembro Guilherme da Alemanha seguiu o caminho do seu "colega". Nestes dois países seriam proclamadas repúblicas, mas na Alemanha a questão não se limitou à troca de regime.

Formou-se, por pressão popular, um governo encabeçado por Ebert e Scheidemann, líderes do Partido Social Democrata (SPD). Tal governo continuou recebendo pressões da população e dos grupos mais à esquerda do espectro político, como o dos espartaquistas, mas não cedeu ao aprofundamento da revolução. Em janeiro de 1919, quando os operários tomaram Berlin, o governo socialdemocrata reprimiu duramente os socialistas radicais, agora organizados em um Partido Comunista, assassinando seus mais proeminentes líderes: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknicht[47]. Nesta reação também foi assassinado o presidente da República Socialista da Baviera, que havia sido proclamada em novembro, Kurt Eisner.

Em março levantou-se a Hungria, que proclamou uma república soviética sob comando de Bela Kuhn. No esforço por liberar seu território das tropas romenas e tchecas, os húngaros ajudaram a proclamar a República Socialista da Eslováquia. Este levantamento incentivou os bávaros a fazerem uma nova revolução, bem mais radical que a primeira. Tanto uma tentativa quanto a outra redundariam em massacres dos socialistas, na Hungria inclusive inaugurando-se a longa ditadura do marechal Horty de Nagebanya.

As maiores comoções revolucinárias ocorreram na Europa Centro-Oriental, mas a porção ocidental do continente não passou incólume, pois aí também ocorreram grandes mobilizações operárias. Na Alsácia-Lorena, coração da Europa Ocidental, foi proclamada uma república soviética de curta duração em novembro de 1918. A França e a Inglaterra foram agitadas por grandes greves, na Itália os trabalhadores tomaram o poder em várias indústrias do norte através dos Comitês de Fábrica.[48] Na Espanha houve uma

[47] ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999. pp. 25-30.
[48] DROZ, Bernard e ROWLEY, Anthony. *História do século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. pp. 190-191.

movimentação tão intensa que os anos de 1918-19 foram chamados de "biênio bolchevique".

Acreditando na possibilidade de uma revolução duradoura que se espalhasse pelo continente, os bolchevistas russos decidiram refundar a Internacional Socialista, já que esta estava dominada por tendências moderadas. A Internacional Comunista nasceu em Moscou, em 1919, para se tornar o estado maior da revolução mundial, coordenando os principais grupos revolucionários da Europa.

Apesar dos russos olharem esperançosamente para o continente europeu, o processo revolucionário também serviu de fonte de inspiração em outras partes do mundo, como na América Latina, onde o movimento operário sofria influência do socialismo e do anarquismo. Na Argentina, no Chile e no Uruguai a revolução russa provocou cisões nos Partidos Socialistas locais, de onde se formaram, no começo dos anos 20, os primeiros Partidos Comunistas da região. Na Argentina, a revolução de outubro e o bolchevismo empolgaram a principal central sindical anarquista do país, a Federación Obrera de la República Aregentina, mas este entusiasmo também foi motivo de sérias dissidências a partir de 1920[49]. No México, ainda sob o clima político da revolução mexicana, várias tendências de esquerda se agruparam em um partido comunista, em 1919, sob influência de um militante nacionalista indiano, Manabendra Nath Roy[50]. Em Cuba, os trabalhadores das plantações de tabaco, sob influência de anarquistas como Alfredo Lopez, se reuniram em Soviets, chegando a ser organizado em Havana, um Congresso dos Soviets da República de Cuba.

A revolução russa ia sendo recebida de forma diferente em cada país. No Brasil ela também causou impacto, mas como aqui os partidos socialistas eram de modo geral efêmeros ou pequenos demais, suas conseqüências foram mais claras no movimento operário, que no período era controlado principalmente pelos anarquistas. No ano de 1917 uma onda de greves e manifestações operárias sacudiu o país, mas sob o peso da repressão ou do apelo nacionalista com a entrada do Brasil na Primeira Guerra, o movimento arrefeceu. No fim do ano de 1918 o movimento seria retomado com mais força. No Rio de Janeiro a Aliança Anarquista, associação que coordenava os grupos libertários da Capital

[49] ALBA,Víctor. *Historia del movimiento obrero en América Latina*. México: Libreros Mexicanos Unidos, 1964. pp.350-352.
[50] GÓDIO, Júlio. *História del movimiento obrero.* México: Nueva Imagen. 1983, 2 v. pp.91-102.

Federal, onde militavam importantes figuras como Astrojildo Pereira e José Oiticica, decidiu preparar uma insurreição para derrubar o governo e instalar no Brasil uma República Soviética de Operários. O plano era deflagrar uma greve revolucionária, invadir o Palácio Presidencial e tomar a Intendência de Guerra, para armar os trabalhadores e controlar o Rio de Janeiro. O plano foi descoberto por traição do tenente Elias Ajus. Em 18 de novembro a revolta degringolou em batalhas campais nos bairros operários do Rio, os operários foram reprimidos e inúmeros anarquistas acabaram presos[51].

Além desta tentativa de revolta, surgiram da militância operária várias associações que se identificavam com a Rússia Soviética. No Rio Grande do Sul apareceram em 1918 a União Maximalista de Porto Alegre, a Liga Comunista de Santana do Livramento e o Centro Comunista de Passo Fundo. Em Cruzeiro, município paulista entre o Rio de Janeiro e São Paulo, Hermogêneo Silva fundou a União Operária 1º de Maio em 1917, organização que se tornaria um dos núcleos formadores do PCB em 1922. Em Alagoas apareceu a Congregação Libertadora da Terra e do Homem em 1918. Em Recife organizou-se um Círculo de Estudos Marxistas e a Universidade Popular surgiu em 1919. Além das associações operárias, são formados também no período alguns partidos socialistas: em 1917 jovens intelectuais fundam o Partido Socialista Brasileiro no Rio de Janeiro, em 1918 é fundado o Partido Socialista do Ceará e em 1920 é fundado o Partido Socialista da Bahia. Estes não vão necessariamente se identificar com a revolução russa: o Partido Socialista Brasileiro, por exemplo, seguia a linha do Partido Socialista Francês e da social democracia alemã, sendo crítico do bolchevismo, defendendo a idéia que ele fracassaria no Brasil.

Um Partido Comunista seria organizado, em março de 1919, na Capital Federal pela Aliança Anarquista, a associação responsável pela insurreição de novembro do ano anterior. Subseqüentemente foi formada a Liga Comunista Feminina e surgem diversos núcleos do partido nos bairros suburbanos do Rio. Este grupo de militantes lançou também o jornal *Spartacus*, com uma tiragem inicial de 4000 números, passando depois para 6000. Em São Paulo os anarquistas que tinham como expressão principal o jornal *A Plebe*

[51] MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil.* São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.157-200.

formaram uma Liga Comunista, que se transformou em um Partido Comunista, à semelhança do que fora feito na Capital.

Como já existissem núcleos comunistas suficientes em diversas partes do país, foi convocada uma Conferência Comunista a ser realizada nos dias 21, 22 e 23 de junho no Rio de Janeiro, para fundar o Partido Comunista do Brasil (a última reunião teve de ser transferida para Niterói, pois a polícia dissolveu o congresso). Participaram 22 delegados de Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Estado do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

Aprovou-se uma base de acordo simples, em sete pontos, declarando-se o partido aberto aos socialistas, anarquistas e a todos que aceitassem o comunismo social. Como tentativa de explanação das idéias que os organizadores do PCB consideravam comunistas, Antônio Nazianzeno Candeias Duarte e Edgar Leuenroth escreveram *O que é maximismo ou bolchevismo - o programa comunista.* Este era um esboço constitucional inspirado em alguns pontos estabelecidos pelo III Congresso dos Soviets de janeiro de 1918 para uma república comunal, organizada em conselhos e gerida pelos trabalhadores. Nos termos de Moniz Bandeira *"Era todo um princípio de organização, em que se entrelaçavam idéias libertárias e inovações da ditadura do proletariado na Rússia"*[52].

O ano de 1919 marcou o ápice das mobilizações operárias no Brasil. Manifestações e paralisações violentas ocorreram em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul, tendo como resultado o fechamento de associações, prisões arbitrárias e deportações de líderes operários para fora do país. Uma nova tentativa de insurreição em São Paulo foi sufocada e em 20 de outubro se iniciam choques violentos entre grevistas e a força pública: ocorrem espancamentos e a redação d'*A Plebe* é destruída por estudantes e policiais. O quadro se repetiria em outros estados.

Em 1920 importantes greves ainda são deflagradas, principalmente na Bahia e em Pernambuco, mas já se sente um declínio das mobilizações. Para Moniz Bandeira se iniciam aí as divergências entre comunistas e anarquistas, que dividiriam o movimento operário posteriormente, com *A Plebe* de São Paulo, por exemplo, já tecendo duras críticas ao bolchevismo em dezembro daquele ano. Para o autor estavam se conformando tendências que se cristalizariam na formação do PCB de 1922.

[52] MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Op. Cit. pp. 229-230.

E quanto ao Rio Grande do Sul? O que estava acontecendo aqui, enquanto tudo isso se passava no Brasil, na Rússia e no mundo? O que vou fazer agora é examinar como no Rio Grande do Sul estas referências serviam aos operários organizados. Caberá também verificar se a revolução ou as informações que dela chegaram até aqui, serviram para promover formas diferentes de agir e de pensar do movimento operário, qual relação havia entre os grupos que defendiam os princípios da revolução russa e sua atuação dentro do movimento operário. Para isso se faz necessário penetrar os liames das lutas operárias, enfeixar os acontecimentos, ver na perspectiva das relações internas da classe e sua postura diante dos grupos dominantes o que a “grande revolução” significou para estes homens e mulheres.

2. *"HOSANNA, HOSANNA FILHA DA JUSTIÇA QUE VENS PARA NÓS EM NOME DA LIBERDADE"*[53]*:* a experiência operária no Rio Grande do Sul e as primeiras interpretações da revolução russa pelos trabalhadores organizados do estado

Neste capítulo pretendo analisar os primeiros impactos da revolução russa no Rio Grande do Sul, mas para que eles sejam mais bem compreendidos, inicialmente farei um breve histórico das experiências organizativas dos operários do estado, as características das disputas ideológicas que foram se conformando entre estes grupos e as diferenças entre o desenvolvimento do movimento operário nas principais cidades industriais do estado.

Este histórico não é apenas um exercício de rememoração ou a necessidade de estabelecer um contexto, como adverti no capítulo anterior; mas se torna importante para esclarecer as tradições de militância que haviam se formado no Rio Grande do Sul no final do século XIX e no início do século XX. Compreendendo-se melhor estas tradições, que eram referências para os trabalhadores organizados, pode-se chegar mais perto das lógicas que guiavam as interpretações que aqueles militantes deram aos acontecimentos da Rússia revolucionária.

Desta forma, como já observei na Introdução, as idéias da revolução russa vão circular em um ambiente informado por estas tradições de militância, o que permite ver as imagens e as esperanças dos militantes em uma nova sociedade como interpretações possíveis e não como uma "iluminação" oriunda de idéias novas ou de enganos em relação a um ideário original.

2.1. A trajetória do movimento operário e suas características nos primeiros anos da revolução russa.

No período em que as notícias sobre a revolução russa começaram a chegar ao Rio Grande do Sul o movimento operário era predominantemente influenciado pelos anarquistas, mas a maior federação sindical do estado, a Federação Operária do Rio Grande do Sul, não se encontrava atuante. Em outros lugares também havia uma letargia entre as

[53] Trecho do artigo *Rússia*, publicado no *A Luta*, de 28 de março de 1918.

organizações operárias, até que uma série de acontecimentos no ano de 1917 mudaria radicalmente este panorama, levando os militantes a uma intensa movimentação. Tanto para compreender a formação das tradições militantes, quanto para se compreender este momento em que as notícias da revolução chegam até aqui, é necessário fazer uma digressão no tempo a fim de estabelecer que jogo de forças havia entre as associações e que linhas políticas elas seguiam.

No fim do século XIX uma tendência política era dominante entre as associações de operários organizados, o socialismo. O socialismo no Rio Grande do Sul se inspirava na social-democracia alemã, se destacando entre suas lideranças operários como Francisco Xavier da Costa em Porto Alegre e Antônio Guedes Coutinho na cidade do Rio Grande. Os primeiros anos da República são marcados pelo esforço dos socialistas para criar associações operárias, seguindo o modelo europeu de organização. Surgiram assim na década de 1890, em Porto Alegre, a Allgemeiner Arbeiter Verein dos operários alemães e a Liga Operária Internacional, enquanto em Rio Grande apareciam a Liga Operária e a União Operária. Partidos Socialistas também foram fundados em Porto Alegre e Rio Grande. Este último, a propósito, chegou a participar do pleito para conselheiro municipal em 1897, onde a eleição deu a vitória ao seu candidato (com um número pequeno de votos), mas esta eleição acabou sendo impugnada pelo poder republicano[54].

Até o início do século XX, como se pode ver, haverá uma predominância da influência socialista no movimento operário, sendo que os anarquistas aparecem de forma mais tímida, marcadamente na fundação da União Operária Internacional de Porto Alegre em 1902. Este quadro começa a mudar a partir da conjuntura de 1906. Neste ano aconteceu o 1º Congresso Operário Brasileiro (COB) em abril, que foi o responsável por uma maior difusão das idéias anarquistas no país. Em Porto Alegre, os operários anarquistas fundaram o Jornal *A Luta*, que seria a partir deste momento o principal veículo propagador destas idéias, fazendo polêmica com o jornal *A Democracia*, editado pelos socialistas. Além do jornal, fundado em 13 de setembro, os operários anarquistas também abriram nesse ano um

[54] Este fato é descrito em PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do movimento operário do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992. pp. 96-103.

curso noturno, a Escola Eliseu Reclus. Neste período, entre os libertários, destacavam-se os militantes Jesus Rey Gil, Stephan Michalsky e Polidoro Santos[55].

Os principais pontos de diferença entre os anarquistas e os socialistas se relacionavam com o estado e com a organização dos trabalhadores: os socialistas insistiam na importância da formação de partidos para a luta política dos operários, o que não excluiria uma eventual aliança com o governo, além de dar importância em seus programas para a regulamentação das relações de trabalho e a difusão do ensino básico e profissionalizante; os anarquistas, por seu turno, não aceitavam nenhum tipo de aliança com o poder constituído, dando ênfase à luta econômica e à ação direta, sendo que na educação tentaram fundar escolas que fossem organizadas pelos próprios trabalhadores[56].

Apesar desta distinção ser importante, deve-se fazer algumas ressalvas quando se fala do caráter anarquista ou socialista desta ou daquela associação e de seus membros. Quando o pensamento social europeu foi se difundindo no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, essas idéias sofreram uma série de adaptações e apropriações; mesmo que algumas lideranças tivessem em mente uma divisão clara e até nutrissem certo repúdio por uma tendência adversária, isto muitas vezes não era claro para todos os militantes. Como coloca Isabel Bilhão no seu livro *Rivalidades e solidariedades no movimento Operário:*

> É importante salientar que, apesar de largamente difundidas na historiografia rio-grandense, a divisão dos primeiros grupos operários em anarquistas e em socialistas não pode ser feita sem algumas reservas pois, em geral, o conjunto dos trabalhadores que participam da organização operária porto-alegrense não tem suas fronteiras de atuação tão claramente demarcadas.[57]

Além disso, as organizações anarquistas e socialistas convergiam em muitos pontos, como a defesa do recurso à greve como meio de luta e as críticas contra a burguesia industrial e a oligarquia em geral. Um outro ponto que torna mais complicado delimitar o campo de atuação destas tendências é o local onde elas atuavam, que eram os sindicatos.

---

[55] Ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. pp. 188-193.
[56] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit. pp. 210-216.
[57] BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário*. (Porto Alegre 1906-1911). Porto Alegre: Edipucrs. p. 22.

Apesar das efêmeras aparições de partidos operários, era nas organizações sindicais que estes grupos disputavam a hegemonia do movimento.

> As relações das associações operárias com os grupos de orientação política- fossem anarquistas ou socialistas- eram informais: não são os sindicatos que subscrevem programas de grupos políticos, mas as lideranças desses sindicatos. Esse seria o meio de tentar resguardar a neutralidade política das associações operárias.[58]

Pelos motivos expostos, observa-se que nestes primeiros momentos existia certa dificuldade para demarcar os pesos das diferentes correntes políticas no movimento operário e muitas vezes elas se entrecruzavam. Talvez por isso a dinâmica das associações que se declaravam anarquistas ou socialistas seguiu caminhos particulares conforme os diferentes centros de militância operária. Em Porto Alegre, um marco fundamental para esta dinâmica foi a greve de 1906, em que por iniciativa de líderes socialistas como Carlos Cavaco e Xavier da Costa, foi fundada a Federação Operária do Rio Grande do Sul, reunindo as principais entidades da capital[59]. Esta greve marcou também os primeiros desentendimentos entre socialistas e anarquistas, que se agravariam em 1907, com o embate entre José Rey Gil e Xavier da Costa pelas páginas d'*A Luta* e d'*A Democracia* respectivamente.

Outro ponto de discordância foi a aproximação dos socialistas do governo estadual dominado pelo Partido Republicano Riograndense, como aconteceu nas negociações da Intendência com a FORGS para a construção o Atheneu Operário. Para os anarquistas isso era *"chafurdar na lama da política"*. A pressão dos libertários dentro do movimento operário resultou na eleição de Luiz Derivi para Secretário-Geral da entidade e este, apesar de não se contrapor em um primeiro momento à influência de Costa, vai permitir a entrada de anarquistas para a direção da Federação. À medida que os anarquistas iam galgando postos, os socialistas foram se afastando da associação. Em 1911 os jornais da capital noticiavam a criação de uma nova entidade operária, a Confederação Geral dos Trabalhadores, formada por entidades desligadas da FORGS e que recebiam influência dos

[58] SILVA JR. Adhemar Lourenço. A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário (188?-1925). *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v.22, n.2, dez.1996. p.12-13.
[59] Para as informações sobre a greve ver: SCHMIDT, Benito B. *De mármore e de flores*. A primeira greve geral do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005; BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário. (Porto Alegre 1906-1911).* Porto Alegre: Edipucrs, 1999. pp. 42-66, e PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit. pp. 193-216.

socialistas. Esta CGT durou pouco tempo, não influenciando no desenvolvimento posterior do movimento.

Com o controle da FORGS pelos anarquistas, os socialistas perderam um espaço valioso de atuação e a partir daí sua influência diminuiu consideravelmente. Francisco Xavier da Costa completou sua aproximação com a política republicana sendo eleito, em 1912, Conselheiro Municipal pelo Partido Republicano Riograndense. Mesmo assim não se pode considerar a perda de força dos socialistas ou a cooptação do seu principal líder pelos republicanos, como o fim da sua influência no movimento operário, como se houvesse uma superação desta corrente pela anarquista[60].

O período que segue a esta extensão de influência anarquista à Federação Operária é marcado por uma dinamização das atividades, incluindo a promoção de manifestações antibélicas por ocasião da deflagração da Guerra Mundial em 1914. Incentivou-se a criação de escolas operárias e a promoção de atividades culturais, mantendo-se um contato maior com as entidades do interior do estado e de outras partes do país. O relatório enviado à Confederação Operária do Brasil (COB) em 1913, por ocasião de seu congresso no Rio de Janeiro, informa que na Federação Operária do Rio Grande do Sul atuavam 20 entidades, da capital e de cinco cidades do interior**;** também listavam as organizações com quem a Federação mantinha relações de amizade: 50 associações oriundas de 26 localidades[61].

Esta trajetória do movimento operário de Porto Alegre, marcada pela rivalidade entre anarquistas e socialistas, pela aproximação do maior líder destes ao partido dominante e pela proeminência de uma entidade aglutinadora como a FORGS, não resumia o que acontecia no estado. Outras cidades também tinham importantes tradições de luta tão ou mais antigas que as da capital. Entre estes centros seria importante destacar duas cidades da zona sul do estado: Rio Grande e Pelotas[62].

Em Pelotas o movimento operário remonta aos anos finais da monarquia e ao início da república, tendo sido marcada esta época pela fundação da Liga Operária em 1890. A associação era constituída por operários e patrões, sendo hegemonizada por políticos do

[60] BILHÃO, Isabel. Op. Cit. p. 78.
[61] *Relatório da Federação Operária do Rio Grande do Sul ao Congresso Operário do Rio de Janeiro.* Porto Alegre, 30 ago. 1913. APUD: PETERSEN, Sílvia e Lucas. LUCAS, Maria Elizabeth da Silva. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937).* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. pp.164-172.
[62] As informações sobre a história do movimento operário de Pelotas e Rio Grande foram retiradas de LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).* Pelotas: UFPel, 2001.

Partido Republicano. Esta forma de organização provocou sérios conflitos internos com os socialistas que atuavam na Liga, sendo estes expulsos ou tendo se afastado ao longo do tempo. Este quadro só começou a ser revertido a partir de 1905, com a fundação de uma União Operária em que se tentava delimitar um caráter claramente classista para a admissão de seus membros, afastando-se da Liga, que se tornava cada vez mais burguesa. A União não tinha uma posição ideológica claramente definida, apesar de acenar para um programa socialista. Para sua fundação concorreram, além dos socialistas, imigrantes, militantes negros e anarquistas. A importância desta associação está no caráter classista que teve desde o início, demarcando um território para a atuação de diversas categorias de trabalhadores, desvinculando-os da influência dos patrões, que estavam proibidos de ingressar na nova associação.

Foi exatamente a União Operária que organizou as principais mobilizações operárias no início da década de 10, como a luta pelas oito horas de trabalho ou a campanha contra carestia. Nestes anos o movimento tornou-se mais ativo, e um dos motivos para que isso acontecesse foi uma reorientação ideológica interna à Liga Operária. A partir de 1911 a Liga passou a sofrer uma série de crises que culminaram pela aceitação do sindicalismo revolucionário como meio de luta, em 1913-1914, quando a entidade estabeleceu definitivamente seu caráter de associação de ofícios vários. O mais provável é que esta guinada tenha sido fruto da necessidade que a nova conjuntura apresentava, de uma posição mais radical em relação à colaboração de classes. Além do mais, houve um afluxo de militantes vindos de fora da cidade como Alberto Lauro, Zenon de Almeida e Anastácio Gago Filho, expulsos de seus locais de origem e que encontraram em Pelotas um campo mais livre para seu trabalho.

Apesar da orientação anarquista que os militantes deram à Liga a partir de 1913 e da orientação socialista de alguns dirigentes da União, estas entidades trabalharam juntas nas grandes mobilizações de classe, o que difere do acontecido em Porto Alegre, onde militantes destas duas correntes promoveram uma intensa disputa de poder. Pode-se até pensar no papel dos republicanos na organização operária nas primeiras décadas em Pelotas, o que pode ter criado um adversário mais forte a ser batido fora das fileiras operárias. O relacionamento com os grandes partidos havia se construído de forma diferente de Porto Alegre, o que deve ser um dos elementos para explicar outra

particularidade deste centro: o papel que um jornal popular como *O Rebate,* editado pelo federalista Frediano Trebbi, teve como porta- voz dos militantes da Liga. Isto mostra que a relação entre as associações operárias e destas com os grupos políticos dominantes não seguiam um só padrão para todo o estado.

Enquanto Pelotas teve na Liga e na União entidades marcantes, em Rio Grande destacou-se uma associação muito mais ampla e que permaneceria ativa por toda a República Velha: a Sociedade União Operária (SUO), fundada em 1893. Havia na cidade também um grupo socialista cuja principal figura era o militante Antônio Guedes Coutinho[63]. Estes militantes tinham uma posição mais resoluta em relação aos conflitos sociais que os dirigentes da SUO, mas isto não impediu que estes socialistas, em certas ocasiões, mostrassem simpatias à política partidária, como em algumas eleições onde apoiaram candidatos federalistas.

Este apoio não deve ser estranhado partindo dos socialistas, pois se deve ter em mente que estes militantes, tanto os de Rio Grande quanto os de Pelotas e Porto Alegre, bebiam de uma fonte teórica muito variada, típica da II Internacional. O grupo socialista de Pelotas era mais fechado e mais agressivo, enquanto o grupo de Rio Grande apontava para interpretações mais amplas, nutrindo certas simpatias por membros da burguesia. Os socialistas de Rio Grande, além disto, também recebiam uma forte influência do socialismo positivista de Enrico Ferri e Benoit Malon, o que já indica a importância do porto como via de entrada das idéias em voga na Europa e na região do Prata[64].

Mas o papel do porto na cidade de Rio Grande não se restringiu apenas ao de difusor de idéias. As condições particularmente difíceis de trabalho e sua facilidade de comunicação com outros portos fizeram dos portuários uma das linhas de frente da mobilização operária na cidade. Estes trabalhadores começaram a se organizar na primeira década do século XX. Sua mais importante associação surgiu em 1906, foi a União dos Trabalhadores da Estiva, que estava sob influência anarquista. A Sociedade União Operária, contrariamente, ia se tornando cada vez mais burocratizada, apesar de ter

[63] Sobre este militante ver SCHIMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul. Antônio Guedes Coutinho. (1868-1945).* Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS. 2000.
[64] Um exemplo interessante do socialismo vigente no sul do estado e sua heterogeneidade pode ser visto nas concepções de Guedes Coutinho que se dizia influenciado por Tolstoi, Turatti, Paul Lafargue, Max Nordau, Eliseu Reclus, Achile Lória, Karl Marx, Lombroso, Lassalle, Proudhon entre outros. Ibidem. p.75.

avançado na compra de sua sede própria e ter participado de mobilizações populares, como a feita pela abertura da Barra do Rio Grande. A organização burocrática e a tendência a colaboração com os poderes constituídos refrearam o dinamismo desta associação, fazendo com que fossem barrados projetos para mudar sua orientação.

Esta tendência da Sociedade União Operária foi aprofundando-se ao longo do tempo. Como ela era uma entidade operária de tradição na vida da cidade, muitos militantes de outras associações participavam dela, o que era uma fonte de conflito permanente. A União Operária quase sempre optava pelo caminho legal e pacífico, isso fez com que ela não sofresse qualquer retaliação por parte dos poderes locais. A forma de tratamento era bem diferente no caso da União dos Trabalhadores da Estiva. Esta teve sua sede fechada e depredada em 1913, no final da greve dos estivadores, só podendo reorganizar-se um ano depois. A União dos Trabalhadores da Estiva era filiada à FORGS e à Confederação Operária Brasileira (COB), mantendo o jornal *A Voz da Estiva.* A sua capacidade de mobilização extrapolava sua categoria e ela aparecereu em diversas greves conjuntas a outras associações portuárias. Pode-se acreditar que esta tenha sido a mais importante entidade defensora de um sindicalismo revolucionário até que os libertários organizassem, em 1916, a Confederação Operária de Rio Grande, que seria a principal central anarquista de ofícios vários até o aparecimento da União Geral dos Trabalhadores (UGT), em 1919[65].

Apresentei até agora as características das principais correntes políticas do movimento operário do Rio Grande do Sul. Também dediquei algumas páginas para contar um pouco da história do movimento operário dos três principais centros de militância do estado. Acredito que este breve exercício de recapitulação será útil para entender o período que pretendo abordar agora, propriamente a fase em que o movimento operário recebe o impacto da revolução russa, a partir de 1917. Mas quais eram as condições vividas por este movimento operário, de longa tradição e diversificada experiência, neste momento histórico?

Este período que se inicia em 1917 e vai até o início dos anos 20, em que a revolução russa eclode e sua influência se espraia para outros países, é considerado também o momento de mais intensa mobilização por parte das organizações operárias na República

[65] LONER, Beatriz Ana. Op. Cit. pp.175-183 e 200-210.

Velha. As grandes greves e a intensificação de lutas por bandeiras históricas, como as 8 horas de trabalho, ou por novos objetivos, como a formação de um Partido Comunista, fizeram com que o movimento operário alcançasse uma posição de destaque na vida política dos principais centros urbanos do país, assustando os industrialistas e os fazendeiros que governavam a nossa república oligárquica.

Para se compreender melhor este período, deve-se voltar um pouco no tempo para observar como evoluíram as condições de vida da classe operária brasileira e as condições nas quais atuaram os trabalhadores organizados. O movimento operário em algumas partes do Brasil, entre elas o Rio Grande do Sul, havia experimentado uma ascensão no início da década de 10. Aqui, como foi mostrado, isto correspondeu à tomada da FORGS pelos anarquistas, à reativação da Liga Operária de Pelotas e a intensificação da propaganda libertária contra a carestia de vida e contra a Grande Guerra; mas este momento ascensional foi interrompido pela própria guerra, que teve um efeito muito perverso sobre as condições de vida da classe operária.

O preço dos produtos de exportação caiu, estancaram-se as entradas de investimentos estrangeiros, obras públicas foram paralisadas; este cenário de recessão trouxe para as classes populares uma diminuição no número de empregos, a redução dos salários e a perda das parcas conquistas adquiridas no período anterior. Sob estas condições, a atividade sindical se retraiu e se desorganizou, perdendo as associações operárias a força de mobilização que antes haviam conseguido manter[66].

No ano de 1916 já haviam sido registradas várias greves parciais no Rio Grande do Sul, mas foi em 1917 que se abriu efetivamente uma nova conjuntura no movimento operário, com um fôlego de mobilização que duraria muito tempo. As causas desta movimentação podem ser encontradas em vários fatores. Um dos principais foi o agravamento das condições de vida dos trabalhadores durante a Guerra, o que pode ser percebido nas próprias palavras de ordem dos participantes das mobilizações de 1917, que tinham como principal objetivo a luta contra carestia de vida. A exportação de produtos básicos como trigo, arroz, feijão, café, banha e carne congelada para os países beligerantes, tornavam os alimentos mais raros no mercado interno, provocando uma alta de preços. A

[66] Para o período que antecedeu ao cliclo de grandes greves ver: FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social.* São Paulo: DIFEL, 1977. p.157 e BATALHA. Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na primeira república.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 48-49.

crise econômica e a dificuldade de importar produtos da Europa também ajudavam a elevar os preços dos alimentos e a inflação corroia os salários, que não eram repostos, já que o movimento operário se via paralisado.

Mesmo havendo uma queda no padrão de vida da população, a atividade industrial vinha experimentando uma recuperação. As importações do Velho Continente não podiam ser mantidas no mesmo nível de antes da guerra, já que a indústria européia sofria com a reconversão de seu parque industrial para fins militares e com a necessidade de atender os exércitos em atividade; assim, a burguesia brasileira viu-se na necessidade dela mesma suprir o mercado interno, tendo início uma fase de substituição de importações[67].

Muitos produtos que eram comprados na Europa com o lucro das exportações agrícolas passaram a ser produzidos no Brasil; no caso do Rio Grande do Sul, chegaram mesmo a ser fundadas novas indústrias, como a dos frigoríficos, para abastecer o mercado externo. Por conseqüência, o emprego industrial voltou a crescer, crescendo também as concentrações de operários nas principais cidades. Apesar desta expansão, os salários dos trabalhadores não retornaram aos patamares anteriores à guerra, possibilitando grandes lucros aos empresários industriais, enquanto os trabalhadores continuavam em condições extremamente difíceis. Esta combinação explosiva, de um operariado cada vez mais numeroso, enfrentando condições de vida cada vez mais precárias, preparou o terreno para a grande mobilização dos anos vindouros.

Não obstante a isso, as condições da economia por si só não são suficientes para explicar o grau de mobilização no Rio Grande do Sul e no Brasil entre 1917 e 1920. Não foi apenas este movimento de expansão-retração que ditou as características das lutas da classe operária naquele período histórico; se a grande movimentação respondesse somente a esta dinâmica, poder-se-ia dizer que o operário é uma continuação da máquina, possuindo um dispositivo que ora acende, ora apaga, conforme o ritmo mais propício da atividade industrial para o despertar da consciência de classe. Tomando de emprestado a resposta que Marx deu ao editor do periódico russo *Otiechéstvennie Zapiski*, sobre as características do

[67] Simonsen afirma que apesar de ser incorreto dizer que a indústria no Brasil se origina na guerra, ela teve pronunciada influência no seu desenvolvimento posterior, por ter provocado uma intensa diversificação na fabricação de produtos. A impossibilidade de contar com os fornecedores europeus estimulou o nascimento de uma multiplicidade de pequenas indústrias, que se desenvolveram principalmente em São Paulo. SIMONSEN. Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP. 1973. p. 20.

desenvolvimento social russo em relação ao modelo europeu, podemos dizer que:

> [...]acontecimentos notavelmente análogos, mas que ocorrem em meios históricos diferentes, conduzem a resultados totalmente distintos. Estudando por separado cada uma destas formas de evolução e comparando-as em seguida, pode-se encontrar facilmente a chave deste fenômeno, mas nunca se chegará a ele mediante o passaporte universal de uma teoria histórico-filosófica cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica. [68]

Os fenômenos estruturais que se verificam no fim dos anos 10 são muito propícios aos levantamentos operários, assim como aconteceram episódios similares de carestia e expansão de mão-de-obra em outros momentos da história; acredito, entretanto, que a explicação das especificidades daquele período só podem ser encontradas aguçando os olhos para os fatores excepcionais que não mais se repetiram nos anos seguintes.

Em território rio-grandense, as mobilizações começaram em março de 1917, com a greve dos calceteiros de Porto Alegre, que teve um fim trágico e foi violentamente reprimida. Na capital, entretanto, o movimento mais intenso e mais organizado aconteceu na metade do ano. Os anarquistas que estavam afastados da FORGS reativaram a União Operária Internacional e prepararam uma mobilização contra a carestia de vida. Este havia sido o principal motivo das greves deflagradas em Curitiba e São Paulo. Na capital paulista formou-se um Comitê de Defesa Proletária para organizar a greve, dirigido principalmente por anarquistas. A paralisação mobilizou de 25000 a 45000 pessoas e o referido Comitê tentou unificar os trabalhadores em torno de reivindicações comuns[69].

Em Porto Alegre a ação anarquista resultou em algo parecido, na fundação de uma Liga de Defesa Popular, fora do âmbito da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Este

---

[68] sucesos notablemente análogos pero que tienen lugar en medios históricos diferentes conducen a resultados totalmente distintos. Estudiando por separado cada una de estas formas de evolución y comparándolas luego, se puede encontrar fácilmente la clave de este fenómeno, pero nunca se llegará a ello mediante el pasaporte universal de una teoría histórico-filosófica general cuya suprema virtud consiste en ser suprahistórica. (Extrato retirado do site *http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/m1877.htm.)* Arquivo consultado em 5 de maio de 2007.

[69] Sobre esta greve ver: LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito de Revolta: a greve geral anarquista de 1917.* São Paulo: Anablume, 2000, além de FAUSTO, Boris. Op. Cit. p. 198 e BATALHA, Claudio Henrique de Morais. Op. Cit. pp. 50-52.

foi o comitê que comandou as movimentações resultantes da greve[70]. É muito provável que tenha havido influência direta dos anarquistas paranaenses e paulistas para levar a cabo esta ação, já que estavam presentes delegados destes estados quando da fundação do organismo. A paralisação durou de 31 de julho a 4 de agosto; neste período boa parte da produção da cidade foi interrompida e os operários chegaram a impedir a circulação de carros, permitindo que apenas aqueles sob salvo-conduto da LDP trafegassem. A greve teve fim pela desmobilização de uma parte dos operários, depois que algumas reivindicações foram atendidas por Borges de Medeiros e pelo Intendente José Montaury.

Depois da greve, a Liga de Defesa Popular não foi dissolvida. Ao contrário, muitos membros da Federação Operária passaram a atuar nela, mas os anarquistas que haviam organizado a greve não conseguiram estabelecer sua liderança dentro do movimento operário. Líderes moderados, influenciados por socialistas, tiveram um papel mais relevante e suplantaram os libertários na FORGS e na Liga. Temas como a construção de um Ateneu Operário e de um Tiro de Guerra, sob patrocínio da Intendência Municipal, passaram a ser discutidos sob os auspícios do conselheiro republicano Xavier da Costa, que outrora havia sido membro do Partido Socialista e que ainda tinha dentro do movimento operário considerável influência[71]. Tudo isso desgastou as relações entre os anarquistas que se agrupavam na União Operária Internacional e a FORGS, tendo a União se desligado da Federação em inícios de 1918; além do mais, os dirigentes da Federação moveram uma campanha de difamação contra a União Operária Internacional e seus líderes, tendo como motivo a aceitação de um emprego público por um dos membros desta associação. Neste ambiente de cizânia e ataques mútuos é que reapareceu o jornal *A Luta*, em março daquele ano, para ser porta voz dos anarquistas contra os socialistas moderados e os dirigentes da FORGS. No mês de maio estes mesmos libertários formariam a União Geral dos Trabalhadores, para abrigar as associações sob sua influência que desejavam se desligar da FORGS.

---

[70] Sobre a greve, entre outros, ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. pp.328-326.

[71] Xavier da Costa era muito próximo de alguns líderes da LDP, como Vigo Collin, que inclusive era seu alfaiate e o tomava como modelo. SCHIMIDT, Benito Bisso. *Em busca da Terra da Promissão*. A história de dois líderes socialistas. Porto Alegre, Palmarinca, 2004.

Em Pelotas, do dia 9 ao dia 17 de agosto, também ocorreu uma greve geral. Esta foi organizada conjuntamente pela Liga Operária e pela União Operário, tendo como modelo a greve de Porto Alegre. Nesta cidade formou-se uma Comissão de Defesa Popular, com representantes das principais categorias de trabalhadores, tendo sido entregue aos patrões e posteriormente ao prefeito um memorando que pedia um aumento de 25% nos salários dos operários e a regulamentação da jornada de 8 horas de trabalho. Visando atender a população em geral, pedia-se também o tabelamento de gêneros e a proibição do açambarcamento. A greve alastrou-se rapidamente, ultrapassando o círculo dos trabalhadores organizados. No fim do dia em que o movimento foi deflagrado, a cidade se encontrava agitada e a situação era incerta.

Neste clima tenso deu-se o confronto entre os policiais e os grevistas, estes últimos reunidos na Liga Operária, tendo como resultado a morte de um apoiador da Comissão de Defesa Popular, além de muitas pessoas feridas. Depois do incidente o governo do estado apressou-se em contornar a situação e enviou o Chefe de Polícia estadual para mediar a greve. A FORGS também enviou um representante para apoiar os membros da Comissão. Apesar da violência, a greve terminou com um saldo positivo para os operários, com a maior parte das exigências atendidas[72].

Em Rio Grande, onde o movimento se encontrava menos organizado, não houve greves de vulto neste período; mas foi registrada em Bagé, cidade da campanha gaúcha, a mobilização de operários, reunidos sob a Liga Operária local, em um comício para redigir um memorial ao intendente protestando contra a carestia[73]. Não existem muitas informações sobre o contexto em que se deu este apelo, mas pode-se ligá-lo aos movimentos reivindicatórios de Porto Alegre e Pelotas, que também adotaram a fórmula de reunir os operários para dirigir-se aos poderes municipais em busca de soluções para o problema do custo de vida.

Outra greve importante e que por motivos de organização da produção atingiu várias cidades gaúchas, foi a dos ferroviários. Ela iniciou-se no mesmo período que a greve de Porto Alegre, mas teve seu recrudescimento em outubro. Suas reivindicações eram de pagamento de salários atrasados, aumento salarial e a demissão de Mr. Cartwright,

[72] LONER, Beatriz Ana. Op. Cit. pp. 308-312.
[73] *A Plebe*. São Paulo, p.3, 13, ago, 1917.

administrador da ferrovia, que era controlada pela empresa belga *Compagnie Auxiliare.* A greve teve o apoio da opinião pública, que não considerava eficiente os serviços da *Compagnie Auxiliar;* do comércio, a quem interessava um transporte eficiente e do próprio governo Borges de Medeiros. Aconteceram confrontos entre o exército e os grevistas e locomotivas foram depredadas em Santa Maria, principal entroncamento ferroviário do estado. O fim desta greve só ocorreu quando o Brasil declarou guerra ao Império Alemão e neste contexto a ferrovia pôde ser encampada. Nesta greve Borges de Medeiros também se reuniu com os representantes dos grevistas e na reunião decidiu-se que os operários teriam aumento de salário, jornada de 8 horas de trabalho e uma política de assistência. Cartwright acabou demitindo-se, o que era uma das principais exigências dos ferroviários para voltar ao trabalho[74].

Nesta primeira onda de greves as associações operárias de Porto Alegre e Pelotas formaram organismos de defesa dos trabalhadores para resolver os problemas dos baixos salários e da excessiva carga de trabalho, mas principalmente da carestia de vida. Estas Ligas paralisaram a vida das cidades, obtendo legitimidade para negociar com o governo do estado. Foi esta uma das primeiras tentativas, depois de anos de apatia, para estabelecer uma ação por parte dos militantes dentro da classe operária e das classes populares; mas em um caso como o de Porto Alegre este processo culminou, contraditoriamente, com o estabelecimento de uma influência mais direta por parte do governo e de sindicalistas moderados no movimento operário.

Miguel Bodea apresenta as ações de Borges de Medeiros como um exemplo de "pré-populismo", um primeiro experimento de tentar legitimar um governo elitista com o apoio popular. Esta ação a favor dos trabalhadores de Porto Alegre, Pelotas e da Viação Férrea viria ao encontro dos seus objetivos eleitorais naquele ano, além de ter sido feita a expensas dos grandes fazendeiros organizados no Partido Federalista, favorecidos pelo açambarcamento de gêneros alimentícios[75]. Tendo ou não fim imediatamente político, a ação governamental serviu como refrator de uma tendência de radicalização representada pela Liga de Defesa Popular, onde os aliados de Xavier da Costa obtiveram o controle da

[74] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit. pp.336-340.
[75] Sobre o contexto de rivalidade política regional e a ação do Partido Republicano nesta greve ver: BODEA, Miguel. *A greve de 1917. As origens do trabalhismo gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

associação. Pode-se fazer até um paralelo com o caso de São Paulo, onde o Comitê de Defesa Proletária negociou com o governo de Altino Arantes, para depois ser traído e desacreditado, refreando o ímpeto mobilizador do movimento.

O que permanece como fato importante é a constatação do papel que teve o governo republicano para mediar os conflitos sociais; servindo isto de legitimação do borgismo tanto para as eleições que haveria naquele ano, quanto para fora do seu domínio eleitoral, como prova da superioridade do seu governo calcado pelo positivismo em face dos outros estados membros da federação. Para os operários mais radicais, principalmente os ligados a União Operária Internacional de Porto Alegre, sobreviria uma dura lição quanto às conseqüências das negociações com membros da elite política estadual. Aquele ano de 1917 se fixaria como fundamental para a experiência dos operários rio-grandenses, tanto como um momento de reorganização, quanto de decepção. Os acontecimentos do ano seguinte, 1918, especialmente a atitude do governo republicano diante da "questão social", levaria a luta destes operários organizados a um outro patamar, se traduzindo, entre outras coisas, na busca de inspiração em modelos mais radicais para a sua ação.

Em 18 de julho de 1918, os operários organizados de Porto Alegre, sob a União Geral dos Trabalhadores, a Federação Operária do Rio Grande do Sul e a União Metalúrgica, convocaram uma reunião para tratar da carestia de vida, que ainda era uma das principais reclamações dos trabalhadores. Decidiu-se pela greve e as direções dos organismos demitiram-se coletivamente, o que parece apontar para divergências entre as associações ou entre diferentes grupos de operários. Desta vez Borges de Medeiros não respondeu aos pedidos de negociação e a greve foi duramente reprimida. A resposta do poder estadual à greve foi o fechamento da Federação, a prisão de líderes e a ocupação militar dos locais de trabalho. Estes acontecimentos deram razão á postura dos anarquistas, que assumiram o controle da FORGS, fundindo-a com a União Geral dos Trabalhadores, radicalizando ainda mais as reivindicações e posições dos operários.

Na cidade de Rio Grande, as greves que aconteceram entre o fim de 1917 e o início de 1918, principalmente as ocorridas no Frigorífico Swift, resultaram na criação da União Geral dos Trabalhadores, fundada com o apoio anarquista e que logo ajudaria a organizar a greve geral de outubro daquele ano. Esta parede começou com os trabalhadores da

Companhia Francesa do porto e no seu segundo dia já mobilizava em torno de 1100 operários. A intendência inicialmente mostrou-se favorável à negociação, mas quando o intendente contatou o governo estadual, aquele mudou de atitude, respondendo com a repressão.

A União Geral dos Trabalhadores foi fechada e dois líderes grevistas foram presos. Diante das críticas que incidiram sobre o governo municipal, este apresentou a desculpa de que o discurso de um representante da Liga de Pelotas durante uma reunião na sede da UGT era francamente subversivo. Zenon de Almeida, que era este representante, defendeu-se negando a subversão, mas afirmando que os operários não deveriam respeitar as leis que os oprimiam e que poderiam defender a sede da sua associação com tiros e dinamites, pois que *"aqui, sob a ditadura férrea de um satrápico filósofo cercado de esbirros, a única lei era a força"*[76]. Deve ser lembrado que Pelotas era a cidade em que se formara o Comissão de Defesa Popular, onde o governo estadual intervira para defender os operários e onde se firmara um acordo favorável a estes nas negociações em que participou o Chefe de Polícia enviado por Borges de Medeiros. O quanto não se está aqui distante de 1917!

Muita coisa havia mudado desde então, não só para os trabalhadores gaúchos, mas para os operários organizados de todo o mundo. Na Rússia a revolução avançava: o czar já havia sido derrubado e depois deste, o ditador Alexandre Kerensky. As monarquias austríaca e alemã também haviam caído e o "espectro do comunismo" rondava a Europa. Enquanto no Rio Grande do Sul os militantes bradavam contra o *"satrápico filósofo"* Borges de Medeiros, as notícias da instalação de um governo proletário circulavam com cada vez mais força. O que significava a revolução russa para estes operários e estas operárias, em meio a mobilizações massivas e desafios às autoridades? O que era aquela revolução no oriente, que se alastrava para a Europa Central, que era discutida nos quatro cantos do planeta? O que isto significava para o movimento operário e para os militantes daqui?

Para Boris Fausto, esta conjuntura revolucionária internacional seria uma das chaves para explicar as peculiaridades daquela época. Ou seja, a radicalização e a ascensão das lutas no Brasil deviam-se, também, às possibilidades abertas pela revolução russa e pelas suas conseqüências.

[76] LONER, Beatriz Ana. Op. Cit. p.317.

> "À semelhança do que ocorreria vários anos depois, no fim da Segunda Guerra Mundial, a sobredeterminação da política internacional incide diretamente sobre a conjuntura. Como é sabido, estes são anos de um grande ascenso revolucionário na Europa, que põe em risco a ordem capitalista. A partir de outubro de 1917 os conflitos sociais internos recebem alento e passam a ser vistos sob nova ótica. De um extremo a outro do espectro de classes e grupos tem-se a noção de viver um momento decisivo. O fato de que a imensa maioria das reivindicações operárias não diga respeito à demandas revolucionárias poderia prestar-se a enganos. A luta pela cidadania social importa, nas condições da época, em um direto choque contra o estado. Subjacente à ela, em cada pequena batalha ou grande mobilização, estão presentes os lances de um cenário maior: a Revolução de Outubro, a revolta espartaquista, a comuna húngara, os conselhos italianos, que o comício do 1º de maio [de 1919] sintetiza, com seus cartazes em defesa da Hungria livre e da Bavária emancipada, os vivas à Lênin e à União Soviética."[77]

Se de fato a revolução russa foi um daqueles fatores excepcionais que marcaram este período da história do movimento operário brasileiro, imprimindo uma marca de radicalização na ação dos militantes, como se deu efetivamente este processo entre os trabalhadores gaúchos?

2.2. As condições sociais de apropriação dos impactos iniciais da revolução russa entre os operários gaúchos

Voltemos então ao que foi exposto no Capítulo I: o levantamento dos operários em Petrogrado iniciou em fevereiro. A Rússia era uma peça importante na guerra, por isso o acontecimento mereceu destaque nos jornais de grande circulação do estado. Caía a dinastia dos Romanoff e com ela a centenária monarquia dos czares, o que despertava interesse do público em geral, mas pelo caráter da revolução, chamou atenção aos militantes do movimento operário em particular. Provavelmente a primeira referência à revolução russa ligada à mobilizações operárias no Rio Grande do Sul se deu durante a greve dos calceteiros, em março de 1917, apenas um mês depois do início daquela na Europa. Em Porto Alegre o *Correio do Povo* do dia 20 daquele mês anunciava que *"um comício que seguiu a publicização da greve fez referência à vitoriosa revolução russa"*[78]. A greve dos calceteiros foi violenta e teve como protagonista os operários anarquistas da Associação dos Calceteiros.

[77] FAUSTO, Boris. Op. Cit. p.170-172.
[78] SILVA JR, Adhemar Lourenco. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado). p. 91.

Outra declaração de um operário referindo-se à Rússia foi registrada em agosto, mas em uma conjuntura bem mais explosiva, a da greve geral. No dia 31 de julho, em um dos maiores comícios já realizados em Porto Alegre até aquela data, que reuniu entre 4000 e 5000 pessoas na Praça Senador Florêncio (atual Praça da Alfândega), João Batista Moll, da diretoria da Liga de Defesa Popular, declarou que *"O povo da Rússia, dos cossacos, de Tolstói, Górky e Kropotkine, depois de uma escravidão quase infinita, conseguiu por si um regime de liberdade"*[79].

Esta declaração revela algumas coisas. A revolução russa era um exemplo de libertação e era um exemplo de libertação anarquista. Para Batista Moll a Rússia libertada não é a de Lênin ou Trotsky, sequer a de Alexandre Kerensky ou dos socialistas revolucionários, mas uma Rússia que era marcada por modelos de rebeldia como os cossacos ou figuras ligadas ao anarquismo, como Kropotkin. Ou seja, em um primeiro momento os libertários do Rio Grande do Sul acreditaram que uma revolução operária só teria sentido sob a liderança anarquista. Outro fato a ressaltar é que a declaração foi feita em meio a um comício, o que já havia acontecido com os calceteiros, mostrando que esse poderia ser um exemplo mobilizador. A ligação da revolução russa com o anarquismo vai se modificar ao longo do tempo, mas a sua evocação em momentos de mobilização será uma característica que permanecerá, se tornando cada vez mais recorrente nos próximos anos.

Um dos fatores que mais dificultaram a apreensão destes primeiros impactos da revolução russa no movimento operário gaúcho foi o pequeno número de jornais operários disponíveis para este período inicial de 1917 e 1918; o que muda de figura quanto mais se avança pelo ano de 1919, quando há um grande florescimento da imprensa operária. Um dos periódicos que poderia ajudar na compreensão destas primeiras impressões sobre a revolução russa seria *A Épocha,* órgão da Liga de Defesa Popular, mas não consegui localizar nenhum número deste. O que se tem de mais concreto para este momento, além dos vestígios indiciários na grande imprensa, é um panfleto intitulado *Ao Povo Rio Grandense,* lançado em dezembro de 1917, justamente pelo editor d'*A Épocha,* o barbeiro

[79] BODEA, Miguel. Op. Cit. p. 36.

Abílio de Nequete. O folheto, no entanto, não vinha assinado por ele, mas por um suposto Grupo de Operários e Soldados Brasileiros.

Abílio de Nequete era um barbeiro sírio-libanês, autodidata e livre-pensador, que iniciou sua participação no movimento operário na greve de agosto daquele ano, assumindo o cargo de editor do jornal da LDP. Em dezembro, quatro meses depois da greve, ele resolveu distribuir entre os soldados este panfleto assinado pelo Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. O texto discorria, por exemplo, sobre a necessidade de corresponder ao apelo do Presidente da República para o chamado da guerra; também chamava atenção para o fato de que os operários e os soldados eram os esteios da sociedade, sendo chamados a defendê-la na hora do perigo. Além do mais, o que devia tocar especialmente Nequete, se referia à necessidade de que todos os brasileiros e estrangeiros residentes há mais de dois anos no país contribuíssem para o esforço de guerra, não podendo ser indiferentes à sorte do país.

Apesar deste discurso patriótico, as considerações e conclusões apontavam para algumas coisas que haviam sido temas da greve de agosto: a carestia de vida e a questão dos aluguéis operários.

> Considerando que procuramos equilibrar o nosso salário com o aumento crescente dos preços dos gêneros de primeira necessidade, determinada por várias causas decorrentes do estado de guerra; e considerando mais não ser justo que nos campos de batalha e nas oficinas nos sacrificamos pela defesa do solo pátrio, sejamos onerados pelo aluguel da casa plantada nesse solo amado, o que além de injusto seria incoerente e absurdo.
>
> O grupo de operários e soldados brasileiros, que fazemos a pátria o sacrifício de nosso sangue, do nosso trabalho, das nossas energias e das nossas afeições; acreditando que o espírito de (?) atinja igual grau entre os proprietários e os inquilinos das casas.
>
> Resolve.
>
> A partir de 1º de janeiro de 1918 ficam todos os inquilinos isentos de pagar aluguéis, enquanto durar o estado de guerra a que somos arrastados para defender a integridade de nosso solo e a as conquistas de nossa raça;
>
> Da quantia economizada cada inquilino concorrerá com 5% para a Cruz Vermelha Brasileira, e igual quantia para a aviação militar, sendo o restante aplicado para auxiliar a manutenção das respectivas famílias e a refazer as energias que serão aplicadas para o bem de nossa pátria.
>
> O grupo espera que todos os operários e soldados brasileiro cumpram fielmente a presente resolução; entregando as respectivas comissões a quantias com que devem concorrer para a Cruz Vermelha e a aviação militar, provando assim o seu espírito de disciplina e nunca desmentido patriotismo.

Viva o Brasil! Dezembro de 1917. Grupo de Operários e Soldados Brasileiros[80].

A polícia do Exército, apesar do caráter nacionalista do panfleto, teve medo que tais idéias pudessem causar algum tipo de confusão e prendeu Nequete por alguns dias. Há motivos bastante fortes para crer que esta tentativa de unir operários e soldados, apesar da retórica nacionalista, foi inspirada no exemplo dos Conselhos Soviéticos, tendo sido uma das primeiras formas de ação influenciada pela revolução russa no movimento operário gaúcho. Por enquanto é necessário reter a importância da guerra como tema, pois o assunto estava na ordem do dia e se repete nos escritos dos militantes anarquistas divulgados no jornal *A Luta*. As particularidades deste folheto e sua relação com as perspectiva anarquista serão tratadas mais adiante, quando for examinada especificamente a trajetória de Abílio de Nequete.

Como mostrei antes neste capítulo, a greve de agosto teve graves conseqüências para o movimento operário de Porto Alegre, acirrando as disputas internas que havia entre sindicalistas moderados e anarquistas. Neste contexto surgiu o jornal *A Luta*, porta voz dos anarquistas, e foi pelas páginas dele que a revolução russa começou a ter grande destaque. Isto pode ser observado pelo seu "editorial" de apresentação, no qual são destacados os acontecimentos internacionais mais importantes daquele momento: a guerra e a revolução russa.

> O ideal acariciado por tantos mártires da liberdade de que a humanidade chegará um dia a um estádio de civilização mais elevado não se desmentiu com o desencadear da tempestade sangrenta que assistimos, antes pelo contrário. O sangue derramado pela loucura burguesa saneou o berço aonde nasceu para a humanidade a nova aurora redentora.
>
> É da Rússia que vem o vendaval destruindo tronos e privilégios para estabelecer sobre a terra o reinado da justiça pelo qual há tantos séculos aspiram os corações generosos e ao qual tantas vidas tem sido sacrificadas.[81]

Em seu primeiro número, de março de 1918, são dedicadas duas meias páginas à situação da Rússia. Ressalta-se a preocupação em fazer justiça aos maximalistas russos, pois o jornal se contrapunha à tese da "traição russa" aos aliados, ao mesmo tempo em que

[80] *Ao povo rio grandense. Grupo de Operários e Soldados Brasileiros.* Inquérito Policial Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917.
[81] *A Luta*, Porto Alegre, p.1, 28, mar, 1918.

acusa a grande imprensa de ser "fraldiquera"[82] e caluniosa. Para os anarquistas, o que a Rússia realmente estava fazendo era aniquilar os verdadeiros inimigos da classe operária:

> A Rússia ascendeu o archote que deve esparzir pelo mundo a luz da liberdade e da igualdade de fato. Rússia é o Prometeu libertado pelo rompimento dos grilhões que o acorrentavam ao Cáucaso: capitalismo. Rússia é o Hércules do Século XX que veio cortar as cabeças da Hidra moderna: Clero, Capital, Militarismo.[83]

Há um linguajar poético para descrever a revolução e o uso de uma metáfora associada à luz que é muito recorrente. Este uso da luz, de archotes e do fogo para se referir à revolução é mostrado por Cláudio Batalha como sendo comum para os anarquistas, ligando-se à noção de uma grande revolução universal, o que remontaria às tradições da revolução francesa[84]. Uma associação mais explícita com o 14 de julho francês pode ser encontrada em alguns trechos como este:

> Tenhamos esperança que apesar dos pesares assim como a revolução francesa foi invencível, assim é invencível a revolução russa, todas as forças do mundo poderão abafá-la aparentemente, mas não a vencerão jamais, não deterão a sua marcha; ela é a revolução social e vencerá fatalmente, irrevogavelmente. Essa é a nossa fé... [85]

A Rússia também era a continuadora da obra da França revolucionária e como esta, ela também tinha todos os reacionários do mundo contra si. Tal como na França, nada poderia parar a grande revolução social.

O mesmo articulista, como foi mostrado logo acima, chegava a afirmar que "*essa é a nossa fé"*. Em alguns momentos, de fato, o tom parecia religioso: *"o operariado consciente de todo mundo recebeu-a aos gritos de Hosanna, Hosanna filha da justiça, que vens para*

[82] Que comete fraude, termo usado na época.
[83] *A Luta*, Porto Alegre, p.3, 28, mar, 1918.
[84] BATALHA, Cláudio Henrique de Morais. 'Nós, filhos da Revolução Francesa', a imagem da revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX". *Revista Brasileira de História*: São Paulo. vol. 10, n° 20, 1990.
[85] *A Luta*, Porto Alegre, p.3, 28, Mar, 1918.

nós em nome da liberdade! E todo o mundo proletário repetiu esse belo Hosanna à revolução messias"[86].

A revolução russa poderia ser igualmente o contraponto à guerra, que tanto ódio causava aos anarquistas. A paz proposta pela Rússia era o grande anátema para o nacionalismo e a grande glória para o internacionalismo proletário. Ao tema foi dedicado inclusive um artigo no jornal: *O Momento Perante a História e o Internacionalismo*[87]. Foi também o ataque ao patriotismo e a esperança em uma nova fraternidade entre os povos que fez com que Abílio de Nequete, sob o pseudônimo de Máximo Evidente, escrevesse: "*hoje felizmente surgiu do lodo e da fumaça da guerra uma nova pátria, de verdade e justiça, de amor e fraternidade, onde o homem gozará dos frutos do seu trabalho*[88]*."* Esta era a Rússia de Lenin, Trotsky e Krylenko, a quem ele apelidou de "magos do oriente".

No dia 1º de maio Zenon (provavelmente Zenon de Almeida), em um texto intitulado *"Rússia"*, descrevia o nascimento da revolução como se fosse o surgimento de um grande luz, que em vão alguns morcegos (burguesia) tentariam atacar: "*Mas ai! destes morcegos que querem apagar o sol da nascente liberdade, perderão as asas e morrerão nas chamas"*. No final deste texto, ele depositava toda sua confiança naquele acontecimento e hipotecava o seu apoio de forma incondicional.

> Que a Revolução Russa é um acontecimento grandioso na história dos povos, para nós, é um fato indiscutível.
>
> E se nada soubéssemos sobre a mesma, quanto a seu fim, uma coisa nos bastava para que o nosso dever, dever dos trabalhadores, fosse defendê-la a outranse: é o fato de ter contra si toda a burguesia do mundo. Porque a burguesia não faria o escarcéu que faz se alguma coisa de grave a revolução não anunciasse[89].

Esta atitude pode ser justificada porque a revolução já não era mais considerada somente russa. Nequete, na edição de outubro do *A Luta*, propõe que não se chame mais de revolução russa, "*mas sim revolução maximalista, para que se compreenda como revolução da humanidade, não circunscrita apenas à raça russa ou eslava"*. Ou seja, a

[86] Idem.
[87] Idem.
[88] Idem.
[89] *A Luta*, Porto Alegre, p.2, 1º de maio de 1918.

revolução era também deles, dos operários do Rio Grande do Sul, porque era dos operários do mundo. Ela passava por cima das nacionalidades, fundava uma irmandade maior, de que em breve participariam todas as pessoas do mundo: "*Cremos que, mesmo que a burguesia possa deturpar, será impotente para retardar a marcha já acelerada, que breve implantará a liberdade no mundo. E do alto dessas colunas brado: operários, soldados e camponeses, o seu dia se aproxima.!* [90] "

Percebe-se, pelos extratos d'*A Luta,* que esta revolução correspondia à realização das esperanças libertárias. Muitos nomes citados, como Koprotkin ou Tolstoi, não pertenciam ao grupo de personalidades atuantes no processo revolucionário, mas eram figuras exponenciais do anarquismo russo. Isto mostra que em um primeiro momento não há uma análise mais profunda sobre os fatos ocorridos, nem um destaque sobre as particularidades do bolchevismo ou de suas principais lideranças.

O que se escrevia sobre a Rússia não representava uma ruptura em relação a um paradigma anterior. Destacavam-se nos escritos o antimilitarismo, o antinacionalismo, a solidariedade dos trabalhadores; que eram, na verdade, bandeiras históricas dos libertários. Ao menos nesses primeiros momentos, esta é a revolução social que eles acreditavam estar defendendo.

Além das idéias específicas do anarquismo, observa-se nesta exposição de esperanças sobre a revolução russa toda a mobilização de um imaginário social que articulava representações de um mundo melhor, onde não haveria a burguesia. Muitas destas imagens são comuns a outros lugares e a outras correntes de pensamento. Como já foi dito, a luz e os archotes podem retroceder a episódios bem distantes, como o 14 de julho de 1789. O texto de Zenon de Almeida, sobre os patrões que são como morcegos queimados pela luz do sol, lembra muito a imagem do "patrão vampiro" evocada por Michelle Perrot e que era comum na França do final do século XIX e começo do XX. De fato, a atividade sugadora do burguês, que vive da exploração do trabalho do operário fabril, leva a uma correlação com o vampiro ou o morcego, seres que se alimentam exatamente do sangue alheio[91]. Mesmo a religião, um anátema para a maioria dos anarquistas e sindicalistas que atuavam no Rio

[90] *A Luta*, Porto Alegre. p.4, 10, out, 1918.
[91] PERROT, Michelle. *Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 85-87.

Grande do Sul, serviu de alguma forma de modelo para algumas representações destes mesmos, como fica evidente no *Hosanna à revolução messias*.

Não se pode desconsiderar isto ou tratar estas imagens como algo apenas pitoresco. Os imaginários sociais são parte importante das luta sociais e estas figuras não são fruto somente das idéias políticas ou de condições sociais específicas. Aqui me reporto a Bronislaw Baczko, que estudou estes sistemas simbólicos e sua utilização pelos grupos sociais:

> Todo campo de experiências sociais está rodeado de um horizonte de expectativas e recordações, de temores e de esperanças. O dispositivo imaginário assegura a um grupo social um esquema coletivo de interpretações das experiências individuais tão complexas como variadas, a codificação de expectativas e esperanças, assim como a fissão, no crisol da memória coletiva, das recordações e das representações do passado próximo ou distante. A potência unificadora dos imaginários sociais está assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se operam por e no simbolismo. Ao tratar-se de um esquema de interpretações, mas também de valoração, o dispositivo imaginário intervém eficazmente em um processo de sua interiorização por seus indivíduos em uma ação comum.[92]

As revoluções são tempos "quentes" para a formação de um imaginário revolucionário, como mostra o próprio Bronislaw Baczko em relação à revolução francesa, onde símbolos novos são criados e contrapostos aos da velha ordem[93]. Talvez isso explique a profusão de imagens significativas utilizadas neste primeiro momento, algumas até tomadas dos "inimigos" pertencentes à velha ordem, como na analogia feita entre o messias e a revolução.

Esta relação com os inimigos da classe pautou a maneira como a revolução russa foi interpretada. Falar da revolução era uma forma de afrontar a burguesia, mostrando que a sua derrubada era viável. Além disso, era uma forma de enfrentar diretamente a "imprensa burguesa", que criticava o novo regime russo por este ter abandonado o lado da Entente na Primeira Guerra Mundial. Rodrigo Patto de Sá Motta no seu *Em guarda contra o "perigo*

---

[92] Todo campo de experiencias sociales está rodeado de un horizonte de expectativas y recuerdos, de temores y esperanzas. El dispositivo imaginario asegura a un grupo social un esquema colectivo de interpretaciones de las experiencias individuales tan complejas como variadas, la codificación de expectativas y esperanzas, así como la fisión, en el crisol de la memoria colectiva, de los recuerdos y de las representaciones del pasado cercano o lejano. La potencia unificadora de los imaginarios sociales está asegurada por la fusión entre verdad y normatividad , informaciones y valores, que se operan por y en el simbolismo. Al tratarse de un esquema de interpretaciones, pero también de valoración, el dispositivo imaginario interviene eficazmente en el proceso de su interiorización por sus individuos en una acción común. BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales.* Buenos Aires: Nueva Visión. 1979. p. 30.

[93] Ibidem. pp.39-46.

vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)[94] mostra como um dos primeiros motes de propaganda anticomunista foi a tese de que Lênin era um agente a soldo do Kaiser e que por isso havia desistido de lutar contra o Império Alemão. Basta lembrar que o Brasil estava do lado anglo-francês, portanto, do lado russo. As acusações sobre o regime revolucionário eram bastante graves e para os nacionalistas parecia uma loucura abandonar a guerra; claro, como já afirmei antes, este abandono se encaixava perfeitamente na tradição anarquista de antimilitarismo e antipatriotismo.

Defender a Rússia era ao mesmo tempo defender a causa operária contra a burguesia e seu infame jornalismo, daí a importância de esclarecer o operariado sobre os fatos ocorridos, apresentando a versão dos militantes. Com efeito, o primeiro parágrafo da seção intitulada *Rússia,* do primeiro número do *A Luta,* dizia o seguinte:

> Neste momento que o clou[95] de todas as palestras é a questão russa, também chamada por alguns imbecis de loucura russa, traição russa, defecção russa, etc., nós que estudamos as questões sociais, não podemos e não devemos calar; precisamos esclarecer a imprensa fraldiqueira, desmentindo as suas calúnias, esclarecendo os trabalhadores e fazendo justiça aos maximalistas.[96]

Desde o primeiro momento da vitória bolchevista os jornais de grande circulação criticaram a proposta de paz, a divisão a terra e a fundação de uma república socialista. Será visto no próximo capítulo como as notícias sobre as revoluções na Europa deram ensejo a uma verdadeira luta de jornais operários contra as interpretações conservadoras veiculadas pela grande imprensa, o que se encaixa no propósito de engajamento em uma radical luta anti-burguesa, tanto nas ações, quanto nas opiniões.

A revolução era uma forma de luta radical que não faria concessões às classes opressoras, os morcegos que morreriam de asas queimadas ao atacarem o fogo revolucionário, como escreveu Zenon de Almeida. A política tradicional também não entraria aqui neste novo mundo apontado pelos anarquistas, e coincidentemente, o

---

[94] SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva, 2002.

[95] Aqui, acredito que signifique destaque, ou tema de todas as palestras. Foi uma gíria da época que não consegui traduzir.

[96] *A Luta*, Porto Alegre, p.2, 28, mar, 1918.

momento em que os anarquistas de Porto Alegre viviam era de repúdio total a influência deste tipo de política nos meios operários.

O ataque a uma FORGS sob influência de sindicalistas moderados, ligados a um conselheiro do Partido Republicano, Francisco Xavier da Costa, conjugava-se bem com a idéia de uma revolução operária que destruiria a colaboração de classe. Acredito que um "eco" desta disputa sindical local, através de uma notícia sobre as disputas entre os socialistas europeus, pode ser "ouvido" no artigo *O Socialismo Russo e o Socialismo Alemão,* que apareceu no 2º número do jornal *A Luta,* em 1º de maio de 1918.

Este artigo faz uma explanação sobre os dois tipos de socialismo existentes. O primeiro é o socialismo alemão, que foi o que sempre serviu de "pára-choque" às reivindicações operárias e que no momento do Kaiser declarar guerra, lhe prestou seu apoio. É um socialismo "burguês e politiqueiro", apegando-se à essa corrente política *"todos os pescadores de águas turvas que desejam entrar nas altas regiões da política e todos os governos apóiam esses partidos socialistas por serem excelentes auxiliares na arte de governar"*. Já o segundo, o socialismo russo, seria o contrário. Implantado depois da queda do czar e de Kerensky, seria o verdadeiro regime dos trabalhadores: "*Surgiu então em solo moscovita, o verdadeiro socialismo operário, surgido na justiça e no trabalho e do qual a burguesia é natural e fidagal inimiga, por verem abolidos os seus privilégios de exploração"*[97].

> "Socialismo alemão, social democracia, socialismo político e de estado:-socialismo burguês.
>
> Socialismo russo: maximalismo, anarquismo, sindicalismo:-socialismo operário
>
> O primeiro é um novo rótulo para o regime burguês; o segundo é a negação desse regime, e a proclamação dos sagrados direitos humanos do trabalhador. [98]"

Esta analogia pode parecer exagerada à primeira vista, mas não é tanto quando se observa que os dois primeiros números do *A Luta* dedicavam-se substancialmente a atacar a postura da Federação Operária e dos "politiqueiros" que a influenciavam, ao mesmo tempo em que participavam da "política burguesa". O conselheiro Xavier da Costa havia sido líder

[97] *A Luta*, Porto Alegre, p.2, 1º de maio de 1918.
[98] Idem.

do Partido Socialista do Rio Grande do Sul, partido de orientação "alemã", e naquele momento era filiado a um partido "burguês", o Partido Republicano Rio Grandense; neste caso a comparação podia ser bem apropriada. Com isto não estou afirmando que Xavier da Costa tivesse todo esse poder sobre a Federação, mas era assim que os anarquistas o mostravam, desqualificando-o e aos dirigentes daquela associação.

Desta forma, a interpretação idealizada pelos libertários aparecia mediada também pelas lutas "atuais" daquele período, como no caso de servir de modelo para o confronto de dois tipos do socialismo que se chocavam na arena das lutas operárias de Porto Alegre. A radicalidade dos anarquistas, a sua posição de "ataque" e "crítica" na luta sindical do momento, o repúdio a qualquer ligação com a política partidária, favorecia a que eles se espelhassem na revolução russa mostrando-a como o verdadeiro caminho do futuro.

Evidentemente, havia formas de interpretar a revolução muito diversa dos anarquistas. Seguindo um rumo completamente diferente, Carlos Cavaco, tribuno popular que teve grande influência no movimento operário nos anos 10 e que era ligado aos socialistas, via a revolução de outubro como um verdadeiro crime. Na sua revista *O Echo Americano*, a verdadeira revolução era a de fevereiro, já que o Governo Provisório havia mantido a Rússia na guerra, não maculando os compromissos patrióticos do país. Embora possa ter influenciado esta interpretação o caráter radical e antinacionalista dos apoiadores da revolução de outubro naquele momento em Porto Alegre[99]. Mas, apesar da enorme diferença entre elas, tanto a interpretação dos anarquistas quanto à de Carlos Cavaco têm algo em comum: são devedoras das tradições ideológicas da militância operária no Rio Grande do Sul.

No momento em que as idéias ou notícias da revolução russa começaram a circular entre os meios operários do estado, foram estas tradições militantes, como o anarquismo dos que escreviam no *A Luta*, que deram sentido a estas informações. Mas a análise do *A Luta* permite observar que a forma como a revolução russa era lida e mostrada pelos militantes não se devia somente a uma tradição que os informava, mas também a condições sociais e políticas de apropriação muito específicas. A revolução tanto era uma inspiração para os militantes, que tinham uma postura cada vez mais agressiva contra a burguesia e o

[99] *O Echo Americano*. p.3, Porto Alegre, 18, mar, 1918.

estado, como fornecia um bom argumento para seu combate contra a influência de operários mais moderados, aliados do governo, em que era interessante enxergar o socialismo desacreditado da II Internacional.

Claro, estas visões da revolução eram também devedoras das informações que chegavam até aqui. As notícias sobre a Rússia eram basicamente mediadas pelo jornalismo de grande circulação do estado. Não havia ainda uma difusão de notícias mais extensa, como acontecerá depois; desta forma, as hipóteses tinham de ser construídas sobre as expectativas e as crenças destes indivíduos. Além disso, outra coisa deve ser lembrada: apesar do descontentamento geral na Europa pelo prolongamento da guerra, ainda não havia sido aceso o estopim da revolução fora da Rússia, o que aconteceria a partir de outubro e novembro, quando os alicerces dos Impérios Centrais seriam definitivamente abalados pelas manifestações operárias. A Rússia mantinha-se isolada em uma guerra defensiva. A terra das vastas estepes, da taiga e da tundra gelada, dos altos Urais e dos lagos salgados, podia bem se encaixar neste lugar utópico. Um repositório de sonhos e esperanças, o qual não se sabia bem o que era, mas parecia ser algo novo e acalentador.

Curiosamente, este mundo utópico que representava uma realização de esperanças de mudança em relação ao mundo vivido pelos operários, convivia lado a lado com a Europa sangrada e destruída, onde os trabalhadores estavam fadados a sacrificar seus companheiros de classe de outras nacionalidades. No final de 1918 a revolução extravasou as fronteiras russas, os levantamentos se repetiram em muitos países do mundo, inclusive no Brasil, a linguagem dos jornais e dos panfletos se tornou mais agressiva, a imagem da revolução estava cada vez mais presente. Isto seria apenas devido a uma quantidade maior de idéias e notícias sobre a Rússia que circulavam no movimento operário? Acredito que não.

À medida que o tempo passava, não só as informações que circulavam sofriam uma mudança quantitativa, como as condições sociais de apropriação destas também se modificavam. Nos meses finais de 1918, e durante todo o ano de 1919, o número de trabalhadores mobilizados cresceu muito, abrindo-se horizontes de possibilidade cada vez mais largos para as associações de operários organizados. Nestas condições, a própria tradição anarquista passou a se inspirar em uma série de práticas e idéias oriundas da Rússia revolucionária, cuja influência parecia estar se espalhando irresistivelmente pelo mundo.

3. *"A HUMANIDADE É UM TURBILHÃO E O MUNDO UM CREPITAR DE CHAMAS"*[100]*:* as transformações nas formas de interpretar a revolução russa no ano das grandes greves; novas experiências, novas leituras

As greves ocorridas na metade de 1918 tiveram por conseqüência a reorganização das forças em ação no movimento operário. Na capital, a direção da FORGS, antagonizada pelos anarquistas, demitira-se em julho. A Federação fundiu-se com a União Geral dos Trabalhadores de Porto Alegre, em que se reuniram os anarquistas da União Operária Internacional, após terem saído da Federação. A FORGS então voltou a estar nas mãos dos anarquistas.

Em Rio Grande um processo similar de reorganização entre os militantes, em 1918, preparou o terreno para os grandes choques que ocorreriam em 1919, o que também aconteceu com os operários dos frigoríficos de Santana do Livramento. Neste ano de 1919 se registrou o maior número de greves no estado, a ponto de Zenon de Almeida afirmar que o Rio Grande do Sul se transformara no líder em número de paralisações em todo o país[101].

O ano de 1919 pode ser considerado o do ápice da atividade das associações operárias no estado. Juntamente com as mobilizações, novas associações foram fundadas, novos jornais surgiram, a articulação com grupos do centro do país tornou-se mais intensa, um maior volume de informações circulavam entre as cidades. Neste contexto, as greves foram os pontos de condensação destes processos, onde as exigências por melhores condições de vida e os horizontes de possibilidades estendiam-se para cada vez mais longe.

Na cidade de Santana do Livramento, uma greve com ativa participação da Liga Comunista local, paralisou os frigoríficos Armour, mobilizando 2000 trabalhadores, tendo como resultado a fundação de um Centro de Resistência de Ofícios Vários. Em Porto Alegre aconteceu a maior greve generalizada do período, entre 25 de agosto a 11 de setembro, com a participação de cerca de 9000 trabalhadores. Desta vez nem o governo nem os patrões cederam às exigências de aumento de salário e de regulamentação de horas trabalhadas; a mobilização sofreu um duro golpe no dia 7 de setembro, quando a Brigada Militar dispersou violentamente um comício em frente à Intendência, o que resultou na

[100] Trecho artigo *Tremei! Senhores*, de Spartacus do Sul (Zenon de Almeida), n'*O Nosso Verbo,* de 9 de maio de 1919.
[101] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 3, set, 1919.

morte de um operário, no fechamento da FORGS e na prisão de líderes importantes como Friedrich Kniestedt e Abílio de Nequete[102]. Na cidade de Rio Grande, a greve de maio de 1919, ocorrida entre o dia 8 e 20 daquele mês, foi mais traumática. Uma paralisação dos trabalhadores no Porto Novo catalisou os ânimos de outros operários, que foram aderindo, mas à medida que o movimento aumentava, a repressão também se fazia presente. Um *destroyer* chegou a ser acionado, mas os próprios marinheiros alinharam-se às reivindicações operárias. Uma multidão de 3000 grevistas foi atacada pela polícia, um jovem apareceu morto nos cômoros, a União Geral dos Trabalhadores foi proibida de funcionar. Fustigado pela violência, o movimento dissipou-se e foi encerrado[103].

Neste capítulo pretendo analisar como a revolução russa foi apresentada e interpretada pelos operários neste momento de profunda comoção social. O contingente de greves e os enfrentamentos cada vez mais constantes criaram um clima propício para que houvesse uma identificação entre a situação russa e a situação dos operários no estado. Além disso, neste ano de 1919 surgiram importantes jornais de classe, o que permite que se trabalhe com uma gama muito maior de informações.

As fontes utilizadas para desenvolver este capítulo são principalmente estes jornais onde os militantes escreviam, destacando-se entre eles: *O Syndicalista* de Porto Alegre, *A Dor Humana* de Bagé, *O Nosso Verbo* de Rio Grande e *O Rebate* de Pelotas. Destes, o mais utilizado foi *O Syndicalista*, não só porque era o órgão de informações oficial da FORGS, mas porque atesta bem a inflexão de postura ocorrida no movimento operário frente à revolução russa. Fazendo um paralelo com o *A Luta,* que também se propunha a defender a revolução russa, *O Syndicalista* mostra notícias mais detalhadas, inclusive divulga documentos e declarações de importantes figuras revolucionárias como Lênin e Bela Kuhn.

Apesar de ter feito uma reflexão sobre a imprensa como fonte de pesquisa na Introdução, cabe aqui apontar mais algumas peculiaridades deste jornalismo militante. A expansão deste tipo de imprensa, aliado ao momento de crescente mobilização, dava novo significado às informações que vinham da Rússia; isto porque estes periódicos não eram somente divulgadores de notícias, mas eram veículos pelos quais os militantes estabeleciam

[102] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.p. 361-371.
[103] LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).* Pelotas: UFPel, 2001. p.317-322.

ligações entre si e também através deles estabeleciam uma ligação com o movimento operário internacional. Como mostra Jorge Jardim Pastorisa, era esta imprensa que contribuía "*para união, comunicação e intercâmbio entre diversas regiões e experiências desenvolvidas pelos trabalhadores. A redação de um jornal operário funcionava como centro irradiador de política operária e de experiências locais e receptoras das idéias exteriores*"[104].

Por intermédio destes periódicos pode-se notar não só uma proliferação de notícias, mas uma mudança de atitude em relação à revolução, que vai se conformando a par da própria dinâmica do movimento operário. Uma das mudanças que mais se ressalta é quanto ao caráter da revolução. Como já havia sido apontada por Abílio de Nequete pelas páginas do *A Luta*, a revolução deixa definitivamente de ser *russa* e passa a ser *universal.*

3.1. A revolução como um processo universal

No texto de apresentação d'*O Syndicalista* de Porto Alegre, em 1º de abril de 1919, esta inflexão de postura é muito evidente, pois o jornal se posicionava como instrumento para a instrução do operáriado no importante momento pelo qual o mundo estava passando. Qual era esse momento? Era o da revolução mundial:

> ...na hora crepuscular em que o desabamento do mundo velho nos enche de esperança na expectativa de vermos surgir um novo mundo dos escombros crepitantes onde há de ficar sepultada a história da escravidão moderna; nesta hora, em que os trabalhadores de todos os países se agitam para restabelecer o equilíbrio social necessário à vida humana, não é lícito que nós, partícula mínima da grande massa trabalhadora do planeta, nos equietemos [sic] na cômoda posição de espectadores mudos e inconscientes do grande drama que se desenrola aos nossos olhos."[105]

Diante deste mundo que mudava, da revolução que avançava, as lideranças da FORGS tentavam se colocar como parte ativa daquele grande acontecimento. Aí está uma das diferenças marcantes entre a posição destes jornais surgidos em 1919 e as posturas dos

[104] JARDIM, Jorge Luís Pastorisa. *Comunicação e militância. A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923).* Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS: Porto Alegre, 1990. p.168. (dissertação de mestrado).
[105] *O Syndicalista.* Porto Alegre. p.1, 1º abr, 1919.

militantes em 1918, quando era editada *A Luta*. Não se tratava mais de um grupo de operários no sul do Brasil que apoiavam e miravam esperançosamente o grande sonho anarquista que acontecia em um país distante; tratava-se agora de juntar-se à um movimento que deixava de ser somente russo e tornara-se mundial. Deixava de ser uma esperança e tornara-se uma necessidade atual, a necessidade de construir uma nova civilização:

> Podemos e queremos prestar o nosso contingente à grande obra de libertação que as classes trabalhadoras vêm realizando por todos os países, estendendo os braços por cima das fronteiras, estreitando o mundo num largo abraço de solidariedade, derruindo privilégios para estabelecer por todos os cantos do globo o domínio pleno, fecundo e exuberante dos sagrados direitos humanos baseados na liberdade e bem estar de todos.[106]

A visão sobre a revolução agora busca mais que somente a Rússia: tenta descobrir todo um mundo que se modificava.

Este panorama mundial da revolução também é um aspecto muito destacado nos panfletos da União Maximalista, associação inspirada pela revolução bolchevista que foi fundada pelo já citado Abílio de Nequete, em novembro de 1918. No manifesto em que apresenta o programa do maximalismo russo, em janeiro de 1919, esta mundialização das revoltas é tratada como algo claro e certo:

> As últimas notícias que se tem da Alemanha deixavam compreender que o maximalismo está em vias de completo triunfo. Talvez, que ao circular este nosso boletim, já estará tremulando em toda a Alemanha a bandeira vermelha. Daí será transportada para a França, a Itália, a Inglaterra, em suma para o resto do mundo...[107]

Quando de um levantamento na Bulgária, um outro boletim lançado pela União Maximalista afirmava que *Esse povo! Acaba de quebrar todos os jugos impostos pela*

[106] *O Syndicalista*. Porto Alegre. p. 1. 1º abr, 1919.
[107] *Ao Povo. O programa maximalista*. Porto Alegre, jan. 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

Europa, enfileirando-se ao lado dos camaradas russos, húngaros, bávaros, ucranianos, tchecoslovacos e afeganistanianos[108].

Mas não era somente em Porto Alegre que se dava destaque a um cenário mundial de atuação operária. De forma similar, Zenon de Almeida, sob o pseudônimo de "Spartacus do Sul", apresentava a mesma situação de forma bastante dramática n'*O Nosso Verbo* de Rio Grande.

> Toda a República Argentina e o Rio de Janeiro estão em greve revolucionária.
> França, Inglaterra, Itália, Espanha e mais países estão convulsionados pelo incêndio da revolução.
> A humanidade é um turbilhão e o mundo um crepitar de chamas[109].

Seguindo este espírito, *A Dor Humana* de Bagé, publicou a 11 de outubro um texto do jornalista paulista Affonso Frederico Schimidt intitulado: *O círculo que se alarga indefinidamente*. Neste artigo a revolução era tratada como um movimento irresistível que partia de um centro na Rússia e se alargava sobre o mundo todo: *"O movimento iniciado na Rússia vem se alastrando pelo mundo inteiro com uma rapidez de incêndio. A marcha da idéia se registra em círculos concêntricos que partindo de Moscou se alargam pela superfície da Terra, atingindo seus mais afastados recantos"*[110]. A mesma *A Dor Humana* já tinha noticiado, a 4 de outubro, que *"A Europa dentro de seis meses estará em mãos dos socialistas"*[111].

Isto mostra que, no processo de estender os olhos sobre este horizonte de revoltas, outros movimentos revolucionários são percebidos além da revolução soviética russa. O levantamento dos soldados búlgaros, que proclamaram uma república relâmpago em seu país, sendo logo depois derrubada pelas tropas da Entente, foi entusiasticamente saudado pelo panfleto da União Maximalista que citei logo acima: *"Esse povo! que vem mantendo uma revolução de quatro séculos pela sua emancipação. Esse povo! Do qual disse um*

[108] *Ao Povo sedento de liberdade...Mais um que se emancipa...* Porto Alegre, 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.
[109] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p 1, 9, mai, 1919.
[110] *A Dor Humana*. Bagé, p. 4, 11, out, 1919.
[111] *A Dor Humana*. Bagé, p. 4, 4, out, 1919.

oficial do Império russo no princípio do século passado: "O povo balcânico é perigoso para os tronos...". Outra revolução destacada foi a húngara, mas somente depois da queda de Bela Kuhn[112]. À 3 de setembro, n'*O Syndicalista,* apareceu uma proclamação ditada pelo Soviet de Budapeste aos operários do mundo, extraída de uma notícia da agência Havas, criticando a posição dos países da Entente contra o seu governo. Na mesma página há um artigo, *O Fim do Maximalismo na Hungria,* em que se destacava a brutalidade das tropas romenas que atacaram a Hungria e os massacres promovidos contra os revolucionários comunistas. Diante de tais fatos o autor do artigo faz uma ressalva *"Para desassossego da burguesia, porém, com a queda de Bela Kuhn não caiu o comunismo e nem a revolução social deixará de seguir sua evolução"*[113].

Mais destaque que estes levantamentos na Hungria e na Bulgária teve a revolução alemã, que foi o processo que mais chamou atenção dos militantes gaúchos depois da revolução russa. Em parte porque era na Alemanha que muitos socialistas punham esperanças de uma revolução em grande escala que subvertesse a Europa, mas também pela existência de uma enorme colônia alemã no sul do Brasil e o envolvimento de muitos militantes desta nacionalidade com o movimento operário. Na edição de 2 de agosto d'*O Syndicalista,* por exemplo, a revolução alemã teve grande destaque, publicando-se uma mensagem do governo russo ao povo alemão e uma biografia de Rosa Luxemburgo e Karl Liebkniecht, com uma foto de cada um dos revolucionários ilustrando os textos.

De Karl Liebknicht destacava-se sua permanência em uma posição contrária ao Kaiser Guilherme no começo da guerra, diferente de seus companheiros do Partido Social Democrata. Elogiava-se o apego aos ideais socialistas e a sua atitude diante da queda da monarquia, momento em que os socialdemocratas assumiram o poder: "*Liebkniecht, ao ver que com a queda do trono se derrubavam também os ideais operários de emancipação não exitou e criando o grupo Spartacus, se dispôs a luta pelo bem estar da família operária com a mesma firmeza e convicção com que enfrentara o Kaiserismo*". Sua morte é comparada a de Jean Jaurés, líder socialista assassinado antes da Primeira Guerra Mundial. Mesmo mortosm estes líderes seriam como "*pontos luminosos pelos quais se reconhece*

[112] Bela Khun Foi o principal líder comunista na revolução húngara de 1919.
[113] *O Syndicalista.* Porto Alegre. 3, set, 1919. p.3.

ainda que a humanidade tem um ideal de beleza e perfeição cuja afirmação nos dissipa da tristeza de sermos homens...”

À Rosa Luxemburgo foi dedicada uma biografia maior, na qual se ressalta a oposição à guerra, que teria lhe valido a prisão, e a diferença em relação aos socialdemocratas que governavam a Alemanha naquele momento. Durante o conflito, segundo o autor da pequena biografia, seus ideais teriam evoluído na direção do anarquismo. Quando rebentou a revolução, ela lutou ao lado dos espartaquistas e *“caiu vítima da sanha feroz que se apossou dos pseudosocialistas que governam a Alemanha, se esforçando para reviver o militarismo como base de exploração capitalista”*. O artigo ressaltava, além de sua trajetória, a multidão que acompanhou seu funeral e as homenagens do governo húngaro, russo e de delegações comunistas de diversas partes do mundo, terminando com a valorização do papel das mulheres que estavam lutando pela revolução: *“Rosa Luxemburgo, Luiza Michel, Maria Speridowa, o talento, a bondade, o heroísmo, a sinceridade feminina iluminando os caminhos da revolução social jamais serão esquecidas pelas gerações do porvir que elas sonharam...”*[114].

Na edição de 3 de setembro, outra personalidade alemã é biografada, Emil Eichorn[115]. Havia sido nomeado chefe de polícia quando rebentou a revolução, mas tornara-se um dos principais nomes do grupo dirigido por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknicht. Registrava-se, inclusive, que ele *“apareceu na frente dos espartacistas como dirigente principal (general) do movimento revolucionário contra Scheideman e Ebert.”* Após a morte dos líderes, seria a principal figura dos revolucionários alemães. Sua biografia, entretanto, é diferente da de Karl Liebknicht e Rosa Luxemburgo, pois se atém apenas ao período revolucionário. No final do texto o autor escreve que *“Enganava-se redondamente outra vez a canalha burguesa quando mandou fuzilar Liebkniecht e com a morte desse herói iria desaparecer o comunismo da Alemanha”*[116].

[114] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.2, 2, ago, 1919.
[115] Emil Eichorn, figura bem menos conhecida que Luxemburgo e Liebknicht, era um membro da Partido Social Democrata Independente (USPD). Foi designado Chefe de Polícia de Berlim no início da revolução, sua demissão esteve na raíz do conflito entre espartaquistas e social-democratas em janeiro de 1919. Sobre a revolução alemã ver: ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
[116] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.2, 2, ago, 1919.

Observando esta última frase, percebe-se que as figuras de Liebkniecht e Luxemburgo não só eram qualitativamente diferentes de Emil Eichorn, mas eram também de Lênin e Trotsky, as duas personagens principais do comunismo russo, ou de Bela Khun, líder da República dos Conselhos da Hungria. Não localizei nenhuma biografia ou apresentação destas três figuras n'*O Syndicalista*, talvez por serem já bastante conhecidas pelos jornais de grande circulação; mas parece haver, além disso, um outro motivo: as duas biografias, ou melhor, os dois necrológios surgem aqui como a construção da trajetória de dois heróis da revolução internacional. Desta forma, a revolução alemã produziu duas figuras, um homem e uma mulher, que foram imediatamente apropriados pelos militantes mais radicais que editavam *O Syndicalista*. Sua história de luta e de lealdade às posições mais revolucionárias entre os socialistas, além do assassinato a mando de socialistas moderados (socialdemocratas) que se apoiavam em forças da burguesia para formar seu governo, era um exemplo de coragem que servia ao movimento operário do Rio Grande do Sul tanto como ao europeu.

A Primeira Grande Guerra havia acabado há pouco tempo e a guerra é uma das ocasiões mais propícias para se criar mitos de heroísmo[117]. À guerra imperialista entre grandes estados, comandadas por suas respectivas elites, sobreveio o período das revoluções, em alguns momentos chamada de "guerra social". Esta guerra de classes também produziria seus heróis: apesar da perspectiva destes militantes apontar para a construção do novo mundo, estes personagens mortos, mesmo já pertencendo ao passado, seriam *"pontos luminosos pelos quais se reconhece ainda que a humanidade tem um ideal de beleza e perfeição cuja afirmação nos dissipa da tristeza de sermos homens"* ou seriam "*o talento, a bondade, o heroísmo, a sinceridade feminina iluminando os caminhos da revolução social"*[118]. O que significa que eles ajudariam, como exemplos de vida, a fornecer modelos para a construção do futuro.

Rosa Luxemburgo também apareceu, nesta edição de 2 de agosto d'*O Syndicalista*, como personagem principal de uma crônica na seção *Folhetim do Syndicalista* chamada *Uma cena no céu.* Tratava-se do destino que a militante teve depois da morte: ela teria

[117] SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. O herói no movimento operário. In: FELIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio Pereira (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários.* Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS, 1998.
[118] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.2, 2, ago, 1919.

chegado ao paraíso passando por um portão guardado por São Pedro, entrando de sopetão no escritório de Deus, cuspindo no chão e batendo na mesa do Todo-Poderoso para lhe chamar atenção. Rosa neste conto é uma mulher que ri de um Deus que se esforçava por manter a pompa. Deus a cita, como juiz de um tribunal, para ser mandada à casa de correção. Ela debocha e se senta em cima dos autos cantarolando *"A Internacional"*. No fim do pequeno conto, Deus ainda ouve do inferno Karl Liebkniecht entoando hinos sobre a revolução na Alemanha. *"Quem canta assim?- pergunta Deus Padre.-É o Liebknecht que se diverte no inferno.-Que vagabundo! -Exclama Deus Padre e continua a ditar..."*[119]

As revoluções e as agitações operárias são referências porque oferecem uma reflexão sobre novos modelos de organização, como o Soviet ou os novos partidos operários, mas são também eventos importantes para buscar exemplos de abnegação ou heróis inspiradores como os espartaquistas assassinados pela reação.

Tenho deixado explicito até agora que estas reflexões ligam-se na maior parte das vezes a objetivos ditados pela luta do momento, pela radicalização dos confrontos com a classe dominante do Rio Grande do Sul. Mas esta luta não enfeixa o pensamento destes militantes apenas nos objetivos imediatos, ao contrário: o momento da luta é também o de reflexão. No caso do folhetim, por exemplo, a inspiração dos acontecimentos revolucionários na Alemanha foi a pedra de toque para a feitura de um texto muito criativo e divertido em que o autor, o "Capitão Satanás" (Friedrich Kniestedt), ridiculariza a religião e o autoritarismo em um momento de subversão da ordem: se a revolução estava acontecendo em tantas partes da terra, porque não estaria também no céu?

Como mostram as biografias e o pequeno conto, o olhar não só estende-se a outros países, mas para características específicas dos processos revolucionários, como a trajetória individual dos "heróis" que haviam lutado contra os reacionários. Existe assim uma ampliação do repertório de temas, indo além dos levantes ou da derrubada de governos, incentivados pelo modelo russo. Um exemplo desta ampliação se encontra na seção *Pelo Mundo*[120] d'*O Syndicalista*, de 1º de maio de 1919, que apresenta uma série de notas sobre

[119] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.4, 2, ago, 1919.
[120] A seção "Pelo Mundo" não é uma exclusividade deste período, sendo encontrada em jornais operários de várias épocas, para informar sobre as notícias do movimento dos trabalhadores organizados fora das fronteiras do país. A novidade aqui consiste não na existência da seção, mas no temas tratados e no enfoque dado a estes temas.

o movimento operário em diversos países. Destas notas o espaço italiano é um dos mais interessantes, sendo todo dedicado à reestruturação dos grupos políticos que atuavam no movimento operário. O tema enfocado era um acordo que seria firmado entre a Confederazione del Lavoro e a Unione Syndacale, duas federações sindicais, sobre a possibilidade de aprovar-se um *"programa máximo"* do Partido Socialista Italiano *"o qual tem como objetivo instituir a república socialista e instaurar a ditadura do proletariado..."*, chegando assim à socialização dos bens de produção e de permuta, à distribuição destes por intermédio de cooperativas, acabando com a conscrição militar e as guerras *"...como conseqüência da união de todas as repúblicas proletárias internacionais socialistas"*. Também entrava nesta pauta a municipalização das habitações e do serviço hospitalar, além do fim da burocracia pela gestão direta dos empregados.

Esta última nota mostra que a questão das notícias sobre a revolução russa e sobre as outras revoluções européias é um tanto mais complexa do que poderia parecer. Além da multiplicação das revoltas e das manifestações de força operárias, começa a haver uma preocupação maior com os temas sobre *organização.* No caso dos socialistas italianos, não se trata somente de uma expansão do sindicalismo radical ou das conseqüências da extensão de suas práticas, como a multiplicação de greves, mas de um tipo diferente de organização partidária que era inspirada pela revolução russa. Não se pode esquecer que neste momento os sindicalistas brasileiros também tentavam fundar um Partido Comunista, mas estes partidos novos não eram como os tradicionais, ou como explica a seção de notícias sobre a Itália: "*desnecessário será acrescentar que esse programa nada tem de comum com nossos inefáveis partidos socialistas"*.

A reorganização dos Partidos Socialistas, que poderia ser uma forma de organização antes repudiada, neste momento era vista com um interesse especial, porque todos estes fatos amarravam-se neste grande acontecimento que era, para os militantes, a destruição do sistema capitalista. A análise da situação do movimento operário argentino, junto com as informações sobre os destinos dos partidos socialistas daquele país, é outro exemplo disso:

> Cada vez se acentuam os sintomas de que o operariado argentino vai acompanhando com muito interesse os acontecimentos mundiais, em que se discutem os interesses que lhe dizem respeito como parte desse todo universal que proclama seu direito ao progresso e ao bem estar. Fala-se aqui com insistência que os dois partidos socialistas, o Argentino e o Internacional, que

> haviam se desligado do Partido Socialista por questões de ordem interna, voltarão a se unificar no partido de que nasceram, a fim de co-participar das vantagens futuras, decorrentes das grandes lutas que se prevê próximas entre o proletariado e a burguesia.[121]

Estes são alguns exemplos deste processo de tentativa de compreensão do que estava ocorrendo no resto mundo: derrubada de governos pela ação dos trabalhadores, greves insurrecionais, reorientação dos partidos socialistas para um caminho cada vez mais radical. Eram muitos processos que mereciam atenção, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e todos pareciam estar apontando o caminho da revolução. Mesmo assim, a Rússia continuava ocupando o foco principal das atenções dos operários organizados, tanto por que lá o governo revolucionário estava mais consolidado, quanto por que as medidas de mudança social já pareciam dar seus primeiros frutos.

3.2. A Rússia como concretização das esperanças operárias

Uma das principais preocupações dos operários que escreviam nos periódicos operários era informar corretamente sobre o que ocorria dentro da Rússia, devido às notícias desencontradas que se tinha do país e a maneira que os "jornais burgueses" apresentavam o que estava acontecendo no território controlado pelos bolchevistas. Tratando da intervenção da Entente, na edição de 11 de julho d'*O Syndicalista*, saiu uma reportagem muito crítica à invasão das potências estrangeiras intitulada *Sobre a intervenção da Entente*. Esta fora copiada da revista *Mundo Sulamericano*, ao qual os editores do jornal elogiaram a imparcialidade *"que não estamos acostumados a ver"*. O que mais se destaca deste texto é uma carta de um oficial francês, Jacques Sadoul[122], que por ocasião do aniversário da queda da Bastilha (14 de julho), repudiava a atitude do exército francês de ajudar na invasão da Rússia. Este oficial tenta desmentir o que se dizia sobre os russos, demonstrando admiração pela atuação do exército vermelho. Ele exime os líderes russos pela culpa da intervenção, pois teriam tentado a cooperação com o ocidente:

[121] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.2, 1º de maio, 1919.
[122] Jacques Sadoul foi um militar francês que aderiu ao comunismo.

> Também sei que, depois de Brest, Trotsky e Lenin multiplicaram seus esforços para levar as potências da entente a uma [ilegível] e leal colaboração, visando a reorganização econômica e militar da Rússia, sei também que contra estes apelos, desesperados, os aliados contra os seus mais evidentes interesses opuseram desdenhoso *non possumus*...[123]

Na continuação ele prometia fazer públicas várias notas que tinha enviado a Jean Longuet, a Albert Thomas e a Ernest Laffont[124] falando sobre a Rússia.

Os militantes que reproduziram esta última notícia não estavam preocupados apenas em invalidar os ataques à revolução russa, veiculados nos grandes jornais; mas a reprodução destas informações, por ser o depoimento de um oficial do exército francês, que escreveu notas em Petrogrado, dava um caráter de prova factual ao que os militantes afirmavam sobre a revolução.

A guerra que os bolchevistas moviam contra os exércitos brancos também chamava muita atenção. A invasão dos exércitos da Entente e dos Impérios Centrais ao mesmo tempo conferia à luta do exército vermelho um significado diferente de uma guerra comum. Em alguns momentos parecia a luta do mundo capitalista, consubstanciada nas tropas invasoras, contra o mundo operário, representado pelas tropas soviéticas.

Em *Coisas da Rússia dos Soviets,* no *A Dor Humana* de 2 de novembro de 1919, Manoel Ribeiro explica como funciona o exército vermelho; este era a antítese dos exércitos "burgueses":

> Na Rússia há disciplina severa, mas consciente e oficial distingui-se apenas de soldado por exercer missão diferente, um cargo de comando, um cargo de direção. O oficial come e dorme onde come e dorme o soldado. O oficial não tem galões nem usa dragonas. Numa simples braçadeira está escrito o nome do posto, sem nenhum outro distintivo. Também o soldado não é obrigado o cumprimento servil da continência fora do serviço, a não ser que o oficial o interpele.[125]

Conforme este articulista, os soldados bolchevistas *"não são bandos indisciplinados, nem autômatos vivos, mas revolucionários disciplinados com consciência do que fazem"*.

[123] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.2, 11, jul, 1919.
[124] Jean Longuet, Albert Thomas e Ernest Laffont eram líderes socialistas franceses.
[125] *A Dor Humana.* Bagé, p.2, 2, nov. 1919.

Estes relatos destacavam mais os aspectos militares, mas não faziam muitas referências aos aspectos cotidianos ou civis da vida no país. Neste sentido, um outro artigo chama muito mais atenção: *A revolução social na Rússia e a calúnia burguesa*[126], publicada n'*O Syndicalista,* em 2 de agosto de 1919. Ele começa com a crítica recorrente de que a burguesia do mundo inteiro tinha interesse apenas em pintar com cores sombrias o que ocorria na Rússia: *"Compreende-se esse assanhamento dos primitivos burgueses, pois, um regime que proclama a utilidade de todas as forças válidas da coletividade, não é possível que se tolere vagabundos vivendo parasitariamente do suor alheio."* Mas estas "calúnias" podiam agora ser dirimidas, pois começavam a chegar informações da vida na Rússia, e não somente de revolucionários ou pessoas simpáticas aquela causa, mas de uma série de "pessoas insuspeitas", como representantes da cruz vermelha norte americana ou delegados que para lá foram investigar a situação do país. Tentando se apoiar neste espírito de imparcialidade, *O Syndicalista* reproduziu as informações passadas pelo líder do Partido Socialista Francês, Jean Longuet, recolhidas de *"uma distinta personalidade da Entente, chegada de Petrogrado há poucos dias, de regresso de uma missão oficial que o encarregara o seu governo."*

A identidade da "distinta personalidade" não foi revelada, mas bem poderia ser o citado Capitão Jacques Sadoul, que disse se corresponder com Jean Longuet no artigo reproduzido n'*O Syndicalista* de 2 de agosto; de qualquer maneira, esta reportagem parece ter uma ligação com a anterior, pois ela aprofunda a divulgação dos aspectos internos do país da revolução. O informante inicia o relato com um elogio à capital russa: *"Interrogado a respeito do aspecto da cidade, o personagem declarou 'Não há na Europa, uma só capital onde a ordem seja tão perfeita e a segurança tão completa como em Petrogrado' "*. Neste depoimento, Petrogrado aparece como uma cidade tranqüila, com os serviços funcionando muito bem, com vida cultural agitada: *"O telefone funciona otimamente bem, melhor que em Paris; a eletricidade igualmente; as ruas coalhadas de gente, carruagens e automóveis. Os 14 teatros funcionam todas as noites. Na ópera vi cantar Chaliapin Boris Godunov e a sala regorgitava de espectadores."* As mercearias haviam sido substituídas por *"armazens dos Soviets",* mas existiam lojas de objetos de artes. Quanto à socialização das mulheres, o depoente apresentou um quadro contrário... *"As prostitutas desapareceram*

[126]*O Syndicalista.* Porto Alegre. pp.1-2, 2, ago, 1919.

das ruas de Petrogrado, afirmaram-me que essa chaga hedionda do regime capitalista havia sido quase suprimida."

Destacam-se nesta reportagem três aspectos da vida soviética: o *abastecimento*, a *organização escolar* e a *constituição do exército vermelho*. Quanto ao primeiro tópico, o autor do depoimento reconhece dificuldades, mas diz que o sistema funciona:

> O bloqueio dos aliados tem causado certamente cruéis sofrimentos a milhões de inocentes, de não beligerantes, mas vi que a excelente atuação dos Soviets e das cooperativas já em grande parte remediou esta penosa situação. No mercado e nos armazéns cooperativos eu e meus amigos pudemos conseguir alguns gêneros. Nos 40 restaurantes de Soviets come-se por 3 e ½ rublos, (cerca de um franco) uma refeição composta de sopa de couves, um peixe frito, pão escuro, mas sofrível. No restaurante Constan, outrora freqüentado pela aristocracia, hoje socializado, serviram-me sobre alvas toalhas alimentos bons. Mediante atestado médico obtém-se comida melhor e abundante.[127]

Outro ponto que é destacado são as escolas:

> O que mais me impressionou na obra reorganizadora dos comunistas são os esforços em prol do ensino infantil, dirigidos por Leutcharski [sic] e que são surpreendentes. Só a seu encargo tem o Soviet em Petrogrado 60 mil crianças, que foram instaladas nos suntuosos palácios dos emigrados, grão-duques e outros. È lhes dada uma alimentação o mais substancial possível. [...] Os pequenos são admitidos nos estabelecimentos de ensino dos Soviets a pedido dos pais e após inspeção médica. Visitei algumas escolas. Aquelas crianças apresentavam o mais consolador aspecto de saúde e alegria. [...] A esposa do Sr Zinoviev, Sra. Zinoviev Lenina é quem dirige este magnífico esforço de educação da infância proletária.[128]

Sobre o exército, enfatiza-se que Petrogrado estaria mais protegida que nunca, já que o exército vermelho contaria com 60 a 80 mil homens, de bom espírito e bem equipados por armas fabricadas pelo Soviet. No que se refere à sua composição:

> Os quadros do exército russo são formados em grande parte de oficiais russos do antigo regime que ofereceram seus serviços aos Soviets. Como na vossa revolução francesa os chefes são sempre acompanhados por comissários do povo. Servem também como oficiais militantes revolucionários de todos os países, franceses, ingleses, alemães, húngaros, e os rapazes que saem das escolas militares fundadas por Trostky. Só aí em Petrogrado contam com 600 alunos. Chineses é que não vi nenhum. Conversei com soldados vermelhos, alguns deles não

[127] *O Syndicalista*. Porto Alegre, pp.1-2, 2, ago, 1919.
[128] Idem.

> comunistas. Todos eles diziam que se comia pior do que antes, "mas -acrescentavam eles- agora somos homens livres.[129]

Os três aspectos são muito importantes para a tradição do movimento operário do Rio Grande do Sul: a *questão da subsistência*, que devia ter um significado especial para os militantes naquele momento, devido ao problema da carestia de vida, uma das bandeiras de protesto desde as greves 1917; *a educação*, já que havia uma forte tradição ligada ao fomento do ensino e à fundação de escolas operárias no estado; além disso, *a vida militar*, pois se estava a apenas um ano do fim da Primeira Guerra e os militantes operários haviam sido um dos principais opositores da propaganda militarista no Rio Grande do Sul. Os aspectos do cotidiano em Petrogrado, de certa maneira, respondiam aos anseios dos trabalhadores organizados.

Mesmo que a reportagem tenha sido bastante complacente com as dificuldades enfrentadas pelo governo bolchevista na implantação de um novo modelo de sociedade, omitindo as dificuldades que a população passava na guerra civil, aquelas informações devem ter tido um impacto significativo nos militantes e mesmo nos operários não ligados aos sindicatos que porventura tivessem acesso aquele jornal. Cooperativas e restaurantes baratos estavam a serviço dos operários, ao invés da falta de alimentos e dos gêneros de alto preço com que a população se deparava diariamente nos mercados do Rio Grande do Sul; as escolas abrigavam os filhos dos trabalhadores e davam atenção a estes, ao contrário da trajetória comum para as crianças pobres no Rio Grande do Sul, de serem remetidas ao trabalho sem passar pelos bancos escolares; no exército um comissário do povo vigiava um oficial e um soldado se dizia um homem livre, contrastado com o autoritarismo militar e policial que aqui sempre se voltavam contra os menos favorecidos. Este quadro remete não só a um novo tempo projetado em teoria ou imaginado em linhas gerais pelos militantes, mas a um novo cotidiano que podia ter lugar na realidade, a uma nova vida que existia e podia ser realizada.

A Rússia revolucionária, a Hungria revolucionária, a Alemanha revolucionária permitiam mostrar, ou melhor, afrontar os inimigos com a existência de algo que tornava a retórica militante verossímil. Este tipo de "afronta" foi usada por Zenon de Almeida, n'*O*

[129] *O Syndicalista.* Porto Alegre, pp.2, 2, ago, 1919.

Nosso Verbo, quando respondeu a pergunta *O que é o maximalismo?,* a "um padre canalha" que havia escrito em um jornal críticas aos revolucionários russos[130] Replicando as acusações contra o socialismo com imprecações contra a igreja, o militante concluía que sob o maximalismo não haveria a miséria e a ignorância que a burguesia e o clero ajudavam a fomentar: *"não se veria mais a miséria espantosa que se vê hoje, não se veriam mais, mães de peito seco e crianças definhando como flores ao sol; não se veria mais os pequeninos, andrajosos, a se amontoarem nos portões das fábricas nas frias manhãs de inverno..."*[131]

Não só *"não se veria"*, como coloca Zenon, não só *poderia* haver, como a utopia anarquista tentava afirmar, mas *existia* algum lugar em que o oficial comia junto ao soldado, em que a educação podia ser gratuita e despida de canonismo, onde o operário era quem produzia e governava. Isso é um argumento mais forte e defendê-lo é defender a própria classe. Mostrar sua existência é atacar a burguesia e todo o aparato de poder que circula em torno dela, mas é também tentar convencer o operário da possibilidade concreta de sua emancipação.

Além destes relatos sobre a vida na Rússia, alguns documentos produzidos por revolucionários russos começaram a ser publicados. O mais significativo destes textos foi a *Mensagem de Máximo Gorky aos trabalhadores do mundo,* que apareceu n'*O Syndicalista* do 1º de maio. Este texto, longo e emocional, começa com um repúdio ao imperialismo das potencias do ocidente, inclusive do presidente Wilson dos Estados Unidos, que proclamavam a autodeterminação dos povos, mas moviam uma guerra contra o governo soviético. Gorky, mesmo se identificando como um homem que havia sido um duro crítico do governo dos Soviets, o apoiava pela obra que estava realizando: *"afirmo que o seu complexo é tal e representa uma tal base para a civilização mundial, que quantos aspiram ao renovamento do mundo devem ajudar o povo soviético na sua reconstrução da vida civil"* [132].

Máximo Gorky se inspirava na tese marxista do esgotamento do sistema capitalista, de um modo de produção que não mais representava um impulso de criação para o gênero humano, mas que se tornara um entrave para o desenvolvimento social: *"Está já bem*

[130] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.2, 1º de out, 1919.
[131] Idem.
[132] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 1º de maio, 1919.

difundida a convicção que o capitalismo deixou de possuir toda a capacidade criadora e não é outra coisa que um resto do passado, que um obstáculo à civilização e ao desenvolvimento do mundo." O único serviço do capitalismo aos trabalhadores seria ter aberto a possibilidade da revolução: *"Um só serviço criou o capitalismo aos trabalhadores do mundo: nós, que somos um povo sem tradições e por isso mais audaz, mais rebelde e menos ligado às inspirações do passado, fomos os primeiros a tomar iniciativa e abrir caminho para a aniquilação das sobreviventes condições do regime capitalista"*[133].

Este é um dos textos que mais traz reflexões relacionadas aos fundamentos sociais do processo revolucionário, referindo-se à incapacidade do capitalismo de manter-se como força de desenvolvimento. Todos os textos trazem explícitas as esperanças na revolução mundial, mas em Gorky se levantava esta particularidade do desenvolvimento russo, de ter sido palco de uma revolução socialista mesmo com um povo *"sem tradições"* e *"menos ligado às aspirações do passado"* e talvez por isso mesmo *"mais audaz, mais rebelde"* para abrir o mesmo caminho aos outros povos.

Obviamente, se está aqui muito distante da teoria do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade ou das polêmicas sobre o caráter da revolução soviética; apenas ressalto estes trechos para mostrar que as palavras de Gorky captam alguns pontos de discussões mais profundas que se travavam sobre as características do levantamento russo, mas que estas formulações não foram para cá trazidas com a mesma profundidade que tinham na Europa, apenas aparece de forma esporádica.

O que chega através da imprensa operária são as notícias da invasão da Entente, o desmentido dos horrores que haveria no regime soviético e as mudanças na organização da vida do povo russo. Nesta reorganização estão aspectos cotidianos, como o abastecimento e questões de estado, como a universalização da educação ou a tentativa de reprimir os desmandos no exército. Tomando-se estas notícias e a lógica da sua publicação, percebe-se que elas têm um significado forte para os operários daqui: não se informa por informar; o que é noticiado pode ensejar uma reflexão em quem lê. Talvez não fosse interessante abordar as disputas intelectuais entre várias interpretações do marxismo ou especular sobre a trajetória intelectual de Lênin. Para me fazer mais claro, estou retornando ao tema da luta

[133] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 1º de maio, 1919.

que aqueles homens e mulheres realizavam no momento como fio condutor da montagem do jornal. Se isto não provocou de imediato uma profunda virada teórica nas suas concepções políticas, ao menos fê-los lutar com as mãos e com os tipos de chumbo por uma grande utopia.

3.3. A luta contra as interpretações burguesas da revolução russa; *O Syndicalista* versus *Correio do Povo* em Porto Alegre e a polêmica em torno do militarismo no *Rebate* de Pelotas

Esta luta através da imprensa implicava enfrentar diretamente os jornais que difamavam a revolução russa e foi isso que os editores d'*O Syndicalista* se propuseram em 1919. Não se tratava apenas de lançar um apelo para boicotar determinado jornal (que seria o *Correio do Povo*), mas houve a preocupação de enfrentar o jornalismo de grande circulação lhe respondendo, e, de preferência, mostrando como eram falhas as suas interpretações.

No primeiro número d'*O Syndicalista*, de 1º de abril, aparece um pequeno artigo, *Jornalistas de Fancaria*[134], que caracteriza o *Correio do Povo* como "*um jornal incapaz de dar uma opinião própria sobre qualquer assunto, principalmente sobre a momentosa questão social. Mas é supinamente conservador e carrança...Uma fortaleza contra todas as idéias que não estejam nos moldes da Santa Madre Igreja."* Depois o autor do texto desautorizava o articulista Emílio Kemp, que escrevia no *Correio*: "*Não entendendo nada do que vai pelo mundo com o nome de maximalismo, bolchevismo, espartacismo, revolução social, o Kemp apega-se à opinião mais que suspeita do clericalissimo Alfred Capus*[135] *e infla de contentamento...pobre criatura..."*[136].

Um fato específico que provocou a ira dos anarquistas de Porto Alegre foi o boato divulgado pela imprensa da "nacionalização das mulheres". Os bolchevistas russos haviam sido acusados de tornarem as mulheres um "bem público", como a terra, as fábricas e os

[134] "Fancaria" é o local onde se comercializam pedaços de panos, *fancas.* Com o tempo virou sinônimo de coisa barata, o que os militantes da FORGS acusavam as notícias do *Correio do Povo* de serem.
[135] Alfred Capus foi um jornalista e dramaturgo francês.
[136] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.3, 1º de abril, 1919.

outros meio de produção. Há uma boa dose de machismo e moralismo nesta interpretação, principalmente contra as noções de amor livre que alguns socialistas e anarquistas pregavam. Pelo que se depreende das acusações, o *Correio do Povo* teria publicado notícias sobre este fato. *O Syndicalista* estampou então, em 1º de maio, uma carta que a União Operária Internacional teria enviado ao *Correio do Povo* para protestar contra estas notícias, mas que este jornal teria se negado a publicar.

Depois de iniciar reconhecendo o caráter de "*órgão das classes conservadoras"* do *Correio do Povo* e que combateria "*quaisquer reformas sociais que afetem a essência econômica da sociedade atual",* justificando a ausência de espírito crítico pelo *"desejo de conservação das classes abastadas"*, a carta apontava que as calúnias divulgadas eram inaceitáveis, pois mesmo com este "porém" *"é simplesmente revoltante ao mais comezinho espírito de justiça."*

> Está neste caso a transcrição feita por esta folha [*Correio do Povo*] a 11 do corrente, da descabelada "blague" do decreto da socialização das mulheres, feitas pelos maximalistas russos.
>
> É evidente que o forjicador daquela blague não teve outro intuito senão zombar da pouca cultura da maioria do povo e nele incutir, senão a repulsa, ao menos espírito de ridicularia contra os maximalistas.[137]

Em seguida o autor da carta defendia a doutrina do "comunismo anarquista", que seria bem conhecida, citando livros de autores libertários, explanando que pensadores como Tolstoi, Kropotkyn e José Oiticica defendiam a libertação da mulher e sua dignificação. Este boato da "*nacionalização das mulheres"* fez com que os editores d'*O Syndicalista* publicassem outro artigo, reproduzido da imprensa internacional, que relatava a experiência de representantes da Conferência de Versalhes na Rússia. Ao perguntarem a Lênin sobre o assunto, o líder soviético pensou se tratar de uma brincadeira. Os representantes da Conferência teriam dito inclusive que as condições da Rússia "*se aproximavam do puritanismo na moral e na prática"*[138].

[137] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 1º de maio, 1919.
[138] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 27 de maio, 1919.

Seguindo esta lógica do confronto, *O Syndicalista* publicou, em 11 de julho, o artigo *Como se escreve a História,* seguido de uma notícia sobre os desastres das tropas que combatiam os bolchevistas russos, apenas para atingir a credibilidade do *Correio.* A notícia, retirada de um jornal de São Paulo, tratava das derrotas das forças contra-revolucionárias, mas o fato que chama atenção não é a nota em si, mas a crítica sobre a imprensa local que a precede:

> Diariamente lemos as notícias que o crivo da imbecilidade jornalística do róseo nos dá e o que se passa no mundo com respeito ao avanço das idéias maximalistas, comunistas, espartacistas ou operárias.
>
> Essas notícias pelo que se vê são dosadas pelo critério vesgo da burguesia prestes a dar contas as forças populares dos seus crimes inomináveis.

No final, depois da nota que descrevera a derrota das tropas brancas, o artigo termina com uma interessante "conclusão":

> Compare-se este telegrama, que tomamos entre os muitos que aparecem diariamente nos jornais de Rio e São Paulo, com os comunicados estonianos que o Correio do Povo publica continuamente, dando vitórias sobre vitórias para os inimigos dos trabalhadores russos e alardeando derrotas e mais derrotas dos maximalistas que a se tomar a sério estas notícias não se teria na Rússia mais nenhum.[139]

É interessante notar que a principal fonte de polêmica seja o *Correio do Povo.* Não existe um antagonismo sistemático contra *A Federação* ou contra jornais menores de Porto Alegre como *O Independente* ou *O Inflexível*, que tinham certo caráter popular. Talvez porque ele pretenda ser "o róseo": um jornal apartidário, acima de federalistas e republicanos, uma folha de opinião, o que a caracterizaria mais que as outras como representante da burguesia[140].

---

[139] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 11, jul, 1919.

[140]Sobre o *Correio do Povo* ver RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo.* Porto Alegre: Editora da Universidade/Ufrgs, 1998. O nome *róseo,* seria dado pela cor das páginas de algumas edições em que o jornal saiu, embora também poderia vir da fusão das duas cores que supostamente federalistas e republicanos trariam em seus lenços, respectivamente vermelho e branco. As opiniões do *Correio do Povo* estariam acima dos dois partidos, diferindo da tendência geral de uma imprensa partidária quando o jornal surgiu.

A revolução russa era o centro da polêmica que os anarquistas tinham com o *Correio do Povo.* Mas os militantes que escreviam no órgão de informação da FORGS não se limitaram a desmentir o *Correio,* eles tentaram mais: construíram uma série de argumentos que deslegitimavam a opinião daqueles jornalistas sobre a revolução russa, e não somente porque eram burgueses, mas porque apoiavam seus julgamentos em preconceitos religiosos, em boatos infundados ou em fontes duvidosas. Daí o sentido da carta da União Internacional, que mesmo levando em conta a posição de classe do jornal reputava como absurda a publicação de mentiras como a da nacionalização das mulheres. Ou quando foi mostrado que os jornais do Rio e de São Paulo publicavam notas que informavam das vitórias bolchevistas, ao contrário dos jornalistas do *Correio do Povo*, cuja tendenciosidade era tanta que levava a ocultação de informações por demais conhecidas.

Tratava-se de uma luta que contrapunha duas versões diferentes sobre a revolução. Mas esta não é somente uma luta por duas representações distintas do mundo ou uma polêmica jornalística sobre a versão verdadeira dos fatos. Se havia uma versão difamatória sobre a revolução russa que estava sendo difundida pelo jornal de maior tiragem do Rio Grande do Sul, era necessário respondê-la, porque esta trazia explícita a noção de que a luta operária e a tomada do poder por esta classe tinham necessariamente um resultado trágico para a sociedade. O jornal podia defender os interesses das classes dominantes, como os anarquistas bem diziam, mas isto não o fazia ser lido apenas por esta parcela da população. A carta da União Internacional mostrava esta preocupação ao dizer que "*É evidente que o forjicador daquela blague não teve outro intuito senão zombar da pouca cultura da maioria do povo e nele incutir, senão a repulsa, ao menos espírito de ridicularia contra os maximalistas"*[141].

A revolução russa poderia ser objeto de repulsa dos operários, caso eles lessem as notícias veiculadas pelos "jornais burgueses". Por isso era necessário debater, desmontar as opiniões dos críticos, oferecer um contraponto ao que os trabalhadores poderiam ler. Neste caso, existe a possibilidade de um confronto de opiniões feito pelos leitores, caso estes tivessem acesso aos dois meios de comunicação. Fazendo uma comparação com este

[141] *O Syndicalista*, Porto Alegre, p.3, 1º de maio, 1919.

confronto proposto pel'*O Syndicalista,* é interessante observar um outro confronto, mas desta vez entre leitores, que teve lugar no *Rebate* de Pelotas.

O Rebate era um jornal popular, dirigido pelo federalista Frediano Trebbi, que abria espaço para os críticos do Partido Republicano, mas que também franqueava espaços na sua folha para representantes do movimento operário se expressarem. Havia mesmo em algumas edições uma *Coluna Operária.* Pois foi por intermédio desta coluna, no dia 29 de maio, que Marcos d'Oliveira escreveu o artigo *O militarismo é a guerra viva contra a paz*[142]. Nele o autor apelava às mulheres, mães e irmãs, para que não colocassem as crianças nas escolas tradicionais, pois estas apenas ensinavam a história das batalhas e dos conflitos, incentivando a violência e uma mentalidade belicista. As mulheres deveriam enviar seus filhos às escolas modernas, para acabar com o militarismo e outros valores nocivos. No dia 31 de maio veio a resposta. Um leitor, com pseudônimo de Dreyfuss Murbe, escreveu na coluna *Rebatendo* que Marcos d'Oliveira era como um Judas vendendo a pátria. Além disso, acusava-o de ser maximalista e querer fazer propaganda da sua doutrina:

> Não é para admirar, quando, lendo um jornal em uma coluna um maximalista clamando para que o povo "levante a sua soberania ultrajada!" O nosso globo hoje está infestado por este mal que só pode ser subjugado pelas balas, pelas baionetas e pela vontade dos que desejam estar cercados em seus lares, tendo suas jovens filhas com a honra intacta.
>
> Hoje nos nossos dias quando deparar-se com um artigo, reclamando pelas reivindicações do povo, pode-se afiançar: ou é maximalista ou é antipatriota.[143]

A discussão pelas páginas dos jornais continuou por dias. Além de Dreyfuss, também criticava o operário um leitor de nome Oliveira Júnior, mais por uma suposta ingenuidade do pacifismo em relação ao mundo real, do que por uma concepção política particular. O problema girava em torno da definição de patriotismo, mas Dreyfuss era o debatedor mais agressivo, enveredando por um extremado "anti-maximalismo". Assim, quando se discutia a definição de pátria, este leitor elencou uma série de autores nacionalistas e mandou

[142] *O Rebate.* Pelotas. p.1, 29 de maio, 1919.
[143] *O Rebate.* Pelotas. 31, mai, 1919. p.1.

Marcos d'Oliveira *"buscar outras definições na Alemanha de Liebknicht e na Rússia de Lênin"*[144].

Saindo em defesa de Marcos d'Oliveira, outro operário, de pseudônimo Anlusi, na edição de 7 de junho criticava Dreyfuss por este não conhecer *"a doutrina anarquista de Lenine"* e afirmar que tal doutrina só seria feita de terrores. Ela só estaria sendo perseguida porque havia surgido dentre os operários: *"Basta ser uma idéia, uma conquista surgida das massas trabalhadoras, para logo encontrar, não só balas e baionetas, mas patas de cavalo, mas o tempo corre e as idéias sucedem-se e nada mais haverá que as detenha"*[145].

Na resposta dada por Dreyfuss, além deste atacar Marcos d'Oliveira, também sobrava para Anlusi, que é chamado de intruso. No seu artigo, Anlusi havia criticado o termo "Rússia Vermelha", mas Dreyfuss, em resposta, justifica seu uso porque:

> ...lá, segundo os telegramas que nos chegam de diversos países, só existe o direito de morte; assassinam todo dia milhares de não admiradores da purulenta doutrina; e as virgens são devoradas e atiradas ao lodaçal da miséria após servirem de pasto às hostes carnívoras de Lenine[146].

A discussão acabou por parte de Marcos d'Oliveira quando este anunciou que sua pátria era a terra e que ela não necessitaria de militarismo nem farda[147]. Anlusi, por sua vez, escreveu no dia 17 que defenderia o anarquismo, pois foi onde ele havia encontrado *"igualdade, fraternidade e liberdade"*[148]. Dreyfuss encerrou o longo debate com uma resposta a Marcos d'Oliveira, no dia 18, novamente invocando sua suposta filiação aos ditames da revolução russa para com isso atacar a tese de que a Terra seria sua pátria: *"Não me admirou, porque os anarquistas russos, estes, que andam por toda a parte espalhando suas idéias torpes e canibalescas dizem a mesma coisa"*[149].

---

[144] *O Rebate*. Pelotas. 5, jun, 1919. p.1.
[145] *O Rebate*. Pelotas. 7, jun, 1919. p.1.
[146] *O Rebate*. Pelotas, p.1, 9, jun, 1919.
[147] *O Rebate*. Pelotas, p.1, 10, jun, 1919.
[148] *O Rebate*. Pelotas, p.1, 17, jun, 1919.
[149] *O Rebate*. Pelotas, p.1, 18, jun, 1919.

3.4. O esforço analítico dos militantes sobre a revolução russa

Além das notícias sobre o que acontecia na Rússia ou nos países revolucionários e dos espaços dedicados à crítica dos grandes jornais, são importantes fontes sobre o que se pensava sobre a revolução russa os textos que identifiquei como opiniões das lideranças operárias. Aquele era um momento em que, para os militantes que pensavam o destino do movimento operário, os fatos que vinham por telégrafo eram fenômenos novos que precisavam ser analisados. Soviets, exércitos operários, partidos revolucionários, ditadura do proletariado; alguns conceitos entravam em contradição com o tradicional pensamento anarquista ou sindicalista; outras informações, como a tomada do poder pelos operários, levavam a uma euforia desmedida.

Um exemplo desta necessidade de analisar a nova situação se encontra em um artigo de J. Benício, publicado tanto no *A Dor Humana* de 1º de outubro quanto n'*O Nosso Verbo* de 11 de outubro, em que transparece claramente a preocupação de entender acontecimentos que iam contra princípios tradicionais, mas que se justificariam por um fim maior:

> Parecerá absurdo que um libertário que tem por tema a paz e a concórdia exclame: salve a revolução. Entretanto antes da revolução e sem ela nada poderemos conseguir: Revolução Social, que fará derruir todos os preconceitos deste século, que como os do século passado ameaça exterminar-nos pela fome, que nos repudia e de nós zomba.[150]

Estes textos "analíticos" normalmente ocupam a primeira página, tendo caráter mais doutrinário e teórico do que propriamente informativo, mostrando a opinião do jornal. O periódico operário, como se pôde ver até agora, não é somente um órgão de divulgação e propaganda, mas é também o local onde os militantes fazem um esforço de compreensão sobre a realidade. Conforme Jorge Jardim Pastorisa: *"A informação no jornal operário não tem o sentido apenas de divulgação de fatos e acontecimentos, mas antes de tudo de interpretar estes fatos à luz da teoria à qual a publicação está filiada* [...] *Não seria exagero afirmar que o jornal procura (ou as lideranças operárias através deste veículo)*

[150] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.1, 1° de out, 1919; *A Dor Humana.* Bagé, p.2, 11, out, 1919.

"pensar pelo leitor" ao transmitir-lhe a informação"[151]. A importância destes textos reside neste caráter mesmo de *reflexão e análise* sobre os processos, em vez de defendê-los ou usá-los como mote para criticar a burguesia local. Não que falte estas características à outros textos, mas elas parecem estar mais presentes nestes "editoriais".

Para estudar estas opiniões escolhi cinco textos publicados n'*O Syndicalista*: *Luta de classes, O caminho para a libertação do proletariado, O que nós comunistas queremos, A revolução operária* e *Quem ri por ultimo.*

Luta de Classes foi publicada na edição de 17 de junho d'*O Syndicalista* e tinha como preocupação central explicar o sentido do sindicalismo. Neste texto, mesmo considerando que alguns sindicatos só se preocupassem com a melhoria de aspectos parciais da vida do trabalhador, o autor ponderava que o papel do sindicato não deveria ser apenas a luta econômica imediata, mas sim fazer uma arregimentação revolucionária na classe trabalhadora para destruir o capitalismo que a oprimia. Desta forma, seria o sindicato o germe da sociedade futura, seria seu núcleo organizativo quando ruísse as bases da sociedade capitalista, pois *"Quando se tratar, após a derrubada de reerguer em novas bases a sociedade, serão as organizações operárias que deverão dirigir a organização necessária da produção e do consumo"*[152].

O tema é retomado em *O Caminho para a libertação do proletariado:* o trabalhador explorado e que sofre era educado pelos princípios burgueses para manter o individualismo egoísta. Um dia, premido pela necessidade, ele acordaria e colocaria em cheque a sociedade capitalista. Quando isto acontecesse, ele iria procurar os seus companheiros para se associarem a ele e o lugar propício para isto seria o sindicato. Por este motivo o sindicato pode ser considerado a mais importante das associações operárias, pois só ele traça uma linha divisória entre operários e patrões. Esta organização tem primazia sobre todas as outras formas de associação na construção da nova sociedade: *"O sindicato se propõe preparar uma solidariedade crescente entre os operários, a fim de preparar a expropriação dos capitalistas e da reivindicação da sua fortuna particular, medida essa indispensável, como sendo o único ponto de partida para a reforma completa da*

[151] JARDIM, Jorge Luís Pastorisa. Op. Cit. pp. 244-245.
[152] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 17, jun, 1919.

sociedade"[153]. Ou seja, repisa-se a função do sindicato como germe da sociedade futura, o que já estava colocado no texto anterior.

Destaco estes dois textos pela relação que eles tem com um terceiro: *O que nós comunistas queremos.* Esse texto não apareceu na primeira página, mas ocupou toda a segunda página do sétimo número d'*O Syndicalista.* No início deste escrito se declara explicitamente que a sociedade pela qual os militantes operários estavam lutando era a "comunista anarquista": *"Lutamos por uma sociedade comunista anarquista, isto é, um estado social que faculte o desenvolvimento social de cada homem"*.

> O meio para chegar aos fins almejados se nos depara na greve geral social, e que vem a ser a recusa do proletariado de continuar a colaborar pela manutenção da sociedade atual. Esta recusa geral do trabalho acharão os seus termos na transmissão dos meios de produção ao povo que trabalha, o qual continuará a produzir em proveito de todos, segundo os princípios do socialismo [...] No que diz respeito à organização, recomendamos a formação de grupos livres, não limitados por qualquer espécie de centralização, autonomos em todos os sentidos, federados conforme livre arbítrio e de conformidade com os fins especiais de propaganda que se têm em vista.[154]

Após esta primeira exposição de princípios, passa-se à caracterização da sociedade de classes que, com sua divisão de riquezas e privilégios, havia chegado a um ponto insuportável com o favorecimento da burguesia às expensas do proletariado. Depois de um duro ataque ao Estado e a Igreja, o autor se dedicava a uma crítica que chama atenção por não ser muito clara, atacando as *"aspirações comunistas de outrora"* e um *"complicado estado econômico"* que não deveria vingar. Também há uma condenação aos partidos operários burocratizados, pois as organizações que deveriam dar origem à nova sociedade não poderiam ter estruturas *"eclesiásticas"*, com lideranças constituídas, o que explicaria a denominação "comunismo-anarquista":

> O comunismo que constitui o nosso ideal é, portanto, um estado completamente livre, que não conhece nem sobreposição, nem subordinação, não usa padrões fixos, é identificado com o estado em que não existe nem amo nem servo, com a anarquia.

[153] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 11, jul, 1919.
[154] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.2, 3, set, 1919.

> Pretendendo pois todas as aspirações comunistas de outrora , a constituição de um complicado estado econômico, é preciso, até na denominação que adotamos, constatar nossa opinião divergente e por isso nos denominar comunistas-anarquistas.[155]

Por fim, anunciava-se que a hora da revolução havia chegado, com um chamado ao operário para formar sob o pavilhão rubro da anarquia e da revolução. "*Vosso ponto de reunião é debaixo de nossa bandeira, debaixo do emblema do comunismo e da anarquia, debaixo do emblema da revolução social. Sob estes símbolos reuni-vos afim de combinar o plano da campanha, para derrubar o existente, que sois chamados a substitir por uma sociedade de homens livres e iguais"*.

Estes três "editoriais" são de Friedrich Kniedestdt e marcavam as diretrizes básicas do sindicalismo anarquista. Mesmo de forma não totalmente explicita, eles parecem dialogar com a repercussão da revolução russa no Rio Grande do Sul. Se isto não é muito claro nos dois primeiros textos, no terceiro o próprio título, *O Que Nós Comunistas Queremos*, pressupõe uma reflexão sobre o bolchevismo na concepção do artigo. Mas o corpo do mesmo, diferente do que possa sugerir o título, não fala da Rússia e sim ressalta a importância de um comunismo sem fórmulas rígidas, o comunismo anarquista. Em nenhum momento há uma crítica ao que acontecia no "país dos Soviets", mas também não há referências à Soviets ou ao bolchevismo, o que era muito comum em outros textos. Isto porque a presença da revolução de outubro poderia estar implícita neste escrito, como um interlocutor que devia ser interpelado por alguém como Kniestedt, que viera da Alemanha e que, por sua vivência no movimento operário daquele país, conhecia os princípios do marxismo e os métodos dos bolchevistas.

Era necessário defender a revolução baseada no comunismo libertário, principalmente quando idéias que não eram anarquistas pareciam estar ganhando adeptos rapidamente, idéias estas propagadas pela revolução russa.

Mas se Kniestedt parecia preocupar-se com a manutenção das idéias anarquistas, outros líderes agiam de forma diferente, como se pode ver em outro texto "editorial" importante, *Quem ri por ultimo*, escrito por Zenon de Almeida, este texto foi publicado no mesmo número do *O que nós comunistas queremos.* Zenon faz um histórico do problema

[155] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.2, 3, set, 1919.

operário no Rio Grande do Sul, ironizando a tentativa de "incorporar o proletariado" feita por Borges de Medeiros na greve de 1917. Compara este intento com sua atitude em 1918, quando acossou os grevistas com a polícia e foi elogiado pela burguesia. O termo desta acumulação de experiências e exercício de consciência histórica seria o ano de 1919, em que o Rio Grande do Sul registrava o maior número de greves no país, apavorando a classe dominante. O autor assinala o paradoxo de que, enquanto em outras partes do mundo (o que certamente incluía a Rússia, a Alemanha e a Hungria no raciocínio) exigia-se e fazia-se bem mais, no Rio Grande do Sul os operários pediam bem menos e em nada eram atendidos. Zenon de Almeida resolve então o dilema do operariado apresentando o que poderia ser o fim da seqüência histórica por ele esboçada: a revolução social. Diferente de Kniestedt, nesta solução não há uma definição doutrinária, podendo ser o comunismo, o Soviet, a anarquia. Não importava o nome que se desse, mas sim o bem estar do operário e sua possibilidade de viver feliz.

> A Revolução Social.
>
> Único meio de acabar com as greves e a carestia de vida. A expropriação geral, o Soviet, o comunismo enfim são o termo fatal e necessário desta evolução composta de greves gerais incessantes, obstinadas e contínuas, em que o povo não consegue melhorar a situação em que vive, não achando lenitivo para os males que o afligem, não conseguindo melhorar a situação aflitiva em que vive, a não ser momentaneamente. [...]
>
> É anarquismo, é maximalismo, é bolchevismo que se infiltrou entre o operariado? O que é não importa como se chama.
>
> É a sede de viver melhor, a ancia [sic] de viver melhor, de descansar mais os músculos exaustos, é o anceio [sic] de ver realizado seu ideal de bem estar que a burguesia lhe usurpa, é o que impelo o povo para frente, fazendo erguer bem alto o pendão rubro das suas reivindicações.
>
> Viva a greve revolucionária.[156]

O quinto texto analisado é *A Revolução Operária*, de Polidoro Santos, um dos mais importantes militantes anarquistas do estado. O escrito apareceu na primeira página do d'*O Syndicalista* de 1º de maio, propondo-se a explicar a origem das revoluções que estavam ocorrendo na Europa. O capitalismo em seu desenvolvimento não foi capaz de resolver os problemas sociais e os operários foram reduzidos à fome pela "*lei de bronze da*

[156] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 3, set, 1919.

miséria"[157]. A guerra enriqueceu mais os burgueses e sacrificou os operários, o que não ocorreria só na Europa, pois no Rio Grande do Sul muitos também haviam ganhado com os negócios da guerra. Na verdade não era necessário ir a Europa para ver a asfixia operária, pois no estado a exploração do trigo, da carne, do leite e das outras indústrias já enriqueciam a burguesia, deixando o operário na miséria. Mas aí aparecia o exemplo positivo do operariado da Inglaterra, que mesmo com leis de proteção social, tinham escolhido o caminho da revolução (o que justificava o título do artigo). Estes convocaram uma conferência para unificar suas agremiações e associarem-se a III Internacional, o que Polidoro saúda como um grande exemplo:

> "Os operários ingleses apesar do seu governo ter estabelecido uma série de reformas que escandalizariam os nossos burgueses, compreenderam que isto não basta e francamente arvoraram a bandeira da revolução na sua conferência anual, iniciada a 20 do corrente, e no qual se fundiram todos os partidos e organizações operárias. Nesse importante congresso foram aprovadas noções preconizando o regime dos Soviets para a Grã-Bretanha e a filiação dos trabalhadores à Terceira Internacional estabelecida em Moscou.
>
> Isto demonstra a disposição em que se encontram os trabalhadores em não aceitarem reformas transitórias que deixam as coisas de pé para voltar tudo na mesma.
>
> É a revolução operária que se assenta e em breve proclamará a paz e a liberdade entre os povos da terra.[158]"

Comparando-se os textos de Friedrich Kniestedt, de Zenon de Almeida e de Polidoro Santos pela ótica das diversas formas de interpretar a revolução, percebem-se algumas diferenças muito importantes entre elas. Kniestedt mantém-se mais apegado a uma interpretação sindicalista e anarquista da revolução operária, ressaltando que o sindicato seria a "célula mater" da nova sociedade, porque a partir dele se faria a necessária para o triunfo da revolução. Zenon de Almeida traça a história do movimento operário no estado desde 1917, comparando a situação do operário europeu com o do Rio Grande do Sul. A solução dos paradoxos sociais neste artigo é bem mais pragmática e menos teorizada que em Kniestdt: é o Soviet, o comunismo, a anarquia, não importava qual nome se desse, desde que trouxesse ao operário sua liberdade e lhe permitisse a fruição da vida. Polidoro

[157] A expressão *Lei de Bronze* é de Ferdinand Lassale, pai da social democracia alemã, o que demonstra a variedade das fontes teóricas nas quais os militantes bebiam. Originalmente se refere à *"Lei de Bronze dos Salários"*.
[158] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.1, 1º de maio, 1919.

Santos, como os dois outros autores, também faz um pequeno histórico da exploração operária e dos ganhos burgueses com a guerra, mas sua solução de radicalização contra este estado de coisas tinha um exemplo concreto nos operários ingleses, que resolveram unificar suas sociedades e aderir à Terceira Internacional, ou seja, mesmo com as leis de proteção social, haviam escolhido o caminho da revolução.

Os três autores eram importantes anarquistas, militantes com experiência na luta sindical e figuras das mais destacadas no pensamento libertário do Rio Grande do Sul. O que significavam então estas diferenças? Seria Friedrich um anarquista "puro" arraigado a concepções tradicionais, Zenon um "pragmático" aberto a quaisquer tendências que se mostrassem funcionais e Polidoro um "convertido" pelas novas atitudes do operariado internacional? Ou simplesmente as posturas distintas refletiriam distintas preocupações no momento em que os textos foram escritos? Como este tipo de inferência só teria validade com um cruzamento das palavras com as ações destes militantes naquele momento, manterei por enquanto o juízo em suspenso, pois pretendo discutir isto nos próximos capítulos; o que acho importante frisar, depois da análise destas interpretações, é que o processo revolucionário desencadeado pelos russos se tornou algo sobre o que era premente raciocinar à luz das teorias dos próprios militantes. Friedrich Kniestedt, por exemplo, deve ter sentido a necessidade de pensar um novo tipo de revolução operária sob a sua visão teórica particular, por isso ele também se chamou comunista, mas resguardando os princípios do anarquismo.

Apesar desta tentativa de interpretação mais acurada feita pelos articulistas do *Syndicalista* ao tentar entender os acontecimentos da Rússia, seria um erro dizer que uma visão mais "idealista" não estivesse presente nos órgãos de comunicação do movimento operário. No mesmo *O Syndicalista*, em seu primeiro número, um pequeno artigo intitulado *A Luz Redentora*[159], apresenta uma visão sobre a revolução bastante parecida com aqueles textos que *A Luta* publicara em 1918. O título se relaciona com a idéia de que o movimento revolucionário era como uma luz que iria redimir as misérias do mundo, e, além de apresentar o maximalismo como luz redentora, o autor se refere a uma série de sábios que teriam no passado previsto estes processos, estudiosos dos fenômenos sociais que teriam

[159] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 1º, abril, 1919.

informado sobre aquilo que estava acontecendo. Naquele momento se viam confirmadas as palavras daqueles que haviam falado sobre *"a liberdade futura"*, por isso era necessário que os trabalhadores seguissem o que havia sido escrito por estes pensadores. O texto, que está sob o pseudônimo de Zacharias, é muito diferente dos escritos pelos três líderes anarquistas: Kniestedt, Zenon e Polidoro; mesmo assim convive lado a lado nas páginas do mesmo jornal.

Isto mostra que concepções diferentes sobre a revolução podiam ser encontradas no mesmo jornal, partindo de operários diferentes. Entretanto, o maximalismo não era necessariamente admirado apenas pelos anarquistas, nem precisava ser lido apenas sobre a ótica de um ideal político-social. Um bom exemplo são os artigos escritos por J. Max, no *Rebate,* pois este ligava a onda revolucionária à instauração de uma nova ordem espiritual. Este tema é desenvolvido em dois textos: *A Idéia Moderna* e a *Libertação do Escravo*.

No primeiro destes escritos, de 9 de maio, J. Max escreve sobre o socialismo, o conflito mundial e as revoluções que eram deflagradas em diversas partes do mundo: *"essa guerra, onde rojaram cetros, onde os czares foram julgados como simples plebeus, amparou os bons e criminou os culpados, também há de vir esse dia, que a justiça divina impere, quando a humanidade reconheça e siga as sentenças de Jesus"*. Além disso, as revoluções eram algo que não só os cientistas sociais e os sábios haviam previsto, como colocara Zacarias n'*O Syndicalista,* mas que os profetas também haviam antecipado: *"O que a humanidade contempla hoje já foi prognosticado desde o Apóstolo Paulo, até os pequenos profetas dos nossos dias. O grande Tolstoi, o apóstolo da liberdade e da igualdade, predisse o que vimos e vemos"*[160].

O tema da redenção dos oprimidos e da queda dos opressores foi retomado no artigo *A Libertação do Escravo,* escrito em 14 de maio, dia posterior ao aniversário da abolição da escravatura. O operário, que seria o escravo moderno, teria alcançado a liberdade por meio da revolução maximalista: *"O poder absoluto do Czar, enegrecido seu reinado pela realeza russa, desapareceu no vórtice da revolução maximalista! Ah o escravo viu raiar o arrebol da liberdade, rubro do sangue da vingança do oprimido contra o opressor"*. Como em seu outro artigo, esta vitória se completaria também com uma reforma na religião, que

[160] *O Rebate.* Pelotas, p,1, 9, jun, 1919.

só aconteceria quando esta acompanhasse os verdadeiros ensinamentos de Cristo: *"Só porá termo a religião divina de Jesus quando ela* [a religião] *seguir o que ele pregou. A redenção ensaia-se, e a igualdade virá dos povos, das raças, das religiões etc. O escravo - proletário- espera sua redenção de liberdade e justiça"*[161].

J. Max possivelmente é um pseudônimo. Não consegui descobrir nada sobre este articulista, apenas pode-se depreender que ele é um religioso e defende a causa operária. Não é possível saber se ele era um militante socialista ou anarquista, sequer se é um trabalhador. Acredito, no entanto, que estes textos mostram uma coisa importante: a variedade de impressões existentes no período das grandes agitações operárias da República Velha, embora se possa afirmar que as impressões que predominaram foram as que ligaram a revolução às lutas políticas e econômicas dos trabalhadores organizados.

Destas interpretações apaixonadas surgem nomes e pseudônimos de vários militantes, suas declarações podem ser lidas, algumas de suas concepções podem ser depreendidas de suas palavras, mas pouco se pode saber sobre o processo de aproximação destes militantes das idéias da revolução russa. O que fez com que determinados trabalhadores identificassem seus próprios destinos com os da revolução e outros não? E de que forma o fizeram?

A hipótese de que os anarquistas haviam apoiado a revolução porque acreditavam que os revolucionários russos eram anarquistas, se mostrou bem pobre quando analisadas as interpretações dos militantes sobre aquele acontecimento. Talvez este processo de identificação tenha sido bem mais complexo do que parece a primeira vista e é sobre isto que vou tratar em meu próximo capítulo.

[161] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 14, jun, 1919.

4. *"PARECERÁ ABSURDO QUE UM LIBERTÁRIO QUE TEM POR TEMA A PAZ E A CONCORDIA EXCLAME: SALVE A REVOLUÇÃO!*[162]*"* A identificação dos militantes com a revolução e as aproximações contraditórias com o sonho revolucionário

Em 1917 e 1918 a maior parte dos pronunciamentos feitos pelos operários quanto à importância da revolução russa, como foi aqui mostrado, ou vinha de militantes anarquistas, ou era referenciado pelo ideário anarquista. Estes anarquistas, antes da revolução, já tinham uma série de expectativas sobre a possibilidade de uma grande mudança social. Mas de repente, em meio às notas sobre os massacres da Grande Guerra, surgem novidades sobre um movimento que derruba o odiado absolutismo czarista e mais, tem como um dos seus principais atores a classe operária. Os operários russos estavam se rebelando, enfrentando a burguesia e o Estado, tentando construir um novo tipo de sociedade. A identificação entre os seguidores do anarquismo e a revolução russa foi quase imediata, além do que a movimentação vitoriosa na Europa poderia inspirar uma vitória operária aqui no Rio Grande do Sul, pois também se vivia aqui um clima de agitação.

Tudo isso já foi dito neste trabalho e mostrado através das declarações dadas pelo *A Luta*. Este processo de identificação dos operários com a revolução, entretanto, pode ter sido mais complexo do que parece. As notícias que vinham do "gigante do norte" podem ter significado coisas diversas para militantes de diferentes orientações políticas ou vivências pessoais. Mesmo entre os anarquistas, a revolução pode não ter sido necessariamente um referencial para as mesmas aspirações. Este quadro torna-se mais matizado ainda com o passar do tempo, quando se introduzem novas informações dos acontecimentos europeus e as interpretações vão ficando mais ricas. Tentei mostrar no capítulo anterior como permanências e quebras se verificaram em relação às primeiras interpretações sobre a revolução russa, alguns identificando o maximalismo com o "comunismo anárquico" e outros já revelando uma inclinação a considerar as idéias revolucionárias russas como novas teorias sociais. Para tanto tive de analisar uma série de textos publicados em panfletos e jornais operários do Rio Grande do Sul, mas não posso me

[162] Trecho do artigo Salve a revolução, publicado por J. Benício no *O Nosso Verbo*, de 1º de outubro de 1919.

resignar a analisar somente isso, pois como expliquei na Introdução, as apropriações e representações não são fenômenos mecânicos, mas mediados por tradições e experiências.

4.1. Anarquismo e sindicalismo revolucionário: algumas formas possíveis de identificação com os ideais da revolução

Quando escrevi que a revolução russa havia despertado interesse dos anarquistas do Rio Grande do Sul, usei o termo de forma muito pouco rigorosa. Basicamente me remeti ao que havia identificado no primeiro capítulo como grupo anarquista, em contraposição ao grupo socialista, ou social-democrata, que se agregava principalmente em torno da figura de Francisco Xavier da Costa. Mas no período que estou estudando, os socialistas haviam perdido muito de sua força e alguns destes militantes talvez nem mais pudessem ser chamados de socialistas. E quanto aos anarquistas? Estes estavam no auge de sua força e neste momento suas palavras serviam de caixa de ressonância para a revolução soviética.

Mesmo estando correta esta afirmação, não é fácil apontar quem são estes libertários, o que eles pensam e o que os motiva. Seus nomes estão nas listas de membros das associações, em moções de protestos ou até como autores de textos em jornais; se dizem anarquistas, socialistas ou maximalistas; querem derrubar com todas as forças o maldito "edifício social". Entretanto, sabe-se pouco às vezes para responder a uma pergunta que a primeira vista parece simples: o que faz com que este militante tenha se identificado com a revolução russa? Para se identificar com a revolução russa bastaria ao sujeito ser um militante anarquista? Todos estes teriam se identificado da mesma forma, através de um mesmo tipo de anarquismo?

Uma das coisas que permitiu uma identificação imediata de alguns anarquistas com a revolução russa foi o termo "comunismo". Muitos militantes que escrevem sobre a revolução, como pode ser constatado pela carta da União Operária Internacional ao *Correio do Povo*[163]*;* identificam as idéias dos comunistas russos com o anarco-comunismo, que tinha entre seus principais elaboradores o russo Piotr Kropotkin e o italiano Errico Malatesta, que defendiam o comunismo no campo econômico. Na verdade Kropotkin via a anarquia como um estágio do progresso social. A sociedade futura seria alcançada primeiro

[163] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 1º de maio, 1919.

com a derrubada do estado, formando-se comunas livres de produtores e federações comunais, sendo esta uma fase coletivista. Depois se entraria no verdadeiro comunismo, quando desapareceria definitivamente a propriedade privada. Mas a derrubada do estado deveria ser fruto de um grande levantamento popular, fruto de um longo trabalho de educação e conscientização:

> "Para os anarcocomunistas a revolução anárquica corresponde à difusão das idéias libertárias entre as camadas oprimidas feita através da propaganda e educação, pelos indivíduos mais conscientes e aderentes ao anarquismo. A educação é suficiente para que a classe trabalhadora chegue à insurreição popular espontaneamente, sem intermediações, pois basta firmeza e vontade de todos os cidadãos para a revolução social."[164]

Para algum militante que conhecesse o comunismo anarquista, pareceria bem plausível acreditar que os grandes levantamentos populares que derrubaram o Czar Nicolau e o Ditador Kerensky fossem a confirmação destas idéias. Além do mais, Kropotkin era russo e havia voltado ao seu país na época da revolução, o que reforçaria a idéias da influência do seu pensamento neste processo. Mas se é verdade que algumas características poderiam ser assimiladas como kropotkinianas, outras, como a manutenção do estado, não poderiam ser. De qualquer forma, não acredito que seria muito útil considerar as idéias dos militantes anarquistas do sul do Brasil como um corpo teórico monolítico. Os diversos editoriais d'*O Syndicalista* mostram como, mesmo entre os anarquistas que trabalhavam em um mesmo jornal, as opiniões sobre um mesmo acontecimento podiam ser muito diferentes. Desta forma, não é uma tarefa tão simples estabelecer qual tipo de anarquismo os militantes tinham em mente, nem estabelecer qual tipo de sindicalismo era a referência para eles.

Evangelia Aravanis, que estudou as idéias do grupo que editava o primeiro jornal *A Luta,* em 1906, remete esta dificuldade à própria fluidez da doutrina anarquista:

> "O anarquismo, desde seu surgimento, tem sido uma doutrina fluída, tem variado no tempo e no espaço. Todos os anarquistas têm se julgado no direito de representar este ideário sem, necessariamente, ter que se embasar nas reflexões de seus antecessores ou confirma-las, pois, segundo eles, o anarquismo comporta dentro de si este componente de repensar."[165]

---

[164] SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcossindicalismo.* São Paulo: Ática. 1987. p.30.
[165] ARAVANIS, Evangelia. *Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico "A Luta" e o seu desejo de mudar o rumo da história de Porto Alegre (1907-1907).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1997. (dissertação de mestrado).

Levando isto em conta, Aravanis observou algumas características do discurso deste grupo e baseando-se nas definições de Maitron, fez relações com algumas diretrizes básicas do anarquismo, que seriam a crítica à autoridade existente na sociedade, a busca da liberdade e a procura de métodos de luta para alcançar esta liberdade, ou seja, a anarquia. A autora identificou no jornal a recorrência de um discurso que corresponderia a estas características: a crítica à autoridade política e econômica, representada pelo estado, os partidos e a burguesia, além da crítica aos valores que perpetuariam esta autoridade; a busca da liberdade política e econômica, assim como o fomento a valores libertários; e a defesa de métodos de ação que procurassem realizar estes objetivos, como a propagação das suas idéias com a criação de escolas modernas, a difusão do antipatriotismo e do antimilitarismo e a defesa do sindicalismo como modelo mais fecundo de organização de classes. Apesar da pesquisa de Evangelia Aravanis recuar dez anos na história em relação ao período aqui estudado, acredito ser importante marcar estas características, pois muitas delas continuavam presentes na segunda fase d'*A Luta*, e mesmo em outros jornais como *O Syndicalista*, *A Dor Humana* ou *O Nosso Verbo*, servindo de base para uma identificação muito forte com o fenômeno revolucionário russo.

Assim, para quem exercia a crítica ao poder político e econômico tradicional, a queda da aristocracia e da burguesia russa eram feitos admiráveis, tanto mais que na Rússia vivia-se sob uma férrea tirania; a busca da liberdade política e econômica podia ser vista sob uma forma totalmente nova, pela formação do Soviet, que permitia ao trabalhador intervir diretamente na condução dos negócios públicos, permitindo também o controle da produção pelo camponês e pelo operário; os defensores do antimilitarismo e do antipatriotismo devem ter se impressionado com os clamores russos por uma paz sem anexações nem concessões e com um exército onde os soldados lutavam pela própria liberdade. Além do mais, para os defensores do sindicalismo, que viam na luta de classe o antagonismo social básico, isto tudo isto deveria parecer, de fato, exultante.

Mas, se não se pode usar a palavra "anarquismo" de forma ingênua, também não se pode falar em sindicalismo gratuitamente, como se fosse apenas uma extensão desta teoria. Edilene Toledo, no seu livro *Travessias revolucionárias*, defendeu a existência de uma corrente organizativa independente dentro do movimento operário brasileiro, chamada sindicalismo revolucionário, que estaria fora do anarquismo. Historiando a origem desta

corrente no Partido Socialista Italiano e no sindicalismo francês, ela mostra como houve desencontros entre os sindicalistas revolucionários e os anarquistas desde suas origens. Desta forma, Errico Malatesta, por exemplo, um dos principais nomes do anarco-comunismo, se colocou contra Pierre Monate, militante sindicalista, que defendia a idéia de transformar o sindicato na principal base para a luta revolucionária dos trabalhadores. Malatesta discordava porque, para ele, o sindicato poderia ser um ótimo meio de divulgação para as idéias libertárias, para reunião da classe e exercício de solidariedade, mas não poderia ser base da sociedade futura como queriam muitos sindicalistas, pois tenderia a crescer e se institucionalizar, tornando-se conservador.

Toledo mostra que a relação entre sindicalismo e anarquismo não foi sempre pacífica, havendo lugares, como São Paulo, onde o sindicalismo revolucionário chegou a se conformar como corrente dominante durante a República Velha. No caso do Rio Grande do Sul, Evangelia Aravanis não vê conflitos entre o sindicalismo e o anarquismo na concepção dos militantes, mesmo porque no momento estudado por ela o sindicalismo revolucionário estava recém se formando. No caso da documentação que trabalho, posterior em dez anos, também não vi muitos conflitos entre estas tendências[166]. Interessante neste sentido é observar a afirmação de Venâncio Pastorino Sobrinho, um dos líderes da União Geral dos Trabalhadores de Bagé, sobre a difusão das idéias revolucionárias como *"a nova doutrina sindicalista"*:

> Aproxima-se o dia em que os privilégios se derruíram e as riquezas apodreceram por inúteis.
> Como prova mais frisante acaba de rebentar em todos os pontos da terra revoluções contra essa torpe opressão exercida contra uma classe pobre e sem meio de defesa iguais aos burguesas.
> Uma prova disso oferece-nos o fato da rápida difusão da nova doutrina sindicalista entre as classes trabalhadoras, sendo aceitas com alegria e cordialidade.
> Esta doutrina apresenta um novo plano, colimando as dificuldades capitalistas tendo por lema-do canhão ao arado, do arado à produção.
> O socialismo pede que sejam propriedade pública todos os meios de produção e distribuição, ao passo que o sindicalismo e mesmo o comunismo, mandam que os mesmos trabalhadores sejam os donos e diretores em absoluto do sistema de produção industrial, dos transportes, das oficinas, das fábricas, enfim de tudo.

[166] Adhemar Lourenço, por exemplo, também não observa uma diferenciação entre anarquistas e sindicalistas para este momento. Entretanto, faz uma outra divisão para diferenciar atitudes dos próprios anarquistas em relação aos seus objetivos no movimento operário, como o associativismo pedagógico, com atitudes voltadas à valores e um associativismo político, com atitudes voltadas a fins. SILVA JR, Adhemar Lourenco. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. pp. 15-20. (dissertação de mestrado)

> Os campeões deste sistema Emile Zola, V. Hugo, Emile Pouget, Hommom e outros demonstraram os grandes acontecimentos sociais a se erguer em nova sociedade.[167]

Este trecho é expressivo porque mostra como estas concepções podiam combinar-se e mesmo buscar suas raízes em figuras alheias tanto ao anarquismo quanto ao sindicalismo, como é o caso do escritor liberal francês Victor Hugo. Na verdade, se fosse me aprofundar nas características da doutrina anarquista e na influência do sindicalismo revolucionário no movimento operário do Rio Grande do Sul, teria de mergulhar de tal maneira nestes conceitos, fazendo um cruzamento de fontes tão acurado, que excederia em muito os limites deste trabalho. Por este motivo vou me ater ao que elenquei logo acima, na identificação destas diretrizes básicas que puderam fazer uma ponte entre as idéias destes operários e a revolução russa. Desta forma, tanto o sindicalismo quanto o anarquismo permitiriam uma relação de admiração com a revolução pelo caráter operário e anticapitalista que ela se revestiu desde o primeiro momento. Além do mais, a própria fluidez do anarquismo permitiria a estes militantes aceitar novas teorias revolucionárias. Se foi assim com o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, em que algumas características deles se fundiram sem muitos problemas para os operários do Rio Grande do Sul, assim foi também com as novas idéias vindas da Rússia revolucionária.

Mas além do tema do sindicalismo revolucionário, há outra questão levantada pelo estudo de Edilene Toledo que pode ajudar como ponto de reflexão para este trabalho: o papel dos referenciais ou das tradições de luta herdadas pelos operários.

Toledo constrói sua argumentação através da análise das trajetórias de vida de três militantes sindicalistas revolucionários e suas atuações tanto na Itália, onde haviam nascido, quanto no Brasil, para onde haviam migrado. Deste modo ela observa a formação de grupos políticos que buscam suas tradições para além do movimento operário brasileiro, remontando a ligações e solidariedades que muitos operários imigrantes tinham desde seus países de origem, o que uma análise centrada apenas no cenário nacional talvez não conseguisse perceber. Isto impõe mais uma questão para ser respondida: além de ser anarquista, ou sindicalista, o operário que simpatizasse com a revolução não poderia ter uma tradição a que pudesse recorrer e que mediasse este interesse? Não poderiam haver

[167] *A Dor Humana.* Bagé, p.3, 4, out, 1919.

tradições de luta que o fizessem perceber algo além de uma "revolução libertária" ou de um "novo tipo de sindicalismo" nas estepes da Rússia?

Inspirado no trabalho de Edilene Toledo, mas em uma escala muito mais modesta, seria interessante tomar a trajetória de dois anarquistas e observar em perspectiva como elas influíram nas suas maneiras de ver a revolução russa. Vou iniciar este exercício com um rápido percurso pela militância de dois dos ativistas libertários mais importantes do período: Zenon de Almeida e Friedrich Kniested, a partir daí examinando como podem ter se conformado dois comportamentos diferentes diante de um mesmo acontecimento.

4.2. Trajetórias de vida, identidades étnicas e escolhas políticas na aproximação com a revolução russa

a) Friedrich Kniestedt e Zenon de Almeida: duas formas distintas dos anarquistas se relacionarem com a revolução russa

Tomando por base sua autobiografia[168], pode-se afirmar que Kniestedt iniciou seu interesse pelo socialismo muito jovem, quando participou pela primeira vez, em 1888, de um círculo racionalista na cidade onde nasceu, Kothen-Anhalt, na Alemanha. Ele era um aprendiz escoveiro e na reunião que participou havia poucos trabalhadores. Foi por intermédio de um outro rapaz que participava deste círculo, adepto do anarquismo, que ele teve o primeiro contato com as idéias de Bakunin, Errico Malatesta, Piotr Kropotkin e Proudhon. Tomando conhecimento destas idéias, Kniestedt começou a participar das associações de trabalhadores dos lugares em que vivia. Sua profissão era escoveiro e em parte pela dificuldade de encontrar trabalho, em parte pelas suas concepções políticas que o faziam alvo preferencial da polícia e dos patrões, sua vida foi marcada por uma constante transumância. Em todos os lugares para onde Friedrich Kniestedt ia, ele entrava em alguma

[168] Este relato da trajetória de Friedrich Kniestedt foi recolhido da sua autobiografia, escrita nos anos 30 em capítulos no jornal que ele editava, o *Aktion,* e que foram traduzidas e publicadas posteriormente por René Gertz. KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Tradução, Introdução, Epílogo e Notas de Rodapé: GERTZ, René Ernani. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1989.

associação profissional e tentava formar algum grupo de instrução popular, além de fazer palestras periódicas para tentar convencer os operários da sua miserável condição, pondo-se a distribuir panfletos onde estivesse.

Na Alemanha havia uma lei contra as associações operárias e contra o Partido Social Democrata, agremiação que seguia no período uma orientação baseada no pensamento de Marx e de outros pensadores socialistas, como Ferdinand Lassalle. Quando esta proibição foi levantada, em 1890, as reuniões dos socialdemocratas passaram a ser livres, crescendo muito o número de operários filiados ao partido. Em 1893, na cidade de Goslar, Friedrich Kniestedt se tornou membro de uma associação de educação social, entrando simultaneamente, devido ao ingresso neste grupo, para o Partido Social Democrata Alemão.

Sua convivência com os membros deste grupo político lhe marcaria profundamente. Até sua expulsão definitiva do partido, em 1905, a relação com este seria de idas e vindas, em um processo em que ele elegeu os social-democratas como um dos principais inimigos a combater, além do estado, da religião, do militarismo e do capitalismo. É difícil aquilatar realmente até que ponto ia as convicções anarquistas de Kniestedt naquele momento da sua vida, já que ele escreveu suas memórias a partir de 1934, mas percebe-se que o processo de burocratização do Partido, que vinha moderando suas opiniões e que cada vez mais priorizava a luta parlamentar, foi influenciando a formação militante de Friedrich Kniestedt. Assim, ao relatar sua ida para a prisão em 1897, ocasião em que os dirigentes partidários teriam boicotado sua defesa, ele comenta:

> Internamente eu rompera com a social democracia. Na verdade nunca pertencera à ela, mas necessitava de um campo de ação. E além disso havia todas essas pessoas, que tinham nascido nesta miséria, como eu, criadas com amor e que de corpo e alma acorreriam a esta festividade, acreditando que através da social democracia poderiam chegar ao socialismo e à liberdade. Este foi o motivo porque não rompi aquela época com o partido social democrático. Devo confessar que também a minha fé de que poderia revolucionar o partido social democrático de dentro para fora ainda seria possível me mantinham ligado à ele. Uma ilusão diante da qual já sucumbiram inúmeros batalhadores da causa.[169]

Em 1905 ele se estabeleceu em Berlim, entrando em contato com todas as correntes anarquistas que atuavam na capital do Império Alemão. Passou a trabalhar na associação local de empregados do comércio, ajudando a organizar os sindicatos desta classe. Como na Alemanha não havia um movimento libertário organizado, Friedrich e outros de seus

[169] KNIESTEDT, Friedrich. Op. Cit. p.24.

companheiros organizaram, em 1907, o primeiro congresso anarquista alemão perto de Offenbach. A polícia tentou fechar o Congresso, perseguindo os congressistas e marcando-lhes os nomes. Depois disso, ele passou a ser mais perseguido pela polícia e teve de abandonar a Alemanha, indo para Paris em 1908. Alí ele se relacionou com diversos grupos anarquistas e sindicalistas em que estavam divididos os trabalhadores franceses. Na verdade Kniedestedt, em sua autobiografia, se diz um anarquista comunista, mas não parece ligar sua concepção política a algum grupo específico. Talvez por isso, para ele, as divisões entre anarquistas e sindicalistas revolucionários não tivessem tanta importância. Na Alemanha os anarquistas, pelo que ele próprio afirma, não tinham tanta força e o principal grupo a ser batido entre as fileiras operárias eram os socialdemocratas. Na realidade, Friedrich Kniedestedt diz ter criado uma concepção própria, que se remeteria a vários pensadores:

> No decorrer do tempo eu criara uma ideologia, uma visão de mundo poderia dizer-se, para mim mesmo. E por isso, em certo sentido, continuo a ser até hoje um solitário. Me alimento em primeiro lugar daquilo que eu mesmo vivenciei e de que outros vivenciaram. Aprendo muito com Bakunin, Koprotkin, Kasper Schmidt, Owen, bem como Nietzsch e Tucker, mas foi, sobretudo Tolstoi que determina até hoje meu modo de pensar e de agir. Meus profundos estudos da teoria de Marx e Engels – reconhecidos por todos os meus opositores – fizeram de mim um adversário do marxismo, mas não me empurraram para a direita, mas para a esquerda.[170]

Em 1908, ele saiu da França, também por suas atividades no movimento operário, vindo para o Brasil com sua família. Esta foi uma vinda em procura de uma colônia de vegetarianos, nudistas e anarquistas chamada Zunkunft, perto do rio Ivaí, no estado do Paraná. Nesta localidade encontrou apenas os restos deste assentamento, fixando-se no meio do mato, livre, cultivando a terra com familiares e amigos, o que acreditava ser possível apenas porque o fator corruptor da civilização lá não havia chegado.

Ele permaneceu pouco no interior do Paraná porque em 1909 voltou para a Alemanha, onde se dedicou mais do que nunca a enfrentar o militarismo crescente do estado alemão, que já se posicionava quase em um estado de guerra. A atividade repressora e o controle sobre os seus passos se tornaram mais presentes. Friedrich Kniestedt se dedicou então a participar as atividades do Partido Social Democrata, para contrapor suas idéias nas discussões que eram promovidas. De certa feita teria arengado até com Leon Trotsky, que estava na Alemanha a convite do partido para uma palestra.

[170] KNIESTEDT, Friedrich. Op Cit. p.25.

Como a situação tivesse se tornado insustentável, nas vésperas da guerra ele veio novamente para o Brasil. Permaneceu até 1917 no interior do Paraná, em colônias que estariam tentando se organizar coletivamente. Mas a onde de greves neste ano seria o ensejo para uma nova mudança de vida.

Como tinha o objetivo de voltar a atuar no movimento operário, ele se dirigiu até o Rio Grande do Sul, primeiramente para Pelotas, em abril, e depois, em agosto, para Porto Alegre. Chegando na capital do estado procurou integrar-se à Federação Operária, onde, para sua surpresa, se discutia a instalação de um Tiro de Guerra patrocinado pela Intendência Municipal em troca da construção de um Ateneu Operário. Provavelmente, neste momento, Kniedestedt viu sob seus olhos reatualizadas muitas batalhas que ele travara na Alemanha. O debate sobre o tiro de guerra tinha como um dos promotores o Conselheiro Francisco Xavier da Costa, que proveniente do Partido Socialista, ingressara no Partido Republicano. Aquilo podia muito bem ser identificado como uma prática de colaboração com o governo próxima à dos socialdemocratas alemães. Não foi à toa que Kniestedt tenha escrito em suas memórias que se escandalizou com o que viu[171].

Este momento e a experiência de luta que havia acumulado na Alemanha, podem ser considerados os responsáveis pelas concepções expressas por Kniestedt nos jornais. Um dos primeiros textos que ele publicou n'*A Luta,* em 14 de outubro de 1918, é exatamente uma crítica contra os socialdemocratas alemães, a quem acusa de terem sepultado a II Internacional. No artigo *Desmembramento da Internacional,* ele ataca o papel destes socialistas que teriam colaborado com o nacionalismo alemão e que nada haviam feito para parar a guerra. Ao falar do socialismo francês, que também se alinhava com o nacionalismo, ele faz um pequeno deboche contra os marxistas: *"Socialismo, solidariedade, trabalhadores de todos os países, até a 'concepção materialista da história', são ainda apenas pedaços de papel"*[172]. Além disso, Kniestedt é um dos únicos articulistas que não se refere à revolução russa de forma explícita em seus artigos e editorias no *A Luta* ou n'*O Syndicalista*. Este silêncio é tanto mais contundente quanto era comum seus companheiros se referirem ao movimento revolucionário russo em seus escritos. Seria isto

[171] KNIESTEDT, Friedrich. Op. Cit. p. 123-124.
[172] *A Luta.* Porto Alegre, p.1, 14, out, 1918.

apenas um silêncio sobre um processo que não tinha condições de opinar? Acredito que não.

Como indiquei no capítulo anterior, alguns escritos de Friedrich Kniestedt pareciam dialogar com algo que estava acontecendo, mas este não era um diálogo explícito. Ele parece defender os princípios do sindicalismo, algo situado entre o sindicalismo revolucionário (pois ele chega a ver o sindicato como célula mater da nova sociedade), e o anarco-comunismo, já que defende a liberdade do trabalhador e um futuro em que os trabalhadores se organizariam em federações livres. O que não é estranho se retomarmos suas *Memórias*, em que ele diz transitar entre estas correntes sem aderir a alguma em especial. Sob este prisma, de um diálogo com uma presença não revelada, o texto que mais chama atenção é *O que nós communistas queremos.*

Neste, o autor não só insiste no comunismo anarquista, como também alerta para um "estado econômico" e formações partidárias de estrutura eclesiástica. O antagonismo que estabelecera com os marxistas e a aversão à idéia de partido que sua experiência com o Partido Social Democrata Alemão lhe incutiu, podiam tê-lo feito ver a influência comunista como um perigo para a organização operária. Seus textos tentavam propagar o anarquismo e o sindicalismo, incentivando o ímpeto revolucionário da população, mas ele também parecia estar ciente de que os militantes começavam a refletir sobre a ação de homens como Lênin e Trotsky e conceitos como "ditadura do proletariado". Conceitos estes que Kniestedt não conhecia somente pelos marxistas alemães, mas pelo próprio Trotsky, com quem havia arengado pessoalmente, o que faz crer que ele tivesse algum conhecimento sobre as particularidades dos grupos políticos russos.

Na verdade não é tão fácil compreender as atitudes de Kniestedt neste momento em relação à revolução russa. Ao que parece, ele admirou a posição de mártir de Liebkniecht e Luxemburgo, tanto que dedicou uma pequena crônica humorística a eles, mas o que mais deve ter lhe chamado atenção foi a revolta contra a posição socialdemocrata dos dois militantes e sua oposição à guerra. Ele chegou a dar uma palestra sobre a revolução russa e a revolução alemã na Algemeiner Arbeitverein, em 1919, mas infelizmente o teor dela, que seria muito elucidativo, é desconhecido[173]. Uma coisa parece ser clara: seu conhecimento das correntes políticas entre os operários europeus, e mais, sua vivência particular da

[173] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 1º de abril, 1919.

socialdemocracia e com os marxistas no Império Alemão o dispôs de forma mais crítica em relação à revolução russa se comparado a outros anarquistas, o que parece ser o caso de Zenon de Almeida[174].

Zenon Budaszewski nasceu em Porto Alegre, no bairro Navegantes, no ano de 1892. Seu pai, Ingnaci Budaszewski, era judeu e fora oficial sapateiro na cidade de Varsóvia. Em Porto Alegre, Ingnasi continuou na sua profissão, especializando-se em sapatos femininos. Zenon aprendeu o ofício com o seu pai, mas não foi somente isso que ele lhe passou. Ingnasi era socialista, preocupando-se demais em instruir seu filho para que ele tivesse uma boa base cultural. Conforme Marat, filho de Zenon:

> "Se meu avô não conseguiu, pelo menos pretendeu que os filhos tivessem uma educação muito boa. E o Zenon aprendeu, de berço, o íidiche e o polonês, mas como não havia aqui outras escolas, ele foi matriculado numa escola alemã, então ele dominou bem o alemão, eu ouvi muitas vezes ele falar alemão... E aprendeu também, entre outras coisas, música, canto, violão. Adquiriu uma base cultural muito firme. Era um homem que tinha cultura matemática, ele tinha tábua de logaritmos, tábua astronômica. Acredito que na escola alemã ele deve ter cursado até o fim do primário..."[175]

Aos 18 ou 19 anos, Zenon Budaszewski aproveitou a vinda de um grande veleiro à Porto Alegre para engajar-se como homem de bordo. Na Europa, este navio trabalhava com cabotagem, fazendo toda a rota dos portos do Báltico, do Atlântico e do Mediterrâneo. Nesta viagem ele aumentou seus conhecimentos, formando uma boa biblioteca, aprendendo os princípios da química industrial, tornando-se também um poliglota. Às línguas que já falava, agregou o espanhol, o francês, o italiano e alguns conhecimentos de turco. Foi nesta viagem, a propósito, que ele tomou contato com o anarquismo.

De volta à Porto Alegre, Zenon casou-se com Eulina Von Reichembah Martins, uma mulher engajada, formada em um lar de fortes críticos da Igreja Católica. Foi na década de 10 que Zenon, depois de ter adotado por algum motivo desconhecido o sobrenome de Almeida, passou a atuar no movimento operário. Assumiu o cargo de professor na Escola Eliseu Réclus, que era mantida pelos anarquistas de Porto Alegre e escreveu a peça teatral

[174] Muitos dos dados aqui recolhidos para analisar a vida de Zenon de Almeida foram retirados da entrevista dada por seu filho à Isabel Bilhão, que foi publicada na revista *Estudos Ibero-Americanos.*
[175] BILHÃO, Isabel. Família e movimento operário. A anarquia dentro de casa. *Estudos Ibero-Americanos.* PUCRS: Porto Alegre. V. XXII, n.2, dez. 1996. p.198.

Amores em Cristo, encenada em 1914, e o folheto *O Evangelho da Organização*, em 1915[176].

Em sua militância destacou-se uma preocupação com a elevação cultural da classe operária, acreditando que o teatro era uma ótima forma de doutrinação política para os libertários. Tornou-se um teatrólogo, um orador de massas, um jornalista, combatendo o papel de instituições como a Igreja Católica que impediam o progresso de uma cultura laica e racional. Esta característica, de voltar-se para a difusão da cultura como forma de conscientizar os operários, é enfatizada pelo seu filho Marat:

> O Zenon nunca foi um dirigente sindical, ele era o organizador, um agitador, mas nunca participou da direção do sindicato ou da FORGS; ele falava na frente das fábricas fazia, como hoje fazem, os piquetes. Agoro, o Polydoro [Santos] é que era considerado incontestavelmente líder, todos os consideravam, suponho que inclusive ideologicamente ele teria um domínio maior de conhecimento, sendo um homem mais velho...nunca formaram partido, e tiveram mais autonomia...Os anarquistas eram partidários de escolas para trabalhadores, de universidades para os trabalhadores...Eram partidários da ação concreta...[177]

Quando foi deflagrada a revolução russa, Zenon de Almeida estava em Porto Alegre. Participou nesta cidade ativamente da greve de agosto de 1917, agindo junto à Liga de Defesa Popular, chegando a fabricar bombas que foram utilizadas em enfrentamentos contra a Brigada Militar. Depois desta greve, teve ele de se retirar para Rio Grande e depois para Pelotas. Mesmo assim, continuou contribuindo com os anarquistas da capital, escrevendo para o jornal *A Luta*, da União Operária Internacional. Neste jornal, sob pseudônimo de *Spartacus do Sul,* ele publicou o primeiro texto se referindo à revolução russa. Era um artigo de 1º de maio de 1918, que se iniciava assim: *"Rússia terra de bardos tristonhos de amargos ritmos, a terra da dor, do sofrimento, da servidão, acordou em um despertar terrível"*.

Zenon comentava neste texto que na Rússia as idéias propagadas por Koprotkin, Gogol, Bakunin, Turgueniev, Dostoievsky e Gorky haviam aberto sulcos e lançado sementes de luz, que naquele momento, expostas *"ao calor da guerra e à unidade do*

[176] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. pp. 295-296.
[177] BILHÃO, Isabel. Op. Cit. p.206.

sangue, brotou num infinito de sois radiosos, que ofuscaram os olhos dos vampiros do mundo":

> E estes vampiros, lançam um clamor que uníssono que ameaça iluminar todos os recantos do mundo, dissipando as trevas, a que estão habituados.
> "*Mas ai! destes morcegos que querem apagar o sol da nascente liberdade, perderão as asas e morreram nas chamas"*, sem conseguir esconder aos olhos do mundo a gigantesca silhueta do russo libertado, que se destaca no alvor do astro da libertação.[178]

É interessante observar esta relação da Rússia revolucionária com uma série de imagens que evocam o fogo e a luz, ao contrário dos seus inimigos que são os "morcegos" que se mantêm nas trevas. Como já foi mencionado, existe uma simbologia revolucionária, que remonta à revolução francesa, que relaciona as trevas à ignorância e ao antigo regime, enquanto a revolução é o triunfo da razão que liberta. Para Zenon de Almeida, de uma longa militância cultural e crítico feroz do "obscurantismo" representado pela Igreja, esta imagem era muito apropriada.

As referências aos personagens que haviam espalhado as sementes da libertação não eram apenas de figuras revolucionárias. Ombreando com os libertários Koprotkyne e Bakunin, além do menchevista Máximo Gorky, estavam os grandes nomes da literatura daquele país: Turgueniev, autor de *Pais e Filhos*, Dostoievsky, que escreveu *Os Irmãos Karamazov* e Gogol, de *Almas Mortas.* A revolução era também uma obra de libertação cultural, de libertação da consciência e para que a terra dos "tristes bardos" produzisse aquela explosão revolucionária, era necessário que as sementes lançadas pelos grandes nomes da cultura tivessem germinando ao lado dos agitadores sociais.

Esta referência, partindo de Zenon de Almeida, é recorrente. Por exemplo, ele criticou o "*espiritualismo orientalizante"* de Abílio de Nequete, conforme narra em seus *Cadernos.* A crítica parece ser procedente, já que era dirigida contra um militante que tinha uma visão dos processos sociais perpassadas pela religião. Um claro nexo entre revolução e libertação da consciência é mostrado em um artigo que ele escreve para *O Nosso Verbo* de Rio grande, em 1919, *O Que é maximalismo;* uma resposta contra "*um padre canalha*" que havia criticado o que se passava na Rússia.

[178] *A Luta.* Porto Alegre, p.3, 1º de maio, 1919.

Este artigo, de que já falei no capítulo anterior, é um duro ataque ao clericalismo. Zenon de Almeida estava respondendo às opiniões de um padre que escrevera contra o socialismo, argumentando ele mesmo contra as práticas da Igreja Católica. Enfrentando o clérigo, que mostrara o maximalismo como agente da dissolução das relações familiares e do respeito entre os sexos, o líder operário afirmava que no regime maximalista a família continuaria a mesma, mas a grande diferença seria *"que não faltaria pão a boca dos pequeninos e não se criariam ignorantinhos, pois a sociedade GARANTIRIA A INSTRUÇÃO INTEGRAL CUSTEANDO-A IN TOTUM ATÉ OS DEZOITO ANOS"*[179]. Obviamente, este era um ponto que contrastava com o papel da Igreja Católica na sociedade brasileira, como instituição que tinha interesse em manter privilégios como agente de ensino. Mas, além disso, há algo mais significativo, pois se a sociedade garantisse o ensino de todos, a cultura poderia difundir-se longe dos preconceitos religiosos, formando assim pessoas conscientes e não os alienados que mantinham funcionando a sociedade capitalista. Esta visão da revolução russa como promotora de uma força cultural libertadora Zenon de Almeida manteria até o ano de 1920, quando colocou, em um jornal de Santa Maria, a figura de Lênin como apogeu do racionalismo e da luta contra o pensamento religioso[180].

Como militante do movimento operário, é muito provável que o interesse despertado em Zenon pela Rússia não tivesse apenas motivos culturais ou anti-religiosos. Mas sua história de militância racionalista e os esforços pela elevação cultural dos operários mostraram a ele as possibilidades de que a revolução não libertasse apenas da exploração do capital, mas que promovesse uma libertação das mentes, estimulando a consciência crítica nos trabalhadores.

Se de fato muitos militantes acreditavam que a Rússia era a terra da anarquia, nem todos olharam para a Rússia para buscar os mesmo exemplos e os anarquistas podiam ver muitas coisas pelas lentes das esperanças revolucionárias. Deve-se reter isto, pois, quando as informações sobre a Rússia começaram a inundar os jornais sindicais e os sonhos a fervilhar nas cabeças dos operários, a hipótese de que aqueles militantes tinham se declarado bolchevistas apenas por crer que o poder soviético era anarquista torna-se cada

[179] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.3, 1º de out, 1919.
[180] *Folha do Povo.* Santa Maria, p.2, ago, 1920.

vez mais pobre e explica cada vez menos este processo de identificação. Escamoteiam-se afeições eletivas, elaborações particulares que passam pelas histórias dos trabalhadores, de suas associações, de tradições dos lugares onde viviam, ou seja, de suas experiências, e que teriam sua prova de fogo nas lutas que estes homens e mulheres travavam em nome de sua classe.

No caso de Zenon de Almeida, se como disse seu filho, ele procurava lutar pela educação do proletariado e pela elevação cultural de seus companheiros, mas com autonomia de ação, isto podia lhe facultar agir entre diferentes grupos, talvez até fora do anarquismo. Isto não ocorria com Kniestedt, que havia formado seu anarquismo em contraposição às práticas dos "marxistas" do Partido Social Democrata Alemão, dificultando mesmo seu apoio a determinadas idéias que poderiam levar a adesão ao marxismo.

Zenon não deve ter sentido a mesma coisa que Kniedestedt diante da revolução russa; ele não carregava atrás de si esta experiência de luta contra o marxismo e a socialdemocracia. Apesar de ser anarquista, sua formação cultural, dada pelo seu pai que era socialista, talvez o fizessem ver o socialismo não anarquista até com certa simpatia. Tanto o local de origem de seu pai, a Polônia, quanto o fato de ser judeu, remetiam a importantes tradições socialistas no Império Russo, anteriores mesmo ao Partido Social Democrata que daria origem ao menchevismo e ao bolchevismo. Enquanto o Partido Operário Social Democrata Russo apareceu em 1898, o Partido Socialista da Polônia havia surgido em 1892 e em 1893, uma fração marxista já fundava o Partido Social Democrata do Reino da Polônia. Os judeus também formaram uma associação de trabalhadores no Império Russo antes dos marxistas, o Bund de 1897, que pretendia representar os judeus da Rússia, Polônia e Lituânia[181].

Esta relação, mais que dispor Zenon de forma diferente diante do socialismo, poderia tê-lo inclinado a determinadas posturas na sua militância. Não é demais lembrar o papel da Igreja Católica na Polônia e o terror promovido contra os judeus no Império Russo, que

[181] Sobre os partidos socialistas da Polônia e sobre o Bund, ver: GALISSOT, René. Nação e nacionalidade nos debates do movimento operário. In HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo, Vol. IV: o marxismo na época da II Internacional. 3ª Parte.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. pp.173-250, especificamente sobre o socialismo e o marxismo na Polônia em fins do século XIX, ver: WALICKI, Andrej. O marxismo polonês entre os séculos XIX e XX. In HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo, Vol. III: o marxismo na época da II Internacional. 2ª Parte.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. pp.291-314.

normalmente tinham seus pontos altos nos "progroms". Esta ênfase na necessidade de levar ao povo uma cultura racional e anticlerical poderia ter um elo com suas tradições familiares. Mas isto está aqui colocado apenas como uma suposição, já que esta ênfase pode ser também atribuída ao tipo de anarquismo que ele tomou contato na Europa ou a uma preferência pessoal.

A questão das identificações não se esgotam aqui, pois estes esboços de trajetória de Zenon de Almeida e Friederich Kniestedt colocam um outro problema. Além das opções políticas destes militantes operários ou como ao longo de sua vida estas opções políticas se configuraram, está posto aqui a questão da origem étnica destes operários. Claro, o método que Edilene Toledo usa remete à Itália, como as referências de Zenon de Almeida (ao menos de sua família) e de Friedrich Kniestedt acabam se estendendo até a Polônia e a Alemanha. Mas no caso do Rio Grande do Sul esta busca apresenta um complicador.

Se pensarmos nos centros urbanos do Rio Grande do Sul, eles tinham uma formação diferente da capital paulista, pois sua população, especialmente sua classe operária, era extremamente heterogênea. Em uma mesma fábrica, em um mesmo bairro, em um mesmo sindicato, poderia haver representantes das grandes migrações européias: portugueses, alemães, italianos ou poloneses, vindos diretamente da Europa para nossas cidades ou nascidos nos núcleos coloniais do interior do estado. Operários de fala espanhola, tanto ibéricos quanto platinos. Imigrantes ocasionais ou contingentes nacionais menores como sírios, franceses, suecos, ingleses, russos, além dos judeus de diversas nacionalidades. A população "nacional" como se dizia na época, não era menos diversificada: descendentes dos primeiros povoadores açorianos; negros e mulatos filhos de escravos, libertos ou homens livres; índios ou mestiços emigrados das estâncias e pequenas cidades da campanha, missões e zona sul do estado, onde há um expressivo contingente destas populações. Esta diversidade marcou a formação da classe operária do Rio Grande do Sul, ainda mais porque destes grupos nenhum era massivamente expressivo como eram os italianos em São Paulo[182].

Isto torna mais complexa a tentativa de ver uma continuidade de correntes teóricas européias em longo prazo, como ocorreu em São Paulo, embora algo parecido possa ser

[182] Não é a toa que um articulista da *Gazetinha*, em 1896, tenha chamado a Liga Operária de Babel Operária. BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e trabalho. Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses. (1896-1920).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS. 2005. (Tese de Doutorado) pp.103-106.

constatado em opções políticas, como é o caso da social-democracia entre alguns alemães e o anarquismo entre alguns espanhóis. De qualquer forma, a constatação que a origem destes operários pode ser muito diversa não invalida, creio eu, uma abordagem que tente observar uma apropriação dos fatos da revolução russa por uma "lente étnico-cultural", diferente das interpretações puramente políticas.

Um dos problemas das abordagens que fazem referencias a estas identidades étnicas é sua relação com o local de imigração. Existe o risco de dar demasiada atenção ao processo de assimilação à nova sociedade ou de manutenção de características originais do imigrante, fugindo de um processo que é de constante redefinição e reconstrução, onde nem a identidade nacional pode ser vista como algo estanque, nem a sociedade que recebe estes imigrantes pode ser vista como um bloco homogêneo. Como aponta Alexandre Fortes:

> È necessário, portanto, enfocar as diferentes matrizes identitárias que perpassam a experiência da classe trabalhadora como elementos de um processo de troca e construção simbólica em que as mesmas disputam ou se articulam de modo complexo e dinâmico com outros aspectos da existência social, assumindo peso e conotação variados de acordo com o contexto. Esse contexto envolve não apenas as estruturas econômicas, políticas e a cronologia dos fluxos migratórios, mas a configuração simbólica na qual os atributos identificados com as nacionalidades particulares adquirem significado e os fatores que influem na sua modificação ao longo do período.[183]

Um exemplo que demonstra a complexidade da articulação entre estas identidades e o sentimento de pertença à classe trabalhadora pode ser observado a seguir, a partir da trajetória do barbeiro sírio libanês Abílio de Nequete[184].

b) Abílio de Nequete: a revolução russa por uma perspectiva étnica e religiosa

Abílio de Nequete nasceu na aldeia de Fih, na região de El Koura, no norte do Líbano em 15 de fevereiro de 1888 com o nome de Obdo Nakat. Perdeu a mãe muito cedo, aos dois anos, e seu pai Miguel imigrou para o Brasil, ficando o jovem Obdo com uma irmã mais

[183] FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas.*. 1. ed. Caxias do Sul / Rio de Janeiro: EDUCS / Garamond, 2004. pp. 123-124.

[184] Esta pequena biografia foi feita tendo como base as informações que Abílio de Nequete colocou em seus *Cadernos de Memórias*, que foram escritas nos anos 40. Os originais estão perdidos, por isso uso o trabalho feito por duas pesquisadoras sobre a mesma fonte: ROSITO, Renata Irene Haas. *O Pensamento político de Abílio de Nequete.* Trabalho da Disciplina de Ciência Política do Bacharelado de Ciências Sociais da PUC: Porto Alegre, datilografado, 1972 e também a partir das *Anotações dos Cadernos de Abílio de Nequete*, de Sílvia Petersen.

velha que também imigraria mais tarde, mas para a Argentina. Apesar de pertencer a uma família modesta, ele afirma que figuravam em seu tronco familiar alguns revolucionários. Sua família era ortodoxa e várias vezes ela entrou em choque com os muçulmanos que dominavam politicamente a Síria e o Líbano, naquela época parte do Império Otomano. Aos 14 anos, em 1903, sem notícias do pai, ele decidiu viajar a fim de encontrá-lo no Brasil, embarcando em um navio cargueiro para a cidade do Rio Grande.

Ao chegar ao Brasil, no mesmo ano, Obdo Nakat trocou seu nome para Abílio de Nequete. Em Rio Grande ele tomou contato com a comunidade árabe do lugar, dirigindo-se depois para São Feliciano[185], distrito de Encruzilhada do Sul, onde encontrou seu pai e tornou-se mascate junto com ele. Neste distrito ele conheceu o professor húngaro Waldomiro Lorentz, que por ser poliglota conversou com ele e lhe deu uma Bíblia em português, com a qual ele aprendeu o novo idioma por comparação com a Bíblia árabe que ele havia trazido. Lorentz também introduziu Abílio de Nequete no espiritismo, o que influenciaria sua forma de olhar a revolução russa mais tarde. Em termos políticos, apesar de seu pai ser federalista, Abílio aderiu ao Partido Republicano Rio-Grandense.

Aos 17 ou 18 anos (1907 ou 1908, portanto), Abílio de Nequete veio para a cidade de Porto Alegre, estabelecendo-se como barbeiro. Na capital, tornou-se autodidata em história, sociologia e filosofia, estudando destas disciplinas os mais diversos temas. Aos 26 anos, em 1913, ele converteu-se definitivamente ao espiritismo. Também deve ter sido na capital que Nequete entrou em contato pela primeira vez com os trabalhadores organizados. Pelo que diz em suas memórias, sua entrada no movimento operário deu-se por ocasião dos distúrbios provocados contra os alemães em abril de 1917, quando ele viu que o povo *"era somente dirigível"*. Mas o primeiro papel relevante que ele teve foi na greve de agosto, quando se tornou editor chefe do jornal da Liga de Defesa Popular, *A Época*, cuja redação inclusive funcionava na sua casa, conforme o depoimento no inquérito movido contra ele em dezembro daquele ano.

Foi neste contexto de mobilização que Abílio de Nequete passou a simpatizar com a revolução russa, mas sua maneira de encará-la e as esperanças que depositava nela diferiam de outros operários. Enquanto alguns anarquistas viam nela a realização de um sonho

[185] Atual cidade de Dom Feliciano.

libertário, ele simpatizou com a causa russa por motivos diferentes. Durante a grande guerra mundial Abílio sentira duramente as derrotas que a Rússia vinha sofrendo dos Impérios Centrais. Como sua religião original era ortodoxa, ele nutria simpatia pelos povos eslavos; sem contar que a Rússia tinha influência nas regiões de fé cristã do Oriente Médio e a luta que se desenrolava contrapunha o Império Otomano, que controlava o Líbano, ao Império Russo, que tinha interesse em estabelecer sua predominância naquela região.

Quando os bolchevistas venceram a revolução, Abílio se encheu de ânimo: para ele a vitória de Lênin e a implantação do programa socialista permitiriam o surgimento de uma nova espiritualidade, de um *"espiritismo sem religiosidade nem charlatanismo*[...]*Estava achado o campo de ação em que o espiritismo, degenerado em preces e consagrante a propriedade individual, não me facultava..."*[186] Dessa forma se uniam as simpatias étnicas do barbeiro com as esperanças religiosas; a Rússia que era a grande nação para onde os ortodoxos voltavam os olhos para pedir socorro contra a tirania muçulmana, se transformara em uma pátria nova para onde os operários do mundo poderiam olhar para alcançar a realização de um ideal espiritual e social mais alto.

Nequete também tentou estender sua militância para outro grupo social: os militares. Em dezembro de 1917 ele distribui para os soldados de Porto Alegre um panfleto com o chamado *Ao Povo Rio Grandense*[187], assinado pelo "Grupo de Operários e Soldados Brasileiros". Este panfleto tinha um forte teor nacionalista, criticando as misérias da população e sugerindo às autoridades a implantação de uma medida incomum: a suspensão dos aluguéis pagos pelos operários e a instituição de uma contribuição de 5% sobre estes para ajudar a Cruz Vermelha Brasileira na guerra, além de ser aplicado no melhoramento da aviação. Nos "Cadernos", Abílio de Nequete faz uma alusão aos panfletos, dizendo que ficou doze dias na prisão por sua distribuição[188].

Mais interessante do que o teor do boletim, que já foi abordado aqui no segundo capítulo, foi o inquérito militar que se instaurou para saber qual era o seu alcance real entre os praças do exército. No início do inquérito, Abílio de Nequete apresenta os motivos da feitura daquele panfleto e porque tinha assinado por um suposto Grupo de Operários e

[186] ROSITO, Renata Irene Haas. *O Pensamento político de Abílio de Nequete.* Trabalho da Disciplina de Ciência Política do Bacharelado de Ciências Sociais da PUC: Porto Alegre, datilografado, 1972. p. 5.
[187] *Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense*. Inquérito Policial Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917.
[188] ROSITO, Maria Irene Haas. Op. Cit. p. 6.

Soldados Brasileiros, respondendo que *"sendo livre pensador, amigo do proletariado e do militarismo, e compreendendo que a vida da caserna é, pelas classes operárias, mal-vista por ser encarada por um falso prisma, pensou, assinando daquele modo o referido boletim, congregar as duas classes"*.[189]

Abílio diz que não entrou em contato com nenhum soldado sobre o tema, mas que tinha relações com militares pela sua profissão, ou seja, como ele mesmo diz, *"de cliente para oficial barbeiro"*. Apesar de Nequete se dizer um patriota e de ter emitido o boletim com a "melhor das intenções", já que os operários gastavam muito de sua renda com os aluguéis das casas, as autoridades militares ligaram a emissão do panfleto à uma possibilidade de perturbação social, tanto mais delicada pelo estado de guerra. Uma das perguntas, com efeito, era se Abílio de Nequete *"não compreendia que a prática de tal conselho vinha burlar a lei, estabelecer a anarquia, máxime no estado melindroso em que se encontrava o Brasil?"* Ele não entendia assim, mas é curioso ver como o capitão do Exército que conduzia o inquérito promoveu um deslocamento em suas preocupações, do melindroso estado de guerra para a perigosa revolução operária, o que se torna claro na pergunta que segue a anterior:

> Perguntado se ignorara ter sido esse o processo usado pelos Impérios Centrais para lançar a Rússia no chãos de anarquia em que se debate; que se não compreende que os inimigos do Brasil podiam explorar o fato em detrimento da ordem interna do país.
> Respondeu quanto à primeira parte ignorar; quanto à segunda, não refletir a respeito.[190]

Ao que tudo indica, a revolução em prosseguimento à guerra, não agira somente sobre as preocupações do capitão, mas também sobre as de Nequete, que havia transferido suas simpatias da Rússia Imperial para a Rússia Revolucionária. Este jogo de simpatias, até mesmo de afetos, pode ser também observado em relação às pessoas com quem Abílio de Nequete estava se relacionando neste momento. Mesmo que o Grupo de Operários e Soldados Brasileiros virtualmente não existisse, o que é impossível de saber, pois com certeza ele teria todo o interesse de ocultar o fato, o inquérito sumário que se seguiu à sua prisão indicou que ele promovia reuniões com várias pessoas em sua casa. Os inquiridos, os clientes da sua barbearia, disseram que Nequete tinha posições aliadófilas, ou seja, apoiava

[189] Inquérito Policial Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917.
[190] Idem.

a Entente na guerra, mas havia se tornado recentemente germanófilo, reunindo-se com alemães em sua casa. Na verdade os inquiridos não apontaram apenas nomes alemães, mas de pessoas de diversas origens: o dentista suíço Ernesto Otto Jaenichen, que fora comissário da marinha mercante alemã; o médico alemão Júlio Theodoro Hoffmann e sua esposa; o descendente de alemães Adolfo Rössler e o escultor espanhol Fábio Arjonas, ambos empregados do alemão Aloys Friedrich, além do soldado de baixa patente Ernesto Cadaval.

Os suspeitos foram bastante evasivos, alguns disseram que palestravam na casa de Abílio, como o escultor Arjonas, outros, que tinham relações amistosas com ele, mas que não via fazia tempo, como o militar Cadaval. A maioria disse, no entanto, que o conhecia somente da barbearia e que jamais havia freqüentado as tais palestras, chegando mesmo o dentista Jaenichen a afirmar que as tais reuniões iam até altas horas, que eram realizadas a portas fechadas e que ouvira dizer que Abílio de Nequete era um anarquista.

Além de muitos afirmarem que Nequete se transformara de aliadófilo em germanófilo, foi indicado também que ele participara ativamente na greve de agosto daquele ano. Uma das testemunhas, Domingos dos Santos, que sublocava uma casa do acusado, afirmou que ele se dizia "*defensor do proletariado, que manifesta admiração exaltada pelo movimento revolucionário russo";* já Arjonas chega a declarar que ele se dizia "amigo da Sérvia".

Em um primeiro momento a visão de Nequete sobre os acontecimentos europeus e suas simpatias políticas parece corresponder apenas a um sentimento: confusão! Aguçando mais os olhos, entretanto, esta admiração pela Rússia e a Sérvia e o proselitismo entre imigrantes alemães parece ter uma lógica: é possível que Nequete tenha "comprado" a tese da "traição russa" e de sua mudança de lado na guerra, ou seja, que a paz de Brest Litowsky fosse um sinal de que a Rússia estava apoiando a Alemanha. O fato de ser reputado como "amigo da Sérvia", uma das mais decisivas apoiadoras do pan-eslavismo russo e ortodoxo nos Bálcãs, pode ser uma confirmação que a primeira aproximação de Nequete com a revolução russa tenha um conteúdo mais de simpatia étnica que política.

Isto parece um pouco mais palpável se for recordado que Abílio ficou chocado com o que houve com os alemães em abril na cidade de Porto Alegre, quando muitos deles foram

hostilizados pelos ataques a navios brasileiros pela marinha de guerra alemã[191]. Ou seja, não é de todo impossível que ele tenha sofrido alguém tipo de discriminação também, pois mesmo a contragosto, Abílio havia sido um súdito do Império Otomano, aliado do Império Alemão.

Apesar de se definia como um livre pensador, o que não devia restringir seu proselitismo apenas entre os trabalhadores, sua condição de barbeiro, a convivência com outros trabalhadores no bairro Floresta, onde morava, seu contato com o movimento operário naquelas condições de radicalização, deve tê-lo movido para uma atuação próxima à dos libertários, pois como eles, Nequete também acreditava que a revolução era um sonho de libertação possível. Neste movimento, mesmo não sendo anarquista, vai juntar-se a eles.

Em 1918 ele passou a escrever no jornal *A Luta*, dos anarquistas da União Operária Internacional. Entre estes ele encontra dificuldades de relacionamento, pois se suas simpatias étnicas vão se diluindo e Nequete vai pensar a revolução russa como universal, como pode ser visto em seus artigos, seus princípios religiosos não serão abalados, o que faz com que libertários como Zenon de Almeida não o vejam com bons olhos e critiquem seu *"espiritualismo orientalizante"*. Provavelmente, em virtude destes atritos, Nequete abandonou a União Operária Internacional, em novembro de 1918, para fundar a União Maximalista, que seria uma associação pautada pelos princípios da revolução bolchevista.

Esta "lente" religiosa que fez Abílio de Nequete interpretar a revolução de forma particular tem paralelos com outros casos. Havia alguns anarquistas, como os irmãos Martins, e alguns socialistas, como Carlos Cavaco e Antônio Guedes Coutinho, que combinavam o espiritismo kardecista com teorias sociais que apontavam para a superação dos problemas da humanidade, entendido em uma perspectiva de progresso contínuo em direção ao futuro[192]. Neste mesmo período em que Nequete atuava no movimento operário, no jornal *O Rebate* de Pelotas, o articulista J. Max escrevia que a vaga revolucionária européia era como um período de ressurreição que havia sido antecipado tanto nos evangelhos quanto nas teorias sociais modernas. Esta visão religiosa parece estar, no

[191] Sobre os quebra-quebras contra casas e estabelecimentos alemães ver: SILVA JR, Adhemar Lourenço. Op. Cit. pp.169-200.
[192] SCHIMIDT, Benito Bisso. O Deus progresso. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, V.21. n.41. São Paulo. 2001. pp. 118-120.

entanto, intimamente imbricada com outra, que é uma identidade marcada por tradições e costumes de seu país de origem.

Apesar de ter abandonado a ortodoxia fazia poucos anos, me parece claro que sua simpatia com a Rússia era mobilizada por sua identidade de cristão do Monte Líbano. Este vínculo pode ser mais justificado se lembrarmos que uma geração antes do nascimento de Nequete, havia ocorrido a trágica Guerra da Criméia, que se iniciou devido a um conflito entre o Czar da Rússia e o Sultão Otomano, porque o primeiro se arrogava o direito de proteger os Santos Lugares do Oriente. Os russos investiram contra os turcos, mas as potências ocidentais os impediram, menos por duvidar da intenção do Czar de proteger a cristandade oriental, do que pelo medo de que ele tomasse para si o controle do Estreito do Bósforo e do Dardanelos. O que parece ter havido em Nequete, como coloquei acima, foi um deslocamento ou uma ressignificação do papel da Rússia para a comunidade a que ele pertencia. Os russos, que libertariam a cristandade oriental, acabaram sendo aqueles que libertariam toda a humanidade. Houve não só uma mudança de sentido, mas também uma mudança de escala, operada por alguém que vivia uma nova realidade social entre os trabalhadores de Porto Alegre.

A questão é que, para um imigrante libanês cuja família estava envolvida na luta contra os muçulmanos, identidades étnicas e religiosas possivelmente fossem algo indissolúvel (o que possa talvez ser constatado ainda hoje em várias comunidades do Oriente Médio). Sendo assim, a aproximação de Nequete com a revolução por um caminho étnico, seria algo excepcional? Acho que não. Na realidade o próprio Nequete em suas memórias afirma que a União Maximalista receberia alguns judeus, como Samuel Speisky, por simpatias com a origem de Marx. Além destas especificidades da União Maximalista, existe um outro caso de reelaboração de simpatias nacionais relacionadas com a União Soviética, ocorrida nos anos trinta, que oferece um paralelo muito interessante com o caso de Abílio de Nequete: a organização da "União e Luz Operária Russo Branca/Ucraniana", estudada por Alexandre Fortes, no seu livro *Nós do Quarto Distrito*[193].

Esta associação surgiu no fim dos anos 20 e atuou até 1935, quando foi desmantelada pela polícia na vaga repressiva que se seguiu à Intentona Comunista. A associação não estava unida a grupos políticos comunistas, nem era ligada organicamente à União

[193] FORTES, Alexandre. Op. Cit. pp.157-175.

Soviética, sendo suas atividades voltadas mais a uma atividade cultural que política, ajudando a manter um espaço de sociabilidade para estes novos imigrantes, mesmo assim havia muitos associados que tentavam orientá-la para posições pró-soviéticas. O interessante é observar como se deu essa relação de simpatia. Estes membros eram oriundos de uma imigração ucraniana e russo-branca (como eram chamados os bielo-russos na época) relativamente recente no país. Vinham na maior parte da região ocidental de seus países, zona esta marcada por uma profunda fissura social entre nobres e "marginais", conforme depoimento de um imigrante ucraniano a Alexandre Fortes. Tanto a Ucrânia quanto a Bielo Rússia haviam proclamado independência após a Primeira Guerra Mundial, para depois desaparecerem divididas entre os novos estados que surgiram. Esta região de onde era oriunda a maior parte dos emigrados ficara com a Polônia e no período estudado passava por um agressivo processo de assimilação por parte do governo polonês, em contraste com os territórios que ficaram com a União Soviética e que acabaram por tornarem-se repúblicas autônomas.

Criou-se aí uma identificação, onde uma população que sofria dura opressão dos nobres, depois de passar por uma rápida independência, estava sofrendo um processo de assimilação forçada pelo estado polonês. Distantes da sua terra, também sofrendo a opressão de classe, as esperanças destes eslavos sem pátria voltavam-se para a União Soviética, que apareceria como a libertadora destes povos e da classe operária. Este complexo quebra-cabeça montado por Alexandre Fortes mostra que as identificações mobilizadas por Abílio de Nequete podem não ter sido tão excepcionais. Tanto o barbeiro sírio libanês quanto os membros da União e Luz Operária mobilizaram identificações que os aproximavam da Rússia devido a seu pertencimento à classe trabalhadora; mas esta aproximação podia também ter um significado muito mais particular e que influenciaria a interpretar determinadas informações de forma diferente que outros trabalhadores.

Além da aproximação que o anarquismo promoveu e das possíveis simpatias étnicas, um outro exemplo de uma atitude diante da revolução russa que precisa ser analisada é a dos militantes socialistas do Rio Grande do Sul. Em um primeiro momento poderia se supor que a adesão ao socialismo poderia predispor os sujeitos a um apoio imediato à revolução de outubro, mas isto não aconteceu. Conforme foi visto nos outros casos, este apoio vai ser mediado por uma série de experiências de luta. O fato de alguns militantes se

dizerem socialistas não significava um apoio imediato à revolução russa e um caso que exemplifica isso é o de Carlos Cavaco[194].

c) Carlos Cavaco: a escolha pela revolução de fevereiro

Muito diferente das simpatias de Nequete e dos libertários foram as atitudes deste tribuno popular diante das notícias da revolução. Cavaco era uma das mais importantes figuras entre os socialistas de Porto Alegre. Literato, advogado e grande orador, ele ajudou a fundar a Federação Operária do Rio Grande do Sul, em 1906, juntamente com Francisco Xavier da Costa. Também apareceu como presidente de um Partido Socialista em 1914, que editava um jornal chamado *A Vanguarda*, mas quase nada se sabe tanto sobre o partido quanto sobre o jornal[195].

Este militante socialista tinha idéias bastante ecléticas, como era comum aos socialistas no período da II Internacional. Entre estes referenciais encontravam-se escritores como o russo Máximo Gorki e o português Guerra Junqueiro. Na verdade, conforme Benito Schimidt, uma das motivações para a aproximação de Cavaco ao socialismo seria esta mescla de literatura e política que o cenário daquele momento muitas vezes oferecia.

Cavaco afastou-se da militância entre os operários durante a década de dez, por problemas envolvendo acusações de violação de uma jovem a ele dirigidas, que o levaram à prisão entre 1913 e 1914. De qualquer forma, sua figura voltou a aparecer em 1917, nas manifestações pela declaração de guerra à Alemanha. Não é de se estranhar esta postura da parte de um socialista, pois muitos partidos importantes desta tendência política na Europa, como o francês e o alemão, haviam apoiado os seus respectivos governos no esforço de guerra. A presença em Porto Alegre de muitos alemães e seus descendentes tornou o conflito entre aliadófilos e germanófilos bastante grave. A postura nacionalista de Carlos Cavaco era outra marca importante do seu pensamento e o ataque aos navios brasileiros por submarinos alemães naquela ocasião despertou nele o sentimento anti-germânico.

Toda esta formação influenciaria sua forma de encarar a revolução russa. Deste modo, fazendo um contraponto à posição anarquista, Carlos Cavaco teceu comentários

[194] Para montar a trajetória de Carlos Cavaco minha principal fonte foi SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.
[195] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit. pp.318-319.

bastante duros sobre a Rússia na sua revista *O Echo Americano* de março de 1918. Para Cavaco, o levantamento de outubro dera início a uma barbárie sanguinária e a atitude de Moscou em Brest Litovsk havia sido uma traição às tradições ocidentais. Em um artigo escrito por ele, Kerensky é comparado a um herói e Lênin a um bandido usurpador. Cavaco também publicou em sua revista um texto supostamente escrito pelo próprio Alexandre Kerensky e traduzido por ele, no qual o antigo chefe de estado russo comentava sua atuação no período democrático-burguês do processo revolucionário.

Isto tudo mostra que para cavaco a grande revolução, principalmente se comparada ao regime de outubro, fora a de fevereiro. Como escreve no *Echo Americano:*

> A revolução tem desses caprichos: fazem heróis e geram bandidos-Kerensky e Lenine. Não há revolução sem sangue, não há sangue sem crime, para toldar o sol de Kerensky era preciso a sombra de Lenine. Para Kerensky libertador, a idéia estava no cérebro e o amor no coração, para Lenine o ideal estava na bolsa e a idéia no estômago.[196]

Aqui pode se observar que Cavaco não repudia a revolução russa, mas escolhe, por suas concepções políticas, uma das duas revoluções que ocorreram. Elegendo a revolução democrática, Cavaco escolhia um regime e um herói diferente dos anarquistas que escreviam no *A Luta*. O direito, a justiça, a integridade da nação e uma série de outros valores que remontam à Revolução Francesa já haviam sido ultrajados pelo Imperador Guilherme, inimigo da França e da Inglaterra. Agora havia um outro inimigo bárbaro e que só podia estar aliado a este, que era a Rússia dos *Soviets.* Sob esta inspiração nacionalista, Cavaco organizou uma Liga de Operários e Soldados em princípios de 1918, cuja propaganda aparece no *Echo Americano,* e que pareceu ligar-se a uma tentativa de apoiar o Brasil na guerra.

Dali em diante, Cavaco se transformou em um ardoroso anticomunista, o que pode ser visto já em 1919, na greve dos frigoríficos de Santana do Livramento, em que critica duramente o maximalismo em um discurso feito aos trabalhadores, falando que estes poderiam vencer sem trazer a "máscara sangrenta do militarismo prussiano" encarnada por Lênin. A idéia de revolução, entretanto, ainda se mantinha viva no seu pensamento, como pode se depreender de obras poéticas como *Rosas de Sangue,* de 1920, em que se

[196] *O Echo Americano*. Porto Alegre, p.3, 18, mar, 1918.

idealizavam as barricadas e as explosões revolucionárias. Na poesia *Profissão de Fé*, Cavaco defende sua trajetória na luta pelo direito dos operários e exalta sua alma rebelde.

> Imperturbavelmente! A minha vida
> Segue na reta que eu determinei.
> E embora ulule a turba presumida
> Não me afasto da linha que tracei
>
> Altivo e forte, e de viseira erguida
> n'esta grande batalha que travei
> dentro da sociedade corrompida
> o meu santo ideal defenderei
>
> Erguendo o fraco à altura do meu peito
> Defenderei as causas do Direito
> De pena erguida e de punhal na mão
>
> E rebelde também nos sonhos e na arte,
> Eu saberei levar por toda a parte
> O facho rubro da revolução![197]

Ali está o ódio à sociedade corrompida, a luta pelo fraco e o facho rubro da revolução. Mas estas imagens, apesar da aparência, nada tinham a ver com a Rússia dos *Soviets.* A revolução russa de Cavaco havia sido outra.

Tanto Abílio como Cavaco são exemplos de que os militantes poderiam ter atitudes muito diversas diante daquele grande acontecimento. Um socialista moderado e um imigrante libanês espírita enxergaram a revolução com um olhar diferente dos libertários. Tanto um quanto o outro levavam o peso de suas experiências para guiar suas escolhas e isto também aconteceu aos anarquistas.

Tentei mostrar neste capítulo, observando a trajetória de quatro militantes, que a aproximação com os ideais da revolução foi um processo diferente para diferentes sujeitos, que tinham histórias e tradições diversas. Mas é necessário fazer aqui uma ressalva. Estas tradições não agiram da mesma forma sobre todos os operários. Se no trabalho de Edilene Toledo, por exemplo, a vida dos três militantes alí analisados serviu para identificar algumas formas de atuação no movimento operário, no caso que analiso, tentar estender o comportamento dos militantes para outros grupos seria arriscado. Dizer que a trajetória de

[197] CAVACO, Carlos. *Rosas de sangue.* Lisboa, 1920.

Nequete, por exemplo, poderia ser encontrada no restante da comunidade de operários libaneses seria uma temeridade, o que vale também para os outros casos.

Mesmo que neste capítulo tenha sido valorizado o papel das tradições de luta que estes militantes traziam para as diferentes formas de interpretar a revolução, não pode se dizer que suas formas de atuação se deviam apenas a isso. Se assim fosse, no episódio em que Zenon de Almeida critica Abílio de Nequete pelo seu espiritualismo orientalizante, não seria um militante judeu polonês criticando um militante libanês, mas alguma sorte de fantasmagoria da opressão do Czar de Todas as Rússias de um lado e da opressão do Sultão do Império Otomano do outro.

Para compreender como as idéias da revolução russa vão criando novas formas de agir, novos posicionamentos, novas concepções políticas, enfim, novas maneiras dos trabalhadores compreenderem a si mesmos e à sociedade, será necessário analisar como estes militantes operários se relacionaram entre si. Para tanto, se faz necessário analisar como surgiram as primeiras associações comunistas ou maximalistas, como os militantes do Rio Grande do Sul entraram em contato com experiências semelhantes que se faziam no restante do país e qual o sentido de algumas ações inspiradas na revolução soviética levadas a cabo em um momento em que se tornava cada vez mais aguda a luta de classes, temas estes que serão objeto do próximo capítulo.

5. *"A VOSSA DIVISÃO É A VOSSA FRAQUEZA- UNI-VOS POIS!, E, NÃO HAVERÁ FORÇA ALGUMA QUE POSSA VOS ENFRENTAR"*[198]: associações comunistas do Rio Grande do Sul e suas relações com grupos similares do centro do país

Até aqui tentei abordar o impacto da revolução russa através das diversas interpretações dadas a este grande acontecimento pelos militantes operários do Rio Grande do Sul. Muitas dessas análises ou moções de apoio pressupunham uma identificação ou inspiração na revolução, processo este múltiplo, devedor das tradições ideológicas e experiências individuais e coletivas que estes trabalhadores traziam consigo. Tendo-se estabelecido como ponto pacífico a existência desta multiplicidade de experiências, que afastaria a idéia de uma postura uniforme diante da revolução, impõem-se aqui outras questões: Como a revolução russa influenciou a forma destes operários, de origens tão diversas, a se organizar?

Na Introdução já havia feito menção a uma série de associações que tinham seus nomes claramente inspirados nos modelos revolucionários russos: União Maximalista de Porto Alegre, Liga Comunista de Santana de Livramento, Centro Comunista de Passo Fundo, Partido Comunista do Brasil. Algumas destas associações reapareceram em meio às análises sobre as interpretações e identificações dos militantes com a revolução. O processo de surgimento delas, entretanto, não pode ser negligenciado nem tratado superficialmente, pois sua formação está ligada a um processo mais complexo de organização dos militantes operários e às relações internas da própria classe.

As ações da classe operária não se dão apenas em relação à burguesia, na luta contra seu opressor, também devem ser levadas em consideração suas relações internas, ou seja, a relação entre diferentes trabalhadores e grupos de trabalhadores. Neste sentido, vale a observação de Ellen Meiksin Wood:

> A relação entre os membros de uma classe, ou entre esses membros e outras classes, é de natureza diferente. Nem o processo de produção, nem o processo de extração da mais-valia provocam a união entre eles. "Classe" não se refere apenas aos trabalhadores combinados numa unidade de apropriação, ou contrários a um explorador comum numa unidade de expropriação.

[198] Trecho do panfleto *Do canhão à peste*, da União Maximalista, lançado em 1º de novembro de 1918.

> Classe implica uma ligação que se entende para além do processo imediato de produção e do nexo imediato de extração, uma ligação que engloba todas as unidades particulares de produção e apropriação. As ligações e oposições contidas no processo de produção são a base da classe; mas a relação de produção não é dada diretamente pelo processo de produção e apropriação.
>
> Os laços que ligam os membros de uma classe não são definidos pela afirmação simples de que classe é determinada estruturalmente pelas relações de produção. Resta ainda explicar em que sentido, e por que mediações, as relações de produção estabelecem as ligações entre as pessoas que, mesmo ocupando posições semelhantes nas relações de produção, não estão na realidade reunidas em um mesmo processo de produção e apropriação.[199]

As formas como os trabalhadores são levados a se associarem e a cooperarem não são ditadas somente pelo antagonismo de classe. Transpondo esta lógica para a formação dos grupos comunistas, não bastaria dizer que estes surgiram da luta destes militantes operários contra o Estado e a burguesia; mas é necessário analisar, além da formação destas associações, qual sua forma de atuação, o que as diferenciava de outros grupos militantes e como se relacionavam com outras associações de operários organizados.

Esta análise tem como objetivo não só observar o que marcava as peculiaridades das associações comunistas, mas também qual sua importância e sua inserção em meio aos trabalhadores mobilizados. Além disso, também pretendo estudar o estabelecimento de ligações com grupos comunistas do centro do país, já que grupos como estes não floresceram somente no Rio Grande do Sul, o que pode esclarecer quanto à rede de difusão de informações e à participação de militantes gaúchos em novas formas de organização, como o Partido Comunista de 1919. Também pretendo abordar a participação dos militantes do estado em um *novo tipo de ação*, a inserção na insurreição maximalista de 1919, um episódio muito pouco estudado da história do movimento operário brasileiro.

5.1. O surgimento das associações comunistas e maximalistas no Rio Grande do Sul

Como observei acima, o aspecto mais visível do impacto da revolução russa em termos de organização foi o surgimento das associações que se identificavam como comunistas ou maximalistas. Isto tem um peso especial no caso do Rio Grande do Sul, pois

[199] WOOD, Ellen Meiksin. *Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico.* São Paulo: Editorial Boitempo, 2001. p. 89.

aqui estes grupos surgiram muito cedo e proliferaram rapidamente. As primeiras associações operárias deste tipo apareceram no ano de 1918: a União Maximalista de Porto Alegre, a Liga Comunista de Santana de Livramento e o Centro Comunista de Passo Fundo. No ano de 1919 apareceria o Núcleo Comunista de Pelotas. Em 1920 surgiria o Sindicato Gráfico Comunista de Porto Alegre e a União Comunista de Rio Grande. Também foi registrada a fundação de uma Sociedade Carlos Marx na cidade de Porto Alegre, em 1919, que poderia ser relacionada à influência do bolchevismo, mas quase nada se sabe sobre esta associação[200].

Consultando as fontes, ao que parece, a primeira experiência organizativa inspirada pela revolução russa não foi nenhuma das associações anteriormente citadas, mas teria sido um episódio frustrado. Foi o Grupo de Operários e Soldados Brasileiros, que Abílio de Nequete tentou formar em dezembro de 1917, distribuindo panfletos entre militares de baixa patente. O desejo de unir operários e soldados pode ser um forte indício de uma idéia inspirada no modelo russo do *Soviet* de Petrogrado, que reunia delegados destas duas categorias. Mas sua intenção de fazer o proselitismo de idéias que ligassem os dois grupos não funcionou. O próprio Nequete admitiu que aquilo não passara de uma atividade pessoal para aproximar os praças dos trabalhadores, pois aqueles eram mal-vistos por estes, embora as simpatias de Abílio de Nequete em relação à Rússia Revolucionária deixem uma séria suspeita que ele desejava aproximar estas classes como ocorrera na experiência dos Soviets.

Esta atividade entre os militares parece ter sido um caso isolado. Como mostrei no capítulo anterior, Abílio de Nequete reunia-se na sua casa com um grupo de pessoas para palestrar antes de lançar este panfleto. Acredito, entretanto, que dificilmente entre este grupo de pessoas que reunia figuras como o dentista suíço Ernesto Otto Jaenichen, o médico alemão Júlio Theodoro Hoffmann, o soldado brasileiro Ernesto Cadaval e o escultor espanhol Fábio Arjonas, pudesse estar um embrião do Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Quando muito Nequete poderia esperar montar este grupo através da disposição de Fábio Arjonas e Ernesto Cadaval, que eram respectivamente um operário e um soldado.

[200] Existe apenas uma nota sobre esta associação que diz o seguinte: "*Esta sociedade acaba de solicitar, tendo resposta favorável, sua junção à Federação Operária. A Federação Operária vai pedir para que esta associação nomeie seu delegado junto à Comissão Central, para que possa tomar parte nas suas decisões.*" *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 11, jul, 1919.

Mesmo que a formação do Grupo de Operários e Soldados Brasileiros fosse antecedida de algum plano, ela parece ter pouco ou nenhum efeito posterior, tanto sobre os operários, quanto entre os soldados.

Uma outra associação, com um nome muito parecido, mas com uma orientação completamente diferente, surgiu alguns meses depois na capital. Foi o Comitê de Operários e Soldados, cuja propaganda de organização apareceu no *Echo Americano* de 1º de abril de 1918: *"Está quase assentada a organização em Porto Alegre do Comitê de Operários e Soldados para a defesa da pátria. Carlos Cavaco foi convidado para presidí-lo"*[201].

Adhemar Lourenço da Silva Junior indica este grupo como um exemplo de associação nacionalista que teria buscado um modelo no movimento operário para se organizar[202]. Além desta inspiração no movimento operário, esta associação de defesa da pátria poderia ter buscado seu modelo também na revolução russa, por mais surpreendente que isso possa parecer. Na mesma revista, Cavaco já havia mostrado toda a sua admiração pela revolução de fevereiro e por Alexandre Kerensky. Isto poderia indicar que este "Comitê", apesar do nome, não fosse um órgão inspirado no Soviet que tomou o poder em outubro, e sim na experiência de fevereiro, que serviu para mobilizar a classe operária e conviveu com um Governo Provisório que mantinha a Rússia na guerra e que não pretendia romper com a ordem burguesa. Ou seja, um Comitê de Operários e Soldados que tinha mais um sentido de mobilização nacionalista que socialista.

Não somente estas duas incipientes tentativas de organização tinham sentidos diferentes, mas teriam também destinos diferentes ao longo do tempo. Quanto ao Comitê de Operários e Soldados, presidido por Carlos Cavaco, apesar de não se saber nada sobre o seu destino, é provável que tenha perdido o motivo de existência, em parte porque estas mobilizações enfraqueceram com o fim da Primeira Guerra Mundial e também porque Carlos Cavaco se engajaria em outro projeto, a fundação do Partido Operário em 1919[203]. Já as simpatias de Nequete pela revolução russa o levariam a outra ação, meses mais tarde, que resultaria na fundação da União Maximalista de Porto Alegre, um dos principais

[201] *O Echo Americano.* Porto Alegre, p.4, 1º de abril, 1918.
[202] SILVA JR, Adhemar Lourenço. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. pp. 206-207.
[203] Ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p.357.

núcleos comunistas deste período no Rio Grande do Sul[204]. Antes disso, Abílio de Nequete havia participado da União Operária Internacional, tendo acompanhado a radicalização do movimento operário em Porto Alegre, o avanço da revolução na Rússia e os primeiros estremecimentos revolucionários em outros países da Europa. Como está exposto no segundo capítulo, ele avaliou pelas páginas do jornal *A Luta* a mudança de caráter da revolução como deixando de ser russa e passando a pertencer a toda a humanidade[205].

Se foi durante sua militância na UOI que Abílio de Nequete orientou alguma de suas concepções na direção do anarquismo, como o internacionalismo, é também entre os anarquistas que Abílio de Nequete se sentiu diferente, enfrentando o preconceito contra suas crenças religiosas. Nas palavras de Irene Haas Rosito: *"Assim, suas convicções espíritas motivaram as primeiras rivalidades com os anarquistas, companheiros de greve e no jornal, que se declaravam ateus"*[206]. Aí pode ter surgido a idéia da União Maximalista.

> Em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, em novembro de 1918, um grupo de três companheiros tomou a si o encargo de lançar um manifesto aos trabalhadores, dando causa da pandemia, então chamada espanhola, a organização ultra criminosa do capitalismo, e incitava a massa a que se apoderassem de tudo, porque tudo era criado ao seu esforço. Este manifesto levava em seu cabeço o seguinte:
>
> MANIFESTO DA UNIÃO MAXIMALISTA AOS TRABALHADORES. E desde então o referido grupo considerou-se uma entidade revolucionária que, embora falhas em conhecimentos teóricos, apoiava em todos os momentos os feitos da gloriosa revolução russa. Uma das causas principais do grupo usar o nome UNIÃO MAXIMALISTA, foi a hostilidade que já começavam a desenvolver os anarquistas da UNIÃO OPERÁRIA INTERNACIONAL, a qual pertenciam os três membros fundadores da UNIÃO MAXIMALISTA.[207]

---

[204] Um dos problemas desta análise é que sua principal fonte de informação são as memórias de Abílio de Nequete. Não que suas memórias sejam menos, ou mais, qualificadas que a de outros militantes, mas por intermédio destes escritos, sua liderança na União Maximalista acaba eclipsando a ação de outros membros desta associação, razão pela qual é difícil avaliar o papel dos outros militantes do grupo. Até porque, não se pode descartar que no momento da escrita dos seus *Cadernos*, Nequete acreditasse que a União Maximalista funcionasse apenas em função dele, mesmo que isto possa não ser verdade.

[205] O nome deste artigo é *"O nosso dia se aproxima*". *A Luta.* Porto Alegre, p.3-4, 14, out, 1918.

[206] ROSITO, Renata Irene Haas- *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Porto Alegre: PUCRS 1972.(Trabalho para a disciplina de política, do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais). p.5.

[207] *Carta de Abílio de Nequete ao Comitê Executivo da Internacional Comunista*. Montevidéu, 1º de fevereiro de 1921. Esta carta encontra-se no RGASPI – Rossiiskii Gosudarstvennii Arkhiv Sotsialnoi i Politicheskoi Issledovanii (Arquivo do Estado Russo de História Social e Política). Uma cópia eletrônica dela me foi cedida pelo pesquisador Arthur Duarte Peixoto.

É interessante observar nesta carta que Abílio já percebe uma hostilidade por parte dos anarquistas da União Operária Internacional em 1918. Seria em relação à revolução russa? Isto não parece se confirmar pelas páginas do jornal *A Luta.* Talvez ela seja muito mais dirigida contra as concepções particulares de Abílio do que propriamente contra a revolução de outubro. A explicação dada para a adoção do nome "União", mas "Maximalista" em vez de "Internacional", pode ser um sinal de que esta experiência na União Operária Internacional tenha dado à Abílio um modelo de organização, mas sua convivência neste grupo o tenha afastado dos anarquistas. Os três membros da associação, além dele próprio, eram Francisco Merino e Otávio Hengist. O manifesto que marcava a fundação da União Maximalista se chamava *Do Canhão à Peste- Até que os operários tenham consciência de si próprios...*

A União lançou durante os anos de 1918 e 1919 uma série de panfletos que podem ajudar na sua caracterização. No primeiro manifesto, *"Do canhão à peste"*, percebe-se um repúdio aos operários que apóiam a política partidária ou os políticos que buscavam apoio entre os operários, ou seja, *"aqueles que de suas fileiras desertaram"* e *"aqueles que do alto descerem"*[208]. Há uma grande preocupação em denunciar as condições de vida que permitiam à gripe espanhola se espalhar, como a miséria e a guerra. Mas estas mesmas condições, apesar de deteriorarem a vida do operariado, também haviam feito surgir a revolução russa, que seria responsável pela futura libertação da classe operária. Em suas linhas gerais o *"Do Canhão à Peste"* não propugnou nenhum modo de atuação novo onde se identificasse a influência da revolução russa. As críticas à política burguesa, às condições sanitárias, e mesmo a esperança na revolução seguiam a tradição anarquista dos que escreviam no *A Luta.*

Apenas em janeiro de 1919 a União lançou um manifesto em que expunha o "programa maximalista" [209], identificado como sendo o programa dos comunistas russos. Este compunha-se de 7 pontos: 1; socialização da produção 2; expropriação dos bens 3; abolição das castas privilegiadas 4; nacionalização do fisco 5; revolução como único meio de luta 6; Soviet como organizador da vida social e 7;; necessidade da correspondência

[208] *Do canhão à Peste- Até que os operários tenham consciência de sí próprios*, Porto Alegre, 1º nov, 1918. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.
[209] *Ao Povo. O programa maximalista*-Impresso da União Maximalista. Porto Alegre 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

ativa entre os Soviets para suprimento e defesa mútua. Neste manifesto já está claramente explícito que o *Soviet* é a forma de organização da sociedade futura. Aqui não é um genérico governo dos produtores, mas é uma *nova forma de poder* com atribuições específicas, como o confisco e administração do sistema bancário, a requisição da produção social para distribuição e a necessidade de comunicação e defesa mútua.

Em outro manifesto a União Maximalista repudiava a intervenção da polícia do Rio de Janeiro contra o Congresso do Partido Comunista do Brasil, que teria ramificações por todo o país e ao qual a União se declarava associada[210]. Ou seja, a União Maximalista já em 1919 havia estabelecido um programa, que remetia aos bolchevistas russos, e fazia parte de um agrupamento maior de sociedades operárias, que estariam sob a bandeira do Partido Comunista com sede na Capital Federal.

Esta quantidade de panfletos publicados por uma associação muito jovem é um indício de uma preocupação com a difusão de informações, que era também uma característica de outros grupos organizados neste momento. Neste sentido, a União Maximalista também fundou uma biblioteca, cuja propaganda apareceu n'*O Syndicalista* de agosto de 1919, em que se pediam livros para serem doados na sede da União que funcionava na casa de Nequete[211]. Isto mostra que os maximalistas seguiam outra prática comum na época entre as associações operárias, que era a formação de bibliotecas para a educação da classe trabalhadora.

Além de examinar o conteúdo dos seus panfletos ou das formas de difusão de informações, para melhor caracterizar a União Maximalista é necessário observar também sua forma de atuação entre os operários nas ações coletivas, como as greves, pois é devido a estas ações que ela aumentou o número dos seus membros.

A União Maximalista participou ativamente do ciclo de greves do ano de 1919, que culminou, em Porto Alegre, com a paralisação generalizada de 25 de agosto a 11 de setembro. Abílio de Nequete afirma em suas memórias que naquela ocasião tomou a direção da greve dos metalúrgicos que reivindicavam às 8 horas de trabalho porque a

[210] *Boletim de Protesto da União Maximalista (contra a intervenção no congresso comunista brasileiro)* Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.
[211] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 2, ago, 1919.

FORGS não quis assumir a direção do movimento[212]. Esta greve durou dois meses e pelo protagonismo da União Maximalista nesta, a associação ganhou novos membros como Milton Loff e Carlos Toffolo, este último, presidente da União Metalúrgica. Nequete afirma ter participado também da greve dos carpinteiros e marceneiros, orientando suas reivindicações, que seria o estabelecimento de 7000 reis fixos de salário e um aumento de 25 % sobre o que ganhavam. A vitória foi conseguida em uma semana e a União Maximalista conseguiu mais um aderente, provavelmente Narciso Mirandola[213].

Outra via importante para compreender as ações da União Maximalista é a análise da sua relação com os outros grupos de operários organizados. Apesar deste período marcar uma ação coletiva de massas contra o estado e a burguesia, as relações entre as associações não eram sempre pacíficas ou de total acordo, conforme mostra este trecho do seu *Caderno de Memórias*:

> As greves parciais funcionam em três sedes diferentes.
>
> Tecelões: Avenida Germânia.
>
> Chapeleiros, curnileiros (?) e cigarreiros: FORGS, Rua Comendador Azevedo.
>
> Força e Luz: Azenha.
>
> Não foi possível reuni-los; os anarquistas da FORGS rivalizavam com os da Azenha. Araújo e Silva era o líder do grupo da Azenha e pediu a aliança de Abílio para dar um golpe na FORGS. Em princípios de setembro começam a trafegar os bondes: Araújo, desesperado, pede que Abílio lance os tecelões na frente dos bondes e ele se nega; diz que a greve não está perdida. Fazem assim um boletim, mas não distribuem.[214]

Isto mostra que havia divisões entre os anarquistas, ou seja, nem mesmo estes eram homogêneos. Na realidade este pequeno trecho extraído dos seus *"Cadernos"* mostra uma relação complexa entre as diversas associações dos trabalhadores. Abílio de Nequete participara da União Operária Internacional, escrevendo no *A Luta,* mas ele afirma escrever também em um jornal chamado *A Arena*, do sapateiro Orlando de Araújo e Silva. Nequete

---

[213] Sobre estas greves, Friedrich Kniestedt fornece um relato bem diverso do que aconteceu. Quanto aos marceneiros, Kniestedt afirma ter sido ele um dos principais organizadores, tendo inclusive ganho o apelido de "professor greve". Quanto aos metalúrgicos, o militante alemão afirma que sua greve só havia vencido graças *"à nossa intervenção"* (dos marceneiros). KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Tradução, Introdução, Epílogo e Notas de Rodapé: René E GERTZ. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1989. pp.127-128.

[214] PETERSEN, Sílvia Regina de Ferraz. *Anotações dos Cadernos de Abílio de Nequete.* Datilografado. s/d.

afirma que ele era o líder dos "anarquistas da Azenha", grupo do qual fazia parte o Sindicato da Força e Luz. Qual seria a relação da União Maximalista com este "Grupo da Azenha" (que poderia ser na realidade o grupo de militantes engajados em torno do *A Arena*) ou com o Sindicato da Força e Luz? Seria possível que Abílio, por ter saído da União Operária Internacional, teria aproximado a União Maximalista deste grupo? Não é demais lembrar que os militantes da União Operária Internacional fundaram a União Geral dos Trabalhadores e depois assumiram a direção da FORGS; essa relação com a "rival" da FORGS, nas palavras de Abílio, poderia ser fruto de uma hostilidade contra os anarquistas com quem ele havia convivido na União Operária Internacional?

Os dados disponíveis são bem poucos para responder a estas perguntas ou para montar algumas hipóteses válidas. Quanto à FORGS, Abílio afirma que, apesar de nunca ter feito parte dela, sempre comparecia as suas reuniões. Quanto ao Grupo da Azenha ou ao Sindicato da Força e Luz, mesmo que houvesse uma relação entre as referidas associações, esta não foi sempre de concordância: Abílio de Nequete recusou-se a aceitar a proposta de Araújo e Silva para dar um golpe contra as lideranças da FORGS, assim como negou-se a atirar os tecelões contra os bondes quando o transporte público voltou a funcionar, conforme desejava o mesmo Araújo e Silva.

A União Maximalista participou também do comício do Dia da Independência, convocado pelo Sindicato da Força e Luz e que se realizaria na frente da Intendência, embora fosse contra sua realização. Conforme as anotações de Sílvia Petersen: *"Abílio não gostava de comícios, especialmente quando são frente à Intendência como o de 7 de setembro de 1919 que culmina com graves incidentes"*[215]. O comício terminou com a Brigada fazendo carga sobre a assistência e "espadeirando"[216] um grande número de pessoas. Nesta ocasião, o líder da União Maximalista foi preso e levado para a chefatura de polícia enquanto tentava reunir os participantes dispersos para se encontrarem na FORGS. No fim das contas, tanto Abílio de Nequete quanto outras lideranças acabaram detidas. Mesmo que o trágico comício tenha acabado na prisão de Abílio de Nequete, ao que parece depois deste episódio a relação da União Maximalista com as outras associações, especialmente com a FORGS, muda qualitativamente. Nequete, por exemplo, ganhou uma

[215] PETERSEN, Sílvia Regina de Ferraz. Op. Cit.
[216] Batendo com a espada sobre os operários.

coluna n'*O Syndicalista*. Apesar de acreditar que tal mudança é extremamente importante no sentido de entender as relações entre os grupos de operários organizados da capital, não pretendo aprofundar aqui suas conseqüências, que somente serão abordadas no último capítulo, isto porque acredito que as relações de Abílio de Nequete e da União Maximalista com a FORGS são fundamentais para a compreensão de alguns processos que só irão tomar corpo ao longo dos anos 20, tema este que não pretendo tratar agora.

Mesmo não esgotando ainda o protagonismo da União Maximalista no cenário das associações, as informações até aqui apresentadas já serviriam para contrapor-se a uma visão de que esta associação era apenas uma "seita" e que não teve papel nenhum como força dentro do movimento operário. Esta é a opinião de Otavio Brandão em seu livro *Combates e Batalhas*, que caracteriza a União Maximalista como um grupo que não tinha importância alguma, o que também é referido ao papel Abílio de Nequete, apresentado como um homem presunçoso e fantasista:

> Durante mais de três anos anos, a União Maximalista, seita insignificante, não representou nenhum papel no cenário político nacional e nem mesmo do Rio Grande do Sul. Seu secretário, porém, gabava-se: "somos o grupo mais velho e acatado do país". Ninguém o conhecia.
>
> Na realidade Nequete era um fanfarrão e um charlatão. Despejava a cada momento, fora de propósito, citações de Lênin, extraída de más traduções espanholas.. Sentia um ódio furioso aos anarquistas. Começava as conversas chamando-os de canalhas.
>
> Conheci-o de perto no Rio de Janeiro. Caraterizei-o logo "é um anarquista às avessas"[217].

Claro, deve ser considerado que Brandão não esteve em Porto Alegre durante o período crítico das greves e provavelmente conheceu Abílio apenas do Rio de Janeiro. Além do mais, a caracterização parece fortemente impregnada de uma antipatia pessoal pela figura de Nequete.

Analisando a União Maximalista de Porto Alegre, não se percebe muita diferença de atuação em relação a outras associações operárias do período, bastante significativo é o fato de seu modelo ser uma União anarquista (União Operária Internacional). Pode-se depreender daí que a revolução russa não tinha lançado bases teóricas para uma organização de um novo tipo, base esta que o próprio Nequete admite ser falha. Isto

[217] BRANDÃO, Otávio. *Combates e batalhas. Memórias.* São Paulo: Alfa-Ômega. 1978. p.243.

significa que não há necessidade de estudar as outras associações? Obviamente não! Significa que as singularidades das associações comunistas ou maximalistas podem estar ligadas não a um modelo totalmente novo de organização, mas à especificidades como composição de seus membros, locais de atuação ou situação de determinadas categoria. Especificidades que só podem ser descobertas estudando uma a uma estas associações.

As outras associações comunistas têm histórias bem diferentes da União Maximalistas de Porto Alegre. Nem todas tiveram a liderança de uma figura como Abílio de Nequete e nem todas atuaram em um movimento operário de cenário complexo como o de Porto Alegre. Um caso que exemplifica bem esta diferença, não só de atuação, como de organização, é a Liga Comunista de Santana do Livramento, fundada também em 1918.

Esta Liga surgiu da ação do pedreiro Santos Soares. Em depoimento dado à Isaac Axelrud em 1945 (reproduzido posteriormente na revista *Problemas*, do Partido Comunista do Brasil, em 1952) Santos Soares explicou que a agitação produzida pela revolução russa resultou na fundação de uma associação que deveria ter como modelo a Rússia revolucionária:

> "O nome de Lênin, nas assembléias, incendiava os corações. Naquele tempo, era comum chamar os bolcheviques de maximalistas. Interpretávamos assim esta palavra: maximalistas são os que querem o máximo para os trabalhadores, isto é, o poder. Num grande país os trabalhadores já conseguiram isso. Para que façamos o mesmo quando chegar aqui precisamos de um partido maximalista. [218]"

Após sua fundação, ainda conforme Santos Soares, a Liga editou um jornal e iniciou um trabalho de sindicalização entre os operários santanenses, formando diversas associações de trabalhadores, fazendo com que a organização não se fechasse em si mesma. Em 1919 este grupo comandou a greve contra os frigoríficos Armour e Wilson, a primeira greve do Rio Grande do Sul contra multinacionais, que contou com mais de 2000 grevistas. Esta greve terminou com a fundação do Sindicato de Ofícios Vários, também sob influência da Liga Comunista, o que parece confirmar a campanha de sindicalização a que Santos

[218] Informações de Isaac Axelrud no artigo Santos Soares da Revista *Problemas* nº 39, Rio de Janeiro, 1952. Reproduzidas em MARÇAL, João Baptista. *Comunistas gaúchos. A vida de 31 militantes da classe operária*. Santa Maria: Tche. 1986. P 118-126.

Soares faz referência no depoimento[219]. Outro fato ressaltado pelo líder da Liga Comunista é o papel do Uruguai como refúgio de perseguições e busca de material de propaganda, já que era em Rivera que ele se escondia para produzir seu jornal.

No depoimento a Axelrud é destacada a paixão que o nome de Lênin e que as imagens da revolução despertavam nas assembléias de trabalhadores, mas pouco se diz sobre aqueles que fundaram a Liga. Apesar de parecer óbvio que a associação foi fundada sob influxo da revolução russa, seria importante registrar a atuação do movimento operário que havia antes deste influxo para saber quem poderia estar envolvido na sua formação. Conforme Ivo Caggiani, em Livramento aconteceram episódios de mobilização importante desde a década de 1880 promovidos pelos caixeiros, que procuravam garantir o descanso aos domingos e em dias santos. Também foram organizadas quatro sociedades operárias desde a década de 1880 até a década de 1910. No início desta década, ocorreram episódios significativos para as organizações operárias, como a fundação do jornal anarquista *A Evolução*, em 1911, que circulava em Santana do Livramento e na cidade uruguaia de Rivera, além de ter ocorrido uma greve dos pedreiros e alfaiates em 1912. Esta greve é importante porque, comandada pelo Grêmio Internacional dos Pedreiros, envolveu as categorias de Rivera e de Santana do Livramento, tendo estes conseguido uma vitória significativa, com a diminuição das horas de trabalho e o aumento dos salários. Em 1916 esta categoria entraria de novo em greve, pois os patrões quebraram o acordo de 1912, mas novamente os pedreiros foram vitoriosos nas suas reivindicações[220].

Foi um pedreiro, Santos Soares, o fundador da Liga Comunista em 1918. Também o Centro de Resistência dos Ofícios Vários, fundado pela ação desta mesma Liga, tinha Santiago Savi, um pedreiro, como Secretário Geral. Savi fora integrante da comissão de greve dos pedreiros em 1912 e seria tesoureiro do Grêmio dos Pedreiros fundado em 1920. Isto pode ser indício de que a Liga tenha surgido da ação de um grupo já com experiência de luta, como os pedreiros, que sob influência das notícias que chegavam do movimento revolucionário na Europa, resolveram fundar um grupo político radical.

[219] CAGGIANI, Ivo. *Sant'Ana do Livramento. 150 anos de história. v.3*. Sant'Ana do Livramento: Edição do Museu Folha Popular. 1986. pp.157-160.
[220] CAGGIANI, Ivo. Ibidem. pp. 147-156.

Mesmo que esta fundação possa ser devedora da ação de militantes com uma experiência anterior na cidade, as condições sob as quais passou a atuar a Liga Comunista eram muito diferentes daquelas de alguns anos antes. Nas palavras de Caggiani:

> Em 1917 a Companhia Armour do Brasil (Armour Of Brasil Corporation) adquiriu o estabelecimento saladeiril pertencente a firma Anaya & Irigoien e em fins de 1918 a Companhia Wilson iniciou suas atividades.
>
> Sant'Ana, em vista disso, passou a ser um grande centro industrial do Rio Grande do Sul e do Brasil.
>
> Para movimentar essas organizações tornava-se necessária uma mão de obra qualificada e, conseqüentemente, pelo volume dos abates, um maior contingente de operários.
>
> Além de grande número de uruguaios e argentinos, também vieram para Sant'Ana, muitos espanhóis que trabalhavam em frigoríficos das capitais platinas. E entre estes últimos avultavam os anarquistas.[221]

Muitos destes operários eram uruguaios, vindos de um país onde a legislação trabalhista garantia o trabalho de oito horas por dia e seis dias por semana. No Brasil, onde não havia tal legislação, eles tinham de trabalhar muito mais, o que deve ter contribuído para o descontentamento dos trabalhadores. A greve que estourou em 1919 contra os frigoríficos tomou enormes proporções, mobilizando a maioria dos operários efetivos dos estabelecimentos[222].

Foi neste contexto, da existência de um grupo de trabalhadores muito numerosos e agrupados recentemente, trabalhando sob condições deterioradas, que a Liga Comunista iria atuar. Apesar de Caggiani localizar uma União Operária em 1911, ele não registra sua continuidade. Desta forma a Liga, nestes anos críticos, foi o organismo político que agiu entre estes trabalhadores fomentando sua organização. Nas palavras de Caggiani:

> Pedreiro de profissão, Santos Soares, jovem tribuno operário que inflamava as massas, dedicou-se a pregar a união da classe operária e a organização em associações e sindicatos das mais diversas categorias profissionais: construção civil, padeiros, etc.

[221] CAGGIANI, Ivo. Op. Cit. 157.
[222] Sobre a instalação do frigorífico e algumas características do trabalho na empresa ver: ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour. Uma aposta no pampa.* Editora do autor: Santana do Livramento, 2000. pp.91-125.

> Assim, por sua influência, em plena greve dos operários das Companhias Armour e Wilson, foi fundada uma associação denominada 'CENTRO DE RESISTÊNCIA DE OFÍCIOS VÁRIOS' „[223]

O fato de não haver uma associação que congregasse os novos operários do frigorífico fez da Liga Comunista uma referência quase natural para os trabalhadores recém mobilizados. A Liga foi um instrumento de aglutinação e organização, o que deve ter propiciado um enraizamento como organização de classe, explicando a sua continuidade pela próxima década. Santos Soares permaneceria organizando as várias categorias de trabalhadores em sua militância. Em 1920, o Centro de Resistência se transformaria no Sindicato de Ofícios Vários, participando então do II Congresso Operário Regional, que se reuniu em Porto Alegre em março daquele ano[224]. A própria Liga se desdobrou em Centro Socialista, lançando o jornal *O Socialista,* em 1º de maio de 1921[225]. O grupo se ligaria ao Partido Comunista Brasileiro, no qual Santos Soares militou até a sua morte, em 1951.

Outro destes grupos surgidos em 1918 foi o Centro Comunista de Passo Fundo. Deste Centro só existe a notícia do seu aparecimento, não se sabe nem o nome do seu fundador, nem as categorias de trabalhadores envolvidas neste ato. Um dos principais problemas para o caso de Passo Fundo é a falta de documentação das associações de trabalhadores e sobre suas mobilizações.

Segundo Alessandro Batistella, que estudou o movimento operário naquela cidade do começo do século XX ao golpe de 1964, a principal organização de classe existente em Passo Fundo durante a República Velha foi a Sociedade Operária Beneficente, que surgiu em 1909 e existiu até a década de 30[226]. Esta era uma sociedade beneficente e recreativa, que não tinha orientação política clara. Em 1913, *A Voz do Trabalhador*, jornal da Confederação Operária Brasileira, publicou notícia da formação do Centro dos Trabalhadores de Passo Fundo. O surgimento da nova associação seria, para o periódico, um indício do despertar dos trabalhadores da cidade.

---

[223] CAGGIANI, Ivo. Op. Cit. p.163.
[224] PETERSEN Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p.377.
[225] MARÇAL, João Batista. *A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul. (1873-1972).* Porto Alegre. 2004. p.240.
[226] BATISTELLA, Alessandro. *O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964).* Passo Fundo: PPG em História da UPF, 2007. (Dissertação de mestrado) pp.58-59.

> Os trabalhadores desta localidade estão despertando. Dizemos despertando porque assim o demonstra clara e positiva uma correspondência que à Confederação dirigiu o Centro dos trabalhadores e em que comunicava, com verdadeiro entusiasmo, a sua fundação e posse da sua respectiva diretoria.[227]

Adhemar Lourenço da Silva Junior supõe que este Centro surgiu da tomada de controle da Sociedade Beneficente por uma facção radical, mas que isto não teve muito sucesso, pois na próxima nota publicada os dirigentes se queixavam de que o Centro não tinha a adesão dos trabalhadores, nem estes se mobilizavam[228]. O Centro deve ter sido efêmero, pois não houve notícia posterior desta sociedade.

Pelo seu nome e por só ter existido aquela associação anarquista até aquele momento, parece provável que o Centro Comunista seja uma reedição desta tentativa de erguer um Centro dos Trabalhadores politicamente engajado, como havia sido em 1913. Isto até permite um paralelo com o caso de Santana do Livramento. Assim como na cidade fronteiriça, não havia um centro operário que fosse mobilizador, somente uma União Beneficente, e vivia-se um momento de mobilização, pois foram registradas greves ferroviárias em Passo Fundo em 1917 e 1919[229]. A fundação do Centro Comunista poderia ser, a exemplo da Liga Comunista, resultado da ação de militantes com experiência de luta, mas sem uma associação que congregasse os operários em um momento de mobilização.

Passo Fundo não era uma cidade isolada das correntes de informação operárias. Existem indícios do envio de um material do Grupo Comunista do Rio de Janeiro para Passo Fundo, em 1919. Na edição de 13 de dezembro de 1919 do *Spartacus*, jornal do grupo dirigente do Partido Comunista, está indicado a remessa de pacotes de exemplares para Passo Fundo, pedidos por G. Coutinho e outros[230]. Este que encomendou é muito provavelmente Guedes Coutinho, que aparece fazendo outra encomenda algumas edições

---

[227] *A Voz do Trabalhador. Orgam da Confederação Operária Brazileira. Rio de Janeiro*, 1908 – 1915. (Edição *fac-similar*, com prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Centro de Memória Sindical, 1985). Rio de Janeiro, p.1, 1º nov, 1913.

[228] SILVA JR. Adhemar Lourenço. *Notas sobre a organização operária em Bagé, Passo Fundo a Uruguaiana (Até 1930).* In: VI Encontro Estadual de História, 2002, Passo Fundo. Anais o VI Encontro Estadual de História Ser Historiador Hoje, 2002. p.5.

[229] O único texto n'*O Syndicalista* vindo de Passo Fundo é de um operário que escreve sob o pseudônimo de Vigilante, no seu nº 7, de 4 de setembro, reclamando das condições de trabalho dos ferroviários.

[230] *Spartacus.* Rio de Janeiro, p.4, 13, dez, 1919.

antes[231]. O socialista português Antonio Guedes Coutinho, que fora o organizador do Partido Socialista em Rio Grande no fim do século XIX, estava neste período, conforma Benito Schmidt, vivendo nas regiões coloniais da serra gaúcha, sendo que a maior parte das suas cartas eram remetidas de Alfredo Chaves[232]. Não é impossível que, pela pouca distancia e por ser Alfredo Chaves um importante entroncamento ferroviário, as notícias da formação de um núcleo comunista tenham chegado até ele, e por intermédio de grevistas ou outros militantes, pudesse ter ele prestado apoio a este núcleo comunista. Quando Guedes Coutinho voltou escrever para jornais de Pelotas, em 1922, ele se mostrou muito esperançoso quanto ao futuro da revolução russa e do bolchevismo, o que parece confirmar a hipótese acima[233].

Como já foi observado, o Centro Comunista de Passo Fundo é de todos os grupos o que menos deixou informações. Os grupos comunistas surgidos posteriormente em outras localidades, como o Núcleo Comunista de Pelotas de 1919 e a União Comunista de Rio Grande de 1920, ao menos têm registros de suas atividades ou mandaram publicar algum manifesto. As informações sobre estes grupos são também parcas, mas da mesma forma que fiz com a Liga Comunista e o Centro Comunista, tentarei a partir de algumas inferências caracterizar o contexto do seu surgimento e no que se diferenciavam ou aproximavam de outros grupos similares.

Sobre o Núcleo Comunista de Pelotas foram publicadas algumas notas no jornal *O Rebate*. A primeira notícia apareceu no dia 30 de maio, na Coluna Operária do jornal, anunciando uma reunião deste núcleo para o domingo próximo, às 14 horas, na sede da Liga Operária[234]. No dia 5 de junho, a mesma coluna d'*O Rebate* anunciava um espetáculo, para sábado e domingo seguintes, beneficiando respectivamente o Núcleo Comunista de Pelotas e a Liga Operária de Pelotas[235]. Além destas pequenas informações, não se obteve outros dados desse grupo comunistas.

[231] *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.4, 25, out, 1919.
[232] Atual cidade de Veranopolis.
[233] SCHIMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul. Antônio Guedes Coutinho. (1868-1945).* Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS. 2000. p.103.
[234] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 30 de maio, 1919.
[235] *O Rebate*. Pelotas, p.2, 5, jun, 1919.

Quanto à União Comunista de Rio Grande, o que se tem dela é seu programa, cópia do programa do Partido Comunista do Brasil, publicado n'*O Nosso Verbo* de Rio Grande à 12 de janeiro de 1920. O programa inicia com uma rápida analise da situação do capitalismo e seus prejuízos para a sociedade, considerando que, apesar disso, o mundo estava se transformando e que na Rússia o povo já estava conseguindo mudar a sociedade, pela ação do partido comunista daquele país.

Levando isto em consideração, era apresentado um programa, calcado em sete pontos:

> 1. Abolição da propriedade privada que constitua a base para a exploração do trabalho alheio passando a ser posta em comuna; ficando, porém, a pequena propriedade em poder dos possuidores, sempre que seja do seu exclusivo usufruto. Será de livre alvitre dos possuidores de pequena propriedade incorpora-las ou não à comunidade, mas não poderão em sua falta lega-las e transferi-las à outrem e passarão a fazer parte do patrimônio comum. 2. A socialização de todas as indústrias, agricultura, meios de transporte e de comunicação que serão administrados pelas respectivas associações de classe ou dirigidas por profissionais competentes em cada ramo de produção ou atividade. Os indivíduos encarregados de dirigir a produção e a atividade social exercerão apenas função de direção, nunca de mando. 3. Regulamentar as horas de trabalho de acordo com as necessidades de produção e consumo. 4. Estabelecer o trabalho obrigatório para todos os indivíduos, segundo as suas necessidades, e estabelecer a troca recíproca entre as comunidades urbanas e rurais. 5. Distribuir a produção entre os indivíduos, segundo as suas necessidades, e estabelecer a troca recíproca entre as comunidades urbanas e rurais. 6. Será acessível para todos, livre e completa, instrução racional. 7. Garantir absoluta liberdade de pensamento e de reunião, para todos os indivíduos.[236]

A apresentação terminava com uma intenção de fazer da propaganda escrita e falada o meio de ação até *"estabelecer uma aliança de indivíduos* [...] *diversas classes que possa garantir o êxito da transformação que o Partido Comunista do Brasil se propõe a realizar"*. A ação partidária consistia na propaganda do comunismo e na arregimentação e educação do proletariado *"para a conquista dos poderes públicos, única forma pela qual conseguirá realizar seu programa"*[237].

Beatriz Loner aponta para Zenon de Almeida como uma possível influência para a formação destes grupos, já que ele militava nas duas cidades e em seus textos aparece um vivo entusiasmo pela revolução russa e o comunismo[238]. Mas se for assim, haveria muitos

[236] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.2, 12, jan, 1920.
[237] Idem.
[238] Ver nota 344 sobre o início da atuação dos comunistas em Pelotas e Rio Grande. LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).* Pelotas: UFPel, 2001. p.377.

outros potenciais apoiadores da formação de grupos comunistas, tanto em Pelotas quanto em Rio Grande. Mais significativo que atentar para o papel de um fundador é o fato destes grupos estarem vinculadas às federações operárias de suas respectivas cidades. As atividades do Núcleo Comunista estavam intimamente ligadas à Liga Operária pelotense, ou seja, funcionava dentro desta. A publicação do programa comunista no jornal da União Geral dos Trabalhadores é um forte indício de que associados desta entidade podem ter jogado um papel importante na fundação da União Comunista. Estes já seriam parâmetros interessantes para comparar o processo de surgimento dos grupos comunistas nas duas cidades, mas há outro sinal que pode aproximar a formação destas associações em Pelotas e Rio Grande: sua ligação com o recém formado Partido Comunista do Brasil.

Este partido (cujas ligações com o Rio Grande do Sul abordarei logo adiante), surgiu no Rio de Janeiro em março de 1919, procurando congregar grupos de várias partes do Brasil. O programa assinado pela União Comunista de Rio Grande era na verdade um programa do Partido Comunista[239]. A União Comunista apresentou um programa do PCB como se fosse o seu, o que a faz nascer já ligada a este organismo. Quanto ao núcleo de Pelotas, o fato de se um "núcleo", pode remeter a um centro principal, que seria o PCB. Neste momento o Partido Comunista era responsável pela formação de uma série de núcleos pelos subúrbios cariocas (Núcleo de Copacabana, Núcleo de Andaraí, Núcleo de São Cristovão etc.) Além disto Santos Barbosa, que havia militado em Pelotas no início dos anos 10, vivia na Capital Federal, onde atuava no mesmo grupo que os fundadores do Partido no Rio de Janeiro. Ele mantinha ainda ligações com a cidade gaúcha, como se observa por uma coluna que tinha no *Rebate*, onde passava informações sobre o movimento operário no centro do país. Pode ter sido por influência sua, ou de suas informações, que surgiu o tal núcleo.

É difícil deduzir a formação destes grupos apenas por alguma influência externa, ou seja, que eles tenham surgido pela propaganda do grupo dirigente do Partido Comunista do Brasil no Rio de Janeiro (como supus para o caso de Santos Barbosa). Parece plausível, no entanto, que as associações surgidas depois do aparecimento de um Partido que se pretendia nacional, tivessem já um modelo ou referência a que recorrer (o que deve ter sido caso da

[239] O programa da União Comunista vinha inclusive assinado pelo Partido Communista do Brasil.

publicação do programa da União Comunista de Rio Grande). De qualquer maneira, não se pode descartar como fator de surgimento dos grupos comunistas a própria necessidade das federações locais, como a Liga Operária e a União Geral dos Trabalhadores, de organizar, ao menos como parte de sua estrutura, um grupo comunista, o que poderia dar prestigio e ligá-las a um movimento que se desenvolvia no resto do Brasil e no mundo.

Mesmo baseado mais em suposições do que em fatos para a analise destas três últimas associações comunistas, pode-se perceber a importância das condições locais, do grau de organização da classe ou mesmo o momento de surgimento para caracterizar estas associações. Condições que acabam distinguindo-as umas das outras em seu surgimento e sua importância.

Até aqui estudei apenas Uniões, Núcleos, Centros etc. A última associação comunista que localizei foge destas características por ser marcadamente uma sociedade de classe: o Sindicato Gráfico Comunista de Porto Alegre.

A formação deste sindicato foi anunciada por *A Federação*, em 30 de janeiro de 1920, dando a nominata da primeira diretoria e algumas atividades que pretendiam ser desenvolvidas:

> Em sessão realizada a nove do mês findo, foi fundado nesta capital o Sindicato Gráfico Comunista que, segundo suas bases, se destina ao aperfeiçoamento das artes e ao desenvolvimento da classe.
>
> O sindicato irá adquirir oficinas e manterá anexa uma aula de estudos sociais e irá realizar conferências mensais.
>
> A primeira comissão diretora e auxiliar que será em caráter provisório: 1º Secretário, Heitor Gomes Dias; 2º secretário, Arnaldo Oliveira; Tesoureiro, Ezequiel Oliveira. Comissão Auxiliar: Oscar Closs, Victor Moraes, Izidoro Holisoer.[240]

O fato de ser um Sindicato, e não um Centro ou Núcleo supraclassista, deve orientar a explicação da sua criação à categoria dos gráficos ou tipógrafos. Os tipógrafos sempre estiveram entre as principais lideranças operárias, pelo seu acesso à cultura letrada e às

[240] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit. p.373.

informações dos jornais que compunham[241]. Este grupo de trabalhadores tinha uma longa tradição organizativa em Porto Alegre, com a União Tipográfica funcionando desde 1910. Adhemar Lourenço da Silva Júnior identifica uma crise dentro desta associação por ocasião do irrompimento da greve geral de 1917: *"o presidente da entidade de classe havia renunciado por motivos ignorados e o tipógrafo que era secretário da FORGS fora desacreditado na reunião de 29 de julho"*[242]. Além disso, os tipógrafos haviam entrado em greve sem a adesão da entidade e voltaram ao trabalho apesar de uma decisão contrária tomada em assembléia.

A associação de tipógrafos ou gráficos era uma União e não um sindicato, tendo resultado da junção de grupos sob orientação de socialistas e anarquistas. Congregava trabalhadores de diversas correntes e sofrera em 1917 uma crise de legitimidade. Como o período de mobilização e efervescência que vai até 1920 repercutiu sobre ela? Haveria alguma ligação entre a União em crise e o aparecimento, anos depois, do Sindicato Comunista?

Diferente das sociedades de Passo Fundo, Pelotas e Rio Grande, que são para nós totalmente anônimas na medida em que nada se sabe sobre seus componentes, existe a nominata de fundação do Sindicato Gráfico Comunista de Porto Alegre para ajudar a formular algumas respostas. Um nome aparece ligado à União Tipográfica quatro anos antes, em 1916: Oscar Closs; outro é do antigo secretário da FORGS, o tipógrafo desacreditado na reunião de 29 de julho de 1917, Ezequiel Oliveira. Além do mais, o representante do Sindicato no 2º Congresso Operário de 1920 era Orlando Martins, irmão de Henrique Martins (sob pseudônimo de Cecílio Villar), cuja ligação com esta associação se evidencia por ter participado como jurado em um concurso promovido para a escolha dos melhores tipógrafos em 1916[243].

Apesar destas "deserções", a União Tipográfica continuaria existindo. Em dezembro de 1921 o *Correio do Povo* publicou noticias sobre a eleição da sua nova diretoria, cujo

[241] Sobre a cultura associativa dos tipógrafos no século XIX, ver VITORINO, Artur José Renda. O sonho dos tipógrafos na Corte Imperial brasileira In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes (org) *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do proletariado.* Campinas: UNICAMP, 2004. p. 167-204.
[242] SILVA JR. Adhemar Lourenço. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado) p. 300.
[243] Idem.

presidente era Plínio de Freitas, militante que entrara em atrito com os anarquistas da FORGS em 1918, tendo na Comissão Técnica Francisco Xavier da Costa[244].

Observando estas sociedades distintas, que agrupavam trabalhadores gráficos e tipógrafos, pode se supor que o Sindicato Gráfico Comunista era uma dissidência ou uma alternativa à União, que não conseguiu passar incólume pelo agitado período que vai de 1917 à 1920. O nome de Ezequiel Oliveira na nova associação, que aparece anos antes como um vacilante e desacreditado dirigente da FORGS, mostra que a formação do Sindicato Comunista não precisa ter obedecido a uma separação preexistente entre radicais e moderados (ou entre socialistas e anarquistas). Provavelmente seria resultado de uma reorganização feita por um grupo que desejou vincular seu nome ao comunismo, porque procurava nele um significado radical que os fizesse se separar de uma União em que atuavam até membros do Partido Republicano Riograndense, como Xavier da Costa.

Estas foram as associações comunistas ou maximalistas surgidas no Rio Grande do Sul entre 1918 e 1920. Como no caso da União Maximalista, suas congêneres de outras localidades não adotaram formas radicalmente novas de ação entre os trabalhadores. Mesmo assim, alguns destes grupos jogaram um papel muito importante entre as sociedades operárias e entre as categorias de trabalhadores mobilizados. Talvez, para além dos fatores específicos de momento e lugar já destacados, tenha contribuído para o sucesso de grupos como a Liga Comunista de Livramento ou a União Maximalista de Porto Alegre, a própria *identificação com a revolução*, mesmo que seus princípios teóricos não fossem plenamente conhecidos.

Retomarei isto no fim do capítulo, onde pretendo discutir, entre outras coisas, o significado do maximalismo e a legitimidade destas associações para falar em nome da revolução. Por agora parto para a relação do movimento operário gaúcho com os grupos comunistas de Rio e São Paulo.

[244] *Correio do Povo.* Porto Alegre, p.4, 8, dez, 1921.

5.2. Relação com os grupos comunistas de São Paulo e Rio de Janeiro

Não se pode falar de grupos políticos surgidos sob influência da revolução russa e esquecer que em outras partes do país grupos similares também se formavam, estabelecendo profícuos contatos com as associações operárias do Rio Grande do Sul, ajudando a propagar informações sobre a revolução russa e articulando ações que ultrapassaram os limites locais. Esta dimensão inter-regional sempre foi importante para o movimento operário, pois a "transumância" dos militantes, a circulação dos jornais operários e a estrutura federal da COB, ajudavam os diversos movimentos locais a não se isolarem[245]. No contexto estudado, o grupo cujas ações se tornam mais relevantes neste aspecto é o já referido Partido Comunista do Brasil, surgido no Rio de Janeiro, em março de 1919.

Não existem muitos estudos sobre este partido, possivelmente pela visão negativa posteriormente desenvolvida pelos seus próprios formadores: os que aderiram ao comunismo, pela permanência de muitos ideais anarquistas que norteavam seu surgimento, e os que permaneceram anarquistas, por se sentirem enganados pela nova forma partidária. Conforme Jacy Alves de Seixas, este "partido" não era simplesmente uma continuação dos pressupostos anarquistas nem sua formação deveu-se somente à falta de informações do que ocorria na Rússia, mas é um importante ponto de ruptura na tática dos militantes:

> Por um lado não se deve negligenciar que a teoria do partido constitui uma parte essencial do leninismo. No momento em que os anarquistas ou os sindicalistas revolucionários se engajam em uma empresa semelhante, por mais anarquista que ela seja, ela continua sendo um "partido", inserido em uma estratégia particular, pressupondo uma centralização de decisões, uma disciplina. Não seria o caso então nem de minimizar-se a importância do "efêmero partido comunista criado pelos anarquistas" em 1919, nem de considerar-se simplesmente um tributo pago à revolução russa, não aportando "nenhuma modificação nas concepções de base corrente".[246]

---

[245] PETERSEN Sílvia Regina Ferraz Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. In: ARAÚJO, Angela M. C. (org.). *Trabalho, cultura e cidadania.* S. Paulo, Scritta, 1997. pp.93-101.

[246] De une part, on ne doit negliger que la théorie du parti demeure une partie essenciel du leninisme. Au moment oú des anarchistes ou syndicalistes révolutionnaires s'engagent dans une enterprise pareille, pour plus "anarchiste" qu'il soit, il reste toujour um "parti", inséré dans une strategie particulière, presupposant une centralisation des decisions, une discipline. On ne saurait donc ni minimiser l'importance de "léphemere parti communiste créé par les anarchistes" en 1919, ni le considérer simplisment comme un tribut payé à la

Mesmo reconhecendo a importância deste "partido", a autora considera o primeiro Partido Comunista do Brasil[247] como uma experiência que se deveu à ação dos libertários do Rio de Janeiro, congregados na Aliança Anarquista, *"mal tendo criado raízes em São Paulo"*. Apesar desta afirmação de Jacy Alves de Seixas, percebe-se pelas páginas do *Spartacus,* que era o órgão onde escreviam os formadores desta agremiação, que houve a formação de uma extensa rede de informações e contatos com este grupo, o que se depreende tanto pela origem das notícias, quanto pelos locais a que o periódico era remetido. O Congresso Partidário em junho daquele ano, realizado no Rio e em Niterói, pode ter sido uma tentativa de dar mais organicidade a estes contatos, muitos dos quais com certeza já existiam antes da formação do partido, por intermédio da COB, por exemplo.

Mais que o resultado do arrojo dos militantes da Capital Federal, a formação do PCB e a tentativa de estabelecer vínculos com diversas partes do país, aparece como fruto de um momento específico do movimento operário no Brasil, em que as condições nas quais vivia a classe operária do país e as notícias que vinham da Europa foram dois importantes ingredientes de uma mobilização intensa que extrapolou as fronteiras estaduais.

Diferente dos períodos de congressos operários, onde a mobilização nacional deve-se a um esforço organizativo pontual, nestes anos a formação de uma rede de informações e solidariedade se deu pela experiência das lutas locais e as expectativas criadas diante dos fatos mundiais. A idéia de um "Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil", ou seja, uma tentativa de formar uma organização que fosse além dos parâmetros regionais, já aparece no inverno de 1917, primeiro ano da revolução russa, pelas páginas d'*A Plebe* de São Paulo[248]. Mas é somente em 1919 que se encontra a conformação de um partido como o PCB.

As primeiras notícias deste partido aqui no Rio Grande do Sul apareceram n'*O Syndicalista,* de Porto Alegre, informando sobre a fundação da entidade e publicando um

---

Revolution russe, n'apportant "aucune modification dans les conceptions de base courant". SEIXAS, Jacy Alves de. *Memoire et Oubli: l'anarchisme et le syndicalisme revolutionnaire au Brésil.* Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992. p. 247.

[247] Daqui a diante chamarei de PCB ou Partido Comunista do Brasil, ficando subentendido que se trata da primeira experiência.

[248] *A Plebe.* São Paulo, p.2, 18, ago, 1917.

pequeno programa de intenções[249]. Além das notícias, circularam no estado alguns materiais oriundos do Rio de Janeiro e que foram enviados a Porto Alegre, dos quais há informação por terem sido anexados a um processo contra participantes da greve de setembro de 1919[250]. Entre eles estão as "*Bases de acordo do Partido Communista do Brazil*[251]". Este era um programa bastante simples, de oito pontos, que tratava do ingresso no partido, da organização de núcleos regionais e do seu inter-relacionamento. Um documento mais detalhado, intitulado "*Programa do Partido Comunista do Brasil*" também circulou aqui, mais profundo que as simples bases de acordo[252]. Estes documentos, divulgando o programa do partido e suas bases de acordo, parecem ser parte de um esforço dos seus fundadores para fazer surgir núcleos em várias partes do Brasil, o que pode se comprovar por outra circular do seu secretariado:

> Diante do entusiasmo que reina nas classes trabalhadoras e no povo em geral, pelos movimentos que se desenrolam no mundo tendentes a uma transformação social e amplamente baseados nas idéias comunistas, os libertários do Rio de Janeiro reunidos a 9 do corrente mês, acordaram formar o Partido Comunista do Brasil, afim de desenvolver ativa propaganda no sentido de formar núcleos em todas as localidades do país.
>
> Para esse fim, contando que seja secundado pela tua ação nessa localidade, te enviamos anexas as bases, o resumo do programa e os meios de ação.
>
> Avante, pois, na formação do número de núcleos possíveis, consoante as bases.[253]

Uma outra relação entre o grupo comunista do Rio de Janeiro e a militância do Rio Grande do Sul pode ser estabelecida por intermédio do *Spartacus*, que, como já afirmei, era o jornal onde os militantes que haviam formado o Partido Comunista escreviam. Não encontrei subtítulo contendo algo como "*Orgam do Partido Communista*", mas havia notícias das atividades do núcleo do Rio de Janeiro e das localidades suburbanas da Capital Federal; além de informações de grupos comunistas em outras partes do Brasil,

[249] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.1, 17, jun, 1919.
[250] Os materiais encontrados no Processo Crime 1016, movido contra o operário Cândido José da Silva, por este ter sido acusado de atirar contra a Brigada Militar no conflito de setembro de 1919, estão no Arquivo Público Estadual do Rio Grande do Sul.
[251] *Bases de Acordo do Partido Comunista do Brasi.* Impresso do Partido Comunista do Brasil:Rio de janeiro, 1919.Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.
[252] *Partido Communista do Brazil.* Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de Janeiro, 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.
[253] *Circular do Secretariado.* Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de Janeiro, 23, mar, 1919.. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

especialmente de São Paulo. Ademais, as informações relacionadas à situação européia, especialmente russa, eram abundantes.

Este jornal tinha um sistema de "pacotes", encomendas do *Spartacus* a serem remetidos para fora da Capital Federal. Como "pacoteiros" aparecem muitos nomes do Rio Grande do Sul, alguns mais de uma vez: Abílio de Nequete, Polydoro Santos, G. Coutinho de Passo Fundo, a UGT do Rio Grande do Sul, Aguilar, de Pelotas, Pedro Bischoff, de Rio Grande. Todos, em algum momento, encomendaram pacotes com jornais para a distribuição no estado. Pode ser visto também um caminho inverso, em que materiais do Rio Grande do Sul ou opiniões de operários gaúchos aparecem neste jornal. Assim, no dia 25 de outubro, na seção de brochuras para venda havia *Ferrer Como Educador*, editado pela FORGS, e nesta mesma edição, na seção *Os Nossos Jornais,* aparecia *A Dor Humana* de Bagé[254]. Neste dia o jornal também recebeu o apoio de operários do Rio Grande do Sul ao manifesto lançado pelo *Spartacus,* no seu número 9, *Os Anarquistas Brasileiros: Ao povo*[255]. Assinavam o apoio: Armando Martins, Gráfico; Djalma Fetermann, Professor Público; Nino Martins, Impressor; Orlando de Araújo e Silva, Empregado no Comércio; Orlando Martins, Gráfico; Polydoro Santos, Gráfico e Zenon de Almeida, Professor. Ainda em relação a militantes operários gaúchos, no dia 10 de janeiro de 1920, existe uma mensagem um tanto enigmática de Polydoro Santos para algum dos redatores do jornal: *Em mãos tua carta. O homem está são e salvo. O caso do Supremo resolve-se afinal favoravelmente e está liquidada de vez. Tens toda a razão no que dizes. Saúde*[256]. O mais provável é que se refira à Joaquim Pimenta, líder operário paulista, participante da greve daquele ano e que ainda estava no Rio Grande do Sul devido à sua deportação.

Além da troca de jornais, panfletos e telegramas, Santos Barbosa também representou um elo de ligação entre o PCB do Rio de Janeiro e o movimento operário do Rio Grande do Sul. Santos Barbosa era o diretor do *Spartacus*[257], mas mantinha uma coluna esporádica n'*O Rebate* de Pelotas. Sua posição entre os militantes do Rio fez desse espaço no jornal pelotense um canal privilegiado para a propaganda das idéias revolucionárias e das

[254] *Spartacus* Rio de Janeiro, p.4, 25. out. 1919.
[255] *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.1, 27, set, 1919.
[256] *Spartacus*. Rio de Janeiro, p.4, 10. jan. 1920.
[257] Isto pode ser comprovado pelos militantes que produziam o jornal, cujos nomes foram publicados no seu primeiro número.

atividades do movimento operário na Capital Federal. No dia 6 de março, *O Rebate* publicou uma entrevista com o anarquista Fábio Luz, em que um dos temas tratados era a viabilidade da revolução maximalista no Brasil[258]. No dia 19 de abril, o tema foi a conferência que o Partido Comunista havia realizado para responder a Ruy Barbosa e que havia deixado patente a importância de discutir a questão social no país. Além do mais, dava conta da rápida aceitação das idéias maximalistas no norte do Brasil, conforme as notícias da *Tribuna do Recife*[259].

Em outra ocasião, a 7 de maio, *O Rebate* publicou uma esperada entrevista com o Dr. Kessler, representante da República Russa dos Soviets no Brasil, em que este dissertava sobre as conquistas bolchevistas na Rússia. O tal Kessler era na verdade, conforme Moniz Bandeira, o advogado carioca Roberto Feijó, que publicou com este pseudônimo algumas cartas no jornal *A Época*, do Rio de Janeiro[260]. Seria difícil dizer se a entrevista foi feita com Feijó ou inventada por Barbosa, mas sua publicação e o mistério no qual foi envolta mostra que a imaginação da vinda de um representante soviético devia mexer com as expectativas das pessoas, especialmente com os militantes. Havia, inclusive, no material apreendido em Porto Alegre por ocasião da greve de setembro de 1919 e anexado no devido processo, dois panfletos deste representante russo[261]. O mistério da figura de Kessler era reforçado pelo final da entrevista, em que o delegado afirmava ter acabado sua missão no Brasil, estando de partida, incógnito, para a América Central...

Outro elo de ligação com grupos comunistas do centro do país se deu por intermédio dos anarquistas de São Paulo que editavam o jornal *A Plebe*, pois estes formaram um Grupo Comunista, que se transformou em Partido Comunista, como acontecera no Rio de Janeiro. *A Plebe*, como o *Spartacus*, também era remetida para diversas partes do país e em seu conteúdo existia farto material sobre o movimento revolucionário internacional, sobre o movimento operário em diversos estados e sobre estabelecimento de núcleos comunistas especialmente em São Paulo. Algumas reportagens encontradas n'*O Syndicalista* de Porto

[258] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 6, mar, 1919.
[259] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 7, maio, 1919.
[260] MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil.* São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.338-339.
[261] *Carta Manifesto. Aos trabalhadores*- Manifesto do Delegado da República Russa dos Soviets aos Operários da República Burguêsa dos Estados Unidos do Brazil, 1919. e *Aos trabalhadores. O maximalismo*- Segundo Manifesto do Delegado da República Russa dos Soviets aos Operários da República Burguêsa dos Estados Unidos do Brazil, 1919. Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

Alegre sobre a revolução russa tiveram origem no *A Plebe*, como uma crítica à notícia da falsa morte de Kropotkin, que saiu no dia 5 de abril no jornal paulista e foi reproduzida no jornal de Porto Alegre à 7 de junho[262]. A matéria sobre as condições de vida na Rússia revolucionária, *A Revolução Social na Rússia e a Calúnia Burguesa,* que apareceu dia 2 de agosto n'*O Syndicalista* teve sua primeira versão na *Plebe* de 19 de julho[263]. *A Plebe* também publicou notícias sobre o movimento operário do Rio Grande do Sul, como a preparação para o 2º Congresso[264] e as informações sobre o massacre decorrente da greve de Rio Grande[265].

Como no caso do *Spartacus, A Plebe* também tinha um sistema de pacotes, aparecendo como pacoteiros a União Operária Internacional e Polydoro Santos, o que garantia a chegada destes volumes para o estado. Além do jornal, é importante citar que o livro editado pelos militantes do PC de São Paulo para explicar a nova doutrina russa, *"O Que é Maximismo ou Bolchevismo: O Programa comunista",* de Antonio Nazianzeno Candeias Duarte e Edgar Leuenroth, já era oferecido pel'*O Syndicalista* a 3 de setembro de 1919, pouco tempo depois de sua edição na capital paulista[266].

Foquei aqui a relação do movimento operário do Rio Grande do Sul com os recém formados grupos comunistas dos principais centros do país, Rio de Janeiro e São Paulo. É importante ressaltar, no entanto, que esta análise não abarca toda a rede de relações estabelecida entre os operários gaúchos e outras regiões do país. A ligação com outros centros regionais, como o Paraná ou Minas Gerais, onde também se formavam grupos comunistas, não foi possível de ser examinada por falta de tempo e material. A forma de rastrear a difusão de informações, pelo sistema de pacotes, também não dá totalmente conta da rede de contatos formada pelos militantes, visto que muitos destes jornais eram lidos e repassados para outras localidades. Um bom exemplo é o pequeno jornal da Sociedade Beneficente União dos Artistas de Uruguaiana, *A União*, que publicou em 22 de novembro de 1919 um texto de Sebastien Faure sobre a atitude anarquista diante do bolchevismo e um

[262] *A Plebe*. São Paulo, p.3, 5, abril, 1919.
[263] *A Plebe*. São Paulo, p.2, 19, jul, 1919.
[264] *A Plebe*. São Paulo, p.3, 5, abril, 1919.
[265] *A Plebe*. São Paulo, p.4, 24, mai, 1919.
[266] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.4, 3, set, 1919.

texto sobre os deportados do Rio de Janeiro[267], ambos oriundos do *Spartacus,* mesmo que no jornal carioca, entre os exemplares pesquisados, não tenha existido nenhum pedido de remessa para Uruguaiana.

De qualquer forma a difusão de informações através do país não começou por causa das notícias da revolução russa ou para fazer propaganda do recém fundados grupos comunistas, mas se remete às origens do jornalismo operário no Brasil. O fato é que a intensidade das mobilizações, o entusiasmo com as novas organizações e os textos eivados de linguagem revolucionária, passados de mão em mão, deviam potencializar o resultado destas práticas. Vendo por este lado, não parece tão estranho o surgimento de grupos comunistas em localidades distantes como Santana do Livramento e Passo Fundo.

Mais difícil que rastrear esta difusão de informações é rastrear os laços de solidariedade entre os diversos grupos comunistas do Rio Grande do Sul. Não consegui encontrar ligação entre eles e é possível que nem tenha havido. Já em termos nacionais, houve um momento de reunião dos diversos grupos comunistas do país em junho de 1919, no referido Congresso organizado por iniciativa dos militantes do Rio.

Deste Congresso se conhece algumas resoluções e um programa escrito por Oiticica, publicado no *Spartacus*. Estiveram presentes representantes de Alagoas, da Capital Federal, de São Paulo, de Minas Gerais, do Estado do Rio, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, mas o representante riograndense não é conhecido. Na verdade, não encontrei em nenhuma fonte a nominata destes delegados. A União Maximalista declarou-se ligada ao Partido Comunista no já citado panfleto em que criticava duramente a atitude da polícia carioca contra aquele Congresso, mas nas memórias de Nequete não há nada que faça crer que ele tenha estado no Rio e em Niterói naquele ano. Em termos de possibilidades, um dos mais fortes candidatos a ser um dos representantes das organizações gaúchas no Congresso era Santos Barbosa, pelos laços que tinha com o estado, pela posição que ocupava entre os formadores do partido e por sua residência no Rio de Janeiro. Sobre outros militantes que poderiam ter comparecido, seus locais de origem e organizações à que eram filiados, nada se sabe.

[267] *A União.* Uruguaiana, p.3-4, 22, nov, 1919.

Fazendo a reconstituição das ligações entre os núcleos comunistas do Rio de Janeiro e São Paulo com o movimento operário do Rio Grande do Sul, pode-se tirar algumas conclusões sobre a dinâmica destas relações. As que foram aqui analisadas, mostram a persistência de um tipo de ligação que é uma das características dos contatos inter-regionais da militância na República Velha: a troca de jornais e panfletos por intermédio de uma densa rede de contatos entre os militantes[268].

Estudando estas conexões pode-se chegar, por exemplo, à origem das informações e discussões relacionadas à revolução russa, como foi o caso de alguns artigos encontrados no *A Plebe.* Talvez seja até o caso de observar, através de estudos mais detidos, como *uma forma tradicional de contato* dentro do movimento operário brasileiro pode adquirir um *novo sentido* (ou até *novos efeitos*) quando empregado para difundir informações revolucionárias ou para promover a formação de núcleos partidários regionais; esta sim uma *forma nova* de contato dentro de um movimento operário predominantemente influenciado pelas idéias libertárias.

Mas a formação de um Partido nacional por militantes anarquistas não foi a única *forma nova* de articulação, influenciada pela revolução russa, que o movimento operário gaúcho manteve com os grupos comunistas do centro do país. Em minhas pesquisas descobri que militantes gaúchos estiveram envolvidos em uma ação pouco documentada, que teria por objetivo repetir no Brasil o que acontecera na Rússia em outubro de 1917, tentando deflagrar uma insurreição maximalista.

5.3. Participação dos militantes gaúchos na insurreição maximalista de 1919

Em outubro de 1919, conforme escreve Abílio de Nequete em seus *Cadernos de memórias*[269], o gerente do *A Plebe* de São Paulo (que o fundador da União Maximalista não identifica) veio ao Rio Grande do Sul e hospedou-se na Escola Moderna. Este militante vinha pedir que os operários do Rio Grande do Sul aderissem a um movimento

[268] Sobre a importância dos jornais para se estudar casos que extrapolem o âmbito da história local ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. IN: ARAÚJO, Angela M. C. (Org.) *Trabalho, Cultura e Cidadania.* S. Paulo, Scritta, 1997. pp.100-101.
[269] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Anotações dos cadernos de Abílio de Nequete.* Datilografado. s/d.

revolucionário que seria deflagrado em São Paulo. Da reunião que as sociedades do Rio Grande do Sul promoveram para responder ao delegado de São Paulo, ficou decidido que Abílio de Nequete iria a Rio Grande e Pelotas para lá fazer irromper a greve geral quando o movimento paulista começasse. A senha para o início da movimentação seria: "Mandei o Trigo".

Abílio de Nequete relata que durante a reunião com o delegado revolucionário, feita na Escola Moderna, Zenon de Almeida propusera formar um novo organismo de atuação operária, dissolvendo os que já existiam. É interessante lembrar que neste mesmo período Zenon editava um jornal chamado *Spartacus do Sul* (que era também seu pseudônimo), nome similar ao jornal produzido pelo Partido Comunista no Rio de Janeiro. Nequete se negou a aprovar a proposta e o novo organismo teria *"morrido na casca"*. Quanto ao movimento de São Paulo, foi dizimado pela polícia por causa de uma bomba que explodiu prematuramente, resultando em inúmeras deportações de militantes. Para Abílio de Nequete, a viagem à Rio Grande teria servido para dar início à sua formação marxista, pois lá encontrou o primeiro livro de Trotsky e muitos endereços do exterior, ocasião que ele aproveitou para pedir que fosse enviado de Buenos Aires o semanário *Documentos del Progresso.*

Os *Cadernos* foram escritos em 1943; o tempo e as guinadas teóricas de Abílio de Nequete devem tê-lo levado a reorganizar a memória e os fatos ocorridos naquele ano de 1919, assim como o desejo de prestar contas a si mesmo e a outros sobre seu passado. Entretanto a possibilidade dos operários de São Paulo tentarem uma "revolução" não é absurda. Se lembrarmos o antecedente do Rio de Janeiro em novembro de 1918, haveria já um episódio de *putsch* para servir de exemplo. Esta revolução estaria ligada ao sucesso da revolução russa na Europa, especialmente por que os acontecimentos na Rússia são temas constantes no *A Plebe* durante o ano de 1919; Abílio chega a comentar nos *Cadernos* que, diferente de Porto Alegre, os operários paulistas não tinham medo da revolução russa.

Este é um episódio com pouco destaque na história do movimento operário brasileiro. Cristina Ebling Campos, que dá destaque aos episódios de repressão ocorridos em outubro de 1919 em São Paulo, se refere não a uma revolta, mas a uma greve geral que estava sendo preparada na capital paulista, mas que foi prejudicada pela explosão de uma bomba, não

permitindo a articulação do movimento: *"A repressão foi muito intensa e a imprensa, convencida da natureza "política" da greve, apoiou a polícia que se dedicava a divulgar a existência de planos insurrecionais"*[270]. Estes "*planos insurrecionais"* foram admitidos por Everardo Dias, um dos líderes deportados naquela ocasião, em seu livro *História das lutas sociais no Brasil*, publicado no início dos anos 60. Depois da tentativa fracassada de levantamento em 1918, no Rio de Janeiro, e da repressão que se seguiu, os sindicatos voltaram a se organizar e "*o pensamento dos elementos mais emancipados culturalmente e revolucionariamente voltou a persistir na preparação mais cuidadosa e numa amplitude nacional mais direta e efetiva de um movimento com caráter eminentemente Sovietista"*[271]. As notícias da revoltas na Europa e a situação de carestia que vivia a população configuravam um "período pré-insurrecional latente":

> Esse movimento devia irromper simultaneamente no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul (1919). Estava articulado de forma a prever qualquer deficiência a tempo e a hora, e dar-lhe solução imediata. Mesmo assim, a precipitação de uma corporação de transportes [...] provocou brutal repressão, pronta e antecipada, da polícia. [...] Tais fatos inesperados e surgidos de forma tão desconcertante causaram o adiamento do movimento, que não mais conseguiu coesão e firmeza, devido a prisão de dezenas e dezenas de líderes, deportação de grande número e ocultamento de outros[272].

Admitindo a existência deste plano para um levante em São Paulo, existiria então, neste período, uma multiplicidade de contatos com organizações operárias comunistas de outras partes do Brasil. Por um lado, haveria a troca de material e de informações, como no caso dos panfletos enviados pelo recém formado Partido Comunista do Brasil e da circulação das notícias veiculadas pelo jornal *Spartacus* e pelo *A Plebe*; de outro, haveria novos tipos de laços, como o estabelecimento de ligações partidárias e a existência de um plano conspirativo que envolveria as associações do Rio Grande do Sul, tendo inclusive a visita de um representante "revolucionário" e um plano de ação estabelecido. Não posso afirmar peremptoriamente que exista uma ligação entre a insurreição paulista e os grupos comunistas de Rio e São Paulo, mas sua realização indica uma relação muito provável.

---

[270] CAMPOS, Cristina Ebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes/UNICAMP. 1988. pp.72-75.
[271] DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil.* São Paulo: Edaglit. 1962. p. 90.
[272] Ibidem. p. 91.

Independente disso, tanto a circulação de informações, quanto a formação de laços partidários e a participação em um plano revolucionário, apontam para um contexto de difusão de informações e possibilidades de ação da militância operária despertadas pela revolução russa. Isso se deve tanto ao acúmulo das lutas anteriores quanto aos exemplos que vinham de fora do Brasil, fazendo parte da *experiência* da classe operária naquele momento. Dela resultaram novos arranjos, expectativas e frustrações; modificando os caminhos da militância tanto nacional como regionalmente.

Apesar do referido levante não ter se concretizado aqui no Rio Grande do Sul, o debate ocorrido na reunião e o próprio lugar onde esta foi realizada (Escola Moderna) levantam algumas questões. Abílio de Nequete teria mais legitimidade para falar da revolução que Zenon de Almeida, por ser este líder de um grupo "maximalista", enquanto Zenon era figura uma destacada da União Geral dos Trabalhadores de Rio Grande? Como Zenon, mesmo não sendo de um grupo maximalista ou comunista, se envolveu no projeto? O fato de a reunião ser realizada na Escola Moderna, tradicional reduto anarquista da capital, tem algum significado? Para lá das questões particulares daquele momento está um problema mais de fundo. A União Maximalista teria mais legitimidade do que as outras associações em assuntos relacionados ao modelo revolucionário russo? Ou, colocando de outra forma, alguma característica peculiar, como a origem não anarquista de seu líder, tornaria a União Maximalista, mais "maximalista" que outros grupos militantes?

Estas duas perguntas, da maneira que estão colocadas, ajudam a relativizar uma certa tradição que atribuiu papel preponderante à União Maximalista e à Abílio de Nequete como precursores do comunismo dentro do movimento operário gaúcho. Esta visão foi muito influenciada pelo papel posterior que este teria como primeiro presidente Partido Comunista do Brasil (1922) e pelo fato de ele não ser anarquista[273]. Quanto ao primeiro ponto, a legitimidade que a União Maximalista poderia ter para falar em nome da revolução ou do comunismo internacional, se algum dia existiu, só seria conseguida a partir de um

[273] Para a história operária regional, ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth da Silva. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937).* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992 e PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. Para a história operária nacional, ver VINHAS, Moises. *O partidão: a luta por um partido de massas, 1922-1974*. São Paulo: HUCITEC, 1982 e FOSTER DULLES, John. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1890-1960).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

processo posterior que a aproximou da Internacional por contatos nos países platinos; quanto ao segundo ponto, acredito que o fato de Nequete ser um livre pensador eslavófilo e espírita não o aproxime mais do bolchevismo que os outros militantes anarquistas. Além do mais, o número de grupos que se autodenominaram "comunistas" formam um espectro bem mais amplo e diversificado de associações que não se reduzem à experiência maximalista de Nequete em Porto Alegre.

As associações operárias que se constituíram sob o nome de comunistas ou maximalistas o foram por alguma influência da revolução russa, mas dizer isso não passa de um truísmo e não ajuda a explicar muita coisa. O que as diferencia qualitativamente de outras associações operárias ou mesmo entre si é o contexto em que elas foram fundadas: em qual cidade, quais tradições havia no lugar, quais militantes tiveram a iniciativa de organizá-las e porque, quais relações estabeleceram com as outras associações operárias e principalmente, qual seu papel na mobilização dos trabalhadores. Foi isso pelo menos o que tentei mostrar, mesmo com as enormes lacunas no material, quando analisei o surgimento de cada uma destas associações.

Por este motivo, não teria sentido procurar alguma legitimidade destas associações em uma maior fidelidade aos princípios do bolchevismo russo. Mesmo o apoio à revolução não as diferencia tanto de outros grupos. Basta lembrar os esfuziantes textos que membros da União Geral dos Trabalhadores de Bagé e de Rio Grande publicavam pelos seus jornais, que nada ficam a dever aos panfletos da União Maximalista. Uma diferença entre estas uniões sindicais e as associações comunistas é que, à exceção dos gráficos, elas não eram organizados a partir de uma categoria profissional, o que lhes dava um caráter bem mais político e também mais amplo, embora suas relações com os sindicatos possam ter sido diferentes dependendo do lugar e do momento. O que desejo frisar aqui é que os grupos maximalistas ou comunistas não estavam mais próximos da doutrina bolchevistas que outros grupos, nem teriam motivos para se arrogar este direito neste momento. Nem o livre pensador Nequete, nem o socialista Guedes Coutinho, nem o libertário Zenon de Almeida, nem tampouco Santos Barbosa, administrador do jornal do PCB, tinham autoridade total para dizer *"O Que Fazer"* em termos de maximalismo.

Embora já tenha desenvolvido neste trabalho algumas idéias sobre o significado do maximalismo naquele momento, cabe aqui retomar alguns aspectos desta questão. Mesmo que houvesse importantes debates acerca do caráter marxista do bolchevismo, principalmente pelas páginas do *Spartacus*, não era isto que identificava os militantes com o comunismo. Esta identificação passava pelo caráter mobilizador e revolucionário da organização política russa, ou conforme as palavras do "Dr. Kessler" ao *O Rebate*:

> Máximalismo significa o máximo de bem estar imediato para todos os homens. Maximalismo quer dizer ainda a realização máxima do programa socialista comunista. Contrapõe-se ao minimalismo, que se satisfaz com a realização mínima do programa simplesmente socialista. Assim entendido maximalista não é só o nome de um partido russo, mas a substância de todos os partidos avançados que, em qualquer parte da terra, desejam a substituição imediata da ordem capitalista e burguesa por uma ordem acentuadamente comunista. Quanto à seu triunfo em todo o mundo civilizado, julgo-o inevitável e para breve. Tomará de certo nomes diferentes: aqui se chamará espartacismo, ali comunismo, mais além socialismo radical ou anarquismo. O nome importa pouco.[274]

Apesar de ter sido enunciada por um personagem fictício, não poderia haver definição mais realista para caracterizar estes grupos comunistas. O que os identificava era o seu radicalismo em relação a outras associações ou seu apoio às idéias revolucionárias. Dos grupos que consegui levantar mais dados, esta era uma característica comum, principalmente pelo momento em que foram formados.

Este "caráter revolucionário" também levanta algumas questões, e não somente relacionada aos grupos comunistas, mas a todo o movimento operário. Até que ponto a revolução russa influenciou o movimento operário lhe imprimindo um caráter revolucionário?

O "espírito revolucionário", se pode se chamar assim, não é visível em todas as atividades do movimento operário. Seria difícil encontrá-lo, por exemplo, na organização de uma greve por melhores salários ou em um protesto contra a tirania patronal. Apesar disso, creio que a mobilização de parcelas significativas do operariado tenha adquirido, aos olhos de muitas lideranças, um caráter revolucionário. Abílio de Nequete, cuja organização lançava panfletos esperando o dia da revolução, estava junto aos metalúrgicos para ajuda-

[274] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 7, maio, 1919.

los nas suas reivindicações; Zenon de Almeida, que participou ativamente das greves de Pelotas e Rio Grande, conspirou junto à outros operários pela deflagração de uma revolução maximalista. Considero que as greves ou outras mobilizações não foram resultado *apenas* de alguma influência externa, mas que o grau de mobilização incutia esperanças revolucionárias em muitos militantes que participavam ativamente na organização da classe trabalhadora. Estas esperanças se explicitam de forma muito clara nos jornais operários do período, como demonstrei nos capítulos anteriores.

Esta influência da revolução russa, como não é difícil entender, é mais visível sobre as lideranças. Mas creio que não se pode negar a possibilidade de que as imagens do *"do mundo em chamas"* tenham afetado também os militantes de base ou até os operários que não participavam de organizações. O clima de mobilização era um terreno fértil para o despertar das esperanças revolucionárias. Por esta razão, parece bem possível que estas esperanças, traduzidas em uma linguagem subversiva, em sonhos de um novo mundo, em planos contra a burguesia; levadas de mão em mão em panfletos, de boca em boca após discursos ou nos gritos anônimos em meio às multidões, tenham influenciado a ação de um número muito maior de pessoas do que se pode imaginar. Tanto os clamores revolucionários tomariam impulso por uma mobilização cada vez maior da classe, quanto os militantes se mobilizariam de forma cada vez mais radical por terem pela frente a possibilidade de seguir a trilha que os "maximalistas russos" lhes haviam aberto. Seguindo esta hipótese, Santos Soares não estaria exagerando ao dizer que *"O nome de Lênin, nas assembléias, incendiava os corações".*

Mas este clima intenso de mobilização não se manteve com o mesmo ímpeto pelos anos seguintes. Já no início da década de 20 haveria um refluxo, tanto por disputas internas do movimento operário, em que o tema dos destinos da revolução russa seria um dos maiores pontos de discórdia, quanto pela repressão que o estado oligárquico moveu contra o movimento. Todos estes sonhos revolucionários e estas manifestações de força foram acompanhados de perto pelos agentes de repressão do estado, mas não só; a grande imprensa, políticos, industriais, a classe dominante acompanhou com preocupação o que ocorria. Os anos de 1918 e 1919 estão pontilhados de episódios traumáticos que podem ser com muita razão considerados sinais da *intensificação da luta de classes.*

No final do ano de 1919 as sedes operárias de Porto Alegre foram fechadas. Militantes foram ameaçados de deportação. Foi proibido o envio dos jornais operários do centro do país para o Rio Grande do Sul. Como a revolução passa a ser vista neste contexto? Quais são as perspectivas de luta que se abrem nesta década que nasce com a marca da repressão? Como os militantes encaram as divergências crescentes entre anarquismo e bolchevismo? Porque elas crescem? Estas são algumas questões que pretendo responder no próximo capítulo que tratará do início desta confusa década de 20. Período em que, para muitos, depois dos gritos de revolta; dos brados dos marinheiros ao lado dos grevistas, desejando a morte da burguesia; das palavras de ordem ecoando pela velha cidade da fronteira, com suas carcomidas tradições e seus frigoríficos vazios; do zunir das balas contra a Brigada Militar, em frente à intendência, no centro da capital; sobreveio, no rastro de um rumor de botas, o silêncio...

6. *"NÃO PODERIA SE EXPLICAR O QUE SE PASSOU NA CABEÇA DE BOA PARTE DE NOSSOS VELHOS AMIGOS- NUM PISCAR DE OLHOS SE TORNARAM NOSSOS INIMIGOS*[275]*":* balanços e perspectivas do movimento operário gaúcho em relação ao futuro da revolução russa

Terminei o capítulo anterior apontando para alguns problemas que o movimento operário sofreria nos anos 20. No início desta década a repressão aumentou, as manifestações operárias passaram por um refluxo e as organizações se viram afetadas cada vez mais por dissensões internas. É verdade também que o início da década não foi marcado somente por isso, em 1920, por exemplo, se realizou o III Congresso Operário Brasileiro e o II Congresso Operário Regional do Rio Grande do Sul, eventos muito importantes para o movimento; além do mais, muitas greves ainda foram realizadas no estado, com mobilizações significativas. Mesmo assim este declínio, a partir de 1920, é algo apontado por muitos militantes que vivenciaram o período, sendo corroborado por importantes trabalhos historiográficos. Interessa para esta dissertação um aspecto particular desta "crise" do movimento operário: o início das divergências entre os militantes sobre o modelo político adotado pelos revolucionários russos.

A relação entre os anarquistas e os bolchevistas na Rússia nunca foi pacífica. Mesmo que os anarquistas tivessem apoiado os bolchevistas e alguns até tivessem aderido ao partido, aqueles que se mantiveram fiéis aos princípios libertários logo confrontaram o modelo pelo quais os bolchevistas desejavam chegar à nova sociedade, o que explica episódios como o choque com a guarda negra em Petrogrado e as divergências com a guerrilha de Nestor Makhno[276]. Não eram apenas divergências teóricas, também se relacionavam com o efetivo exercício de autoridade, marcando um conflito também de ações entre bolchevistas russos e anarquistas russos.

A fuga de anarquistas da Rússia e a publicização das perseguições levadas a cabo pelos bolchevistas contra estes é fato bem conhecido como episódio que tirou a "máscara libertadora" dos bolchevistas e mostrou sua face autoritária aos libertários do resto do

[275] Trecho das *Memórias de um imigrante anarquista*, de Friedrich Kniestedt.
[276] Um interessante relato sobre o movimento makhnovista é "As comunas makhnovistas da Ucrânia", de autoria de Pedro Archinop, que se encontra em LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo. Roteiro de libertação social.* São Paulo: Mundo Livre. 1963. pp.155-158.

mundo. Na recente biografia de Luce Fabbri escrita por Margareth Rago, *Entre História e Liberdade*, pode-se perceber quanto foi negativo o impacto destas informações sobre os militantes. A anarquista italiana, ao falar do clima pré-revolucionário vivido em seu país no início dos anos 20, se refere a esta decepção como se fosse um grande sonho de um futuro promissor que de repente se transforma em um doloroso ato de traição:

> Era grande a esperança, a grande esperança...um mundo novo que se abria e a desilusão que se sentira em seguida...por um lado, despertava entusiasmo porque era "a revolução", por outro, a autoridade que se centralizava cada vez mais, as iniciativas populares esmagadas, os episódios de Kronstadt, de Mackno, a notícia de que Emma Goldman havia sido detida...Sabia-se que Kropotkin estava descontente, não se queria acreditar nas notícias da imprensa burguesa, então era um afã de verificar, saber se era assim mesmo, se verdadeiramente se passara essa coisa tão tremenda, era uma verdadeira angústia...Um movimento revolucionário tão esplêndido que se perdia, que ficava afogado, não saber se era certo ou não o que diziam...[277]

Se Luce Fabbri recorda o peso de uma decepção, não foram todos os militantes que guardaram as mesmas lembranças. O outro lado da moeda é mostrado por Astrojildo Pereira, quando afirma que, aos olhos de muitos companheiros, o anarquismo se tornara obsoleto com as conquistas do proletariado russo. Neste caso, o que acontecia na Rússia de realmente importante não eram as perseguições aos anarquistas, mas o novo caminho apontado pelos bolchevistas para a vitória do proletariado. Esta decepção com o bolchevismo ou esta descoberta da obsolescência do anarquismo não são questões menores para os que estavam envolvidos com o movimento operário. Ela está ligada, entre outras coisas, à necessidade de escolha entre divergentes postulados de ação e organização. Estes posicionamentos são tanto mais complicados porque fatalmente colocariam companheiros fiéis na posição de novos inimigos ou competidores.

A maneira como esta decepção foi recebida e a importância das divergências surgidas dela para o movimento operário difere de historiador para historiador e mesmo de militante para militante, quando estes escrevem suas memórias ou se recordam destes fatos. Tanto a importância desta "decepção" por uma esperança enganadora, quanto a de uma "conversão" por um modelo novo de militância, vai ligar-se à importância dos novos grupos comunistas ou à continuidade do anarquismo, mais ou menos como apontei nas duas "correntes

[277] RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2001. pp.51-52.

interpretativas" do impacto da revolução russa que esbocei na Introdução da dissertação. No caso do Rio Grande do Sul, apesar de ser registrada uma continuidade das práticas anarquistas nos anos 20[278], observa-se uma cisão muito precoce no movimento operário advinda da aceitação ou não dos pressupostos da revolução russa. Esta crise provavelmente é um dos primeiros estremecimentos no movimento operário brasileiro causados por este motivo e teve lugar no II Congresso Operário Regional ocorrido em março de 1920.

6.1. A revolução russa como motivo de discórdia entre os militantes operários do Rio Grande do Sul: novas e velhas atitudes anarquistas

Este Congresso deveria ter ocorrido em 1919, mas sua realização foi adiada pela repressão policial às greves daquele ano. Friedrich Kniestedt dá detalhes sobre a sua realização: ele, Abílio de Nequete e Carlos Toffolo seriam os preparadores do evento. Entretanto, os dois primeiros teriam o interesse de sabotá-lo, fazendo com que a FORGS aderisse à III Internacional de Moscou. Isto não teria acontecido porque Kniestedt adiou a decisão, dando um golpe na pretensão de Nequete e Toffolo. Ao final do Congresso, a FORGS acabaria aderindo à Internacional Apolítica de Berlim[279].

Abílio de Nequete, por sua vez, afirma nos seus *Cadernos de Memórias* que, apesar de ter sido o autor das teses do Congresso, os anarquistas lhe cassaram a palavra por ele não representar nenhuma associação sindical. Teria ele exposto a nova teoria e a proposta de adesão à Moscou, mas os anarquistas finalmente aderiram à Internacional Anarquista, razão pela qual se afastou da FORGS[280].

O texto que está no *Boletim da COB* sobre este episódio do Congresso é o seguinte:

---

[278] Ver entre outros PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz LUCAS, Maria Elizabeth da Silva. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937).* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992 e LONER, Beatriz. Construção da classe operária em Pelotas e Rio Grande. Pelotas: Editora da UFPel.

[279] KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um imigrante anarquista*. Tradução, Introdução, Epílogo e Notas de Rodapé: René E GERTZ. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1989. p. 131.

[280] PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Anotações dos Cadernos de Abílio de Nequete.* Datilografado. s/d.

> Abilio de Nequete apresenta um projeto de organização, provocando longos debates. O delegado dos gráficos faz várias considerações e apresenta uma proposta, retirando-a, em seguida, em virtude da explicação obtida de Abílio de Nequete.
>
> Fala o representante da Federação Pelotense e alonga-se no estudo da organização operária, mostrando a necessidade de se seguir nova orientação.
>
> Fazem ainda uso da palavra os representantes dos alfaiates, dos pedreiros da U.T. de Bagé e do S.O.V. de Caxias.
>
> A discussão dessa tese prolonga-se até 19 e ½ horas, sem se chegar a uma conclusão, o que prova o interesse dos congressistas em resolver com calma e consciência as questões sucitadas. Por fim, devido às opiniões desencontradas, o delegado de Pelotas propôe que seja nomeada uma comissão para dar parecer sobre o assunto, o que foi aprovado .[281]

Estas poucas linhas não esclarecem a profundidade da discussão e sequer os argumentos de crítica e defesa, mas ela demonstra que a adesão à III Internacional podia provocar longos debates a ponto de não se chegar a um consenso. Para Friedrich Kniestedt, o que havia ocorrido não era apenas uma cisão em um Congresso, mas um problema muito maior, que embotou a capacidade de luta de todo o movimento:

> "Não se consegue descrever o que passou na cabeça de nossos velhos amigos- num piscar de olhos tornaram-se nossos inimigos. Seria muito demorado descrever todos esses acontecimentos. É suficiente destacar que devido à decisão em favor de Moscou foi sendo gradativamente destruída toda a capacidade de ação do operariado não só do Rio Grande do Sul, mas do Brasil e de toda a América do Sul. Os festejos de 1º de maio de 1919 ainda transcorreram em grande harmonia, mas em 1920, não mais. Em um ano o germe da discórdia fizera grandes estragos." [282]

O militante anarquista se refere também ao que aconteceu à Escola Moderna, em que a ação dos adeptos de Moscou, querendo controlar a instituição, teria feito Kniestedt fechar suas portas, pois o militante libertário teria preferido ver a escola fechada a estar sob controle dos seus adversários políticos.

Estes casos podem levar a imaginar que se tratava de uma disputa essencialmente centrada em Porto Alegre, mas em Pelotas também surgiram brigas envolvendo a ação dos maximalistas. Beatriz Loner mostra como, apesar da fluidez e de algumas confusões nas interpretações sobre os rumos da revolução russa, o posicionamento em relação ao

[281] Citado por PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 378.
[282] KNIESTEDT, Friedrich. Op. Cit. p. 132.

maximalismo *"foi conformando mágoas profundas, difíceis de serem sanadas e que comprometeram em parte o trabalho associativo"*. Em 1920, houve uma divisão na Liga Operária de Pelotas, o que pode se depreender de um artigo de Manoel Bordalló n'*O Rebate,* criticando duramente um grupo dos maximalistas. Estes eram militantes que se diziam libertários, mas agiam como ditadores, tendo movido uma campanha de difamação contra companheiros de fora da cidade, como Alberto Lauro, Santos Barboza e Zenon de Almeida. Afirmava Bordalló diante da ação destes operários que *"A doutrina, o programa maximalista é sublime, é justo, é aceitável, é racional, mas se é posto em prática da mesma forma que se propaga, ou melhor, da mesma forma que é propagado por esse povo, desgraçado do povo russo, infeliz da Rússia."* [283]

Além destes episódios de confronto entre maximalistas e anarquistas, apontados pela historiografia e nas memórias dos militantes, também surgiram nos jornais da época críticas ao bolchevismo que assinalavam um distanciamento da corrente libertária. Em fevereiro do ano de 1920, *O Rebate* publicou um artigo anônimo intitulado *Lênin. O político e o orador.* Neste artigo o líder russo é apresentado como um homem inescrupuloso, que se comportava como um ditador entre seus companheiros socialistas russos, usando todos à sua volta apenas como peões em um jogo de xadrez. O pensamento de Lênin também é criticado, não por sua falta de escrúpulos, mas por ter sido falsamente apresentado como algo inovador:

> Em suma, Lenine não enriqueceu o pensamento humano com idéia alguma nova. Procurar-se-á em vão em suas obras escritas, antes e durante a revolução, outra coisa mais que comentários mais ou menos engenhosos das teses de Karl Marx. Mesmo quando escrevia, em 1908, sobre a pretendida superioridade do regime dos Soviets, não achou outro argumento em suas teses senão citações retiradas da obra de Marx, das quais está cheio o seu livro. Aliás, a pobreza de pensamento é a característica da revolução russa em todos os seus períodos.
> Os bolcheviques pretendem que Lenine é o único discípulo de Karl Marx, que tenha guardado em toda a pureza a sua doutrina. E Lenine tem em grande conta esta fama. Mas em teoria, como na vida, a habilidade política o torna menos intransigente.[284]

Não é possível identificar se isto foi escrito por um anarquista ou de um conservador, pois o comentário afasta-se da tradicional acusação de que o bolchevismo era uma degeneração da civilização russa. Na verdade, não parece estar colocado em questão também a validade do pensamento marxista, mas sim o fato de que o bolchevismo, que fora

[283] LONER, Beatriz. Op. Cit. p. 211.
[284] *O Rebate*. Pelotas, p.1, 12, fev, 1920.

apresentado por muitos como grande teoria que mudaria o mundo, não passava de cópia das idéias de Karl Marx. Um outro artigo que parece desmascarar o caráter do bolchevismo apareceu n'*O Syndicalista* de Porto Alegre, de 14 de abril de 1920, mas aí a crítica centrava-se no fato desta doutrina não ser sindicalista:

> O Syndicalismo não é marxista.:
> A ditadura do proletariado, clausula do marxismo, não é finalidade do sindicalismo.
> O Alvorecer da aurora nas rudes estepes do oriente da Europa, com o triunfo do povo moscovita, trouxe novos e importantes problemas que os militantes do sindicalismo não podem deixar passar em silêncio. O termo da moda, bolchevismo, e cujo conceito neo-comunista não passe de ser uma modalidade do socialismo marxista, empolgou quiçá com excesso de zelo atividade de não poucos amigos e é preciso que constatemos bem a índole da revolução que prepara nossos entusiasmos, para que os suscetíveis de equívocos não incorram em erro.
> É indubitável que entre o despotismo dos favorecedores de Rasputine e o regime dos Soviets, implantado pelo maximalismo na Rússia, existe uma dualidade que abarca todas as nossas simpatias de um modo absoluto em favor do último. Não é isso porém óbice para que, dada a natureza inequívoca da tática e essência da doutrina apostolada por nós, que tende a se universalizar, a se ampliar, a envolver a vida em todos os seus aspectos no sentido anarquista, não nos conformemos e menos façamos bandeira em nossa propaganda da dentologia econômica estabelecida na Rússia pela central comunista dos Soviets.
> Cremos e assim o afirmamos que a revolução a vir em nosso país, não pode dirigir seus passos e menos reduzir sua missão aos feitos partidarios de Lenine. A ditadura do proletariado clausula capital da carta doutrinária do marxismo, não é, nem muito menos exprime, a finalidade do sindicalismo. Com ela o estado, a autoridade, o poder, não perde senão na forma a existência intrínseca da sua prepotência. O domínio de casta ou classe, ainda que seja uma transição acidental, transmite sua hegemonia ao proselitismo triunfante dos vencedores que, ainda que com o título de ditadores administrativos e tutelares, mais tarde, como sucede em todas as comoções em que as estruturas básicas das instituições da etnologia social e política em essência fica de pé, transformou-se no maior obstáculo para o futuro prosseguimento da própria revolução iniciada.[285]

O restante do texto trata dos problemas que teriam os sindicalistas ao defender a formação de um *estado*, mesmo que fosse a Rússia bolchevista, já que toda forma de estado acabaria se constituindo em algum tipo de tirania. O escrito não é de nenhum militante brasileiro, mas foi retirado de um jornal de Cádiz chamado *Rebelión* e enviado por Alberto Lauro para que se publicasse sua tradução. A apresentação dizia que a sua publicação tinha por intuito dissipar a *"confusão lamentável que muitos sindicalistas e anarquistas se tem apossado diante da revolução russa e que os faz esquecerem-se do comunismo libertário, tão bem defendido e definido por Bakunine, na gloriosa I Internacional"*.

[285] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.3 14, abril, 1920.

Tendo por base as memórias dos militantes e levando em conta este artigo, pode-se afirmar que já havia divisões no movimento operário entre os maximalistas e anarquistas, além de uma preocupação por parte de alguns anarquistas com uma possível inflexão na direção de um novo método de ação e de uma nova teoria. Mesmo assim seria perigoso estender este cenário para o conjunto dos militantes e das associações. Ou seja, a existência destas divergências não prova que todo o movimento operário tenha se dividido ou que todos os anarquistas tenham de imediato se colocado contra a influência do bolchevismo.

Nesta mesma edição d'*O Syndicalista* e ao lado deste artigo que pretende mostrar a face verdadeira do bolchevismo, existe uma coluna chamada *Evidentinas*, que faz uma defesa da nova Internacional Proletária. O texto publicado tratava inicialmente do nacionalismo, que no passado teria razão de existir, mas que se tornara obsoleto com o advento do sistema capitalista. O que o autor propõe é mostrar que o estado capitalista internacionalizou a exploração humana, pois não importava com qual bandeira os trabalhadores estivessem, eles seriam explorados do mesmo jeito, o que era um grande avanço na direção do internacionalismo.

O texto aproveita fatos que estavam frescos na memória, como o nacionalismo e a guerra, para apontar que o desenvolvimento do sistema econômico levaria a uma luta de caráter internacional contra a burguesia. Assim como o capitalismo, auxiliado pela ciência, teria transposto todas as fronteiras nacionais, *"A internacional proletária, auxiliada pela mesma ciência, derrubará sem piedade as fronteiras de classe, instaurando o regime do direito humano, com a base seguinte: igualdade econômica, igualdade política e igualdade social."*[286]

O que surpreende é que estes dois textos, um fazendo uma crítica à expansão do bolchevismo e outro fazendo uma apologia da III Internacional, estivessem lado a lado na mesma página. Isto é um indício de que o choque provocado pela descoberta dos "verdadeiros" princípios do bolchevismo pode não ter sido igual para todos os militantes e em todos os lugares. Bem depois do Congresso em que Kniestedt e Nequete entraram em choque, depois também da publicação do texto *"O Syndicalismo não é marxista"* e mais ou menos no mesmo período em que Bordalló se queixava da atuação dos maximalistas em

[286] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.3, 14, abril, 1920.

Pelotas, Zenon de Almeida, em um artigo no *A Folha do Povo* de Santa Maria, ainda manifestava toda sua admiração por um grande líder bolchevista:

> "Goethe, Spencer, Comte, Tolstoi, Kropotkine, Marx, Haeckel, Bichner e Lebon irradiaram uma infinidade de centelhas, discípulos que espalharam a luz pelo mundo.
>
> Surge agora no cenário mundial este gênio maior que Voltaire e maior que Napoleão:
>
> Lênine.
>
> Ele desferirá o golpe mortal no coração de Roma." [287]

Zenon de Almeida tinha uma longa militância anarquista, mas parece não desconsiderar o papel de Lênin como o ponto mais alto do pensamento racionalista, mesmo depois de terem iniciado as divergências entre os anarquistas e aqueles que diziam seguir os princípios do bolchevismo.

Outro exemplo de persistência da revolução russa como imagem inspiradora para os militantes libertários se encontra n'*O Nosso Verbo*, de Rio Grande. A sua edição de 24 de novembro de 1920 estampava na primeira página um texto intitulado *A traição da Polônia (O quinhão da vitória).* Não se tratava apenas de um apoio tácito a uma organização estatal menos opressiva que a outra, de uma escolha entre a burguesa República da Polônia e a República Soviética, a exemplo do que preconizava o artigo publicado n'*O Syndicalista* confrontando a Rússia comunista com a czarista. Tratava-se de uma adesão apaixonada à causa russa. Um dos pontos ressaltados era o papel da Polônia, uma nação que os revolucionários de todo o mundo haviam lutado para libertar das potências estrangeiras e naquele momento fazia o jogo das mesmas potências, voltando-se contra os maximalistas, que haviam defendido sua independência sem pedir nada em troca[288].

Na mesma edição do jornal foi publicado um artigo sobre a educação entre os maximalistas russos, que teriam criado um sistema moderno e simples de ensino, bem diferente do "*nosso antiquado didatismo escolar, muito querido dos dengosos e amofados professores e das múmias pedagogistas da nossa terra"*[289]. Também há obras de divulgação sobre o bolchevismo, que são oferecidas para venda pelo jornal: *A verdade*

[287] *A Folha do Povo.* Santa Maria, p.1, 25, ago, 1920.
[288] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.1, 24, nov, 1920.
[289] Ibidem. p.5.

acerca da revolução russa, *O que é bolchevismo* e *O estado atual do comunismo na Europa*; assim como são oferecidos retratos de *"dois gigantes da revolução"*, Lênin e Malatesta, por 200 Réis cada. A única coisa que lembra a cizânia entre comunistas e anarquistas é uma pequena nota, na seção de notícias internacionais, que informa sobre a construção de uma fábrica de papel na Rússia:

> Em Gomel, a 640 kilometros de Moscóvia os bolchevistas montaram uma fábrica de papel cuja produção aumenta consideravelmente, ultrapassando os já de antes da guerra dizendo os jornais burgueses que este é destinado à propaganda das idéias comunistas entre os trabalhadores do mundo.
>
> Esperamos a ver se o comunismo dos bolchevistas traz alguma novidade para nós ou se é apenas a do Manifesto de Engels e Marx e que há 50 anos Bakunine e outros tiveram que combater em defesa da anarquia.[290]

Dois meses antes, no mesmo *O Nosso Verbo*, havia um informe que teriam acontecido em Rio Grande duas palestras, uma *Sobre a anarquia, o que somos e o que queremos* e outra sobre *O estado atual da Rússia*[291]. Mesmo que as palestras fossem um esclarecimento sobre o caráter do bolchevismo e um ato de marcar posição por parte dos anarquistas perante novas idéias, conforme se pode desconfiar pelos títulos, não parece haver nenhum sinal de mudança em relação à atitude diante da revolução de outubro, a não ser pela pequena nota sobre a fábrica de papel em Gomel.

São referências bastante dispersas, já que para o ano de 1920 não encontrei coleções de jornais tão vastas como as existentes para 1919, mas elas servem para matizar o quadro um tanto catastrófico pintado por Friedrich Kniestedt em suas memórias. Não está presente nos textos que se referem à Rússia a mesma euforia do ano anterior, que parecia prever para bem breve a chegada da revolução social, mas nada faz crer que a crítica ao bolchevismo ou um processo de divisão do movimento operário tenha atingido todos os militantes do Rio Grande do Sul neste momento.

A acusação estampada n'*O Syndicalista* de que *"o sindicalismo não é marxista"*, não afastaria necessariamente algum apoio ou admiração pela revolução russa, na verdade ela mais demarca uma posição que não deve ser seguida. Não se pode dizer o mesmo em

[290] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.6, 24, nov, 1920.
[291] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.3, 12, set, 1920.

relação às perseguições levadas a cabo contra os anarquistas pelo regime soviético. Conforme Moniz Bandeira, foi por volta de novembro de 1920 que as notícias das perseguições a anarquistas na Rússia começaram a ser publicadas no *A Plebe* de São Paulo. Em dezembro de 1920 já eram estampadas manchetes como: *O terror bolchevista na Rússia; Piotr Koprotkin, o velho libertário, reduzido à miséria* e *Um apelo aos libertários de todo o mundo.* Notícias em que se materializavam as barbaridades ditas sobre a revolução, que antes eram refutadas como calúnia da burguesia[292].

Mesmo isto não parece ter influenciado a maneira de ver de todos os anarquistas. Meses depois do *A Plebe* publicar as notícias sobre a perseguição aos anarquistas, *A Revista Liberal* de Porto Alegre, publicação dirigida por Polidoro Santos, apresentava um texto analisando o maximalismo na Rússia. Apesar de estar presente neste texto uma clara diferenciação para com o anarquismo, o regime russo não era hostilizado, mas mostrado como um progresso em direção à anarquia:

> Diferenciações
>
> A ANARQUIA repele em absoluto o direito de propriedade e a concepção de Estado de governo determinado; não permite o uso da moeda.
>
> Como governo só admite a idéia: assim, o governo anárquico é exercido por todos em conjunto, e por ninguém individualmente.
>
> As decisões são tomadas pelo conjunto dos elementos sociais e cumpridas sem coação de autoridade pessoal e sim da consciência.
>
> Esta é a lei, código e juiz.
>
> O MAXIMALISMO, ao contrario, adota a concepção do Estado, a autoridade dos "Soviets" e o uso da moeda.
>
> Sob o ponto de vista econômico, o maximalismo russo não é, porém, nem o regime capitalista, atualmente ainda em vigor no resto do mundo civilizado, nem o regime feudalista, nem o militarista.
>
> O regime econômico do governo da Rússia é o de uma grande federação cooperativista, o dos "Soviets".
>
> Resumindo, o regime econômico da Rússia atualmente é o socialista, o regime político, provisoriamente, o semi-republicano.
>
> O SOCIALISMO deu lugar ao maximalismo russo e o está impulsionando para uma melhor organização político-econômica, onde não haja ditadura de classe alguma, onde não haja tão funda a divisão de classe.

[292] BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil.* São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 370-373.

O socialismo científico será o legislador da Moral que impõe o amor como o primeiro Dever.[293]

Esta interpretação, ligando o desenvolvimento do bolchevismo na Rússia a um estágio entre o socialismo tradicional e a futura implantação da sociedade sem classes, não era uma novidade. No ano de 1919 Fábio Luz, em uma conferência sobre a imprensa reproduzida no *Spartacus*, esposava esta mesma interpretação ao afirmar que: *"Queremos, vis-a-vis da imprensa assalariada à sociedade burguesa, a livre imprensa do proletariado, o órgão do quarto estado, discutindo a viabilidade da organização social futura, do comunismo anárquico, tão bem encaminhado pelos sindicatos de classe, de que a Revolução Marxista-a Revolução russa dos Soviets é um preparo e um encaminhamento"*[294].

Este trecho da conferência de Fábio Luz aponta para outro ponto que deve ser destacado: que o fato da revolução russa não ser conduzida por anarquistas não era algo totalmente desconhecido antes de 1920. Tanto que o *Spartacus* tratou deste tema em diversos artigos ainda no ano de 1919, artigos estes que poderiam ter circulado em Porto Alegre e outras cidades do Rio Grande do Sul[295]. Também não era desconhecido o termo "ditadura do proletariado" que foi apresentado como estigma pelo texto traduzido do jornal espanhol *Rebelión.* Isto parece tornar o texto publicado pel'*O Syndicalista* uma "peça fora de lugar". Tanto mais que o mesmo Alberto Lauro, que no momento da publicação do *A Revolução Russa não é sindicalista* estava em Montevidéu e de lá deve tê-lo enviado, um ano depois escreveria com entusiasmo sobre o movimento social na Argentina, sobre a formação de Soviets naquele país e sobre uma greve liderada por uma Federação Operária Comunista, solidária a protestos estudantis[296].

O que pode se depreender é que a divisão entre anarquistas e comunistas foi um processo complexo e os indícios de divisão podem não ser um sinal de rompimento

[293] *A Revista Liberal.* Porto Alegre, p.8, maio, 1921.
[294] *Spartacus.* Rio de Janeiro, p.4, 18, ago, 1919.
[295] O mais significativo talvez seja uma carta do Príncipe Piotr Koprotkin, publicada em 6 de dezembro de 1919, que diz claramente que o governo bolchevista é o de uma fração do Partido Social Democrata, mas justifica o caráter centralizador da Ditadura pelo estado de guerra endêmica pelo qual o país passava. Nesta mesma edição, José Oiticica publica uma coluna em que justifica a centralização do poder russo por esta ser uma "nação guerreira". Neste mesmo sentido, chama atenção outro texto, de autoria de Isidoro Augusto, publicado na edição de 13 de dezembro, que se chama "Em torno das ditaduras" em que o autor afirma ser a ditadura do proletariado russa, pelo seu caráter, mais anarquista do que marxista.
[296] *O Nosso Verbo*. Rio Grande. 19, mar, 1921. O texto se chama *"Chronicas argentinas"*, tendo sido enviado de Buenos Aires no dia 14 de fevereiro daquele ano.

definitivo com alguma tendência. Naturalmente, seria errado pensar em uma transformação completa nas idéias de todos os militantes sobre um conjunto de fatos de forma tão rápida. Este é um processo que foi se conformando de maneira complexa, diferente para cada sujeito, para cada grupo. Muitos podem ter permanecido fiéis ao anarquismo, muitos outros podem ter acreditado que o bolchevismo era a luz do futuro e muitos podem ter mudado de posição pelo caminho.

Algo importante a se considerar é que Friedrich Kniestedt, quando escreveu suas memórias, vivia em um clima político muito diferente daquele experimentado no início dos anos 20. Quando publicou na década de 30, pelo jornal *Aktion*, os episódios de sua vida (que depois seriam reorganizados em suas *Memórias*), os anarquistas e comunistas estava há muito tempo em antagonismo. Olhando retrospectivamente, Kniestedt pode ter enxergado no início dos anos 20, um momento em que as divisões recém se conformavam, toda a intransigência de posições entre os libertários e os comunistas que caracterizava o período em que ele estava escrevendo. O mesmo caso se passa com Abílio de Nequete que, escrevendo seus *Cadernos* no início dos anos 40, vê os anarquistas em bloco antagonizando os maximalistas:

> A maioria dos congressistas era anarquista e a palavra de Abílio foi cassada por não representar nenhum sindicato, embora fosse o autor das teses do congresso. Propunha a adesão à Moscou e os anarquistas à Internacional Anarquista.
>
> Na sessão seguinte cita a Marx e desiste da tese de adesão à Moscou.
>
> O diário do congresso está errado ao dizer que Abílio concordou com suas decisões.
>
> Por força da não adesão a Moscou, nada mais tinha a fazer na FORGS.[297]

Não existe nada nos anais do congresso que permitam observar um definitivo "racha" devido às posições antagônicas de Nequete e Kniestedt. A existência de um debate longo por causa desta tese no 2º Congresso, na mais longa das sessões, também parece ser mais um indicativo de interesse ou de um debate acalorado, do que de um repúdio geral ao comunismo russo. Isto faz ver que não se pode transpor as divisões posteriores do movimento operário para este momento. O antagonismo formado mais tarde, com a

[297] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Anotações dos cadernos de Abílio de Nequete.* Datilografado. s/d.

fundação do PCB comunista em 1922, não está dado, observando-se ainda uma amálgama programática e teórica[298]. Mesmo assim já existem apropriações do projeto soviético e dos termos bolchevistas; igualmente já há disputas entre operários por causa desse projeto.

Este é um ponto bastante delicado. Não se pode afirmar que os antagonismos que separaram comunistas e anarquistas não provocaram divisões iguais às que separaram o movimento operário nos anos posteriores, nem se pode afirmar que de uma hora para outra as associações operárias se vissem divididas em dois grupos que se antagonizavam agressivamente. Mas seria falso dizer que a revolução russa *não* provocou divisões no movimento operário e que seus rumos *não* provocaram divergências no deste movimento. A questão principal então é saber *como* se deram estas primeiras divisões.

6.2. O peso da reação: a campanha contra o maximalismo e a perseguição aos militantes do movimento operário

No início deste capítulo destaquei o depoimento de uma importante militante anarquista, Luce Fabbri, relatando a decepção que teve ao saber que a revolução russa não era anarquista e que inclusive na República dos Soviets os libertários eram perseguidos. Ao longo do capítulo, tentei mostrar que este fato, principalmente o saber que a revolução não era anarquista, não provocou uma cisão imediata entre fiéis e infiéis do movimento libertário. Mas se, mesmo com as notícias de que a revolução russa não era anarquista, muitos militantes libertários a continuaram apoiando, porque começaram a haver disputas? Porque alguns operários aderiram a determinadas idéias novas e não outros? As adesões a diferentes posições foram puramente fortuitas? Mesmo supondo-se que notícias chocantes, como estas das perseguições, tenham tido diferentes impactos conforme as idiossincrasias de cada um dos militantes, acredito que esta hipótese não esgote todo o problema.

Para tentar se compreender melhor este processo, não se deve voltar os olhos apenas ao que ocorria na Rússia ou dar atenção às informações que de lá chegavam, porque ao fim

[298] Na verdade, nem mesmo com a formação do PCB em 1922 vai haver uma diferenciação teórica tão profunda, já que quase todos aqueles que formaram o segundo partido comunista eram oriundos do anarquismo e ainda tinham muitas concepções influenciadas pela doutrina libertária.

e ao cabo, não foram somente os fatos ocorridos na "República dos Soviets" que orientaram as escolhas dos militantes. É necessário perceber uma série de mudanças bem mais amplas, que ocorreram em nosso próprio país e que se ligam a outros aspectos desta "crise" que o movimento operário teria passado no início dos anos 20.

Esta "crise" ou este enfraquecimento de uma determinada tradição de luta, encarnada especialmente pelo anarquismo, foi analisado por Ângela de Castro Gomes no livro "*A invenção do Trabalhismo*". Os temas principais do livro não são as disputas ocorridas dentro do movimento operário, mas a formação de uma tradição de luta que seria apropriada depois pelo Estado Novo e que resultaria no trabalhismo; além do mais, o estudo restringe-se à cidade do Rio de Janeiro. Acredito, entretanto, que a maneira como a historiadora observa a atuação dos grupos anarquistas naquele momento sirvam para uma frutífera comparação com algo que estava ocorrendo entre os militantes do Rio Grande do Sul neste mesmo período.

Castro Gomes afirma que, no início dos anos 20, não se vivia um momento de decadência da organização sindical ou da presença dos anarquistas nos sindicatos. Também não era verdade que as dificuldades que acometeram os grupos mais radicais entre os operários organizados teriam se dado por dúvidas doutrinárias ou pelo surgimento de grupo concorrente aos anarquistas dentro do movimento. Quanto a esta última afirmação, que diz respeito aos comunistas, Castro Gomes se posiciona contra Astrogildo Pereira, quando este afirmava que o abandono do anarquismo se dera por um processo espontâneo de autocrítica, ao observar a incapacidade da organização libertária para resolver os dilemas que se colocavam ao movimento. Isto poderia ser rechaçado pelo próprio teor dos debates que, como no caso do movimento operário do Rio Grande do Sul, não parecem ter provocado uma ruptura imediata e irreversível entre os militantes, com direito a conversões definitivas ao bolchevismo, que de resto não era conhecido com profundidade.

Quanto ao outro ponto analisado por Ângela de Castro Gomes, o da organização sindical, no ano de 1920 as associações operárias do Rio de Janeiro e os anarquistas da Capital Federal promoveram importantes eventos, como a luta contra a carestia de vida e contra o aumento dos aluguéis. Também refundaram o jornal *A Voz do Trabalhador*, promoveram o 3º Congresso Operário Brasileiro e realizaram festivais culturais para

angariar dinheiro em auxilio aos militantes presos. Mas nas grandes mobilizações, os operários sofreram duras derrotas: *"Do ponto de da ação política e sindical, continuavam conseguindo vitórias, mas eram derrotados nos episódios de maior vulto e publicidade, o que enfraquecia a imagem do movimento operário entre os trabalhadores e na sociedade em geral"*[299]. A diferença crucial que Ângela de Castro Gomes observa é o contexto político mais geral, no qual o anarquismo passou a ser combatido de uma forma que não acontecera antes.

> O que havia de diferente na conjuntura política que então se abria era o tipo de combate que se articulava contra o anarquismo. Aí o ponto crucial não era só o aumento da violência política, que efetivamente teve um papel muito importante. O que ocorreu foi o amadurecimento de um conjunto de alianças que reunia ao lado da polícia e do patronato setores da elite política e intelectual da cidade, com franco apoio da Igreja Católica. Esta composição que somava sólidos recursos materiais e ideológicos, traduzia-se, por exemplo, no revigoramento dos movimentos nacionalistas, que neste momento tinham um nítido caráter militante e clerical. Renascia no Rio de Janeiro o que se chamou de "novo jacobinismo", que elegia como seu inimigo- além dos tradicionais galegos- os anarquistas: estrangeiros e ateus.
>
> O declínio que então se iniciou não teve, portanto como base o fracasso da militância anarquista nos sindicatos, mas sua expulsão e eliminação por forças policiais com amplo respaldo político e social. Talvez exatamente por isso os anarquistas não tenham sido gradualmente substituídos pelos comunistas, que teriam paulatinamente ocupado um espaço deixado vago por um desgaste de um movimento e de uma doutrina. Os anarquistas cariocas e o anarquismo continuaram existindo no movimento sindical, e exatamente porque não houve um amplo debate precedendo a criação de um Partido Comunista, era inevitável que ele ocorresse *a posteriori*, em circunstâncias distintas das narradas por Astrogildo Pereira. [300]

As dificuldades enfrentadas pelos anarquistas cariocas e pelo movimento operário da Capital Federal não eram exatamente as mesmas enfrentadas pelos militantes do Rio Grande do Sul. O novo jacobinismo não tem paralelo no estado sulino e a igreja não tinha a mesma força que na Capital Federal. Mas deve ser retido este novo momento de repressão pelo que passaram a viver as organizações operárias e as formas cada vez mais agressivas pelas quais elas foram atacadas.

Ângela de Castro Gomes mostra que o debate sobre a validade das táticas sindicalistas e a formação de um "emaranhado de posições" dentro do movimento operário se deu a par de uma ação repressiva que sufocava as possibilidades de ação do movimento. As fissuras e

[299] GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice. 1988. p. 139.
[300] Ibidem. p. 140.

as cisões se agravaram quando a militância enfrentava uma reação cada vez mais agressiva contra si. Tendo em vista o que se deu na Capital Federal, talvez seja necessário observar se um processo similar não ocorreu no Rio Grande do Sul, influenciando a relação que os militantes tinham entre si e com suas próprias idéias. Se assim for, as disputas decorrentes da aceitação do maximalismo podem estar inseridas no "emaranhado de posições" a que se refere Ângela de Castro Gomes, fazendo parte de um processo mais geral de dificuldade de atuação e reversão de expectativas. Mas para observar isto, deve-se atentar para alguns aspectos da *ação repressiva* do Estado e seus efeitos no movimento operário.

De 1917 até 1919 o movimento operário em diversas cidades do Rio Grande do Sul teve um crescimento significativo. Novas associações foram criadas, greves cada vez mais abrangentes iam sendo articuladas e também uma linguagem cada vez mais violenta, vazada por termos revolucionários, ia sendo empregada na mobilização dos trabalhadores. Este processo, influenciado pela revolução russa e se alimentando dos seus sucessos, já foi abordado nos capítulos anteriores, por isso não pretendo fazer uma retrospectiva dos fatos acontecidos naqueles anos. Basta dizer, e este é o ponto que aqui interessa, que estas mudanças na mobilização da classe operária e na própria postura do movimento foram acompanhadas de muito perto pelo governo republicano.

Em 1917, quando ocorreu a greve geral em Porto Alegre, o governo Borges de Medeiros aceitou negociar com os trabalhadores, tabelou os preços dos víveres e aumentou os salários dos operários a serviço do estado. Em outras duas ocasiões, na greve de Pelotas e na greve ferroviária, a postura do governo também foi de entabular negociações e se colocar como mediador para a solução dos conflitos sociais. Claro, não se deve esquecer toda a conjuntura especial que explica esta postura paternalista de Borges, como a necessidade de mostrar legitimidade perante outros líderes políticos em um ano eleitoral e o interesse em melhorar os serviços ferroviários administrados pela Compagnie Auxiliare. Também não se deve esquecer que as organizações operárias estavam em um momento de reorganização e suas palavras de ordem não se destinavam à derrubada do Estado ou à revolução social. Em 1918, o cenário muda, tanto as organizações operárias quanto o estado republicano endureceram suas posições. Na greve de Porto Alegre, em agosto daquele ano, os operários da Força e Luz foram obrigados pela polícia a trabalhar e houve repressão às manifestações que procuravam organizar uma paralisação generalizada. Também na cidade

de Rio Grande, no mês de outubro, a polícia reprimiu a greve que os trabalhadores do Porto haviam deflagrado.

Em 1919, não só o grau de mobilização chegou ao ápice, como a violência contra os operários tornou-se pior. A greve de abril daquele ano em Rio Grande é um exemplo. Quando a cidade é ocupada militarmente e as notícias para os outros pontos do estado são censuradas, aparece de forma clara a intenção de esmagar um movimento que se tornava agressivo e perigoso. A atitude dos marinheiros de um *destroyer* chamado para o patrulhamento da cidade, que após sua dispensa aderem ao movimento gritando morras à burguesia, mostra também que a esperança de acabar com a miséria e a opressão social poderia extravasar os círculos dos militantes da classe operária[301]. A violência policial e militar contra a enorme concentração operária, onde mulheres e crianças foram vítimas das estocadas de cavalaria, foi tão grande que não é de estranhar que, em um discurso no 1º de maio daquele ano, na capital, um orador dissesse esperar que *"Breve o operariado de Porto Alegre estará apto a enfrentar a Brigada de Borges de Medeiros"*[302]. Outro episódio de repressão ocorreu em setembro, na cidade de Porto Alegre, quando o comício dos operários da Força e Luz foi dissolvido por um piquete que trocou tiros com os militantes no centro da cidade. A perseguição aos trabalhadores e a carga sobre populares que estavam na Avenida dos Andradas, que se confundiram com os perseguidos, foi criticada mesmo por um jornal conservador como o *Correio do Povo: No domingo, era desnecessário que os soldados da Brigada Militar entrassem na Rua dos Andradas, disparando seus revolveres, e isso justamente quando essa rua se achava repleta de famílias, não só porque era domingo, como, também, porque se realizavam as passeatas comemorativas da independência nacional"*[303].

Neste caso, como no de Rio Grande, a repressão à manifestação dos operários foi acompanhada de um ataque às suas associações e aos líderes. No dia seguinte, dia 8, após a madrugada em que uma bomba foi atirada na casa de um fiscal geral da Força e Luz, o Chefe de Polícia Eurico Lustosa mandou fechar os três principais centros de reunião dos

[301] LONER, Beatriz Ana. Op. Cit. p.303.
[302] SILVA JR, Adhemar Lourenco. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado). P.389.
[303] *Correio do Povo,* p.6, Porto Alegre. 9, set, 1919.

operários: a FORGS, a União Metalúrgica e o Sindicato da Força e Luz. Além disso, proibiu a Sociedade Elena de Montenegro, onde tradicionalmente ocorriam assembléias operárias, de receber reuniões de sindicatos.

A Brigada ocupou as associações, recolheu as bandeiras que estavam em frente aos prédios das entidades e prendeu seus ocupantes para averiguações. Friedrich Kniestedt escreve que nesta ocasião a ação da polícia não se limitou ao fechamento da FORGS, mas que os policiais promoveram um verdadeiro quebra-quebra dentro do prédio[304]. No dia seguinte, 8 de setembro, aconteceu o féretro do operário morto no dia anterior, Fernando de Oliveira, em que se registrou mais um incidente quando um bonde guardado por praças do exército cruzou o cortejo. Um operário que acompanhava o enterro pulou sobre o bonde e tentou esfaquear um sargento, mas foi prostrado por um soldado que lhe encheu o corpo de balas. Aqui também houve um grave enfrentamento, com muitos operários tendo que fugir e se esconder em casas da redondeza, a exemplo do que ocorrera no dia anterior.

As sedes continuaram fechadas, mesmo que o prédio da FORGS fosse atacado por uma carga de tiros (possivelmente de sindicalistas tentando expulsar os policiais), só nos dias posteriores os locais foram liberados[305]. As associações tiveram suas existências jurídicas extintas e importantes militantes como Kniestedt e Nequete foram ameaçados de deportação.

A greve desta forma arrefeceu. A ação da polícia pode não ter tomado o contorno que tomou no Rio de Janeiro, mas episódios como estes acabaram marcando o movimento operário e servindo como um amortecedor para as esperanças dos militantes. Também se deve levar em conta as notícias que vinham do centro do país, a repressão à insurreição de outubro em São Paulo marcava o fracasso de um projeto do qual os militantes do Rio Grande do Sul seriam participantes ativos; além do que, as informações sobre as deportações, com os horrores dos porões do navio e do desterro à países distantes, era um sinal para aqueles que, como Kniestedt e Nequete, tinham a espada de Dâmocles da expulsão sobre suas cabeças.

[304] KNIESTEDT, Friedrich. Op. Cit. 218.
[305] *Correio do Povo.* Porto Alegre, p.6, 10, set, 1919.

Não pretendo aqui tratar de forma mais profunda o processo repressivo do estado sobre as organizações operárias, nem fazer como Ângela de Castro Gomes identificando como se deu a formação de uma aliança social (burguesia, políticos, intelectuais, igreja etc.) que legitimasse esta ação repressiva sobre o movimento operário. Acredito, entretanto, que há um aspecto desta ação que deve ser destacado e que se liga ao tema deste trabalho: a criação de um clima hostil às organizações operárias. Este "clima" tinha como um dos principais ingredientes a propaganda do perigo revolucionário, o medo do maximalismo e da influência "nefasta" que a revolução russa podia ter sobre a classe trabalhadora.

No processo aberto contra José Cândido Martins, membro do Sindicato da Força e Luz, preso naquele 7 de setembro, pode se ler uma justificativa da violência contra os militantes operários dada pela polícia, que se nutre exatamente do perigo revolucionário que as organizações operárias representavam para a ordem vigente.

> No dia 7 do corrente, às 17 horas mais ou menos, uma multidão de grevistas, de que fazia parte José Cândido da Silva, à Praça Montevidéu, pretendia realizar um meeting.
>
> Esse meeting fora precedido por uma derrama de panfletos, artigos de jornal, boletins, francamente revolucionários, assinados por diversas associações operárias desta capital. O próprio órgão oficial da Federação Operária pregava abertamente a sublevação das massas operárias contra a sociedade atual, o governo e a propriedade privada.
>
> Nessas circunstancias a polícia resolveu comparecer e fazer com que os operários se dissolvessem. O Dr. Chefe de polícia, neste sentido interveio junto aos operários, lendo os artigos do Código Penal. SS foi então desatendido e desrespeitado pelos grevistas; que os receberam com protestos e vaias.
>
> Vendo-se desrespeitado no exercício das suas funções, o Dr. Chefe de Polícia recorreu [...] à praça [...] que estava à seu lado. Muitos insistiram [...] contra a autoridade policial de revolver em punho.
>
> José Candido da Silva, que fazia parte de um grupo de quatro grevistas, que subia a Rua Uruguai de revolver em punho, atirando sobre a praça foi preso instantes após na latrina da casa nº 35 dessa rua, tendo a seu lado o revólver com quatro cápsulas destacadas.[306]

Este olhar sobre a ação dos militantes operários não era privilégio de um documento produzido pela polícia. *A Federação,* órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense, publicou uma série de editoriais depois do conflito de 7 de setembro que iam na mesma

[306] Processo nº 1016, maço 66, folhas 2-3, do Cartório do Júri de Porto Alegre. 1919.

linha. Estes editoriais são muito importantes, pois representavam a opinião oficial do governo, justificando a ação do estado.

No dia 8, logo após os confrontos, *A Federação* estampou na sua terceira página *A Greve: os acontecimentos de ontem.* O texto traz trechos dos artigos publicados n'*O Syndicalista* de 4 de setembro, proveniente do material apreendido pela polícia, fazendo uma ligação muito clara não só do anarquismo com o perigo da revolução social, mas da influência maximalista como algo que desvirtuava os operários. Os exemplos da revolução da Europa são como ondas que chegam até o Rio Grande do Sul e que devem ser combatidas a todo custo, mesmo que assim seja necessário aplicar a violência.

> Se estas manifestações inadmissíveis e indefensáveis do espírito subversivo não justificassem o rigor com que a polícia se vê coagida a por termo a seus desmandos, haveria ainda para pôr termo ao delírio que está tomando conta de nossas classes operárias mal conduzida pela espuma maximalista que bate até o recanto de nossa pátria liberal e justiceira que não reconhece privilégios nem encampa injustiças sociais haveria ainda, dizia-nos, o testemunho eloqüente de sua imprensa que não cessa de pregar idéias anárquicas que bem denunciam o grau de insânia que se está apoderando de seus orientadores.
>
> O último número d'O Sindicalista, órgão oficial da Federação Operária do Rio Grande do Sul, publica um longo artigo intitulado, "O que nós comunistas queremos". Basta reproduzirmos alguns trechos desse aranzel sem lógica nem senso moral para que se perceba nitidamente que o movimento operário que está alterando a ordem desta cidade há dias deixou de ser uma manifestação pacífica de operários para assumir um caráter francamente subversivo.[...]
>
> Em face destes testemunhos de palavra e de ação, não é possível, por conseguinte, que se fale, sem rematada hipocrisia nos intuitos pacíficos dos operários em greve. As intenções da subversão da ordem estão, mais do que provados, confessados publicamente, pelos cabeças do movimento. Outra não podia ser a atitude da polícia ao proibir ontem um ajuntamento sedicioso ao qual os anarquistas contrariando ordens expressas concorreram armados e dispostos à prática de violências, tanto assim que desrespeitaram a autoridade que lhes foi aconselhar a dispersão e agrediram a tiros de revólver os policiais que faziam efetiva a intimação do Sub-Chefe de polícia. [...] É evidente em face do estado de ânimo cumpre a autoridade tomar medidas enérgicas a fim de fazer cessar esta exposição de anarquia que não se coaduna com as nossas leis liberais nem com o espírito de ordem de toda a sociedade civilizada. A Federação Operária que é sabidamente o ninho dos agitadores foi fechada e com ela, outras sociedades de classe. A polícia tomará medidas seguras para evitar qualquer reunião anarquista e o trabalho livre encontrará a máxima garantia por parte das autoridades. Que não terá contemplações com elementos deletérios que se antepuseram a sua determinação visando a ordem e a segurança pública.[307]

Textos com o mesmo teor continuaram aparecendo nas edições posteriores do *A Federação.* No dia 9 de setembro, o jornal noticiava a ação policial exemplar contra a sede do *Spartacus* na Capital Federal: *A polícia do Rio toma medidas enérgicas contra as*

[307] *A Federação*. Porto Alegre, p.3, 8, set, 1919.

tentivas anarquistas[308]. Na primeira página, por sua vez, aparecia uma coluna com o título: *Tentativas maximalistas.* O objetivo deste texto era mostrar como os operários em greve tinham finalidade subversiva em vez de trata-se de um movimento pacífico. Novamente, os líderes da greve são mostrados como loucos, dementes, descontrolados e estrangeiros, que desejavam levar o pacífico operário nacional a ser arrastado pela sua loucura. Por este motivo era louvável a atitude da polícia do Rio de Janeiro e que deveria ser seguida pela Brigada Militar de Porto Alegre: *"Merecem, pois, todos os aplausos as medidas que a polícia está tomando, a fim de impedir a reunião de sediciosos e a continuação de seus ataques à propriedade privada e aos trabalhadores pacíficos que não se deixam imbuir pela loucura de doutrinas exóticas, inaclimatáveis em nosso meio"*[309].

No dia 11 de setembro, a segunda página traz em letras enormes a noticia sobre *Os maximalistas e a polícia do Rio*[310]. No dia 12, na primeira página, aparece um texto chamado *Fermentos anárquicos,* onde igualmente se defende a necessidade de repressão à ação dos militantes, que no dizer do articulista, seguiam *"um credo terrorista que procura não deixar pedra sobre o edifício social criado sobre a civilização dos séculos"*. Na verdade, se mesmo nos países da Europa, que viviam sob "*ditadura militar*" como Alemanha, Hungria e Rússia, o operariado já estava se afastando "*iludido e cheio de arrependimento desses ensaios monstruosos da tirania da plebe como eles dizem"* (com certeza uma referência à ditadura do proletariado), no Brasil onde havia liberdade e abundância estas tentativas deveriam ser objeto de repulsa. Seguindo esta linha de raciocínio, comenta-se um artigo de José Oiticica[311] no *Spartacus* que criticara os operários que não apoiavam o movimento: *"A única coisa que o operário tem a fazer, no seu modo de ver doentio, é declarar guerra sem trégua a todas as instituições sociais, é este o estado de ânimo desta escória maldita que flui e reflui, em ondas pestíferas sobre todos os países, procurando conspurcar a consciência de trabalhadores pacíficos que sempre encontraram, como as outras classes, dentro de nossas leis liberais e humanas, o remédio precioso aos seus ferimentos"*. Evidentemente, era função do estado afastar da nossa sociedade estes estrangeiros sem lar que vinham perturbar a ordem: *"Nossa polícia estará vigilante e não*

[308] *A Federação*. Porto Alegre, p.2, 9, set, 1919.
[309] *A Federação*. Porto Alegre, p.1, 9, set, 1919.
[310] *A Federação*. Porto Alegre, p.2, 11, set, 1919.
[311] Um dos principais líderes do movimento operário no Rio de Janeiro, foi também o autor de um dos programas do Partido Comunista do Brasil, em 1919.

permitirá que a escória social corrida de outros centros leve avante entre nós com impudente exploração da credulidade pública os planos sediciosos gerados no delírio de multidões distantes"[312].

O tom e o tipo de acusação diferem da postura do jornal em episódios de mobilização ocorridos nos anos anteriores. Na greve de 1917, por exemplo, a ação dos operários foi considerada exemplar e a ação do governo Borges foi mostrada como a prova da eficácia da doutrina de positivista para resolver os problemas sociais: *"No Rio Grande do Sul pode-se por tudo considerar incorporado à sociedade o proletariado graças ao estatuto político de Júlio de Castilhos sob o qual vivemos"*[313]. A ação de Borges inclusive seria uma barreira contra a ação do socialismo, que na Europa trazia tantos prejuízos com "*suas bandeiras vagas, equivocadas e incoerentes*"[314]. Em 1918, quando a greve foi reprimida, *A Federação* dá pouco destaque ao movimento, já que a ação policial foi rápida. Por este motivo, se procura diferenciar a situação do ano anterior, pois o governo já resolvera o problema da carestia, culpando-se desta vez os operários estrangeiros por desvirtuar o trabalhador nacional: *"Sabemos bem que o operário nacional está sendo explorado por elementos estranhos ao nosso meio que pretendem medrar as idéias reacionárias que não estão em relação com os nossos hábitos e com a situação econômica particular do operário"*[315]. Mas não havia ainda uma postura de associação sistemática do movimento operário ou do próprio ato de entrar em greve, com um intuito subversivo influenciado pelo maximalismo, nem tampouco uma insistência em mostrar os operários mobilizados como loucos ou desvirtuados.

Esta mudança ao longo do tempo por parte do governo do Partido Republicano não deve ser estranhada. Como mostra Tiago Bernardon de Oliveira, ao analisar a relação entre Estado e movimento operário em diferentes unidades da federação, o Partido Republicano Riograndense se diferenciava de outros partidos estaduais por ter uma abertura positivista que permitia enunciar o discurso de incorporação do proletariado à sociedade, mas este

[312] *A Federação*. Porto Alegre, p.1, 12, set, 1919.
[313] *A Federação*, Porto Alegre. p.1, 3, ago, 1917.
[314] *A Federação*. Porto Alegre, p.1, 7, ago, 1917.
[315] *A Federação*. Porto Alegre, p.1, 23, ago, 1918.

discurso não era sempre seguido, prevalecendo uma mescla de cooptação e repressão[316]. A postura do estado republicano mudou conforme seus objetivos e o grau de enfrentamento com a classe operária. À medida que o movimento cresceu e passou a expressar seus objetivos em linguagem revolucionária, mais repressivos se tornavam os métodos do governo republicano. Na mescla de cooptação e repressão que o governo Borges usou em relação ao movimento operário, o último aspecto levava larga vantagem em fins de 1919.

Mas os ataques ao movimento operário não haviam começado por ocasião da repressão à greve, nem vinham somente do órgão oficial de imprensa do Partido Republicano. O discurso articulado contra os operários se alimentava de argumentos que circulavam antes mesmo do episódio do 7 de setembro e da descoberta dos panfletos revolucionários. Tanto o maximalismo quanto as grandes mobilizações recebiam ataques da imprensa conservadora. O *Correio do Povo*, como se pode ver na luta que *O Syndicalista* travou contra ele, publicou uma série de reportagens sobre o que ocorria na Rússia dos Soviets no primeiro semestre do ano de 1919. Em 12 de abril, publicou-se o artigo *O que é e o que quer o maximalismo. A causa do seu triunfo na Rússia e os seus objetivos internacionais*[317], em 15 de abril, *A insânia maximalista. A expropriação das mulheres*[318], em 4 de maio, *A Europa perante o bolchevismo*[319], em 25 de maio, *O movimento socialista na Europa*[320], em 28 de maio, *A Rússia sob o maximalismo*[321], em 6 de julho *Acerca da Revolução Social*[322]. Ao contrário d'*O Syndicalista*, a experiência russa é mostrada como um desastre que só teria provocado miséria e fome, ou então verdadeiras aberrações, como o decreto emitido em uma aldeia que considerava as mulheres um bem público sem nenhum direito civil, como no caso da "socialização das mulheres".

---

[316] OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Mobilização operária na República excludente: um estudo comparativo da relação entre Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1889-1920).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS (Dissertação de Mestrado), 2003. Sobre a relação do Partido Republicano Riograndense com o movimento operário ver também QUEIRÓZ, César Augusto Bubolz. *O governo do partido republicano Rio-Grandense e a questão social: 1895-1919.* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 2000. (Dissertação de mestrado).
[317] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.5, 12, abr, 1919.
[318] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.1, 15, abr, 1919.
[319] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.2, 4, mai, 1919.
[320] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.1, 25, mai, 1919.
[321] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.1-2, 28, abr, 1919.
[322] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.6, 6, jul, 1919.

Estas notícias não eram publicadas apenas como curiosidades de um país distante e pode se ver nelas que *O Syndicalista* tinha uma boa dose de razão ao acusar o *Correio* de tentar jogar a opinião pública contra as idéias apoiadas pelos militantes operários. No dia 20 e 21 de junho, publicou-se na primeira página do jornal um longo texto de Wenceslau Escobar chamado *As injustiças sociais,* que tentava mostrar a inutilidade e a violência das revoluções, como a russa, dando ênfase ao caráter naturalmente desigual dos homens, que poderia ser "minorado" pela ação do estatal, dando educação à todos, por exemplo[323]. Outros textos e artigos também foram publicados para mostrar que haviam alternativas às mudanças sociais radicais que eram discutidas, principalmente, nos meio operários. Aparece desta forma à 30 de março uma longa conferência de Ruy Barbosa *Sobre a questão social*[324] e um texto do Monsenhor Fernando Rangel, em 17 de abril, sobre *Uma cruzada religiosa sobre as obras sociais*[325].

Nem estes textos, criticando as propostas mais radicais de mudança social, nem aqueles textos que atacavam o bolchevismo russo considerando-o uma tragédia, podem ser desligados uns dos outros, assim como não podem ser descolados do momento de intensa mobilização em que eram publicados. Eles parecem atestar, entre outras coisas, a existência de um medo provocado pelo grau de radicalização dos operários organizados, que vinha da possibilidade destes seguirem o exemplo russo e abraçarem a idéia de "subverter a ordem". A ligação destas preocupações, atestadas pelos artigos publicados pelo *Correio do Povo* e o teor dos editoriais do *A Federação*, também não parece ser fortuita.

Estas informações não pareciam interessar apenas aos editores de grandes jornais ou à polícia. Um indício de um interesse mais generalizado (ou de uma preocupação mais generalizada), pelo menos entre as classes mais abastadas, pode ser observado na promoção de conferências para esclarecer o que era o bolchevismo e se ele poderia chegar aqui. O jornalista português José Simões Coelho, d'*O Século* de Lisboa, esteve em Porto Alegre e em Pelotas proferindo uma palestra intitulada *O espantalho do maximalismo. Seus efeitos cômicos e seus aspectos trágicos.* A chamada para esta conferência no *Rebate* de Pelotas, tomava a seguinte forma: *É viável o maximalismo no Brasil*, sendo apresentado como um

[323] *Correio do Povo.* Porto Alegre, p.1. 20-21, jul, 1919.
[324] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.12-14, 30, mar, 1919.
[325] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.1, 17, abr, 1919.

assunto palpitante já que as "classes conservadoras" temiam a subversão da ordem[326]. Na verdade, é possível que o tema do maximalismo e da atuação dos maximalistas não fosse restrito aos círculos operários, mas pudesse ser bem mais difundido e compreensível para a população geral do que parece a primeira vista. *A Federação* de 2 de outubro de 1919, chama a atenção uma curiosa propaganda que tem como tema a ação de um maximalista:

> UM MAXIMALISTA ATACA UM CAPITALISTA!
>
> E diz-lhe:
>
> Procurai a fábrica de fogos GAGEIRO, à rua 7 de abril, nº 6, telefone nº 3012 e gaste o vosso dinheirozinho em foguetes para festejar todos os santos e todas as pândegas[327].

A chamada "um maximalista ataca um capitalista" tinha o objetivo atrair a atenção para, depois de lida a notícia, provocar risos pelo motivo bobo do "ataque". Mas este efeito só teria sentido se um ataque de um maximalista a um capitalista fosse algo esperado ou que atraísse muito a atenção do público. Se assim for, a imagem dos militantes operários que *A Federação* constrói, como perigosos seguidores de uma doutrina terrorista, podia ser compartilhada por outras pessoas que também viam nas ações dos operários a perigosa sombra do exemplo moscovita. Mas além das informações que podiam vir da Rússia, havia mais um perigo: a infiltração de agitadores estrangeiros. Temia-se a vinda de agentes soviéticos ao Brasil para semear o germe do bolchevismo, conforme atesta uma nota do *A Época*, do Rio de Janeiro, publicada no *Correio do Povo*:

> O maximalismo está tomando proporções assustadoras no Rio Grande. Em algumas cidades vem sendo observada a aparição de indivíduos que se tornam, desde logo, suspeitos pelo seu modo de proceder e que são evidentemente oriundos de longes terras. Procedem geralmente de Buenos Aires, alguns permanecem algum tempo em Buenos Aires e depois desaparecem, como por encanto, tomando rumos desconhecidos. Embarcam em sua maioria na Estrada de Ferro São Paulo- Rio Grande.
>
> Quem serão? O público acredita que se tratam de maximalistas, dessa gente exportada da Rússia a fim de fazer a revolução social no estrangeiro, como na Argentina.
>
> Depois dos últimos movimentos grevistas, de que foi teatro Buenos Aires, a polícia exerce forte pressão sobre esses homens suspeitos. Eles procuram outro campo de atuação e como o Brasil

[326] *O Rebate.* Pelotas, p.2, 10, jun, 1919.
[327] *A Federação.* Porto Alegre, p.7, 2, out, 1919.

> está mais próximo, é escolhido para vítima, e como encontram máxima facilidade de entrar no porto e na fronteira, a onda estranha aqui penetra irradiando por todo o país.
>
> A propósito destes indivíduos, tive conhecimento, através de um noticiário de um jornal de Uruguaiana, de um fato que não posso deixar de relatar.
>
> Era hora do jantar, num dos hotéis da cidade onde costumam se hospedar estes adventícios. Três se sentaram à mesa e começaram a conversar animadamente, em francês. Um oficial do exército, hóspede do mesmo hotel e ali de passagem, ouviu-os casualmente e percebendo que a palestra era em torno do maximalismo, prestou-lhes a maior atenção. Os três indivíduos, desconfiados que eram compreendidos, passaram a palestrar em inglês sobre o mesmo assunto. Verificando, ainda, que o oficial conhecia a língua inglesa e apesar das cautelas deste, fizeram uso língua russa. O militar, entretanto, estava enfronhado nos segredos da língua do ex-Império Moscovita. Ainda uma vez, trocaram de língua, usando mais tranqüilos, da polaca, mas o oficial brasileiro ainda desta vez, podia entende-los, porque também tinha conhecimento da língua falada na Polônia.
>
> Os hospedes palestrando sempre, continuaram a fazer considerações sobre a teoria de Lenine, sua aplicação no Brasil, os meios de aplicação etc. Diziam que não valia a pena agir nesta cidade, porque aqui seriam assassinados, deviam seguir para São Paulo e Rio, campos de ação mais vastos, com fáceis meios de se ocultarem da polícia e centros mais ou menos trabalhados por companheiros que ali se encontravam"[328].

A história é pouco verossímil, tanto pela exportação tão precoce de agentes soviéticos para o Brasil, quanto pela quantidade de línguas faladas pelo oficial do exército brasileiro. Mas este tipo de artigo, que a primeira vista não passa de uma peça de propaganda contra o radicalismo do movimento operário, pode ter produzido efeitos concretos na ação da polícia. Um comunicado enviado pelo subchefe de polícia de Porto Alegre ao delegado de Santiago do Boqueirão, uma pequena cidade encravada no centro das Missões, atesta os efeitos do medo maximalista:

> Reservado ao delegado de polícia de Santiago do Boqueirão. 9/6/1919.
>
> Estando governo uruguaio expulsando agitadores maximalistas procedentes Argentina, convém empenheis máximo esforço sentido serem tomadas rigorosas medidas evitar entradas mesmos território brasileiro, porém se conseguirem não deveis deportá-los sem que seja esta chefia avisada e ouvida respeito. Tais indivíduos acompanham mulheres de vida fácil. Saudações Gomes Bento, Chefe Polícia.[329]

Não estava longe o dia em que o governo justificaria o ataque aos militantes como uma legítima ação contra os insanos e desumanos maximalistas brasileiros, não só influenciados por exemplos longínquos, mas possivelmente por perigosos agentes que viriam perturbar a

[328] *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.10, 19, jun, 1919.
[329] Maço 111. Chefatura de polícia de Porto Alegre. Telegrama nº 45000, folha 56, data 7, hora 19.

paz social do país. Estes não eram apenas maximalistas ou anarquistas, adeptos de uma doutrina que pretendia derrubar a sociedade de classes, eram muito mais que isso, eram bandidos que seguiam idéias monstruosas e imorais, por isso deviam ser destruídos. Mesmo uma revista aparentemente inócua como a *Revista Máscara,* de Porto Alegre, faz eco a estas idéias, quando na edição de 4 de outubro de 1919, apresenta a foto de 4 operários, um dos quais Zenon de Almeida, sob uma sintética legenda: *Praga Maximalista*[330].

As acusações contra os estrangeiros, o tratamento como loucos ou bandidos, a acusação de exploração do pacífico operário nacional, o medo dos agentes enviados de Moscou, lembram sob muitos aspectos o anticomunismo desenvolvido por setores da elite dirigente brasileira e sua instrumentação contra o movimento operário ou os partidos de esquerda. Rodrigo Patto de Sá Motta mostra que o anticomunismo nasceu junto com a revolução russa em 1917. A vitória bolchevista e as revoluções que vieram na sua seqüência, juntamente com a instabilidade do pós-guerra, provocaram nas classes dominantes de diversos países o medo de que o exemplo russo fosse imitado pelas suas respectivas classes operárias. Os governos, apoiados por outros grupos sociais, teriam então se lançado à repressão e à propaganda anticomunista. A elite brasileira teria então, já a partir de 1917, se empenhado em denegrir o perigoso exemplo maximalista importando modelos e idéias correntes nos países europeus[331]. Isto se confirma, no caso do Rio Grande do Sul, pela recorrência de artigos como os do português João Grave sobre a Rússia, ou pela vinda do diretor d'*O Século* de Lisboa para palestrar sobre o assunto. O que discordo de Sá Motta é sobre sua opinião que, antes da revolução de 1930, o bolchevismo nunca tenha sido encarado como um perigo real, sendo visto apenas como uma aberração de terras distantes. As fontes jornalísticas e a ação policial, em nosso caso, parecem não confirmar tal hipótese.

Ver em alguma associação ou em algum militante o perigo do bolchevismo pode ter se tornado um fato corriqueiro. No início de 1920, o presidente da Sociedade União dos Foguistas do Rio de Janeiro, Alcebíades Romão Garrido, veio a Rio Grande resolver um

---

[330] *Revista Máscara.* Porto Alegre, 4, out, 1919.

[331] SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva, 2002. Sobre os primórdios do anticomunismo, ver também RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964).* Passo Fundo: Ediupf, 1998.

problema com o delegado local. Tendo sido preso por causa de um conflito, seu advogado produziu um pedido de hábeas corpus em que acusava o Capitão do Porto de perseguir a União e tratá-la como um grupo de subversivos. Os termos usados pelo advogados foram bastante significativos: *"E, cavilosamente, para bem de seu temperamento virulento, atrabiliário, fez da Sociedade dos Foguistas um covil de Bolchevikis, dos bons, dos legítimos, ajuntando, à maravilha, na pobre cabeça do delegado da sucursal do Rio Grande a gorra de Trotsky, e do paciente* [o presidente da União dos Foguistas]*, a do presidente Lênin..."*[332]

O Capitão do Porto, Américo Azevedo Márquez, respondeu indignado aos adjetivos e ao papel que o advogado lhe atribuía. Mas não seria nada estranho o uso de termos como "covil de bolcheviques" por parte de uma autoridade; termo inclusive que o advogado repete mais adiante e sublinha a cada vez que cita. Quantos "covis de bolcheviques" como estes podem ter existido no Rio Grande do Sul para as autoridades do Estado? E como todos os "covis", em vez de militantes operários, não estariam cheios de bandidos que mereceriam o devido castigo?

6.3. Rumo à década de 20: o sonho da revolução desfeito entre disputas internas e ataques da classe dominante

Não foi possível, no âmbito deste trabalho, mapear em toda a complexidade a "coligação social" que se opôs à força crescente do movimento operário, mas é perceptível a existência de uma série de ações violentas por parte da polícia, dos grandes jornais e do partido dominante contra os trabalhadores organizados. Em um momento de acirramento dos conflitos sociais, a imagem dos militantes como "bandidos" ou "insanos" era uma arma por parte da classe dominante para enfraquecer o movimento, ao mesmo tempo em que respaldava a ação repressiva desencadeada contra os trabalhadores.

Estes episódios não foram nada excepcionais na trajetória da classe operária brasileira, nem podem ser explicados somente pela influência da revolução russa, que fez

[332] Pedido de hábeas corpus a Alcebíades Romão Garrido. Maço nº 34, processo nº 3144, do Foro Federal de Porto Alegre. 1920. fl. 4.

com que os militantes usassem termos revolucionários e projetassem a derrubada da classe dominante. Marcelo Badaró Mattos, estudando a ação repressiva da polícia carioca entre a segunda metade século XIX e início do século XX, mostrou como as tentativas de organização e as ações de rebeldia por parte de escravos e operários, à medida que tomavam formas mais articuladas, iam moldando a ação policial, que tentava respondê-las e sufocá-as. Desnecessário é dizer que esta montagem do aparelho repressivo era sentida por suas vítimas e tinha conseqüências para as suas organizações: *"Girando nossa atenção para o pólo oposto, o dos trabalhadores, nas primeiras décadas da República essa ênfase repressiva policial sobre suas organizações e manifestações era um dado sensível no cotidiano*[...] *Em outros momentos, a ação repressiva ia, como vimos, muito além da vigilância ostensiva, atuando para desmontar os episódios grevistas até mesmo por infiltração no movimento dos trabalhadores"*[333].

Girando para o pólo oposto da onda repressiva de fins de 1919, é necessário observar como os militantes responderam a ela, como se sentiram em relação às forças sociais que os reprimiam com cada vez mais vigor e que faziam se apagar os sonhos de mudar o mundo que haviam acalentado com tanta esperança.

Nos jornais onde os militantes escreviam é possível encontrar referências à estas experiências de ação repressiva, como a crítica à violência policial e à censura da circulação de informações. Em Porto Alegre, onde o baque parece ter sido maior, *O Syndicalista* na sua edição de 24 de novembro de 1919, fez um balanço daquele ano e abriu algumas perspectivas para o ano seguinte. O texto começava reafirmando os valores do sindicalismo, a ação positiva da FORGS entre as entidades, além de comentar as greves vitoriosas dos tecelões e a greve derrotada dos chapeleiros, perseguidos pela polícia apesar de fazerem uma parede pacífica. Contrastando com o início relativamente otimista, a parte final do texto, que falava da greve da Força e Luz, era bem mais lúgrube, retratando o novo momento que os trabalhadores organizados viviam na capital:

[333] MATTOS, Marcelo Badaró. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca (1850-1919). In: MATTOS, Marcelo Badaró (org). *Trabalhadores em greve, polícia em guarda. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca.* Rio de Janeiro: Bom Texto / Faperj, 2004. pp.52-53.

> A greve dos operários da Força e Luz terminou pelo terror implantado nas ruas de Porto Alegre. Um *meeting* dissolvido à bala e a casco de cavalo. Um morto e vários feridos. A Federação Operária invadida e estúpida e violentamente destruído tudo que estava lá.
>
> Prisões em massa. Operários maltratados por criaturas do serviço ingrato de defender os argentários.
>
> O Sindicato dos Operários da Força e Luz, como a sede da F.O. fechado e os seus diretores presos. O enterro da pobre vitima da autoridade, perturbado pela provocação ostensiva da polícia, com ordens de fuzilar os trabalhadores.
>
> Os trabalhadores nesta greve aprenderam muito e oxalá lhes seja útil para o futuro.
>
> Encerrando essa rápida notícia sobre os principais fatos operários ocorridos no ano que finda, a F.O. lembra aos trabalhadores que mais do que nunca é necessária a união das classes trabalhadoras para resistir à onda reacionária que ameaça anular todas as nossas conquistas para fazer retrogradar a mais abjeta escravidão.[334]

Havia passado apenas dois meses da publicação do texto de Zenon de Almeida, que vaticinava o fatal desenlace da maré montante de greves desaguando na revolução social. O balanço daquele ano apontava para outro desenlace possível: a reação. Na mesma página d'*O Syndicalista*, havia outras notícias que testemunhavam os efeitos da repressão. Pavel Pawlowsky (pseudônimo de Abílio de Nequete) em um artigo chamado *"A República desrespeita a sua constituição"* reclamava da censura ao jornal *Spartacus*, vindo do Rio de Janeiro, que o "companheiro Nequete" recebia para venda avulsa. Os jornais foram proibidos de serem entregues, pois deveriam ser queimados. Também se noticiava a estada em Porto Alegre do militante operário João da Costa Pimenta, obrigado a vir ao Rio Grande do Sul por ter sido deportado de São Paulo por ordem do governo daquele estado[335].

Não só na capital havia reclamações. *O Nosso Verbo* de Rio Grande reapareceu em janeiro de 1920 depois de ter parado de circular por cerca de três meses porque *"motivos alheios à nossa vontade a isso nos obrigou*[sic]*"*. Nesta edição, publicou-se um artigo chamado *A Constituição da República*, em que a ação dos republicanos no período monárquico é comparada à dos maximalistas no período republicano. O centro da questão não era a comparação de ações ou ideologias, mas o tratamento dado aos revolucionários do período anterior e aos revolucionários daquele momento:

[334] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.1, 24, nov, 1919.
[335] Idem.

> Quando estava para a monarquia, os republicanos (inclusive os estrangeiros), como posso provar, criticavam que neste país não havia liberdade, mas porque eles queriam galgar as culminâncias do poder, em defesa [...] dos seus interesses. Hoje quando nós os comunistas analisamos os atos institucionais dessa camarilha, nos mandam trancafiar, e graças não pagarmos com a vida sermos comunistas, regime puro e de igualdade social, regime de humanidade, liberdade e justiça, que diz bem alto quem trabalha não come![336]

Aqui, não é militar no movimento operário ou organizar-se em sindicatos combativos que motiva as perseguições pelas autoridades, mas o fato de "ser comunista", que é um motivo bom o suficiente para ser trancafiado e quase perder a vida. Esta pressão a que podiam estar submetidos os que se diziam comunistas ou simpatizavam com a Rússia bolchevista, também aparece em um texto publicado na Coluna Operária d'*O Rebate*, mais ou menos um mês depois do texto *A Constituição da República.* O artigo *Quem semeia vento* começava criticando a campanha movida contra as idéias revolucionárias que haviam agitado os militantes: *"Acabou-se, isto é, passou o carnaval, mas continuará por certo a propaganda contra o maximalismo, contra os trabalhadores comunistas russos, que a três anos aproximadamente vem atraindo a atenção do mundo, com seu ideal criador de novas formas de vida"*[337].

Não é uma tarefa simples medir ou avaliar o efeito destas ações movidas contra as organizações, os militantes e mesmo as suas idéias. Pode-se ler as denúncias nas páginas dos periódicos onde escrevem os trabalhadores, pode-se observar as campanhas difamatórias dos grandes jornais e avaliar os choques da polícia contra a multidão de grevistas, mas não é possível conhecer a reação de muitas vítimas anônimas ou mesmo dos trabalhadores não militantes diante destas situações. Também é complicado avaliar as possíveis seqüelas que atingiram as organizações, tanto em sua relação com os trabalhadores não militantes, quanto entre os membros destes grupos. Se é difícil avaliar estas conseqüências, também o é analisar o que passou a significar a doutrina dos bolchevistas russos, quando se articulou uma campanha contra estas novas idéias, considerando-se demente e criminoso quem as seguia. Mesmo assim, acredito que é possível lançar uma hipótese de que as primeiras divergências em torno da aceitação ou não do comunismo estariam diretamente ligadas a estas seqüelas da repressão que

[336] *O Nosso Verbo.* Rio Grande, p.4, 12, jan, 1919.
[337] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 25, fev, 1919.

desorganizaram e dividiram as associações de trabalhadores, além de fazer parte de um processo em que os militantes vão perdendo suas perspectivas de mudança revolucionária diante dos ataques da classe dominante.

A forma como Abílio de Nequete reagiu depois do fracasso da greve da Força e Luz é uma prova de que estas derrotas levam a uma perda de confiança nos meios de luta. Segundo seus *Cadernos de Memórias,* os episódios de 7 e 8 de setembro de 1919 "*mostraram à Abílio que tudo estava errado"*. Quando questionado por Maximiliano Ouriques o que deveria fazer "*sugere aos companheiros formar uma biblioteca para selecionar textos que ajudem a organizar-se"*[338]. O caso de Zenon de Almeida também é representativo do efeito desorganizador da repressão sobre o movimento: depois da invasão do prédio da FORGS, os líderes resolveram montar um *O Syndicalista* com fotos da destruição promovida pela polícia. Como usaram pseudônimos em seus artigos, tiveram de "se explicar" para o Chefe de Polícia e Zenon de Almeida foi o único que não reconheceu sua assinatura[339]. O episódio lhe valeu a perda de confiança por parte dos companheiros e seu afastamento do grupo dirigente da FORGS. Zenon de Almeida tentou fundar um novo jornal operário em Porto Alegre, chamado o *Spartacus do Sul,* mas seu empreendimento não teve êxito e logo ele foi embora para Pelotas. Diferente de quando foi fundada a União Maximalista, mais ou menos um ano antes, o momento não era mais propício para a formação de novos grupos militantes dentro do movimento operário.

Nem todas as conseqüências são tão imediatas ou tão visíveis como estas. A repressão pode promover reorganizações dentro do movimento operário, fazendo vir a tona conflitos latentes, como parece ter sido o caso do 2º Congresso Operário Regional. Entre os episódios de setembro de 1919 e as reuniões de março de 1920, houve uma mudança qualitativa na relação da União Maximalista com a principal associação de classe da capital, a FORGS. Antes dos episódios de setembro, os maximalistas e seu líder Abílio de Nequete haviam aparecido apenas uma vez n'*O Syndicalista*, o órgão oficial da Federação Operária, quando o militante libanês pedia doação de livros para a formação de uma biblioteca. Depois da repressão de setembro, Nequete se torna uma presença constante no

[338] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Anotações dos cadernos de Abílio de Nequete.* Datilografado. s/d.
[339] KNIESTEDT, Friedrich. Op. Cit. p.130.

jornal. No dia 8 de novembro existe na página 3 um *Apelo aos soldados*[340], explicando que, ciente das dificuldades em que viviam tanto operários quanto militares, um pedido era dirigido a estes últimos para que não fossem mais "carrascos" dos trabalhadores, rogando que em breve os dois grupos se unissem para lutar contra os "tiranos". O apelo vinha assinado por um Comitê de Operários e Soldados. Mesmo sendo impossível provar a autoria ou mesmo a existência de tal comitê, esta iniciativa muito se assemelha ao intento de unir os dois grupos levada a cabo por Nequete dois anos antes, quando ele distribuiu entre os praças o boletim *Ao povo Rio grandense.*

No dia 24 de novembro, foi publicado o já citado artigo *A República desrespeita sua Constituição*, escrito por Pavel Pawlovsky, pseudônimo de Abílio de Nequete[341]. Na mesma primeira página havia também uma coluna chamada *As Evidentinas*, composta de textos curtos sobre a evolução das idéias, sobre a vitória do maximalismo, algumas citações de Max Nordau e uma parábola sobre a maneira como os capitalistas tratavam os operários que não se rebelam. A coluna se chamava *As Evidentinas* porque eram escritas pelo Máximo Evidente, ou seja, Abílio de Nequete[342]. Esta coluna continuaria existindo mesmo após o 2º Congresso, pois na edição de 15 de abril d'*O Syndicalista* ela aparece na terceira página do jornal, exatamente ao lado do texto que denunciava o caráter não sindicalista da revolução russa[343].

Não se tratava apenas de publicar textos n'*O Syndicalista*, o que com certeza era algo importante, mas também de agir na organização da FORGS. No dia 8 de novembro, na nominata da administração do jornal, a gerência d'*O Syndicalista* apareceu sob o nome de Maximiliano Ourique[344]. Este militante é citado mais de uma vez nos *Cadernos* de Abílio de Nequete. Foi a ele que Nequete se dirigiu para explicar que estava tudo errado com a tática adotada na greve de setembro e que se deveria estudar mais a teoria. Foi junto de Maximiliano Ourique também que Abílio de Nequete estava quando resolveu reunir os operários, após o comício do dia da Independência, para dirigir-se a FORGS a fim de

[340] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 8, nov, 1919.
[341] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.1, 24, nov, 1919.
[342] Idem.
[343] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.3, 15, abr, 1920.
[344] *O Syndicalista*. Porto Alegre, p.2, 8, nov, 1919.

contar os feridos[345]. É provável, até pelo fato de Nequete lembrar-se dele nestas ocasiões importantes, que Ourique não só fosse da confiança de Abílio de Nequete, mas que fosse membro da União Maximalista. Além disso, membros da União Maximalista aparecem em posições chave da organização do Congresso Operário Regional de 1920. Para prepará-lo foi formada uma Comissão de três pessoas composta por Abílio de Nequete, Carlos Tóffolo e Friedrich Kniestedt[346]. Tanto Nequete quanto Tóffolo eram da União Maximalista, sendo que este último também era presidente da União Metalúrgica de Porto Alegre.

Esta aproximação pode ter se dado pela perda de força dos "anarquistas da Azenha", com os quais Nequete mantinha laços, depois do desastroso comício de 7 de setembro (do que pode ser uma prova o fato do Sindicato da Força e Luz não ter enviado um representante sequer para o 2º Congresso), ou também pela necessidade de unir os grupos operários mais influentes para combater a onda da reação. Mas o crescimento dos maximalistas não deve ter sido visto com bons olhos por alguns anarquistas. Friedrich Kniestedt, que conhecia os bolchevistas e combatera os marxistas na Alemanha, parece ter sido um destes. Depois de ter passado todo período de ascensão de lutas repisando os princípios do anarquismo e alertando para os "estados econômicas" e "organizações eclesiásticas", ele publicou, n'*O Syndicalista* de 8 de novembro, o artigo *Problemas futuros do sindicalismo operário.* No texto, ele mantém a mesma posição de sempre, reafirmando que a única forma de fazer a revolução social seria tendo como base o sindicato, mas desta vez Kniestedt ataca mais precisamente alguns perigos que punham em risco a organização operária: os enganos com uma revolução política e a ilusão das mudanças sociais por decreto:

> Queremos realizar uma revolução social e não uma revolução política, são dois fenômenos totalmente distintos. Para o fim que temos em vista significa qualquer desvio para o terreno político a perda de força propagandística em favor da boa causa.
>
> O que poderia acontecer se graças a uma agitação parlamentarista se formasse uma maioria e lhe seguisse o emposse [sic] da propriedade por um governo socialista? Poderia chegar este governo a realizar uma transformação social através de decretos. Eis o que é mais do que inverossímil.
>
> Dar-se-ia o que vimos em 1871 com o levante da Comuna. Quando a Assembléia Revolucionária decretou que os operários entrassem na posse das oficinas abandonadas, quase

[345] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit.
[346] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.4, 24, nov, 1919.

> não passou de um decreto de letra morta, porque, infelizmente, não havia lhe precedido uma educação econômica e social dos operários[347].

A relação entre Kniestedt e o representante da União Maximalista não foi muito pacífica durante a preparação do Congresso, pois Nequete afirma que foi o autor de suas teses, enquanto o militante alemão diz que fez todo o trabalho sozinho. As disputas no 2º Congresso foram fruto deste enfrentamento. Ou seja, ela não foi fruto de um "desmascaramento" do caráter marxista da revolução e mesmo que isso tenha acontecido, não houve um repúdio geral por parte do Congresso, já que a assistência levou a questão por horas a fio. Parece mais crível a indicação que Nequete dá em suas memórias, que sua palavra *"foi cassada por não representar nenhuma entidade sindical"*[348]. É provável que a rejeição da proposta de adesão à III Internacional não tenha a ver necessariamente com o caráter *marxista* da organização, mas com o seu caráter *político*, incompatível com uma entidade *sindical* como a FORGS, o que de resto concordaria com os artigos escritos por Kniestedt.

Mais além de um debate sobre a orientação marxista, sindicalista ou anarquista das associações, estas discussões marcam um momento de cizânias e dificuldade de ação conjunta que seriam impossíveis de contornar em casos como o da União Maximalista, que se afastaria da órbita da FORGS após o II Congresso. Abílio de Nequete e alguns de seus companheiros da União Maximalista, a propósito, abandonariam também o movimento operário alguns anos depois.

Este desenho de alianças e disputas é factível para o caso de Porto Alegre, pois na capital existe maior abundância de fontes, além das memórias dos protagonistas, o que não ocorre em outros lugares. Em locais como Pelotas, é necessário trabalhar com material mais escasso, pois os únicos testemunhos das lutas internas deste período que localizei são os artigos Manoel Bordalló n'*O Rebate.* Este militante se sentiu ofendido com o procedimento de alguns companheiros que se diziam libertários e maximalistas, mas moviam uma campanha contra outros companheiros de luta. Bordalló, disposto a abandonar a militância por este estado de coisas, expõe toda sua indignação no texto *A derrocada:*

[347] *O Syndicalista.* Porto Alegre, p.1, 8, nov, 1919.
[348] PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Op. Cit.

Dão-se quotidianamente casos e produzem-se fatos que se não deixam de todo espantados, conseguem, pelo menos chamar atenção, e um desses casos é o que tratarei de expor a todos aqueles que se derem ao trabalho de ler esta coluna.

Existem aqui em Pelotas grupos de seres semelhantes a homens que se dizem libertários, livres de preconceito, inimigos da moral burguesa, revolucionários convictos, anarquistas e muitas outras coisinhas da mesma categoria, e com este grupo acontece o mesmo que com os materialistas, quando menos julgam estão sob domínio dos espíritos.

Dizem-se libertários e querem ser, ou já o são, verdadeiros ditadores, não se admitem que se lhes mostrem os erros , querem ser infalíveis, absolutos, e para tais seres os outros, são, sem exceção de um só, seres atrasados, sem critérios, homens a quem não se pode confiar coisa nenhuma; este é que é o primeiro erro, são libertários e querem impor aquilo que eles bem entendem, quando não podem, fogem, não comparecem às reuniões, com receio de serem desmascarados na presença de todos.

Dizem-se livres de preconceitos e enfurecem-se, rabiam-se, esperneiam, gritam, berram, dão guinchos, ficam hidrófobos quando lhes apontam um erro, uma falta cometida.

O pândego é o que grita; os burgueses são uns canalhas, perseguem os trabalhadores, forma intrigas nos seios operários, difamam os mais conscientes e ativos...

E esse grupo procede da mesma forma; eles criticam, difamam, caluniam, a prova está, clara, palpável, insofismável, essa prova é o proceder destes seres com os inteligentes camaradas Zenon de Almeida, Santos Barbosa e ultimamente Alberto Lauro (M. Rita); intrigam-se estes camaradas com os operários de Pelotas, difamaram os mesmos e agora se descobre que é tudo inveja, tudo orgulho baixo e mesquinho, tudo pretensão, mal íntimo; e a conclusão que chego é que estes seres semelhantes que formam este grupo são mais canalhas e porcos que a burguesia; estes ao menos combatem aos que a prejudicam, o açambarcamento, a exploração, mas estes? Intrigam, difamam, caluniam os seus próprios amigos, os seus próprios camaradas de idéias, aqueles que são mais inteligentes do que todos eles juntos.

Há quatro ou cinco anos, todos eles eram anarquistas, por entusiasmo ou vaidade, ou mesmo por inveja de não poder dominar como atualmente governa a burguesia, mas por convicção; agora já não mais anarquistas, são maximalistas, são ditadores e dizem-se maximalistas por convicção, já não são mais anarquistas convictos, são maximalistas.

Um qualquer que fique de parte e julgue estes tais libertários, concluem que são uns idiotas, uns pobres diabos que o acaso fez com que a organização operária lhes caísse de joelhos, julgando-se ao lado dos seus amigos, dos seus defensores, sem no entanto investigar, meditar, ver enfim que são uns infelizes, uns excitados qualquer, mais covarde que qualquer ladrão.

Dizem eles, como todas as coisas, que a derrocada da burguesia se aproxima, mas quem analisar sem paixões, sem orgulho, sem critério, verá facilmente que em tal passo o que se aproxima é a derrocada do pouco que fizeram os três companheiros citados acima, será em tal passo mais fácil a derrocada do maximalismo, da ditadura operária, do que a da burguesia, e daqui destas colunas digo: a doutrina, o programa maximalista, é sublime, é justo, é aceitável, é racional, mas se é posto em prática da mesma forma que se propaga, ou melhor, que é propagada por este grupo, desgraçado do povo russo, infeliz da Rússia que será uma nação de canalhas e malucos, de patifes, difamadores e intrigantes de tal força.

Se os russos são de tal convicção como estes, maldito seja o maximalismo.

Sou e serei revolucionário, não posso adapatar-me a este ambiente, desejo uma sociedade livre, como livre é o sol, não é a ditadura que eu quero, eu quero é a anarquia, mas vou afastar-me daqui em diante da propaganda até que o povo de Pelotas resolva correr a ponta pés, da liga, todos estes sátrapas.

> Aqueles que são homens, que tem vontade, que desejam de fato a transformação da sociedade, aqui me tem as suas ordens para toda e qualquer coisa que vise o bem estar dos trabalhadores.
>
> Retiro-me porque não quero pactuar com tais organizadores, não quero ser vítima da derrocada bestial de tais malucos.[349]

No dia 5 de julho, Manoel Bordalló voltaria a carga, referindo-se a calúnias e difamações que alguns militantes estariam espalhando sobre ele, tentando fazer "intrigas" como haviam feito com Santos Barbosa, Zenon de Almeida e Alberto Lauro. Trata-se do mesmo grupo que Bordalló atacara no artigo *A derrocada,* os mesmos que se diziam maximalistas e agiam como ditadores, só que desta vez os nomes destes são citados: Antônio Luis da Silva, Pedro Bischoff, Luiz Bezerra e José Martins[350].

Mesmo que Bordalló tenha revelado os nomes dos maximalistas, a origem do problema não é clara, nem é tampouco o papel que o maximalismo e o anarquismo teriam nesta disputa. O que estava ocorrendo não parece se encaixar na tradicional dicotomia dos aderidos ao comunismo contra os arraigados ao anarquismo. Segundo o autor do artigo, os "difamadores" também se diziam anarquistas, libertários e "*outras coisinhas do mesmo tipo"*. O maximalismo em si também não era um problema para Bordalló, muito pelo contrário, pois ele o considerava uma doutrina sublime, justa, aceitável e racional. Qual seria a orientação deste grupo então? Será que, como muitos que se referem a este período, vivia-se apenas uma grande confusão?

Acredito que esta situação pode se tornar mais clara por intermédio de uma analogia com o que acontecia em Porto Alegre. Assim como havia ocorrido uma crise no movimento operário da capital, causada pelo crescimento da União Maximalista no âmbito da FORGS depois de uma reorganização de forças, em Pelotas existia um grupo de militantes cujo movimento *"caíra de joelhos por obra do puro acaso",* antagonizando a partir daí tradicionais lideranças, algumas de renome nacional. O que pode ter ocorrido é o surgimento de um grupo ascendente, que pretendia se impor sobre as tradicionais lideranças, mais visadas pelas perseguições policiais, aderindo a novas concepções. As acusações jogadas contra os "velhos militantes" talvez não fossem necessariamente causadas pelo seu anarquismo, mas por apego a velhas formas de lidar com a organização.

[349] *O Rebate.* Pelotas, p.1-2, 15, jun, 1920.
[350] *O Rebate.* Pelotas, p.1, 5, jul, 1920.

Isto, de qualquer forma, é só uma hipótese. O que fica de concreto é que o problema não era *o maximalismo*, mas *a ação de determinados maximalistas*.

Tanto o que ocorreu em Porto Alegre, quanto o que ocorreu em Pelotas, apresentam semelhanças que ajudam a entender estas primeiras disputas em torno dos rumos da revolução russa. Estas cisões não teriam nascido no momento exato em que chegaram as notícias das perseguições aos anarquistas, como faz crer as memórias de muitos libertários, como Luce Fabbri. Ao invés disso, encarnariam predisposições ou mesmo conflitos latentes, que havia se gestado quando este tema ainda não era objeto de disputa. Nisto se encaixa a predisposição negativa de Kniestedt frente ao marxismo ou a divisão entre um grupo ascendente e as tradicionais lideranças no hipotético caso de Pelotas. Seriam então as primeiras querelas entre anarquistas e comunistas (ou maximalistas, para manter o termo da época), fruto apenas de atritos entre lideranças ou frações?

Parece que não. Deve-se considerar a dinâmica interna ao movimento operário, a relação entre militantes, diferentes associações, alianças que vão se aglutinando ou se repelindo, mas neste caso, o processo perde todo o sentido se não for ligado ao contexto mais amplo das lutas da classe operária. É bem verdade que, como afirma Hobsbawn, o movimento operário não pode ser identificado com a classe operária, mas o contrário não é verdadeiro. As associações de trabalhadores e os militantes que a constituem *fazem parte da classe operária*, tirando sua força da capacidade de mobilização dos trabalhadores e da sua capacidade de enfrentar a classe dominante. Os momentos em que a revolução russa foi evocada com mais força e mais tinha sentido para os militantes, foram aqueles de recrudescimento destas lutas, pois nestes momentos era factível sonhar em imitar os bolchevistas russos e derrubar aqui mesmo o Estado e a burguesia. Quando a onda da reação cresceu, a capacidade de ter sucesso em grandes mobilizações se viu prejudicada. Isto abateu a moral dos militantes e esterilizou muito do esforço organizativo. O sonho da revolução se desfez diante de fracassos como a greve da Força e Luz ou a insurreição de paulista de outubro de 1919. Da mesma forma, deveria ser complicado, ou até mesmo perigoso, em um clima de perseguição e campanha pública contra o maximalismo, tentar ganhar novos aderentes para as idéias revolucionárias que vinham da Rússia.

O bolchevismo ou o maximalismo passaria de uma “linguagem da união” por um objetivo revolucionário, para uma “linguagem da divisão”, onde companheiros atacam-se uns contra aos outros por seguir este ou aquele princípio de luta. Em um momento de retração do movimento, as relações entre militantes se tornam mais difíceis, há menos segurança para projetar o futuro, as novas idéias, outrora um fator de radicalização, se tornam um ponto de discórdia para os militantes. Com isto não se quer dizer que muitos anarquistas sinceros não se viram traídos em suas concepções e passaram a lutar contra aquilo que achavam um terrível engano, ou que outros militantes, também sinceros, atraíram-se pelo maximalismo por ver nele o verdadeiro futuro do movimento operário. O que não se deve fazer é analisar os fatos como se fossem dependentes somente de debates internacionais ou de acontecimentos longínquos, já que os destinos do movimento operário eram decididos nas lutas que aqui empreendiam estes militantes.

Levando em conta estes fatores, acaba tendo um outro sentido as afirmações de Kniestedt sobre o efeito perverso do bolchevismo, que em menos de um ano havia semeado a discórdia entre os operários e embotado a capacidade de ação do movimento. Mais próximo da realidade talvez esteja Abílio de Nequete quando escreve, em 1922, sobre os problemas que se abatiam sobre as organizações operárias. A par de uma suposta campanha anarquista contra os partidários da revolução russa, o militante sírio-libanês coloca os efeitos das perseguições aos militantes como fator desagregador, que impedia o entendimento entre os militantes e semeava mágoas e decepções:

> A reação começa e houve várias deportações dos melhores militantes, para a Europa dos estrangeiros e para os estados dos nacionais. Nesse tempo começava a acentuar-se uma reação anarquista contra o bolchevismo. Alguns militantes (dois) anarquistas bolchevistas deportados para Porto Alegre e que durante a deportação estiveram conosco, falando da reação de alguns anarquistas contra os bolchevistas disseram:
>
> JOSÉ OITICICA E OS MELHORES ANARQUISTAS DO RIO DE JANEIRO RECONHECEM TER FALIDO A TÁTICA ANARQUISTA, E POR ISSO APOIAM O BOLCHEVISMO. (Oiticica é um dos autores do programa do PCB) A reação anárquica ganha terreno assombrosamente e, em março e abril de 1920, nos Congressos operários: regional, em Porto Alegre, e nacional, no Rio de Janeiro, os anarquistas formam a maioria absoluta e derrotam a moção maximalista de adesão à III Internacional, passando a boicotar toda e qualquer propaganda maximalista. A reação burguesa, deportando, prendendo, ferindo e mesmo matando

> a muitos trabalhadores, amedronta a todos, a reação anárquica estabelece uma verdadeira confusão e as organizações se dissolvem em sua absoluta maioria.[351]

A revolução russa apareceu como o horizonte de um mundo possível, em um tempo em que o futuro parecia estar muito mais perto do que nunca antes estivera. Assim como outras tantas esperanças, ela também acabou como fator de desapontamento e mágoas que não mais foram superadas. Assim como outros projetos, estes terminaram embaraçados, perdidos, sem força em meio à repressão que viria em resposta aquele período de comoção social na República Velha. O que outrora fora uma aurora que apontava para o novo mundo, acabou fazendo parte de um crepúsculo, em uma noite que cada vez mais ia invadindo o horizonte das organizações operárias do Rio Grande do Sul.

[351] *Carta de Abílio de Nequete ao Comitê Executivo da Internacional Comunista.* Montevidéu, 1º de fevereiro de 1921. Esta carta encontra-se no RGASPI – Rossiiskii Gosudarstvennii Arkhiv Sotsialnoi i Politicheskoi Issledovanii (Arquivo do Estado Russo de História Social e Política).

CONCLUSÃO

Iniciei esta dissertação com uma pergunta que deveria nortear todo o desenvolvimento do meu trabalho: *de que forma a revolução russa de 1917 influenciou o movimento operário do Rio Grande do Sul*? A pergunta se justificava, por um lado, pelo caráter da revolução russa, que tinha nos operários organizados sua principal força motora e por outro pelo que acontecia aqui no Rio Grande do Sul, que a partir daquele ano vive um ciclo de intensa mobilização da classe operária, com graves enfrentamentos dos trabalhadores organizados contra o Estado e a burguesia. Além do mais, deve-se considerar o fato de que este tema foi pouco trabalhado na historiografia sobre o movimento operário no Rio Grande do Sul.

A bem da verdade a pergunta que me propus a responder não era totalmente inédita e algumas respostas podem ser encontradas de forma difusa nas principais obras de história do movimento operário que tratam daquele período que vai de 1917 à 1920. Existiam algumas evidências de que a revolução russa havia atraído o interesse dos militantes operários no estado, o que se pode depreender pela fundação muito precoce de associações que desejavam se identificar com a revolução russa como a União Maximalista de Porto Alegre, a Liga Comunista de Santana do Livramento ou o Centro Comunista de Passo Fundo, grupos estes fundados menos de um ano depois dos bolchevistas terem tomado o poder na Rússia.

Este interesse também poderia se verificar pelas declarações de lideranças operárias registradas em grandes jornais ou por intermédio da imprensa operária. Mas eu não poderia responder à pergunta que formulei logo acima apenas registrando o surgimento destas associações que se identificavam com a Rússia Soviética ou com uma lista de moções de apoio àquela revolução. Não poderia fazer isto, entre outros motivos, porque já existiam algumas idéias mais ou menos cristalizadas sobre o impacto da revolução russa no movimento operário brasileiro que tratavam da relação (ou da não relação) entre o que acontecia na Rússia e no Brasil, que eu fatalmente teria de enfrentar.

Um elenco de percepções sobre a revolução russa entre os operários gaúchos não poderia ser feito ignorando que aqui havia um predomínio de uma corrente ideológica entre

os militantes, o anarquismo, que historicamente rivalizou e se confrontou com a corrente ideológica predominante entre os principais atores sociais da revolução russa, o socialismo marxista. Também não poderia ignorar que esta mesma corrente ideológica predominante entre os militantes daqui sofreria um declínio considerável a partir dos anos 20, sendo paulatinamente substituída pelo comunismo, que passou a exercer enorme influência entre os operários de todo o mundo a partir da vitória da revolução soviética na Rússia.

Mas acima de tudo o que não poderia ignorar é que estes dois fatores influenciaram de forma decisiva a maneira de ver o impacto da revolução russa entre operários organizados do nosso país. Para uma parte dos historiadores, principalmente os ligados ao Partido Comunista, a revolução russa teria mostrado um método de luta muito mais eficaz que contribuiria para a derrocada do anarquismo, resultando na fundação de um Partido Comunista de orientação marxista em 1922. De outra parte, esta hipótese foi combatida com o aprofundamento das pesquisas sobre história do movimento operário, mostrando que esta substituição não ocorrera e que muitas daquelas declarações eufóricas de apoio ao comunismo, por parte dos libertários, não passaram de enganos que logo seriam desfeitos, pois o anarquismo continuou sendo predominante em boa parte dos anos 20.

Mas como já apontei na Introdução, não pretendia estudar este impacto da revolução somente visando uma mudança de orientação ideológica, nem tampouco tendo em vista uma defasagem entre o que diziam os militantes gaúchos e o que faziam os revolucionários russos, mas desejava entender as referências e os atos inspirados na revolução *nos termos das próprias experiências destes militantes.*

Para tanto era necessário estudar as tradições ideológicas que se formaram entre os operários organizados dos principais centros industriais do Rio Grande do Sul. Quando as primeiras notícias da insurreição operária na Rússia chegaram ao estado, foi por intermédio das referências oferecidas por estas tradições que a novidade da "grande revolução" foi interpretada. Como neste momento o anarquismo era predominante entre estes operários mais radicais, que eram aqueles para os quais a revolução russa fazia mais sentido, através destes parâmetros libertários que aquele processo foi caracterizado.

Mas isto não quer dizer que os militantes pintaram um quadro com diversos motivos anarquistas usando uma simples moldura vinda da terra dos czares. Pelas páginas do *A Luta*, jornal da União Operária Internacional de Porto Alegre, percebe-se que a revolução

russa era importante porque permitia discutir alguns temas queridos aos libertários, como o combate ao militarismo, a necessidade de derrubada do estado oligárquico ou a exaltação do papel dos trabalhadores na sua própria emancipação. Além do mais, fica evidente que a maneira como a revolução russa aparece nas notícias ou artigos também dependia de condições sociais específicas de apropriação daquelas informações. Os anarquistas de Porto Alegre viviam uma situação em que era necessário atacar determinado tipo de ação sindical, encarnada pelas lideranças da Federação Operária ligadas ao conselheiro republicano Francisco Xavier da Costa e que não se traduzia em um confronto aberto com o estado borgista. Assim, a revolução russa pode tanto ser o espelho das esperanças anarquistas, quanto ser um exemplo mobilizador e um pretexto para o ataque a inimigos políticos, como se pode observar em um artigo do *A Luta* de Porto Alegre, em que um militante proclama a falência do socialismo burguês da II Internacional, celebrando a vitória do socialismo operário russo, vitória que os libertários daqui procuravam também alcançar nas disputas internas do movimento.

Se for verdade que estas interpretações devem muito às condições sociais em que elas foram geradas, também é verdade que seu sentido vai mudando à medida que estas condições se transformam, o que vai acontecer especialmente a partir do fim do ano de 1918 e durante o ano de 1919. Neste período de tempo se ativam muitas sociedades de classe, greves são deflagradas por todo o Rio Grande do Sul e os confrontos com o governo e as forças da ordem pública se radicalizam.

Acompanhando esta mobilização da classe operária, existe o surgimento de vários jornais de classe, que foram os canais para a circulação das informações que chegavam da Europa. A deflagração da revolução alemã, da revolução húngara e o espocar de movimentos pelo resto da Europa e na América Latina, em que os operários eram os principais protagonistas sociais, acenavam para uma realidade que se tornava mais próxima dos nossos militantes.

A propósito, a qualidade das informações que chegavam se tornaram muito mais ricas, já que no ano de 1919 as notícias são mais detalhadas, dão conta de forma mais específica das modificações sociais que ocorriam nos países revolucionários.

Estas novas condições acabaram por modificar as próprias formas de interpretar a revolução russa. As tradições ideológicas dos militantes não são estáticas: se o estudo do

anarquismo no Rio Grande do Sul fornece os elementos para compreender as interpretações dos militantes ligados a esta corrente, é necessário igualmente perceber que esta forma de interpretar também vai se modificando com as circunstâncias. Em um artigo do *Nosso Verbo* de Rio Grande, por exemplo, um militante afirmava que mesmo sendo um pacifista, se via na necessidade de apoiar a idéia de revolução, o que mostra uma mudança de postura que acontece quando se interpreta fatos novos. Também é um bom exemplo deste deslocamento alguns artigos d'*O Syndicalista* que comentavam uma nova forma de exército, em que o soldados seriam homens livres e não haveria distinção entre os praças e os oficiais.

Exército, restaurantes populares, Soviets, partidos, são todos elementos novos, ou com novos significados, que são incorporados aos projetos e discursos destes militantes. É um momento em que não só a tradição anarquista é a base para a compreensão da revolução, mas no qual a revolução oferece elementos que vão ser incorporados pelos militantes, fazendo com que eles se debrucem sobre objetos de interesse diversos do que estavam acostumados.

Se a tradição anarquista era de fato hegemônica entre os militantes que se identificaram com a revolução russa, não se pode dizer que apenas os libertários se preocuparam em interpretar o modelo soviético. Observando de forma mais acurada as interpretações sobre a revolução, percebe-se que mesmo entre os que se diziam anarquistas, não existia um só modelo, um só padrão de encarar aquele processo. E isto porque a forma como cada militante se aproximava da revolução não se devia apenas às suas filiações políticas ou ideológicas.

Tirando o foco do anarquismo, pode-se compreender que esta identificação que os militantes tinham com a revolução russa podia ser múltipla e devedora de outras tradições, como as culturais ou as religiosas. O exemplo de Abílio de Nequete permanece como o caso mais exemplar de uma aproximação que tinha suas raízes em outras referências ou "lentes" étnico-religiosas, como me referi no texto. Um barbeiro sírio-libanês que penhorava suas simpatias para com a Rússia durante a Guerra Mundial pela sua cultura grego-ortodoxa e que por estas referências acabou transferindo esta identificação para a Rússia dos Soviets. O fato de Abílio de Nequete ser espírita também deu características

específicas a maneira como ele encarou o bolchevismo, ou o maximalismo, muito distante da forma como os libertários se aproximaram da revolução.

Já os casos de Friedrich Kniestedt e de Zenon de Almeida mostram como uma mesma matriz ideológica pode redundar em duas formas diferentes de se relacionar com os acontecimentos russos. Se a vivência de Kniestedt com o Partido Social Democrata na Alemanha o fez ver na revolução russa um exemplo que não devia ser seguido, pois solaparia as bases do anarquismo e do sindicalismo, tal coisa não aconteceu com o judeu polonês Zenon de Almeida. Para este, a referência de uma oposição entre o anarquismo e a tradição marxista podia não ser tão forte a ponto de fazê-lo negar esta nova revolução. Além do que, sua militância calcada na importância da cultura lhe fez ver no exemplo russo não só uma emancipação política ou econômica, mas também novas formas para o desenvolvimento da consciência crítica entre os trabalhadores. Pode-se agregar aí o exemplo de Carlos Cavaco, que pertencendo à tradição socialista do movimento operário e envolvido com o nacionalismo, acabaria por escolher a outra revolução russa, não a de outubro, mas a de fevereiro.

Este quadro mostra uma complexidade muito maior no processo aproximação dos ideais da revolução russa por parte dos militantes do que a movida por uma matriz ideológica. É inegável que algumas formas de interpretação acabam predominando entre os militantes, mas elas não formam um bloco único de opiniões.

Mas dizer isto também não é afirmar que a identificação com a revolução produziu uma série de discursos desarticulados ou formas de ação dispersas que teriam apenas por ligação uma miragem distante. Em casos como o d'*O Syndicalista*, que diante das críticas à revolução publicadas pelo *Correio do Povo* resolveu publicar textos que questionavam a legitimidade daquele jornal, percebe-se que este esforço analítico pode tomar também o caráter de uma ação que se deseja, já que pretende falar em nome de toda a classe.

As ações coletivas inspiradas pela revolução russa são mais visíveis no campo organizativo. A forma mais clara destas ações foi a fundação dos grupos comunistas e maximalistas, que proliferam no período que vai de 1918 a 1920. Em minhas pesquisas localizei sete destas associações: União Maximalista de Porto Alegre, a Liga Comunista de Santana de Livramento, o Centro Comunista de Passo Fundo, o Núcleo Comunista de

Pelotas, a União Comunista de Rio Grande e o Sindicato Gráfico Comunista de Porto Alegre.

Apesar de serem grupos comunistas ou maximalistas, o que se constituía em uma novidade, sua criação e sua importância não dependeram de uma nova teoria ou de um novo método de ação. Suas peculiaridades se ligavam mais ao tipo de militante que as criaram, aos locais onde foram formadas ou às categorias de trabalhadores com quem atuaram. Uma característica peculiar era a sua organização supraclassista, além de ter um conteúdo mais puramente político que o sindicato, pois acenava, em seu discurso, para a possibilidade da tomada de poder. Outro traço comum era a abertura para uma radicalização de suas práticas, já que "filiar-se" a Rússia significava também aderir a uma forma radical de luta.

Formas novas de organização influenciadas pela revolução russa podem ser percebidas em um âmbito mais nacional que local. A idéia de um Partido Comunista do Brasil, formado em 1919, era algo novo. Mesmo que os elos de ligação estabelecidos entre seus núcleos principais e o movimento operário do Rio Grande do Sul se dessem a partir de formas tradicionais, como a troca de jornais, livros e panfletos, esta formação era um tipo diferente de entidade política que surgia a partir do modelo russo. Neste sentido, o planejamento de uma insurreição maximalista, que seria deflagrada em São Paulo, mas teria a participação de militantes gaúchos, também pode ser considerado um novo tipo de ação que era levada adiante.

Esta combinação de novidades no campo da organização e da ação em um horizonte mais largo, mas com uma prática de base tradicional destas associações comunistas, não é paradoxal. O impacto da revolução russa não modificou a ação cotidiana da luta sindical, mas serviu como um exemplo que radicalizou o discurso destas associações, alargando também suas esperanças. A noção de maximalismo, que seria a tradução para o português de bolchevismo, está mais ligada ao apoio à revolução social do que um corpo doutrinário como o marxismo-leninismo. Por isto as modificações se davam em planos mais amplos (como a organização de um Partido Comunista de abrangência nacional ou a fomentação de uma insurreição de inspiração soviética), porque estas modificações em larga escala eram os aspectos da revolução mais visíveis para os militantes brasileiros e gaúchos. Também eram estes exemplos que podiam ser incorporados à tradição anarquista do movimento

operário, permitindo pensar formas de organização nacionalmente mais orgânicas e mesmo exemplos concretos para a tomada do poder.

Ao fim e ao cabo, já não se tratava mais do anarquismo anteriormente conhecido, nem tampouco do marxismo-leninismo inspirado pelos bolcheviques. Evitei deliberadamente dar nome a estas novas fórmulas de pensar a revolução social, deixando que os próprios militantes definissem o que eram. Por esta razão muitas vezes não os defino como anarquistas, nem como comunistas, mas simplesmente como maximalistas, já que era o que acreditavam estar seguindo.

Esta mescla acabou por não evoluir em sua forma teórica; também não houve evolução em suas práticas e isto não se deveu somente à "natural" antinomia entre anarquismo e marxismo, mas principalmente ao desenvolvimento das lutas sociais naquele momento.

Os planos, os sonhos, as idéias e as esperanças dos militantes eram direcionados contra o estado oligárquico e a burguesia. Não seria temerário dizer que as mobilizações da classe operária no período que vai de 1917 a 1919 haviam tomado, pelo menos em suas expectativas, contornos revolucionários. O fato é que, à medida que as mobilizações iam tomando cada vez mais vulto e a linguagem usada era cada vez mais agressiva, a repressão ao movimento operário também tomou formas extremas. O tratamento dispensado aos operários de Rio Grande na greve de maio de 1919 e aos trabalhadores de Porto Alegre durante a manifestação de 7 de setembro do mesmo ano, são exemplares desta reação.

Não só houve violência física contra manifestantes de passeatas ou participantes de greves, mas também aconteceram ocupações de sedes de sindicatos, prisão de lideranças militantes e ameaça de deportações. A par desta ofensiva, o jornal oficial do Partido Republicano Riograndense, *A Federação*, lançava editoriais onde os operários eram mostrados como loucos ou como bandidos que colocavam em risco toda a organização social, merecendo por isso uma lição exemplar.

Uma das justificativas desta postura por parte do governo republicano era a ameaça que as doutrinas exóticas, nomeadamente o maximalismo da Rússia, traziam para o restante da sociedade. O bolchevismo russo seria fruto de mentes doentias e só trouxera desgraças para os povos que o abraçaram. Por isto era necessário impedir que o Brasil e o Rio Grande do Sul caíssem em estado de anarquia!

O governo estadual não criara estes argumentos apenas para justificar os atos violentos da Brigada Militar. Esta maneira de ver a circulação das idéias da revolução russa no meio operário fazia eco a opiniões já anteriores aos incidentes mais graves que levaram *A Federação* a publicar aqueles artigos.

Em jornais como o *Correio do Povo*, desde os primeiros meses de 1919, são publicados textos que se referiam às desumanidades ocorridas na Rússia, como a assustadora socialização das mulheres, as notícias de agentes russos que estariam fomentando a revolução no Brasil e artigos sobre a necessidade de impedir que o maximalismo se espalhasse pelo país. Fechava-se o cerco contra as organizações dos trabalhadores e a repressão foi duramente sentida pelos militantes.

Em uma situação como esta o movimento operário entra em crise. A dificuldade de arregimentar trabalhadores, a impossibilidade de manter um ritmo crescente de mobilização, a perda de líderes experientes e de meios para levar adiante um trabalho que vinha se desenvolvendo desde 1917, deve ter se traduzido em perda de esperanças e reversão de expectativas. Em um ambiente onde predomina esta desagregação, mais facilmente vão se conformando mágoas, e menos sentido existe em trabalhar juntos por um sonho que se esfacela por entre os dedos. É justamente neste contexto que localizo as primeiras disputas envolvendo a adesão ou não ao maximalismo.

Obviamente, tenho plena consciência de que estas disputas internas fazem parte da experiência operária: o complicado xadrez de lutas pela liderança sobre os operários, mantidas pelos grupos da capital no ápice das mobilizações, prova que a repressão não criou isto. Mas um ambiente repressivo potencializa estas tendências, principalmente quando as disputas são relacionadas a uma possibilidade de emancipação que parece ter perdido o sentido.

Apesar de tudo o que eu escrevi até agora, é muito importante frisar que não pretendi diminuir a importância dos debates internacionais, como as críticas de Kropotkin e Malatesta aos caminhos da revolução soviética. Com certeza elas foram fatores muito importantes para se conformar a grande desilusão que os anarquistas tiveram nos anos que se seguiram. Mas nas fontes em que pesquisei não encontrei os sinais destes debates, o que provavelmente encontraria se pesquisasse um material mais vasto ou avançasse no tempo.

O que eu desejei durante todo este trabalho, no entanto, foi mostrar que os atos e as idéias dos militantes gaúchos inspirados na revolução russa, assim como as divergências em torno dela, não foram apenas pálidos reflexos de um processo maior que se desenvolvia em outras partes do mundo. Tais relações com a revolução se deveram principalmente às experiências vividas pelos trabalhadores naqueles momentos, e sem partir delas, as palavras e os atos que tinham por referência a revolução russa não teriam muito sentido.

Quando me refiro a experiências, me refiro a *experiências de classe,* e mais que isto, experiências formadas *na luta de classe*. É necessário pensar que a revolução russa, na maior parte dos casos, era um referencial para esta luta. Sem ter isto em mente, com certeza vai se perder muito dos significados que aqueles trabalhadores davam às informações e questões que aqui foram tratadas. Levando isto em conta, também se pode perceber porque a revolução representava coisas diferentes em momentos de ascensão ou refluxo do movimento operário gaúcho.

Mas dizer que o impacto da revolução russa dependeu das formas da luta de classe não é tratar esta luta como um *Deus Ex Machina.* A luta de classes, pelo menos na forma como eu a entendo, não é uma entidade que sai de um maquinismo qualquer para dar um final feliz (ou infeliz, no caso destes militantes) a uma trama cujos atores principais são os operários e os burgueses. Os militantes operários estavam presentes nas suas próprias lutas e agindo sobre a realidade, eles foram transformados por suas vitórias e suas derrotas. Tratando desta forma o devir histórico, acredito estar seguindo as melhores tradições que estudaram os conflitos sociais e aqui me reporto tanto a Karl Marx quanto a Edward Palmer Thompson.

Então nossa história chega mesmo ao fim sem final feliz? Estariam os militantes operários destinados a não conseguir imprimir suas marcas no destino do Rio Grande do Sul e do Brasil? Teria o estado oligárquico vencido definitivamente? Talvez esta seja uma forma bem pessimista de ver a história.

Espero que fique deste estudo não apenas a derrota do sonho revolucionário no início dos anos 20, mas a possibilidade que os operários gaúchos tiveram de se organizar e lutar por uma mudança radical da sociedade que os oprimia, levando este sonho muito longe enquanto agiam para que ele se concretizasse. Além do mais, a mobilização daquele período não foi esquecida com o passar do tempo; mesmo que lembrada de forma

contraditória por diferentes correntes políticas, aqueles anos continuariam como referência na memória dos militantes que continuaram a acreditar na revolução social. Quanto ao vitorioso estado oligárquico, este passou a sofrer um processo de desagregação nos anos que se seguiram àquelas grandes manifestações, processo que levaria a enormes mudanças no início dos anos 30.

O quanto teriam contribuído os sonhos daqueles militantes, suas ações sobre a realidade, para as grandes mudanças que viriam no futuro? Esta é uma pergunta que o historiador deve fazer para estas circunstâncias dos anos 20 ou para outras em que as lutas operárias tenham se verificado e que somente o aprofundamento sempre maior das pesquisas poderá responder.

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivos:

AEL – Arquivo Edgar Leuenroth – Campinas.

Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

Biblioteca Pública de Rio Grande – Rio Grande.

CEDEM - Centro de Documentação e Memória - São Paulo.

Museu de Comunicação Social Hypolito Jose da Costa – Porto Alegre.

Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

Jornais e revistas:

A Dor Humana. Bagé 1919.

A Federação. Porto Alegre, 1917-1920.

A Folha do Povo. Santa Maria, 1920.

A Luta. Porto Alegre, 1918.

A Plebe. São Paulo, 1917-1920.

A Revista Liberal. Porto Alegre. 1921.

A Voz do Trabalhador. Orgam da Confederação Operária Brazileira. Rio de Janeiro, 1913. (Edição *fac-similar*, com prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Centro de Memória Sindical, 1985).

A União. Uruguaiana, 1919.

Correio do Povo. Porto Alegre 1919-1921.

O Echo Americano. Porto Alegre, 1918.

O Nosso Verbo. Rio Grande, 1919-1920.

O Rebate. Pelotas, 1919-1920.

O Syndicalista. Porto Alegre, 1919-1920.

Rebelião. Porto Alegre, 1917.

Revista Máscara. Porto Alegre, 1919.

Spartacus. Rio de Janeiro, 1919-1920.

Outros:

Boletim da Comissão Executiva do 3º congresso Operário Brasileiro. Rio de Janeiro, 1920.

Panfletos:

Ao Povo. O programa maximalista. Impresso da União Maximalista: Porto Alegre, 1919.

Aos Trabalhadores. O Maximalismo - Segundo Manifesto do Delegado da República Russa dos Soviets aos Operários da República Burguêsa dos Estados Unidos do Brazil, 1919.

A Revolução Social em Marcha Contra Seus Inimigos. Cartão Postal da União Maximalista: Porto Alegre, 1919.

Bases de Acordo do Partido Comunista do Brasil. Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de janeiro, 1919.

Boletim de Protesto da União Maximalista (contra a intervenção no congresso comunista brasileiro). Impresso da União Maximalista: Porto Alegre, 1919.

Carta Manifesto. Aos Trabalhadores - Manifesto do Delegado da República Russa dos Soviets aos Operários da República Burguêsa dos Estados Unidos do Brazil, 1919.

Circular do Secretariado. Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de Janeiro, 23, mar, 1919.

Do Canhão à Peste. Impresso da União Maximalista: Porto Alegre, 1919.

Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense. Porto Alegre, 1917.

Moção da FORGS (contra qualquer intervenção nos países revolucionários). Impresso da FORGS: Porto Alegre, 1919.

Povo!! Panfleto da Aliança Anarquista, s/d.

Protesta/ "Operários do Mundo Armai-vos"(poemas sobre a Rússia Comunista). Folheto com dois poemas. Autoria de Otavius.

"*Partido Communista do Brazil"*. Impresso do Partido Comunista do Brasil: Rio de Janeiro, 1919.

Documentos Oficiais:

Hábeas corpus 3144. Foro Federal. Porto Alegre, 1920.

Inquérito Militar 1432. Foro Federal. Porto Alegre, 1917.

Mensagem do Chefe de Polícia Gomes Bento ao Delegado de Polícia de Santiago do Boqueirão. Maço 111. Chefatura de Polícia de Porto Alegre. Telegrama nº 45000, folha 56, data 7, hora 19, 9/6/1919.

Processo Crime 899. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1918.

Processo Crime 1016. Júri-Sumários. Porto Alegre, 1919.

Outras fontes:

Anotações dos Cadernos de Abílio de Nequete feitos por Sílvia Petersen. Datilografado. s/d.

Carta de Abílio de Nequete ao Comitê Executivo da Internacional Comunista. Montevidéu, 1º de fevereiro de 1921.

BIBLIOGRAFIA

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ALBA,Víctor. *Historia del movimiento obrero en América Latina*. México: Libreros Mexicanos Unidos, 1964.

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour. Uma aposta no pampa.* Editora do autor: Santana do Livramento, 2000.

AGOSTI, Aldo. As correntes constitutivas do movimento comunista internacional. In *História do marxismo v. 6.* HOBSBAWM, Eric (org). São Paulo: Paz e Terra. 1985.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ALVES, Francisco Neves. Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica. *História em Revista*: Pelotas, n.7, dez. 2001.

ANTUNES, Adriano B. A repercussão da revolução russa nos jornais diários da república velha. *História em Revista*: Pelotas, n.6, dez de 2000.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Internacionalismo proletário no cone sul. A experiência internacional do sindicalismo brasileiro no cone sul. *Revista Resgate*: Campinas, n 3, 1991.

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales.* Buenos Aires: Nueva Visión. 1979.

BATISTELLA, Alessandro. *O movimento operário e sindical em Passo Fundo (1900-1964).* Programa de Pós Graduação em História. Universidade de Passo Fundo. 2007. (dissertação de mestrado)

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Revista Anos 90*. PPG em História da UFRGS: Porto Alegre, n. 8, dez. 1997.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências. In. FREITAS, Marcos C. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. "Nós, filhos da Revolução Francesa', a imagem da revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX". *Revista Brasileira de História*: São Paulo, vol. 10, n° 20, 1990.

BATALHA. Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na primeira república*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BILHÃO, Isabel. Família e Movimento Operário. A anarquia dentro de casa. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS: Porto Alegre, V. 22, n.2, dezembro de 1996.

BILHÃO, Isabel. *Identidade e trabalho. Análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses. (1896-1920).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS. 2005.(dissertação de mestrado).

BILHÃO, Isabel. *Rivalidades e solidariedades no movimento operário. (Porto Alegre 1906-1911).* Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

BODEA, Miguel. *A greve geral de 1917 e as origens do trabalhismo gaúcho: ensaio sobre o pré-ensaio de poder de uma elite política dissidente a nível nacional*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

BROUÉ, Pierre, *União Soviética. Da revolução ao colapso.* Porto Alegre: Síntese Universitária/Editora da UFRGS. 2002.

CAMPOS, Cristina Ebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes/UNICAMP. 1988.

CAVACO, Carlos. *Rosas de sangue*. Lisboa, 1920.

CAGGIANI, Ivo. *Sant'Ana do Livramento. 150 anos de história*. Sant'Ana do Livramento: Museu Folha Popular, 1986.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CORREA, Norma Elizabeth Pereira. *Os libertários e a educação no Rio Grande do Sul: 1895-1926*. Porto Alegre: PPG em Educação da UFRGS, 1987.(dissertação de mestrado).

CRUZ, Heloísa F. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana 1890-1915.* São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.

DROZ, Bernard e ROWLEY, Anthony. *História do Século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

DUARTE, Antônio Nazianzeno Candeias e LEUENROTH, Edgar. *O que é maximismo ou bolchevismo: programa comunista*. São Paulo: Editora Semente, 1981.

ELMIR, Cláudio P. As armadilhas do jornal. Algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*: Porto Alegre, n.13, Dez.1985.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social.* São Paulo: DIFEL, 1977.

FERRO, Marc. *O ocidente diante da revolução soviética: a história e seus mitos.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo-ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1997.

FORTES, Alexandre, *Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*, Caxias do Sul: Educs, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOSTER DULLES, John. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1890-1960).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

GALISSOT, René. Nação e nacionalidade nos debates do movimento operário. In HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo, Vol. IV: o marxismo na época da II Internacional. 3ª Parte.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GARCIA, Marco Aurélio. *Alguns problemas da historiografia do comunismo*. Comunicação apresentada na ANPOCS. UNICAMP: Campinas, 1983.

GERTZ, René Ernani. Operários alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937). *Revista Brasileira de História.* ANPUH: São Paulo, v.6, n.11, set.1985/fev.1986.

GODIO, Julio *Historia del movimiento obrero latinoamericano* Mexico: Nueva Imagem 1983. 2 v.

HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARDIM, Jorge Luís Pastorisa. *Comunicação e militância. A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923).* Curso de Pós-Graduação em História da PUCRS: Porto Alegre, 1990. (dissertação de mestrado).

JARDIM, Jorge Luís Pastorisa. Imprensa operária: comunicação e organização. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS: Porto Alegre, vol. 22, n.2, dez. 1996.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo. Roteiro de libertação social.* São Paulo: Mundo Livre. 1963.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito de Revolta: a greve geral anarquista de 1917.* São Paulo: Anablume, 2000.

KNIESTEDT, Friedrich. *Memórias de um imigrante anarquista*. Tradução, Introdução, Epílogo e Notas de Rodapé: René E. GERTZ. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. 1989.

KOVAL, Boris. *La gran revolución de octubre y América Latina.* Moscú: Progresso, 1978.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).* Pelotas: UFPel, 2001.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo – Roteiro de libertação social.* Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre, 1963.

MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha.* Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul. (1873-1972).* Porto Alegre. 2004.

MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

MARÇAL, João Batista. 1917 Novembro. As conseqüências da revolução russa no Rio Grande do Sul. *Revista O Sul*: Porto Alegre, N. 18, 1987.

MATTOS, Marcelo Badaró. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca (1850-1919). In: MATTOS, Marcelo Badaró (org). *Trabalhadores em greve, polícia em guarda. Greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca.* Rio de Janeiro: Bom Texto / Faperj, 2004.

MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. Thompson no Brasil. *Outubro. Revista do Instituto de Estudos Socialistas*: São Paulo, n.14, 2º semestre, 2006.

MARX, Karl. *Al director del Otiechéstvennie Zapiski. Correspondencia*. Tomo III. Seleccionada por el Instituto Marx-Engels-Lenin (Leningrado, 1ª edición alemana 1934), digitalizado por Simón Royo Hernández para o Marxists Internet Archive em maio de 2001. Retirado do site *http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/m1877.htm.*

OLIVEIRA, César. *A revolução russa na imprensa portuguesa da época*. DiAbril: Lisboa,1976.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Mobilização operária na república excludente: um estudo comparativo da relação entre estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (1889-1920).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 2003.(Dissertação de Mestrado).

PACHECO, Eliezer Moreira. *O partido comunista brasileiro: (1922-1964).* São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

PEREIRA, Astrogildo. *Ensaios históricos e políticos.* Alfa-Ômega: São Paulo, 1979.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história. Operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *El proletariado urbano em Rio Grande do Sul.* 1889-1919. México: Universidade Federal Autônoma de México, 1977. (Dissertação de mestrado em História).

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul: (1874/1940).* Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1989.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. IN: ARAÚJO, Angela M. C. (Organizadora). *Trabalho, Cultura e Cidadania.* S. Paulo, Scritta, 1997.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth da Silva. *Antologia do movimento operário gaúcho: (1870-1937).* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992.

PINHEIRO Paulo Sérgio de Moraes Sarmento. *A classe operária no Brasil: (1889 a 1930): documentos.* São Paulo: Brasiliense, 1981. 2 v.

PINHEIRO Paulo Sérgio de Moraes Sarmento. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil : 1922-1935.* 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

QUEIRÓZ, César Augusto Bubolz. *O governo do partido republicano Rio-Grandense e a questão social: 1895-1919.* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 2000. (Dissertação de mestrado).

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução russa 1917-1921*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIBEIRO, Luís Dario Teixeira. A ruptura revolucionária na Rússia. In: VIZENTINI, P. G. F. (Org.). *A Revolução Soviética/1905-45: O socialismo num só país.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964).* Passo Fundo: Ediupf, 1998.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social.* Laemert: Rio de Janeiro, 1972.

ROSITO, Renata Irene Haas. *O pensamento político de Abílio de Nequete*. Porto Alegre: PUCRS, 1972.(Trabalho para a disciplina de Política, do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais).

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo.* Porto Alegre: Editora da Universidade/Ufrgs, 1998.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicatos e repressão policial*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).* São Paulo: Perspectiva, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

SCHIMIDT, Benito Bisso. O Deus progresso. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, V.21. n.41. São Paulo. 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul. Antônio Guedes Coutinho. (1868-1945).* Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS. 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. *De mármore e de flores*. *A primeira greve geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. A bipolaridade política rio-grandense e o movimento operário: (188?-1925). *Estudos Ibero-Americanos.* PUCRS: Porto Alegre, Vol. 22, n. 2, dez. 1996.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. *Notas sobre a organização operária em Bagé, Passo Fundo a Uruguaiana (até 1930).* In: ANPUH- VI Encontro Estadual de História, 2002, Passo Fundo. Anais o VI Encontro Estadual de História Ser Historiador Hoje, 2002.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. O herói no movimento operário. In: FELIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio Pereira (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários.* Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS, 1998.

SILVA JR, Adhemar Lourenco. *"Povo! Trabalhadores!": tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917).* Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado).

SEIXAS, Jacy Alves de. *Memoire et oubli: l'anarchisme et le syndicalisme revolutionnaire au Brésil.* Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992.

SIMONSEN. Roberto C. *Evolução industrial do Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da USP.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa. A árvore da liberdade. V.1.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria, ou, um planetário de erros : uma crítica ao pensamento de Althusser.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Tradición, revuelta y consciencia de clase* Barcelona: Grijalbo, 1984.

TROTSKY Leon. *A história da revolução russa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978-1980. 3 v.

TROTSKY, Leon. *Balanços e perspectivas.* Lisboa: Antídoto. 1979.

VALDES, Eduardo Devés. El transpaso del pensamiento de América Latina a África a través de los intelectuales caribeños. *História UNISINOS*: São Leopoldo, Vol. 4, n. 2, jul./dez. 2000.

VINHAS, Moises. *O partidão: a luta por um partido de massas, 1922-1974*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

VIOLA, Solon Eduardo Annes. *Considerações sobre o movimento operário no início da década de 1920.* Porto Alegre: UFRGS, 1983. (Monografia de conclusão de Curso de Especialização em História do Rio Grande do Sul, datil.)

VITORINO, Artur José Renda. O sonho dos tipógrafos na corte imperial brasileira. In. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes (org) *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do proletariado.* Campinas: UNICAMP, 2004.

WALICKI, Andrej. O marxismo polonês entre os séculos XIX e XX. In HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo, Vol. III: o marxismo na época da II Internacional. 2ª Parte.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

WOOD, Ellen Meiksin. *Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico.* São Paulo: Editorial Boitempo, 2001.

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo